



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

BRUNO MENDES DOS SANTOS

**NA ARMADURA DE UM SOLDADO MODERNO:
O ANTITESTEMUNHO NACIONAL-CONSERVADOR DE
ERNST VON SALOMON EM “*DIE GEÄCHTETEN*”**

**CAMPINAS,
2019**

BRUNO MENDES DOS SANTOS

**NA ARMADURA DE UM SOLDADO MODERNO:
O ANTITESTEMUNHO NACIONAL-CONSERVADOR DE ERNST
VON SALOMON EM “*DIE GEÄCHTETEN*”**

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Teoria e História Literária na área de Teoria e Crítica Literária

Orientador: Prof. Dr. Marcio Orlando Seligmann Silva

Este exemplar corresponde à versão final da tese defendida pelo aluno Bruno Mendes dos Santos e orientada pelo Prof. Dr. Marcio Orlando Seligmann Silva

**CAMPINAS,
2019**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Santos, Bruno Mendes dos, 1980-
Sa59n Na armadura de um soldado moderno : o antitestemunho nacional-
conservador de Ernst von Salomon em 'Die Geächteten' / Bruno Mendes dos
Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Marcio Orlando Seligmann Silva.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Salomon, Ernst von, 1902-1972. 2. Testemunho. 3. República de
Weimar, 1918-1933. 4. Freikorps. I. Seligmann-Silva, Marcio Orlando. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: In the armor of a modern soldier : Ernst von Salomon's national-
conservative anti-testimony in 'Die Geächteten'

Palavras-chave em inglês:

Salomon, Ernst von, 1902-1972

Testimony

Weimar Republic, 1918-1933

Freikorps

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Marcio Orlando Seligmann Silva [Orientador]

Mario Luiz Frungillo

Markus Volker Lasch

Helmut Paul Erich Galle

Claudia Sibylle Dornbusch

Data de defesa: 07-10-2019

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-9007-9818>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/9860874820829335>



BANCA EXAMINADORA:

Márcio Orlando Seligmann Silva

Markus Volker Lasch

Helmut Paul Erich Galle

Claudia Sibylle Dornbusch

Mario Luiz Frungillo

**IEL/UNICAMP
2019**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

À memória de Marielle Franco.

*A todos os que conseguem
resistir com graça e gentileza.*

Agradecimentos

A escrita deste trabalho foi um processo tão difícil e penoso que eu não poderia deixar de agradecer aos céus e ao caos por me terem permitido concluí-lo. Sem uma pequena ou grande ajuda da família e dos amigos, teria sido impossível.

Obrigado à minha família: meus pais Maria de Lourdes e José, minhas irmãs Fernanda e Daniela, pela paciência, pela tolerância e pelo carinho; às carinhosas e saudosas avós Augusta e Julieta e ao avô João (*in memoriam*) e aos tios que se foram, é uma pena não podermos celebrar juntos esse momento; ao avô Wantuil, meu exemplo de caráter e humildade; aos tios e tias, primos e primas, afilhados, vocês são muitos e muito especiais (obrigado pelo constante apoio, tia Marlene); aos amigos de infância e da escola, Leo, Gustavo, Renato e Tiago a todos os que, de alguma forma, contribuíram para minha formação, sou grato por tudo.

Aos amigos que me acompanham por esse período tão turbulento de nossa história, muito obrigado pela presença, pelo suporte emocional, intelectual e lúdico. A lista seria imensa, então vou citar algumas que estiveram especialmente presentes nesse estágio: minhas companheiras de morada, Angélica e Gabi, obrigado pelo cuidado e pela paz, é alentador saber que o lar pode ser um refúgio em tempos fechados assim; Tomaz, pela ajuda fundamental nesse último estágio. Helen, Camila, João, Claudia, Natasha, Dani, Gajarda, Fer, Khaled e toda a turma *sem limites*: vocês são sublimes! Herbie, Pri, Sorô, Carol e demais *panois*, participar juntos desse caminho há tanto tempo é pra poucos. Aos amigos da pós, foi complicado, mas ainda bem que tivemos uns aos outros pra fazer graça da dificuldade. A todos os demais amigos, no Brasil e no exterior, que a vida me permitiu cultivar.

Finalmente, aos funcionários do IEL, obrigado pelo profissionalismo e por facilitarem o processo todo. Aos professores, em especial ao meu orientador de longa data Márcio e ao sempre disposto Mario, pela dedicação e pelo incentivo. Vocês são minha referência intelectual e ética nesse momento. À Unicamp e à Humboldt, à sociedade que apoia as universidades públicas e o conhecimento compartilhado. Às bibliotecas, ao *Deutsches Literaturarchiv* em Marbach ao *Goethe Institut* em São Paulo,

À CAPES, que possibilitou a realização desta pesquisa no Brasil e na Alemanha. Que o fomento à pesquisa volte em breve a ser um investimento estratégico para o desenvolvimento humano do país e que outras pessoas possam ter acesso à formação de qualidade como eu tive. Ao DAAD (*Deutsche Akademische Austauschdienst*) cujo fomento anual na forma de livros foi de fundamental importância para a bibliografia utilizada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

SANTOS, Bruno Mendes. **Na armadura de um soldado moderno: o antitestemunho nacional-conservador de Ernst von Salomon em “Die Geächteten”**. 244f. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2019.

No contexto da República de Weimar, emergiu um movimento político-cultural conhecido como Revolução Conservadora, formado principalmente por combatentes da Primeira Guerra Mundial que se sentiram traídos pela negociação política da rendição. Entre eles, figura Ernst von Salomon (1899-1973), jovem formado em escolas de cadetes, prussiano orgulhoso, fiel ao império (portanto antirrepublicano e antidemocrático), contrário tanto às ideologias de esquerda quanto aos valores burgueses. Após atuar nos *Freikorps* em diferentes frentes e participar da *Organisation Consul*, movimento conspiratório contra membros do governo vigente (inclusive no assassinato do então ministro Walter Rathenau, motivo pelo qual foi preso), registrou suas experiências no romance autobiográfico *Die Geächteten* (1929). Ao contrário de soldados que deram seu testemunho dos horrores da guerra a fim de denunciar a barbárie dos campos de batalha e da destruição em massa, Salomon procura ressaltar o heroísmo e a luta nacionalista pela restauração do império ou, pelo menos, pela desestruturação do sistema democrático. Como a maioria dos veteranos de guerra, acumulou experiências potencialmente traumáticas, como a violência extrema da guerra de trincheiras, as mortes de companheiros ou o choque de cenas fortemente abjetas. No entanto, ele não escreve como um traumatizado, como se verifica na literatura de testemunho: pelo contrário, ele cria uma narrativa pouco subjetiva e não fragmentada; procura apresentar uma memória totalizante e detalhista, porém sem distanciamento; não demonstra vulnerabilidade e não se coloca em dúvida. Procura dar conta do real objetivamente e utiliza recursos estéticos literários, e não menciona dificuldades na representação simbólica dos eventos narrados. Como observador (*testis*) e sobrevivente (*superstes*), fala dos mortos de uma maneira “apatética”, sem emoções. Trata-se, portanto, de uma espécie de “antitestemunho” dos eventos traumáticos que experienciou. Essa característica pode ser atribuída ao corpo de *Panzer*: uma armadura (ou couraça), uma blindagem psíquica que, por um lado, torna o indivíduo mais resistente à dor, mas, por outro, gera uma cisão interna que o separa do universo externo, bloqueando a sensibilidade a qualquer estímulo que contrarie sua visão de mundo, e organiza seu inconsciente de modo a exercer uma postura dominadora sobre as categorias que considera inferiores ou incapazes, como forma de manter intacta a sua estrutura interna. Tal armadura não permite que ele se expresse de forma subjetiva ou sentimental, pois isso poderia desagregar o seu Eu e destruí-lo.

Palavras-chave: testemunho, couraça, República de Weimar, Freikorps, sublime, dor

Abstract

SANTOS, Bruno Mendes. **In the armor of a modern soldier: Ernst von Salomon's national-conservative anti-testimony in “Die Geächteten”**. 244p. Doctoral dissertation. Institute of Language Studies at State University of Campinas, 2019.

During the Weimar Republic in Germany, a political-cultural movement known as “Conservative Revolution” emerged. It was formed mainly by World War I combatants who felt betrayed by the political negotiation of surrender. Among them is Ernst von Salomon (1899-1973), a young graduate of cadet schools, proud Prussian, faithful to the empire (thus anti-republican and undemocratic), contrary to both left-wing ideologies and bourgeois values. After acting in the Freikorps on different fronts and participating in the *Organisation Consul*, a conspiracy movement against members of the situation government (including the murder of Walter Rathenau, for which Salomon was arrested), he registered his experiences in the autobiographical novel *Die Geächteten* (1929). Unlike soldiers who had witnessed the war horrors and denounced battlefield’s barbarism and mass destruction, Salomon praises heroism and the fight to restore the German Empire or at least to disrupt the newly created democracy. Like most war veterans, he accumulated potentially traumatic experiences, such as the extreme violence of trench warfare, the comrades’ deaths, or the vision of highly abject scenarios. However, he does not write as a traumatized person, as is usually the case in literary testimony: on the contrary, he creates a narrative which is neither subjective nor fragmented; he presents a totalizing and detailed memory, but without distancing; he does not show vulnerability and is never in doubt. He tries to account for the “real” in an objective way and makes use of literary aesthetic strategies, and does not mention issues on symbolically representing traumatic events. As an observer (*testis*) and survivor (*superstes*), he speaks of the dead in an apathetic, emotionless manner. It is, therefore, a kind of “anti-testimony” of the traumatic events he had experienced. This characteristic can be attributed to a *Panzer* body: an armor, a psychic armoring which, on the one hand, makes one more resistant to pain, but, on the other, creates an internal split that separates them from the external universe, blocking sensitivity to any stimulus that contradicts their worldview, and organizing their unconscious to impose a dominating behavior against social categories they consider inferior or incapable, as a way of protecting their inner structure. Such armor does not allow him to subjectively or sentimentally express himself, for it could break his “self” down and therefore destroy him.

Keywords: testimony, armor, Weimar Republic, Freikorps, sublime, pain

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1. Recepção à obra.....	19
1.1.1. Na história da literatura.....	19
1.1.2. Fortuna crítica.....	20
2. CONFIGURAÇÃO DO ROMANCE.....	31
2.1. O fim da terrível guerra (que não havia terminado)	31
2.1.1. Soldados: testemunhas da história a contrapelo	34
2.2. O novato narrador	47
2.2.1. O testemunho no século XX.....	58
2.2.2. Condições de veracidade do testemunho do front	62
2.3. Romance autobiográfico	66
2.4. <i>Die Geächteten</i> como identidade.....	79
2.4.1. Os ban(d)idos	79
2.4.2. O título	83
2.5. Ideologia e valores	88
2.5.1. Tradição	90
2.5.2. Nacionalismo.....	93
3. TRAUMA E O SUBLIME.....	101
3.1. Registro da anamnese	101
3.2. A presença constante da morte	105
3.2.1. A morte à espreita.....	106
3.2.2. O instante da morte.....	110
3.2.3. O sublime	112
3.2.4. Trauma múltiplo	116
3.2.5. A operação do sublime.....	121
3.2.6. Mortes súbitas.....	127
3.2.7. A apoteose do abjeto.....	134
3.2.8. Antiproletariado e misoginia	141
3.3. Na prisão	152
4. DOR, AUTOCONTROLE E ANTITESTEMUNHO	158
4.1. Psique e comportamento do homem fascista	158
4.2. A dor como medida ética	162
4.2.1. Jünger à luz do sublime.....	177
4.3. Armadura, aceramento, blindagem.....	187
4.3.1. A gênese do autocontrole.....	187
4.3.2. A armadura civilizadora.....	192
4.3.3. A armadura do Trabalhador	200
4.3.4. A armadura nacional-conservadora	210
4.3.5. A armadura na psicanálise	218
5. Conclusão	231
6. REFERÊNCIAS	238
6.1. Obras do autor	238
6.2. Publicações sobre o autor.....	238
6.3. Literatura de apoio.....	239
6.4. Correspondências e documentos	243
6.5. Literatura de referência	243

6.6.	Matérias de jornais e revistas	244
6.7.	Dicionários	244

1. INTRODUÇÃO

De onde vêm vocês? E o que sabem da paz? Alguma vez encontraram a paz numa criança, numa árvore, num animal, como encontraram um posto avançado num campo de batalha? (...) A palavra foi dada a bucaneiros profissionais. Seu horizonte é flamejante, porém altamente estreito.

Walter Benjamin, *Teoria do fascismo alemão* (1930)

No seguinte trecho de uma carta ao amigo e intelectual conservador Hans Grimm, em setembro de 1934, Ernst von Salomon relata a visita que fez à tradicional universidade de Göttingen para conversar com os estudantes.

Sim, eles queriam mesmo ouvir sobre as ações e coisas daquela época e então eu comecei a contar, suspirando, o que me parecia necessário dizer. Infelizmente não tive possibilidade alguma de detectar qualquer tipo de eco; os jovens permaneciam lá sentados, atentos, com rostos fechados, muito sérios, na verdade até mesmo sem humor, uma visão desanimadora em sua juventude, pessoas desconfiadas nessa idade! (...) Por fim, simplesmente interrompi e comecei a fazer perguntas aos jovens. Mas não dava para tirar praticamente nada deles; perguntei finalmente, já que não percebi nada positivo, sobre suas aversões. Carl Schmidt era uma aversão. E por quê? Sim, eles não queriam nenhuma teoria sobre o Estado. O que então? Sim, eles queriam ser eles mesmos o Estado. E por quê? Sim, sua comunidade viva seria o Estado. Como eles imaginavam isso? Eles não imaginavam de jeito nenhum. Havia ainda docentes judeus, que precisariam ser afastados, mas a ciência seria também supérflua, eles queriam fazer uma nova ciência, segundo seus pontos de vista. E esses? Sim, eles resultariam da comunidade.¹

Este era o segundo ano de Adolf Hitler como chanceler. Nessa época, após três romances autobiográficos já publicados, Salomon disfrutava de certo prestígio na

¹“Ja, sie wollten doch gern hören von den damaligen Taten und Dingen, und also habe ich seufzend (...) angefangen zu erzählen, (...) was zu sagen mir notwendig dünkte. Leider hatte ich überhaupt keine Möglichkeit, irgend eine Art von Echo festzustellen, die Jungens saßen aufmerksam da, mit verschlossenen sehr ernsten, recht eigentlich sogar humorlosen Gesichtern, ein erkältender Anblick bei ihrer Jugend, mißtrauische Menschen in diesem Alter! (...) Schliesslich brach ich einfach ab und begann, an die Jungens Fragen zu stellen. Aber es war kaum etwas aus ihnen herauskriegen, ich fragte endlich, da ich Positives nicht erfuhr, nach ihren Abneigungen. Carl Schmitt war eine Abneigung. Und warum? Ja, sie wollten keine Theorie über den Staat. Was denn? Ja, sie wollten selber den Staat sein. Und wieso? Ja, ihre lebendige Gemeinschaft sei der Staat. Wie sie sich das vorstellten? Sie stellten es sich gar nicht vor. Es gäbe noch jüdische Dozenten, die müssten beseitigt werden, aber die Wissenschaft sei auch überflüssig, sie wollten neue Wissenschaft machen, nach ihren Gesichtspunkten. Und diese? Ja, die ergäben sich aus der Gemeinschaft.” (Carta de Ernst von Salomon a Hans Grimm, 20.9.1934, DLA). A fim de permitir o acesso ao improvável leitor sem proficiência nas línguas estrangeiras de trechos citados nesta tese, fiz traduções instrumentais para o português de todo conteúdo não disponível em nossa língua.

Alemanha como escritor nacionalista². De acordo com a carta, era o último dia de aula do semestre de verão e, ainda assim, cerca de setenta estudantes compareceram para ouvi-lo. As opiniões indicam que se tratavam de jovens adeptos à ideologia nazista. Salomon ficou surpreendido com a monotonia e com a falta de senso crítico mínimo esperado de estudantes. Assim ele prossegue:

Foi desesperador. Eu estava tão devastado, que Golz precisou me consolar a viagem de trem inteira. Mas fico mesmo estarecido, quando vejo substância tão indubitavelmente boa afundar em tal resignação indubitavelmente desesperançosa. Meu ódio contra esse tipo de clichês é cada vez maior. Isso é mesmo uma peste, uma ideologia, que mesmo nessas cabeças ainda tão frescas provoca tais devastações rasas. (...) Não quero, pelo amor de Deus, agraciar ninguém com novas ideias, mas é necessário despertar a consciência, a consciência do Estado e sua situação e suas necessidades. Mas talvez o problema seja eu, eu provavelmente careço da frieza necessária em diante do fenômeno dessa juventude.³

Na idade daqueles jovens, Salomon era um homem de ação: já havia lutado em batalhas sangrentas e tomado parte em atividades conspiratórias contra o governo vigente. Talvez lhe assustasse menos a submissão cega à ideologia nazista que a apatia míope que encontrou nos olhares daqueles estudantes. Sua formação, ao longo de toda a adolescência, dos doze aos dezesseis anos de idade, foi feita em escolas de cadetes, onde “foi-lhe inculcado observar, como objetivo de vida, um dia morrer honradamente no campo de batalha pelo *Kaiser* e pelo império”⁴ (HERMAND, 2002, p. 5). Ainda assim, depois que se formou e se tornou soldado, questionava as ordens superiores e procurava fundamentar suas opiniões e decisões. O que mais lhe chocava era a aceitação simplória

²Após um período de autoexílio na França e na Áustria, Salomon voltou em janeiro de 1933 a Berlim, após completar a escrita de seu terceiro romance, *Die Kadetten*. Desde então até 1936, trabalhou como leitor na editora de Ernst Rowohlt, com quem já tinha um relacionamento bem próximo. Seu primeiro grande projeto foi com o livro “*Wer einmal aus dem Blechnapf frißt*” (Quem uma vez come da tigela de lata) de Hans Fallada, de quem se tornou amigo próximo e junto a quem chegou a ser preso, em 1936, sob a acusação de “conspiração contra pessoa do *Führer*”, após a locadora de seu apartamento denunciá-los quando ouviu Fallada chamar Salomon de “velho terrorista” (*alter Attentäter*), em meio a piadas sobre política. (KLEIN, 1994, p. 220).

³“*Es war hoffnungslos. Ich war derart niedergeschmettert, daß Golz mich auf der ganzen Bahnfahrt trösten mußte. (...) Aber ich erschrecke doch, wenn ich so unzweifelhaft gute Substanz in solch unzweifelhaft hoffnungsloser geistiger Resignation versinken sehe. Mein Hass gegenüber jeglicher Art von Klischees wird immer größer. Das ist doch die Pest, eine Ideologie, die selbst in diesen unverbrauchten Köpfen solche platten Verheerungen anrichtet. (...) Ich will ja um Gottes willen niemanden mit neuen Ideen beglücken aber notwendig ist es doch, das Bewußtsein zu wecken, das Bewußtsein des Staates und seiner Lage und seiner Notwendigkeiten. Aber vielleicht liegt es an mir, ich entbehre wohl gegenüber dem Phänomen dieser Jugend der notwendigen Kälte.*” (Carta de Ernst von Salomon a Hans Grimm, 20.9.1934, DLA)

⁴“(...) wurde ihm eingebleut (sic), sein Lebensziel darin zu sehen, einmal für Kaiser und Reich ehrenvoll auf dem Schlachtfeld zu sterben.” (HERMAND, 2002, p. 5)

de lemas e posições prontas para uma idade em que se costuma contestar tudo o que é dado.

O espírito contestador, por sinal, foi uma das poucas constantes de sua vida. Por “duas vezes – na República de Weimar e por volta de 1950 – suscitou a impressão sensacional de ser um rebelde nacional”; além disso, “devido a sua participação indireta no assassinato de Rathenau, sua antipatia ao Terceiro Reich e suas tendências ‘esquerdistas’ depois da Segunda Guerra Mundial, pertence a uma das figuras mais ‘coloridas’ e também mais intelectualmente interessantes de seu grupo”⁵ (HERMAND, 2002, p. 5), procurou manter essa imagem de autenticidade perante o mundo.

Eu me assustava com a alegria. (...) Pois cada alegria era uma falsificação. (...) Eu não queria nenhuma proteção contra mim mesmo e contra as coisas que são reais. (...) Eu apenas me procurava, a mim apenas, e sabia que eu me encontraria em sintonia com um mundo, do qual eu não visse apenas as sombras desbotadas, e que devesse, sim, ser de uma verdade fascinante, mais madura que a do mundo, que, para mim, estava despedaçado após batalha perpétua.⁶

O isolamento forçado na prisão, enquanto cumpria pena pelo envolvimento na morte do então ministro das Relações Exteriores, Walter Rathenau, em 1922, trouxe-lhe um grande pessimismo, mas também lhe possibilitou tomar consciência das consequências de suas ações e enxergar, através do contato com pessoas diferentes, novas perspectivas da sociedade. Percebeu, ainda, que “as criaturas dessa Terra (...) ainda constituem os melhores meios para a revelação das forças realmente determinantes”⁷ (*Geächteten*, p. 270) e por isso procurou, quando possível, construir um relacionamento mais próximo e aberto com as pessoas que considerava interessantes e autênticas.

⁵“*Einer dieser Männer war Ernst von Salomon, der zweimal – nämlich in der Weimarer Republik und um 1950 – als nationaler Rebell ein sensationelles Aufsehen erregte, aber heute mehr und mehr der Vergessenheit anheimzufallen droht. Und das, obwohl gerade er – wegen seiner indirekten Beteiligung am Rathenau-Mord, seiner Abneigung gegen das Dritte Reich und seiner ‘linken’ Tendenzen nach dem Zweitem Weltkrieg – zu den ‘farbigsten’ und auch gedanklich interessantesten Figuren jener Gruppe gehört (...).*” (HERMAND, 2002, p. 5)

⁶“*Ich erschrak vor der Freude. (...) Denn jede Freude war eine Verfälschung (...). Ich wollte keinen Schutz vor mir selber und keinen vor den Dingen, die wirklich sind. (...) nur suchte ich mich, mich ganz allein und wußte doch, daß ich mich finden würde im Einklang mit einer Welt, von der ich nur die blassen Schatten sah, und die doch sein mußte von einer betörenden Wirklichkeit, reifer als die Welt, die mir zerbrochen war nach immerwährendem Gefecht.*” (SALOMON, 1962, doravante *Die Geächteten*, pp. 268-270)

⁷“*Mit der Zeit hatte ich mancherlei Gelegenheit, auch im Zuchthause mit jenen Geschöpfen dieser Erde, die immer noch die besten Medien für die Offenbarung der wirklich bestimmten Kräfte darstellen, mit den Menschen, in eine innigere Beziehung zu treten.*” (*Die Geächteten*, p. 270)

Por outro lado, Salomon demonstra em seu relato uma constante indignação contra a dominação da sociedade por determinadas elites financeiras internacionais que exploram as demais classes. Ele concorda com o amigo e conspirador Erwin Kern (1898-1922), quando discutem sobre um encontro de líderes europeus pouco depois do fim da Primeira Guerra Mundial:

Seu argumento [dos políticos que representam a nova ordem] de maior peso é sempre o de que o prejuízo da economia alemã prejudica a economia do mundo. Sua grande ambição é sempre ser inserido com direitos iguais no sistema das grandes potências da Europa, do Ocidente. E quando eu digo “do Ocidente”, quero dizer as potências que se submeteram à tirania da economia, pois poderiam ficar mais fortes sob seu domínio.⁸

Nesse trecho, ele manifesta menos uma empatia com as classes trabalhadoras do que um sentimento antiglobalização, ou, num sentido mais amplo, contra a modernização que a República de Weimar (1918-1933) representava em relação à organização sociopolítica do Império Alemão (1871-1918). No entanto, ressalta um ponto importante das relações internacionais de poder: a influência imperialista das maiores potências que necessitavam, naquele momento, da abertura dos mercados nacionais para que pudessem movimentar mais capital, independente do dano que isso pudesse acarretar às populações locais.

Em suma, são essas três características – o espírito questionador aguçado, a progressiva abertura ao contato humano, a crítica ao imperialismo econômico –, aliadas ao seu valor literário e histórico, que tornam instigante a figura polêmica e complexa, muitas vezes reacionária, de Ernst von Salomon e que nos permitem analisar a constituição ideológica e a influência cultural que ele e outros autores do círculo nacional conservador exerceram durante o período entreguerras, culminando na ascensão do nacional-socialismo, sistema responsável por produzir um dos maiores extermínios humanos do século XX, através do assassinato sistematizado de milhões de pessoas, principalmente judeus, romas, sintis, poloneses e russos, além de opositores políticos e homossexuais. (ELIAS, 1997, pp. 273-275)

⁸ *“Ihr gewichtigstes Argument ist immer wieder, daß die Schädigung der deutschen Wirtschaft die Wirtschaft der Welt schädigt. Ihr großer Ehrgeiz ist immer wieder, gleichberechtigt in das System der Großmächte Europas, des Westens, eingefügt zu sein. Und wenn ich ‘der Westen’ sage, dann meine ich die Mächte, die sich der Tyrannei des Wirtschaftlichen unterworfen haben, weil sie unter ihr stark werden konnten.” (Die Geächteten, p. 69)*

O romance que analiso neste trabalho, *Die Geächteten* (1929), concentra as impressionantes experiências vividas por Salomon em sua juventude. Está dividido em três partes. A primeira delas, “*Die Versprengten*” (“os debandados”, em referência aos soldados que se dispersaram de suas tropas), apresenta o início do trabalho, como cadete recém-formado, com dezesseis anos de idade, quando foi designado a auxiliar na manutenção da ordem na cidade de Berlim, num período em que manifestações políticas, muitas vezes violentas, eram constantes. Após o retorno das tropas alemães do *front*, inscreveu-se no *Freikorps Maercker* e foi convocado. Seguiu para Weimar, onde tinha a função de proteger a assembleia constituinte da república recém-fundada. Depois, foi lutar contra os bolcheviques nos Bálticos, onde enfrentou situações extremas de guerra e por pouco (e por sorte) não foi executado. Após um breve retorno a Berlim, lutou na resistência alemã pela região da Alta Silésia (*Oberschlesien*), reivindicada pelos poloneses. Depois disso, encerra-se o período de batalhas pelos *Freikorps*. Na segunda parte, “*Die Verschwörer*” (“os conspiradores”), Salomon volta à capital, onde passou a participar de encontros de grupos patrióticos, durante os quais ele e outros companheiros recrutavam jovens para uma organização clandestina que promovia atos de sabotagem e terrorismo no país, a fim de resistir à ocupação estrangeira no pós-guerra e ao estabelecimento da república democrática. Dentre diversas ações, participou como cúmplice do assassinato do ministro das relações exteriores Walther Rathenau (1867-1922). Após algum tempo, foi identificado e preso por esse crime. A terceira parte, “*Die Verbrecher*” (“os criminosos”), começa pelo processo de julgamento, durante o qual é transportado por diversas prisões provisórias, até ser finalmente condenado a cinco anos de prisão pela cumplicidade no assassinato. A privação, a angústia e a desesperança pelos seus ideais marcam o relato desse período. O enredo termina quando desfruta seus primeiros dias de liberdade. É um livro de conteúdo intenso, cuja insistência pela via da violência dentro do plano histórico incomoda qualquer leitor pacifista:

Eu sabia que nós não podíamos ter errado. Pois nós tínhamos vivido segundo as vontades urgentes da época. E todos os lugares estavam cobertos da confirmação de nossas ações. Nós vivíamos perigosamente, pois a época era perigosa, e como a época era caótica, tudo que nós sempre pensávamos, fazíamos ou acreditávamos era caótico. Nós estávamos obcecados por essa época, obcecados pela sua destruição, e obcecados também pela dor, que a destruição torna fecunda em primeiro lugar. Nós tínhamos nos atirado à única virtude que esse período exigia, a da determinação, porque nós tínhamos a

vontade para a decisão assim como essa época a tinha. A decisão, porém, não tinha vindo.⁹

Salomon comenta, no prefácio da reedição de *Die Geächteten*, 32 anos após a primeira publicação, que o livro serviria não como uma “justificativa” (*Rechtfertigung*), mas como uma “apresentação” (*Darstellung*), a fim de esclarecer os motivos do assassinato:

A parte essencial desse livro, o capítulo, graças ao qual o livro inteiro foi escrito, foi o assassinato de Walther Rathenau. Fui julgado no tribunal para me justificar pela participação nesse assassinato. O livro não pretende ser uma justificativa, ele pretende ser uma apresentação. Os motivos que levaram a esse assassinato não puderam ser esclarecidos diante do tribunal, o livro deve esclarecê-los.¹⁰

A princípio, pode parecer contraditório que o livro deva “esclarecer os motivos” sem “justificar”. No entanto, a escolha dessas palavras é bem precisa. O verbo *rechtfertigen*, bem como “justificar” em português, carrega em si o sentido de provar ou comprovar que algo é justo, à altura da justiça ou conforme a lei, legítimo, deferível, admissível ou permitido¹¹. Se essa não era a pretensão do livro, Salomon, quando mais velho, deixa a entender que não espera que o leitor tenha empatia pelo narrador em suas decisões ou que considere justas as suas motivações de cometer os crimes. Ou, pelo menos, não pretende entrar no mérito da discussão sobre se suas ações foram certas ou erradas segundo uma moral específica. De fato, mais adiante no mesmo prefácio da edição posterior, Salomon descreve a utilidade que seu romance assincronamente possuiria:

Quando *Die Geächteten* foi lançado no ano de 1929, o livro foi designado pela editora como um “romance documental” - e desse modo recebido pelos

⁹ “Ich wußte, daß wir nicht geirrt hatten konnten. Denn wir hatten nach dem drängenden Willen der Epoche gelebt. Und überall war uns die Bestätigung unseres Tuns zugewachsen. Wir hatten gefährlich gelebt, da die Zeit gefährlich war, und da die Zeit chaotisch war, war alles, was immer wir dachten oder taten oder glaubten, chaotisch. Wir waren besessen von dieser Zeit, besessen von ihrer Zerstörung, und besessen auch von Schmerz, der die Zerstörung erst fruchtbar macht. Wir hatten uns an die einzige Tugend, die diese Zeit verlangte, die der Entschiedenheit, herangeworfen, weil wir den Willen, zur Entscheidung hatten, wie diese Zeit ihn hatte. Die Entscheidung aber war nicht gekommen.” (*Die Geächteten*, p. 324)

¹⁰ “Der Kernstück dieses Buches, das Kapitel, um dessentwillen es überhaupt geschrieben wurde, war der Mord an Walther Rathenau. Um mich wegen der Teilnahme an diesem Mord zu rechtfertigen, stand ich vor Gericht. Das Buch sollte keine Rechtfertigung, es sollte eine Darstellung sein. Die Motive zu diesem Mord konnten vor Gericht nicht geklärt werden, das Buch sollte sie klären.” (*Die Geächteten*, p. 6)

¹¹ Segundo o dicionário DWDS (*Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache*), o significado de *rechtfertigen* é “nachweisen, beweisen, dass etw. berechtigt ist”, ou seja, provar, comprovar que algo é justo. Por sua vez, *berechtigt* significa “dem Recht entsprechend, erlaubt, gesetzeskonform, gesetzlich, legal, legitim, nach Recht und Gesetz, nach dem Gesetz, rechtens, rechtlich einwandfrei, rechtmäßig, statthaft, zugelassen, zulässig”, isto é, correspondente ao Direito, permitido, conforme à lei, legal, legítimo, etc.

leitores. A época que eu me aventurei a descrever nesse livro deve ser vista hoje como uma época amoral. Nesse sentido, o livro certamente tem hoje ainda valor documental.¹²

O objetivo deste trabalho é analisar o romance *Die Geächteten* a fim de compreender de que modo ele articula narrativamente essa apresentação das razões que levaram o jovem cadete a entrar num ciclo interminável de violência e situações arriscadas. É importante observar que, apesar de ter passado por diversas experiências traumáticas, o autor evita que o trauma se revele em seus textos. Minha hipótese é que sua formação militar desde a infância, bem como a experiência nos campos de batalha, tenha contribuído para a construção de um rígido ideário expresso como conservador e nacionalista, ao mesmo tempo em que demonstra uma atitude de escrita controlada e calculada, como se sua casca psíquica fosse resistente o suficiente para suportar os impactos que normalmente causariam o trauma. Em outras palavras, de algum modo, ele dispõe de resistência ou resiliência suficiente para não se deixar traumatizar ou dissimula convincentemente os sintomas do trauma que normalmente afluem na escrita de cunho autobiográfico. No entanto, essa experiência potencialmente traumática não impede que ele construa uma narrativa que defende o autoritarismo, pois repudia a democracia (e, portanto, formas de pensamento e visões de mundo diferentes da sua) e a modernização da sociedade e promove violência e opressão a determinados grupos sociais, especialmente adversários políticos, além de não respeitar a soberania dos povos. Por isso, sua obra opera no fortalecimento da ideologia nacional-socialista, ainda que ele historicamente tenha procurado distanciar-se o governo de Hitler.

¹² “Als ‚Die Geächteten‘ im Jahre 1929 erschienen, wurde das Buch vom Verlag als ein “dokumentarischer Roman” bezeichnet – und als solcher von den Lesern entgegengenommen. Die Epoche, die zu beschreiben ich mich in diesem Buche unterfing, muß heute als eine amoralische Epoche betrachtet werden. In diesem Sinne hat das Buch heute sicherlich noch dokumentarischen Wert.” (*Die Geächteten*, p. 7)

1.1. Recepção à obra

1.1.1. Na história da literatura

Ernst von Salomon é um nome que nem sempre consta na historiografia literária alemã. Entre os autores conservadores do período entreguerras, acaba ofuscado pelo talento maior de seu amigo Ernst Jünger, que tem presença constante nas obras de referência.

Fritz Martini apenas situa *Die Geächteten*, mencionando objetivamente alguns conhecidos eventos históricos que constam no livro, sem analisá-lo ou criticá-lo. Otto Maria Carpeaux, ainda que o elogie como um “escritor nato”, classifica-o como um dos “pré-nazistas”, ou seja, mercenários voluntários que combatiam os espartaquistas a serviço da nova República e que depois se voltaram contra ela através de conspirações, golpes e atentados, como o assassinato de Walter Rathenau.

Esses mercenários e conspiradores estavam pouco dispostos a manejar a pena em vez de fuzil e da bomba. No entanto, havia entre eles um escritor nato, Ernst von Salomon (1902), ex-estudante, ex-soldado, envolvido no assassinato de Rathenau. Seu romance *Die Geächteten* (Os Proscritos) é um grande documento de época das conspirações anti-republicanas, de alto valor psicológico e considerável valor literário. Mas Salomon nunca amadureceu. Sempre ficou um adolescente pretensioso, arrogante, violento. Depois da Segunda Guerra Mundial publicou o romance *Der Fragebogen* (O Questionário), defesa não do nazismo, mas dos nazistas; tem apenas interesse como documento. (CARPEAUX, 1963, pp. 242-243)

Na maioria dos casos, Salomon é lembrado apenas pelo romance posterior *Der Fragebogen*, que foi um sucesso de vendas por criticar o programa de desnazificação imposto pelas nações que saíram vitoriosas da Segunda Guerra, ao mesmo tempo em que recusava a tese da “culpa coletiva” dos alemães pela grande catástrofe. Inge Stephan o localiza, de passagem, no contexto do programa de reeducação investido pelas potências vencedoras da Segunda Guerra contra o “caráter nacional” dos alemães, isto é, a tentativa de transformação do sistema de valores político-culturais e o posicionamento ideológico da população na direção das noções burguesas de liberdade e democracia, segundo o modelo estadunidense.

Essa reeducação foi complementada por processos contra criminosos de guerra nazistas e uma campanha de desnazificação ampla, porém frequentemente

falha, colocada em xeque pelo escritor Ernst von Salomon de maneira sarcástica em seu livro *Der Fragebogen* (1951).¹³

Dieter Lattmann coloca *Der Fragebogen* como uma “representação basicamente amoral da injustiça” que ajudou, como outros livros da mesma época, a “reforçar a ideia e a autoestima de uma humanidade burguesa”. Heinrich Vormweg afirma que Salomon reclama, “de modo sarcástico, cínico e pseudofascista, da realidade que enfrentou nos tempos turbulentos desde os anos 1920”¹⁴.

Os livros de história da literatura alemã mais recentes não chegam a citá-lo. Parece que, à medida que o tempo passa, seu nome cai cada vez mais no esquecimento.

1.1.2. *Fortuna crítica*

No DLA (*Deutsche Literaturarchiv*, Arquivo Literário Alemão) em Marbach encontra-se uma quantidade considerável de comentários sobre a obra de Ernst von Salomon, bem como cartas e outros documentos que nos transmitem alguma informação sobre a recepção do romance *Die Geächteten*. São textos publicados em periódicos, revistas, jornais ou material de divulgação, escritos por críticos literários, jornalistas e outros autores do período. Darei aqui um breve panorama dessa recepção.

Ernst Alker¹⁵, na revista *Der Gral*, uma publicação católica dedicada a “poesia e vida” (*katholische Monatsschrift für Dichtung und Leben*) ressalta o interesse de *Die Geächteten* como documento dos primeiros anos selvagens da república alemã. Ele caracteriza os soldados “amotinados” que lutaram no Báltico como “audaciosos e

¹³ “Diese ‘re-education’ wurde ergänzt durch Prozesse gegen NS-Kriegsverbrecher und eine breit angelegte, in ihren Wirkungen jedoch häufig fehlgehende Kampagne zur Entnazifizierung, die der Schriftsteller Ernst von Salomon in seinem Buch *Der Fragebogen* (1951) auf sarkastischer Weise in Frage gestellt hat”. (STEPHAN, 2008, p. 487)

¹⁴ “Hierzu rechnet in gewisser Weise trotz der im Grunde amoralischen Darstellung des Unrechts auch Ernst von Salomons Roman *Der Fragebogen* (1951) (...). Es waren Bücher, die wie so vieles im öffentlichen Klima jener Jahre dazu beitrugen, Idee und Selbstwertgefühl einer bürgerlichen Humanität wieder zu bekräftigen”. (LATTMAN, 1973, p. 76)

²⁴⁶ “Der Roman [Am grünen Strand der Spree, de Hans Scholz] war denn auch fast so erfolgreich wie *Der Fragebogen* (1951) von Ernst von Salomon, der anhand des Entnazifizierungsfragebogens der Nachkriegszeit sarkastisch, zynisch und ‘pseudofaschistisch’ (Joachim Kaiser) auf die Realitäten pocht, denen der einzelne in den turbulenten Zeiten seit den zwanziger Jahren ausgesetzt war.” (VORMWEG in LATTMANN, 1973, p. 246)

¹⁵ Ernst Alker (1895-1972), germanista austríaco.

embrutecidos”, que “conduziram a guerra na Letônia um pouco contra os ingleses, um pouco contra os bolcheviques, mas principalmente pela da guerra em si”¹⁶.

É preciso admirar a energia, a coragem, e a prontidão para o destino desses jovens que lutam por seus ideais até o fim – mas, no humano (isso seja dito explicitamente), oferece uma imagem sombria; Salomon diz uma vez, sem indiretas: “Desde sempre, tive no ato de destruir meu principal prazer” – e presta mais alguns outros testemunhos tenebrosos contra si mesmo. Parece que se esconde nele um poeta, pois em alguns momentos sopra através de seu relato um ar flamejante; pode até ser que às vezes a fantasia tenha sido mais forte do que a memória – mas isso não diminuiria o valor e o significado do livro. Em todo caso, é uma contribuição para a história alemã – mas talvez o surgimento de um autor um pouco parecido, em destino e atitude, com Grimmelshausen.¹⁷

Friedrich Muckermann¹⁸, na mesma publicação, fala sobre *Die Geächteten* como uma conexão entre os “processos na Alemanha nacional subterrânea” e o “destino individual do autor”. Para ele, é um livro que “sangra dolorosamente de uma tragédia atroz”:

Na guerra cresceu uma enorme linhagem que agora volta para casa, para os cidadãos pacatos, aos filisteus pacíficos, ao pai, mãe, esposa e filho, e não consegue lidar com tudo isso, transforma tudo em um “enorme brinquedo”, por fim desmorona desesperada no mundo, que, segundo sua vontade, que se tornou excessivamente forte, parece não ter mais objetivo.¹⁹

¹⁶ “*Der Sechzehnjährige nimmt sehr aktiv auf der Regierungsseite an den Berliner Kämpfen teil, gerät dann unter die tollkühnen und verwilderten Baltikumer, die – meutend – in Lettland den Krieg auf eigene Faust halb gegen die Bolschewiken, halb gegen die Engländer, hauptsächlich aber um des Krieges an sich willen führen.*” (ALKER, 1931, p. 661)

¹⁷ “*Die Tatkraft, den Mut und die Schicksalsbereitschaft dieser Jugend, die für ihre Ideale kämpft bis zum Letzten, muß man bewundern – aber im Menschlichen (das sei ausdrücklich gesagt) bietet sie ein dunkles Bild; sagt doch Salomon einmal ganz unverblümt: „Von jeher hatte ich am Zerstören meine besondere Lust“ – und legt noch manches andere düstere Zeugnis gegen sich selbst ab. Es scheint, als ob in ihm ein Dichter stecke, denn streckenweise weht durch seinen Bericht glühen-heiße Luft; es könnte wohl sein, daß manchmal die Phantasie stärker war als die Erinnerung – aber das würde den Wert und die Bedeutung des Buches nicht mindern. Ein Beitrag zur deutschen Geschichte ist es jedenfalls – aber vielleicht der Aufbruch eines Dichters, in Schicksal und Gesinnung Grimmelshausen ein wenig verwandt.*” (ALKER, 1931, p. 661-662)

¹⁸ Friedrich Muckermann (1883-1946) era um publicista jesuíta e anticomunista. Mais tarde, tornou-se também opositor expresso de Hitler, motivo pelo qual teve que se exilar do país. (GRUBER, 1997)

¹⁹ “*Es behandelt in der Verbindung mit dem Einzelschicksal des Verfassers die Vorgänge im unterirdischen nationalen Deutschland (...). In diesem Buche, das schmerzlich blutet von weher Tragik, lesen wir die Sätze: ‘Wir waren krank an Deutschland (...)’. Es ist im Krieg ein Riesengeschlecht herangewachsen, und nun kommt es heim zu den geruhsamen Bürgern, zu den friedlichen Philistern, zu Vater, Mutter, Frau und Kind, und wird mit all dem nicht mehr fertig, verwandelt all dieses in ein ‚Riesenspielzeug, sinkt schließlich verzweifelt an der Welt, die ihrem überstark geworden Willen kein Ziel mehr zu setzen scheint, zusammen.’*” (MUCKERMANN, 1931, pp. 803-804)

Muckermann enxerga, portanto, uma espécie de *hybris* no comportamento do narrador, cuja vida estava diretamente ligada ao contexto histórico da nação, mas que perde o controle de suas ações e passa, então, a cometer uma série de erros (na perspectiva do crítico, não do narrador, que acredita estar fazendo o que é certo), pelos quais será punido (com o “banimento” da sociedade pacífica, com a morte de amigos e com a própria prisão).

Franz Herwig²⁰ ressalta a objetividade patente da obra. Para ele, mais importante que o mundo objetivo, no entanto, é o mundo interno, que busca formar o externo através da violência. No entanto, esse mundo interno não se revela pela descrição de uma subjetividade, mas tão somente através de suas ações:

Sem dúvida irrompem neles [Salomon e seus camaradas] instintos primitivos que induzem à errância belicosa, à luta pelo território, a lealdade inabalável ao líder escolhido, que permanece, mesmo que ele mude seus objetivos. Esses jovens não buscam, em primeiro lugar, a ordem, mas, muitas vezes de modo consciente, um caos; forças motrizes vêm certamente da ideia do novo império a ser organizado, mas vêm ainda mais impetuosamente do sangue arrebatador juvenil, que é totalmente desorganizado e que transforma as tropas, que encolhem rapidamente através de perdas severas, em irmandades fanaticamente coesas, nas quais cada indivíduo é uma mistura de caçador de Lützow, ladrão schilleriano, lansquenetes e vikings. Pela esquerda são odiados, pelo governo, usados e renegados, pela direita, tolerados e depois também renegados. Por fim, estão obstinadamente perdidos no próprio povo.²¹

Disso surge, segundo Herwig, um “estranhamento monstruoso da vida”, de modo que o próprio assassinato de Rathenau é colocado em prática sem qualquer sentimento de ódio por parte dos criminosos, mas porque sua morte violenta é necessária para desencadear “movimentos populares fanáticos” (*fanatischen Volksträfehüben*). Ainda que Herwig considere inapropriado fazer uma avaliação do valor literário da obra, dado

²⁰ Franz Herwig (1880-1931), foi escritor e crítico, prussiano e católico. Faleceu subitamente devido a hemorragia cerebral poucos meses depois de escrever essa resenha crítica sobre *Die Geächteten*. (SCHAEZLER, 1969)

²¹ “Zweifellos brechen in ihnen Urinstinkte aus, die zu kriegerischen Schweifen verleiten, zum Kampf um Grund und Boden, zur unbeirrbaren Treue für den erkorenen Führer, der es auch bleibt, obwohl er seine Ziele wechselt. Diese jungen Menschen suchen zunächst keinesfalls die Ordnung, sondern oft bewußt ein Chaos, Triebkräfte kommen sicher aus der Idee von dem neu zu ordnenden Reich, aber am heftigsten doch aus dem Blut, das jugendlich hinreißt, durchaus ungeordnet ist und das die rasch durch schwere Verluste zusammenschrumpfenden Formationen zu fanatisch zusammenhaltenden Bruderschaften macht, in denen jeder Einzelne eine Mischung von Lützower Jäger, Schillerschen Räuber, Landsknecht und Wikinger ist. Von links werden sie gehaßt, von der Regierung benutzt und verleugnet, von rechts verlegen geduldet, dann auch verleugnet. Schließlich sind sie verbissen verloren im eigenen Volk.” (HERWIG, 1930/31, p. 459)

que a intenção do autor é apresentar os acontecimentos da própria vida e não “resolver uma tarefa artística”, ele acha que suas habilidades narrativas estão acima da média.

Uma das mais interessantes análises é a de Wilhelm Michel, que caracteriza o romance como um documento do nacionalismo, uma questão preocupante e decisiva que se mostrava constantemente presente no pensamento e no sentimento dos alemães naquele momento histórico. Ele considera a leitura “elucidativa e profícua”, pois Salomon “participou de um acontecimento objetivamente importante, e isso numa proximidade e numa medida, que dá peso ao seu testemunho”²². De modo bastante compreensivo, Michel leva em conta que Salomon reconhece os crimes que cometeu, sem dúvida graves e que não podem ser relativizados. Por outro lado, para ele, o autor é convincente ao explicar causas, impulsos e forças tentadoras, atuando em conjunto, o colocaram no caminho dos delitos; sua contrariedade à instauração da república é instintiva, não como reação para atingir um retorno do passado, mas para criar a próxima revolução. Salomon e seus companheiros vivem e agem através falta de clareza e do não-saber, esse mesmo lugar onde é possível sentir suas forças impulsivas, mas não é possível ver qualquer objetivo com nitidez. Salomon também elabora de modo caótico uma relação entre ideias nacional-fascistas e social-revolucionárias. Michel lembra, por exemplo, que há no romance, durante a guerra no Báltico, personagens alemães que lutam tanto do lado dos *Freikorps*, quando do lado dos comunistas:

O que os conectava? Três coisas poderosas: a juventude - a juventude eterna de todos os tempos, que odeia a vida insidiosa e fosca na linha do meio - a vontade alemã de lutar, sem levar em conta os objetivos da luta - e os ardentes anseios de levar ao comando do Estado forças positivamente formadoras, organizadoras e capazes de governar.²³

Michel considera ainda que a obra tem importância como reflexão histórica, uma vez que o relato de Salomon indica que estava em andamento uma ruptura com os modelos tradicionais da política e ressalta o protagonismo do nacionalismo nos desdobramentos políticos:

²² “(...) er hat an einem objektiv wichtigen Geschehen teilgenommen, und dies in einer Nähe und in einem Maße, daß seine Zeugenschaft Gewicht bekommt.” (MICHEL, 1930, p. 458)

²³ “Was verband sie? Drei mächtige Dinge: Jugend - die ewige Jugend aller Zeiten, die das matte schleichende Leben auf der mittleren Linie haßt - die deutsche Lust am Kämpfen, ohne Rücksicht auf Kampfziele - und das glühende Verlangen, positiv gestaltende, formende, regierungsfähige Kräfte im Staat an die Führung zu bringen.” (MICHEL, 1930, p. 460)

O livro de Salomon faz sentido em um momento em que todos, sem exceção, somos forçados a pensar para além dos modelos antigos. Ele ocorre em um momento em que se mostra que a futura Alemanha não será marcada bem pela velha esquerda, nem pela velha direita sozinhas, mas por novas combinações de forças, nas quais o elemento nacionalista desempenha um papel.²⁴

Para Michel, esse “elemento nacionalista” é “muito rudimentar, muito primitivo, arcaico”; “muito pouco esmiuçado, muito demoníaco e possesso”; “vigoroso, corajoso e disposto ao sacrifício”, porém “inapto ao governo e, no mais alto grau, carente de amadurecimento”²⁵. Ainda que a juventude, em qualquer lugar ou época, tenha uma linguagem “revolucionária por natureza” e que ache indigno tudo aquilo que não é feito com o coração, *os Geächtete* transformam aquilo que se chamava de movimento jovem (*Jugendbewegung*) em briga, batalha e conspiração, ou seja, transformam sua rebeldia nas vias de fato. Eles não sabem se amansar; não admitem mais qualquer inibição, nenhuma proibição: passam a enganar, mentir, conspirar e matar:

As implicações, às quais essas pessoas são forçadas, demonstram que o ser humano, quando nega a mente e se entrega aos poderes não mentais, passa do domínio humano para a selvageria, para o absurdo, para o ceticismo desintegrador, para a crueldade. Repete a experiência ancestral: se algum objetivo é colocado autoritariamente acima da obediência a Deus, então o homem já entrou no reino de Satanás, ele já iniciou a auto aniquilação e a aniquilação do mundo.²⁶

Na sua opinião, Salomon assume, nas entrelinhas, que é culpado pelos seus crimes; porém, se mantém firme na culpa. Nota, ainda, que o narrador reiteradamente menciona diabo (*Teufel*), satanás (*Satan*) e demônio (*Dämon*) para se referir ao seu comportamento e a seus impulsos, numa completa renúncia aos valores cristãos que muitos conservadores manifestam:

²⁴ “*Salomons Buch fällt sinnvoll in einen Augenblick, da wir alle ohne Ausnahme gezwungen sind, über alte Schablonen hinaus zu denken. Es fällt in einen Augenblick, da sich zeigt, daß künftige Deutschland weder von der alten Linken noch von der alten Rechten allein geprägt sein wird, sondern von neuen Kräfteverbindungen, in denen das nationalistische Element eine Rolle spielt.*” (MICHEL, 1930, p. 458)

²⁵ “*Wie sieht dieses nationalistische Element bei Salomon aus? Sehr ‚früh‘, sehr primitiv und altertümlich. Sehr undurchleuchtet, sehr dämonisch und besessen. Gewiß kraftvoll, mutig und opferbereit – aber durchaus nicht regierungsfähig und im höchsten Grade reifebedürftig.*” (MICHEL, 1930, p. 460)

²⁶ “*Die Folgerungen, zu denen diese Leute gezwungen werden, tun dar, daß der Mensch, wenn er den Geist verleugnet und sich den ungeistigen Kräften überläßt, aus den menschlichen Bereichen hinausgerät in die Wildheit, in den Unsinn, in die zersetzende Skepsis, in die Teufelei. Es wiederholt sich die uralte Erfahrung: wird irgendein Ziel alleinherrschend über den Gehorsam vor Gott gesetzt, dann ist der Mensch in Satans Reich eingetreten, dann hat er die Selbstvernichtung und die Vernichtung der Welt in Angriff genommen.*” (MICHEL, 1930, p. 461)

A nosso respeito, a morte não havia chegado ainda a um acordo com o diabo. Em Pirmasens, o diabo estava solto. Deus conosco – mas perto de Satanás sempre nos sentimos melhor. Ironia do destino que tivemos que expulsá-lo agora.²⁷

Michel, por fim, considera que o livro deva servir de advertência aos círculos nacionalistas alemães sobre os extremos a que esse nacionalismo “imaturo” poderia chegar caso ascendessem ao poder – de fato, um observador bastante atento e lúcido de seu tempo, quando temos em mente os desdobramentos da história.

Paul Fechter²⁸ elogia o talento literário do autor, pois mostra “o verdadeiro mundo interno desses homens jovens”; sua capacidade de “relatar, apresentar, criar imagens, interpretar”; as descrições que “partem da realidade do relato para o literário”. Mas, para ele, a leitura é sobretudo importante porque “apresenta fatos que esquecemos e não deveríamos nunca esquecer”. Friedrich Eisenlohr²⁹ vê também um retrato da juventude que sobreviveu à guerra: “Essas confissões dadas com a máxima sinceridade se tornam, através de sua honestidade implacável, um documento para a existência de uma grande parte da juventude do pós-guerra.”³⁰

Frank Thieß³¹ considera que o “motivo heroico do livro é tecido com uma força dominadora e amargura trágica” e que ele contém bastante “humanidade, masculinidade e força de consciência”. Nele se reconhece a “grande mudança no ideológico e no moral” que passava pelo “subconsciente da nação”, o que lhe confere um valor para além do memorial. Robert Musil³² diz que o livro surpreende pelo dom do autor e impacta pela vivacidade, pois profere uma “energia moral poderosa”. No folheto de divulgação da tradução francesa do livro, pela editora Plon, há uma pequena resenha (anônima) informando que se trata de uma obra documental e que o enredo se passa nos anos de

²⁷ “Über uns war sich der Tod noch nicht mit dem Teufel einig geworden. In Pirmasens war der Teufel los. Gott mit uns – aber in des Satans Nähe hatten wir uns immer am wohlsten befunden. Ironie des Schicksals, daß wir ihn nun austreiben mußten.” (*Die Geächteten*, 266).

²⁸ Paul Fechter (1880-1958) foi escritor, redator e crítico de teatro e arte. Escrevia no jornal *Deutsche Allgemeine Zeitung*, em Berlin.

²⁹ Friedrich Eisenlohr (1889-1954), escritor e dramaturgo alemão. Escrevia na revista *Die Woche*, de Berlin.

³⁰ “Diese mit letzter Aufrichtigkeit gegeben Bekenntnisse werden durch ihre rücksichtslose Ehrlichkeit zum Dokument für das Dasein eines großen Teiles der Nachkriegsjugend”. (Impresso no formulário de encomenda da editora Rowohlt [Berlin W 50], DLA)

³¹ Frank Thieß (1890-1977), escritor alemão.

³² Robert Musil (1880-1942), escritor austríaco.

“surgimento do hitlerismo”; considera que, além de uma contribuição para a história política do pós-guerra, é um dos documentos humanos de maior “culpa e expiação”³³.

Entre os membros da revolução conservadora (ou seus apoiadores mais fervorosos) aparecem apenas comentários para promover a leitura de *Die Geächteten*: Bruno Brehm³⁴ sentiu uma “inquietação absorvente” e ficou “profundamente sacudido” com “um dos melhores livros dos jovens alemães”. Para Paul Alverdes³⁵ o leitor “experimenta a partir do livro uma valentia” e uma “imprescindível lei da vida”. Josef Magnus Wehner³⁶ agradece o papel dos “conspiradores e vingadores” que se tornaram “figuras imortais” no livro e despertaram novamente o “sentimento nacional”. Thor Goote³⁷ julga que “o caminho cheio de sacrifícios de um corajoso combatente mostra que ele é, ao mesmo tempo, um ser humano sensível e pensante”: “O livro de um verdadeiro alemão”³⁸.

Esse ponto de vista se assemelha ao de Ernst Jünger, que, em uma resenha, faz um eloquente elogio à obra inaugural de Salomon. Primeiro ele comemora o fato de que a “matéria viva” (*der lebendige Stoff*) do período tornou novamente possível o gênero do romance na Alemanha e tem esperança de que a nova safra perdure ao julgamento do tempo. Além disso, ressalta que a guerra está no centro da política e que isso favorece a literatura de guerra. Isso principalmente porque no pós-guerra o país vive ainda um momento revolucionário, uma guerra civil, segundo ele, como ilustra o romance de Salomon, representante do “destino da camada mais valiosa da juventude” (*das Schicksal der wertvollsten Schicht jener Jugend*), que cresceu durante a Primeira Guerra. Jünger designa as três partes do livro, respectivamente, como “o primeiro despertar” (*das erste Erwachen*), “o protesto” (*den Protest*) e “a escola” (*die Schule*). Ele considera que Salomon soube como poucos respeitar e entender os veteranos que regressavam da guerra

³³ “*Les Reprouvés sont une œuvre documentaire par le récit qu'ils donnent des premières années sanglantes de la République allemande. Ils nous font entrer dans les détails de cette organisation de terrorisme dont a souffert l'Allemagne de 1920 à 1924 et où l'on a vu le début de l'hitlérisme (...). Il n'y a pas là une simple contribution à l'histoire politique d'après-guerre, mais aussi un de plus émouvants documents humains de culpabilité et d'expiation.*” (Folheto « *Quatre livres essentiels sur l'Allemagne d'après-guerre* » da Librairie Plon [Paris, 1933], DLA)

³⁴ Bruno Brehm (1892-1974), escritor austríaco de posição antissemita.

³⁵ Paul Alverdes (1897-1979), escritor alemão conservador.

³⁶ Josef Magnus Wehner (1891-1973), escritor alemão, posteriormente membro do NSDAP.

³⁷ Thor Goote (1899-1940) foi escritor e engenheiro alemão, posteriormente também membro do NSDAP.

³⁸ “*Es ist inhaltlich und stilistisch zweifellos eines der besten Bücher deutschen Nachkriegs, das den opfervollen Weg eines mutigen Kämpfers zeigt, der zugleich empfindender, denkender Mensch ist. Das Buch eines echten Deutschen.*” (Impresso no formulário de encomenda da editora Rowohlt [Berlin W 50], DLA)

e que conseguiu captar e manter o elemento heroico: “O que a juventude de 1930 pode aprender da primeira parte do livro é que o coração masculino, na urgência, prescreve a si o remédio do perigo”³⁹. Jünger reduz toda a violência das batalhas narradas nessa primeira parte a um mero “remédio do perigo” (*Heilmittel der Gefahr*), como se o risco constante fosse não uma ameaça à vida, mas o próprio tratamento para o restabelecimento da saúde de uma sociedade doente. Tampouco faz qualquer desaprovação sobre a segunda parte, em que Salomon descreve suas atividades clandestinas conspiratórias, incluindo a participação no assassinato de Rathenau; mesmo que use as palavras “crime” (*Verbrechen*) e “criminoso” (*Verbrecher*), não parece condenar seus atos, mas sim legitimar a necessidade deles diante da situação (por isso um “protesto”):

A segunda parte do livro pode ser designada como um tratado sobre a relação que existe entre o nacionalismo e o crime. O lansquenete, o disperso, o eterno soldado, que, enquanto pôde, perseguiu a guerra para não perder o contato com o perigo, agora se deu um indício decididamente político e, já que para ele não é possível agir dentro da ordem liberal, se prepara para agir fora dessa ordem. Como ele despreza essa ordem, está pronto para conjurar as forças obscuras do caos e prefere ser um criminoso a ser um seguidor de leis traiçoeiras.⁴⁰

Jünger julga que se trata, no romance, da descrição “quase inconsciente” (*fast unbewußte*) de uma geração que não se identifica com o governo, pois não há mais uma congruência entre Estado e nação. Subentende-se, aqui a *Dolchstoßlegende*, essa suposta traição dos governantes, representantes oficiais do Estado, contra os interesses da nação. Para Jünger, há uma mudança na consciência do narrador, nessa luta entre duas concepções distintas da lei: ele passa da “indignação alimentada pela substância nacional” à admissão de uma “tarefa de categorias revolucionárias”. Jünger sente no livro tanto o cheiro de decomposição (*Verwesung*) das velhas ordens, como o germe de uma nova lei.

³⁹ “Das, was die Jugend von 1930 aus dem ersten Teile dieses Romans lernen kann, ist, das männliche Herz sich in der Not das Heilmittel der Gefahr verschreibt.” (JÜNGER, 1930, p. 47)

⁴⁰ “Den zweiten Teil des Buches kann man als eine Abhandlung über das Verhältnis bezeichnen, das zwischen dem Nationalismus und dem Verbrechen besteht. Der Landsknecht, der Versprengte, der ewige Soldat, der solange es ging, dem Kriege nachzog, um die Verbindung mit der Gefahr nicht zu verlieren, hat sich nun ein entschieden politisches Vorzeichen gegeben und bereitet sich, da es innerhalb der liberalistischen Ordnung für ihn nicht möglich ist, außerhalb dieser Ordnung zum Handeln vor. Weil er diese Ordnung verachtet, ist er bereit, die dunklen Mächte des Chaos zu beschwören, und er will Verbrecher lieber als der Befolgte verräterischer Gesetzten sein.” (JÜNGER, 1930, p. 47)

Ernst Kempfer⁴¹ também faz uma análise elogiosa da obra, não tanto por seus atributos artísticos quanto pela defesa das ações e da postura de Salomon. Segundo ele, ainda que Salomon não tivesse lutado no front da Primeira Guerra, pois tinha ainda 16 anos de idade quando a guerra acabou e não havia concluído seus estudos na escola de cadetes, ele vivenciou a “revolução” com maior profundidade que muitos soldados que de fato estiveram no *front*.

Em sua alma jovem e crente, surge uma fenda que ele gostaria de comprimir a todo custo. Seu ideal era a Alemanha, seu amor ardente pela pátria o levou àquele pequeno círculo de homens conscientes de sua germanidade, que estavam preparados, sempre e em qualquer lugar, para se lançarem na brecha.⁴²

Kempfer exalta o amor e a obstinação desses soldados em alcançarem a realização de seus pensamentos. Fala do assassinato de Rathenau como se Salomon não tivesse uma participação ativa no atentado e sente uma enorme compaixão pelo encarcerado:

Salomon é implicado no assassinato de Rathenau e tem que ir à prisão. E então começa um sofrimento horrível para ele. Cinco anos de prisão em anos tão jovens – isso é terrível. Nesse contexto ele faz surgir diante de nós a prisão com uma realidade nunca vista, de modo que a imagem não pode mais ser esquecida.⁴³

⁴¹ Não foram encontradas informações biográficas de Ernst Kempfer, sequer no DLA (*Deutsches Literaturarchiv*) em Marbach, onde a crítica citada se encontra. Sua única publicação é o artigo “*Frontsoldatentum*”, que consta no periódico *Das Deutsche Wort*, o qual foi fundado por Ernst Rowohlt e Willy Haas em 1925 com o nome *Die literarische Welt*. O nome da publicação foi alterado em 1934 no contexto da política de *Gleichschaltung* (uniformização) do governo nacional-socialista. Muito possivelmente se trata de um pseudônimo (Kempfer é homófono de *Kämpfer*, “combatente”). Suspeito que possa se tratar do próprio Ernst Jünger ou alguém que quisesse se passar por ele: pelo discurso que enaltece os soldados heroicos, pelo uso, no título, de uma expressão recorrente em outras publicações suas, como nos títulos dos ensaios “*Revolution und Frontsoldatentum*” (*Gewisse*, agosto/1925) e “*Wesen des Frontsoldatentums*” (*Die Standarte*, 1925) e pelo fato de apresentar um grupo de autores que combateram no *front*, como na coletânea *Krieg und Krieger* (1932) que Jünger organizou.

⁴² “*In seiner jungen gläubigen Seele entsteht ein Riß, den er unbedingt zusammenpressen möchte. Sein Wunschbild war Deutschland, seine heiße Liebe zum Vaterland treiben ihn zu jenem kleinen Kreis von deutschbewußten Männern, die immer und überall bereit waren, sich selbst in die Bresche zu werfen.*” (KEMPFER, 1939, p. 272)

⁴³ “*Salomon ist in den Rathenau mord verwickelt und muß ins Zuchthaus. Und nun beginnt ein entsetzliches Leiden für ihn. Fünf Jahre Zuchthaus in so jungen Jahren – das ist furchtbar. Dabei läßt er vor uns mit einer unerhörten Realität das Zuchthaus erstehen, daß man das Bild nicht mehr vergessen kann.*” (KEMPFER, 1939, p. 272)

A avaliação geral do livro por Kempfer é bastante apologética e condescendente: “É um livro muito forte, que descreve os anos após a guerra com tal verdade e clareza, como, resumidamente, quase não aconteceu mais.”⁴⁴

A partir desse conjunto de análises, entre as críticas negativas, as neutras ou as apologias, podemos construir um panorama geral da leitura de *Die Geächteten* no momento em que foi publicado. Há um consenso geral de que se trata de um documento histórico, um testemunho dos acontecimentos na história alemã recente; fala-se em lembrar desses acontecimentos, para não se esquecê-los. Nesse sentido, não há uma cobrança pela qualidade literária da obra autobiográfica, da qual se espera mais uma apresentação desses acontecimentos do que sua representação estética, ainda que muitos reconheçam um valor literário pelo menos acima da média. Alker identifica algo de “fantasia” no relato, sem prejuízo para o seu caráter documental. Identificam, assim, a conexão entre o processo histórico e o destino individual, de modo que razões histórico-sociais se juntam a impulsos ou forças internas na construção do sentido da obra. Subjaz a mudança ideológica da sociedade alemã, que Thieß considera presente no “subconsciente” coletivo, enquanto Jünger, na mesma direção, fala de uma descrição “quase inconsciente” dessa geração. São mencionadas, ainda, a relação evidente entre guerra e política e a desconexão entre o Estado (lugar das decisões políticas na prática) e a nação (como identidade sociocultural). Alude-se à capacidade de Salomon de descrever objetivamente a situação e seu “mundo interno”. Aqui temos um paradoxo: como é possível falar do universo interno, subjetivo, de modo objetivo, principalmente quando a formulação das próprias ideias é tão nebulosa e muitas vezes irracional?

Quanto ao conteúdo, elogia-se a determinação dos soldados que são personagens do livro, sempre motivados pelo seu ideal, corajosos e obstinados. O problema, para os críticos mais moderados, é o “embrutecimento”, o “testemunho tenebroso”, a “imagem sombria” de suas ações. O comportamento que Muckermann considera “trágico” e Michel “demoníaco”, é identificado por outros como característico da juventude: a desorganização e o caos pela imaturidade, o ímpeto, as ações instintivas (ou seja, não controladas racionalmente), a falta de clareza e o “não-saber”. Thieß elogia a força da “masculinidade”, enquanto Michel identifica problemas que podemos considerar da

⁴⁴ “*Es ist ein sehr starkes Buch, das mit einer solchen Wahrheit und Klarheit die Jahre nach dem Kriege schildert, wie es zusammenfassend wohl kaum noch so geschehen ist.*” (KEMPFER, 1939, p. 272)

ordem do “masculino”: a lealdade e a coesão de grupo construídas pela experiência dolorosa conjunta, a força destrutiva para construir o novo, a falta de inibição (autocontrole) que gera o comportamento onipotente. Michel, como bom observador dos acontecimentos, prenuncia o problema do nacionalismo “imaturado” dentro do governo (a editora francesa relaciona os acontecimentos do livro, no passado, com a ascensão de Hitler ao poder que já estava acontecendo em 1933). De fato, no formulário de encomenda do livro pela editora Rowohlt se encontra um depoimento anônimo, retirado das *Nationalsozialistische Briefe* (cartas nacional-socialistas), que sugere o valor conferido ao livro pelo então crescente círculo nacional-socialista:

O livro da juventude nacional-socialista. Nosso livro! Quanto mais eu li, mais ele me prendeu, empolgante, cheio de sangue, cheio de paixão. Nisso está o significado desse livro, em que ele afirma a ação [*Tat*]. Antes – e hoje.⁴⁵

Já os defensores da obra falam das sensações eufóricas causadas pela leitura, elogiam o estímulo da coragem e a força da ação. Eles normalizam e legitimam a violência e humanizam o narrador, ao qualificá-lo como sensível e pensante e como um “verdadeiro alemão”, ou seja, um bom representante de seu ideal. A maior parte desses temas voltará a ser analisada no presente trabalho.

⁴⁵ “*Das Buch der Nationalsozialistischen Jugend. Unser Buch! Je mehr ich las, desto mehr ergriff es mich, packend, voller Blut, voller Leidenschaft. Darin liegt die Bedeutung dieses Buches, daß es die Tat bejaht. Damals – und heute.*” (Impresso no formulário de encomenda da editora Rowohlt [Berlin W 50], DLA)

2. CONFIGURAÇÃO DO ROMANCE

2.1. O fim da terrível guerra (que não havia terminado)

Há pouco mais de 100 anos, na manhã de 9 de novembro de 1918 (uma data recorrentemente crucial na história da Alemanha⁴⁶), Wilhelm II abdicava da posição de *Kaiser* do Império Alemão (*Deutsches Reich*) e se refugiava na Holanda. Dois dias depois, Matthias Erzberger, nos arredores de Compiègne (França), assinava o armistício que oficialmente pôs fim à Primeira Guerra Mundial. Bastante desgastados e endividados após anos de conflitos contra as forças Aliadas e com mínimas perspectivas de reação, os políticos alemães aceitavam, a despeito de imposições bem pesadas por parte dos vencedores, por termo ao primeiro conflito de dimensões globais da história; com isso, chegava ao fim também o império unificado, há menos de cinquenta anos, por Otto von Bismarck, enquanto chanceler a serviço de Wilhelm I da Prússia. (KOLB, 1988, pp. 7-8)

Poucas horas após a assinatura do acordo, as tropas recebiam instruções de cessar fogo, encerrando oficialmente um ciclo de quatro anos de batalha e a uma enorme mortalidade em termos absolutos. Internamente, a política alemã beirava o caos. O envio exaustivo de tropas para lutar nas trincheiras diminuiu a capacidade de controle interno pelo governo, o que favoreceu a formação de movimentos revolucionários em diversas cidades. Políticos da esquerda e do centro acusavam a guerra e a estrutura imperial pela miséria que arruinava a população civil. Socialistas e socialdemocratas enxergavam uma grande oportunidade para se estabelecerem como alternativas à organização imperial em colapso. No mesmo dia, que marcou na história a assim chamada “Revolução de Novembro” (*Novemberrevolution*), duas proclamações de república foram feitas: primeiro, pelo deputado socialdemocrata Philipp Scheidemann; poucas horas depois, Karl Liebknecht declarava o início da República Livre Socialista da Alemanha.

Portanto, o processo de instauração da república democrática alemã ocorreu através da ocupação de um vácuo no poder e foi, por isso, extremamente conturbado, sem amplo apoio das massas e tampouco das antigas elites. O clima de derrota e pessimismo

⁴⁶ O dia 9 de novembro é conhecido na Alemanha como “Dia do Destino” (*Schicksalstag*). Nesta data ocorreram eventos históricos importantes ao longo do século XX: a Revolução de Novembro (1918), aqui mencionada, o *Hitlerputsch* (1923), a Noite dos Cristais (1938) e a queda do muro de Berlim (1989). (LANG, 2016)

esteve acompanhado pela desilusão quanto aos valores culturais construídos e estabelecidos pelo império prussiano. Otto Maria Carpeaux sintetiza esse momento:

O defeito congênito da nova democracia alemã foi seu nascimento de uma grande guerra perdida pela nação. A república de Weimar nasceu quando a Alemanha parecia perdida: o imperador e os outros monarcas no exílio, os aristocratas despojados do poder, o exército dissolvido, a grande burguesia e os camponeses decepcionados em suas esperanças. Estava destruído tudo em que os alemães tinham acreditado durante decênios. A primeira reação foi um pessimismo tão total que considerava o fim da sociedade prussiana como o fim do mundo. (CARPEAUX, 1963, p. 223)

O comentário de Carpeaux é justamente construído para introduzir a grande obra de Oswald Spengler, *A decadência do Ocidente (Der Untergang des Abendlandes)*, publicada em 1918, que elabora a ideia de fim da civilização ocidental (a saber, da Europa e das Américas). Expressamente inspirado em Nietzsche, Spengler tem uma concepção vitalista das civilizações da história da humanidade como organismos vivos que estão fadados a um ciclo de nascimento e amadurecimento (partes constituintes da formação da cultura, que corresponde à “alma” da sociedade), seguidos de expansão e enfraquecimento (vinculadas ao estabelecimento da civilização, que corresponde à “técnica” da sociedade). Ele identifica, naquele momento, sintomas do estágio de declínio da civilização ocidental: a potência “faustiana” dos interesses econômicos, potência essa que separa o homem da terra, que almeja dominar a natureza e que é representada politicamente pela democracia:

A vida é o início e o fim, a torrente cósmica em forma microscópica. A vida é o fato dentro do mundo como história. Diante do ritmo irresistível da seqüência das gerações desaparece finalmente tudo o que a consciência vigilante logrou construir nos seus mundos espirituais. Na História, trata-se da vida e só da vida, da raça, do triunfo da vontade ou da potência, e não da vitória de verdades, de invenções ou de dinheiro. Assim termina o espetáculo de uma cultura superior, todo esse universo maravilhoso de divindades, artes, idéias, batalhas, cidades, e tudo torna a embocar nos fatos primordiais do sangue eterno, que é idêntico às flutuações cósmicas em seus perenes ciclos. (SPENGLER, 1964, pp. 440-441)

Essa obra complexa e ambígua, que tende mais à filosofia e à literatura do que propriamente à história, produziu reverberações tanto no movimento intelectual nacional-conservador, quando posteriormente no nacional-socialismo, na medida em que critica a modernização da sociedade e o avanço do capitalismo através da quebra dos vínculos comunitários e dos valores tradicionais da cultura.

Ao mesmo tempo, agora em termos materiais, a população enfrentava escassez de alimentos e de outros produtos de necessidade básica, devido ao remanejamento de recursos para produção bélica e a dificuldades de abastecimento externo. Além disso, boa parte das pessoas havia perdido algum parente ou amigo próximo (estimam-se dois milhões de alemães mortos e quatro milhões de feridos), de modo que se tornavam diretamente mais afetados pelos prejuízos humanos do grande conflito.

Muitos soldados que vivenciaram o terror da guerra de trincheiras perceberam que aquela realidade de destruição não poderia definir forma alguma de vida; nesse sentido, qualquer nova configuração poderia significar uma saída, ainda que não acreditassem seriamente nas propostas que emergiam da proclamação da república. O que para alguns representava pelo menos a tentativa de retomada da normalidade ou, em alguns casos, a esperança de um sistema político mais justo e equilibrado, seria tomado por outros como uma traição aos interesses da pátria. Ao lado disso, a dissolução da estrutura social da nação destituía também a centralidade unificadora da figura do *Kaiser*, que representava um ideal de força, ordem, respeitabilidade e justiça.

Toda essa situação deixaria perplexo qualquer jovem que ainda estivesse construindo sua personalidade a partir de seu contexto histórico-social. Para Salomon, que sempre havia frequentado escolas militares e acabava de se formar numa escola de cadetes, educado para defender a honra do imperador e a nação alemã contra inimigos externos e contra forças subversivas internas, a situação era vista com mais receio ainda:

E pela dissolução da ordem anterior, que aconteceu ao mesmo tempo que uma liberação dos desejos e vícios mais profundos e secretos, pelo afrouxamento de todos vínculos, um se afastou do outro e não precisou mais julgar necessário ocultar apreensivamente o conteúdo real de sua essência. Sim, de repente todos ficaram sozinhos e podiam apenas ser avaliados sozinhos, e toda amizade ficou impossível.⁴⁷

Neste trecho, fica clara a visão negativa que o narrador apresenta sobre o período histórico da formação da nova república, sem coesão social e com a suspensão de padrões vigentes de conduta e moral. No entanto, como já mencionado, Salomon não teve a

⁴⁷ “*Und durch die Auflösung der bisherigen Ordnung, die gleichzeitig geschah mit einer Freigabe der tiefsten und geheimsten Wünsche und Süchte, durch die Lockerung aller Bindungen entfernte sich der eine vom anderen und brauchte es nicht mehr für notwendig zu erachten, den eigentlichen Gehalt seines Wesens ängstlich zu verschleiern. Ja, so standen sie alle plötzlich für sich allein und konnten nur für sich allein gewertet werden, und jede Freundschaft wurde unmöglich.*” (*Die Geächteten*, p. 17)

oportunidade de lutar diretamente na Primeira Guerra, pois ela terminou quando ele ainda cumpria sua formação na escola de cadetes.

Fiquei espantado quando apalpei retroativamente história: cinco anos atrás eu era um cadete, um aluno escolar, um garoto pequeno, pálido e franzino na dignidade do uniforme imperial e faminto na guerra, mediocrementemente talentoso e, igualmente aos camaradas, temeroso de a guerra pudesse acabar sem que eu a tivesse experimentado.⁴⁸

Vejamos o contexto dos veteranos que de fato vivenciaram essa experiência.

2.1.1. Soldados: testemunhas da história a contrapelo

Eric Hobsbawm, em *Era dos extremos*, apresenta a mudança da visão sobre a guerra trazida pela experiência pelos combatentes da Primeira Guerra Mundial:

Os horrores da guerra na Frente Ocidental teriam consequências ainda mais tristes. Sem dúvida, a própria experiência ajudou a brutalizar tanto a guerra como a política; se uma podia ser feita sem contar os custos humanos ou quaisquer outros, por que não a outra? Quase todos os que serviram na Primeira Guerra Mundial – em sua esmagadora maioria soldados rasos – saíram dela inimigos convictos da guerra. Contudo, os ex-soldados que haviam passado por aquele tipo de guerra sem se voltar contra ela às vezes extraíam da experiência partilhada de viver com a morte e a coragem um sentimento incomunicável e bárbara superioridade – inclusive em relação a mulheres e não combatentes – que viriam a formar as primeiras fileiras da ultradireita do pós-guerra. (HOBSBAWM, 1995, p. 34)

Hobsbawm aponta, assim, duas principais categorias formada por essa experiência: a dos soldados “inimigos convictos da guerra” e a dos que formariam a “ultradireita pós-guerra”. O crítico Ernst Kempfer, aquele de identidade misteriosa, na análise de *Die Geächteten*, faz uma descrição do que constitui, para ele, o soldado da primeira guerra:

O soldado do *front* da guerra mundial tornou-se um tipo bastante claro. Dele foram despojadas todas as aparências: ele ficou, com demasiada frequência, de

⁴⁸ “Ich erschrak, als ich die Jahre zurücktastete: vor fünf Jahren war ich noch Kadett, Untersekundaner, im Kriege hungernd und in Würde der königlichen Uniform ein kleiner, blasser, schwächlicher Junge, mittelmäßig begabt und, gleich den Kameraden fürchtend, der Krieg möchte zu Ende gehen, ohne daß ich ihn miterlebt.” (*Die Geächteten*, p. 259)

braços dados com a morte. Seu tom era áspero e nítido, mas ele era caloroso e cordial. Nada era mais odioso para ele que o falso esplendor e a fama vaidosa.⁴⁹

Podemos perceber nesse “tipo” uma ambivalência: por fora, parece um bruto, mas por dentro, é carinhoso. Por trás da sua rispidez e agressividade, existe uma pessoa com sentimentos⁵⁰. Se essa aparência não é das mais simpáticas, como se espera no trato social, é porque, acima de tudo, ele conhece a dura experiência da morte – por muitas vezes. Essa experiência-limite justifica o despojamento, pelo indivíduo, de tudo o que não é essencial; por isso, a forma externa se torna irrelevante. Essa dualidade é transferida também para a dicotomia discurso-ação (“pare de falar, comece a fazer”):

Ele sentiu no próprio corpo que apenas a ação decide, nunca a palavra sozinha. Ele gostaria de acreditar em qualquer mudança; pois, nos primeiros anos do pós-guerra ele teve que duvidar longa e amargamente do sentido de sua missão. Mas ele sabe que o desempenho [*Leistung*] sempre vai decidir, assim como foi decisivo na guerra. O desempenho e a ação do indivíduo! Sua determinação, sua prontidão, sua coragem e seu sacrifício – esses são os fatores que são decisivos e, por isso, devem ser salientados, e sem eles nem o melhor comando de guerra e de tropas pode alcançar coisa alguma.⁵¹

Kempfer valoriza, portanto, a capacidade de decisão e ação dos soldados sem orientação por instâncias superiores, ao contrário do que se espera na ética da hierarquia militar. Além disso, a humildade é também requerida: não se tratam de heróis, mas apenas de homens que estão cumprindo seu papel.

Mas se alguém se dirigisse a esses homens como “heróis”, eles provavelmente responderiam com um alemão do *front* [*Frontdeutsch*] muito claro e, quando muito, falaria de um evidente cumprimento de dever. A guerra de exaustão,

⁴⁹ “*Der Frontsoldat des Weltkrieges ist zu einem ganz klaren Typ geworden. Von ihm sind alle Äußerlichkeiten abgeglitten: er hat zu oft mit dem Tod Arm in Arm gestanden. Sein Ton war rauh und deutlich, aber er war warm und herzlich. Nichts war ihm verhaßter als falscher Glanz und eitler Ruhm.*” (KEMPFER, 1939, p. 267-268)

⁵⁰ Na mesma linha, o slogan do Exército Brasileiro em 2019 é “Braço forte, mão amiga”. A intenção é representar a capacidade de proteger o povo contra a agressividade alheia mantendo com ele uma relação amistosa e cordial, pronta para ajudar quando necessário. Mas a mão amiga não se estende para todos: o braço forte pode se voltar contra o próprio povo. Em abril deste ano, soldados do exército mataram com 80 tiros de metralhadora um músico que passava de carro, com a família, por uma *blitz*, no Rio de Janeiro (Folha, 2019). Em 2018, a intervenção militar federal no Rio elevou o número de assassinatos por agentes federais (G1, 2018).

⁵¹ “*Er hat es am eigenen Leibe gespürt, daß nur die Tat entscheidet, niemals das Wort allein. Er möchte gern an jede Wandlung glauben; denn er hat in den ersten Nachkriegsjahren lange und bitter an dem Sinn seines Einsatzes zweifeln müssen. Aber er weiss, daß stets die Leistung entscheiden wird, wie auch nur sie im Kriege entscheidend war. Die Leistung und die Tat des Einzelnen! Seine Entschlußkraft, seine Einsatzbereitschaft, sein Mut und sein Opfer – das sind die Faktoren, die entscheidend sind und deshalb herausgestellt werden sollen, und ohne die auch die beste Kriegs- und Truppenführung nichts erreichen kann.*” (KEMPFER, 1939, p. 268)

em particular, nos ensinou que meios técnicos e grandes massas, sozinhos, nunca são suficientes, se o exército atacado tiver, em suas fileiras, homens que sejam soldados de verdade.⁵²

Contraditoriamente, Kempfer constrói a imagem heroica baseada no desempenho e na prontidão dos soldados, mas que não deve ser reconhecida como heroica, pois isso poderia transmitir uma ideia de que eles estão agindo por vaidade, por um reconhecimento social. De modo geral, portanto, o soldado do *front*, para Kempfer, é alguém que já viveu cenas de horror e que por isso passou a ter um aspecto áspero; no entanto, ele acredita que arriscar a vida é parte de seu dever e não aceita o reconhecimento; mais importante: ele não fala, ele age. Disso se subentende que ele não deve reclamar de seu trabalho precário, não deve se queixar de ter andado de braços dados com a morte. Portanto, mesmo que traumatizado, ele não tem a possibilidade de contar o que viu, muito menos se for algo que contrarie essa estrutura militar repressora. O silêncio é o que mantém essa estrutura intacta.

Efetivamente, até então, a guerra tinha sido parte da história comum europeia, como fato constituinte e inevitável da existência humana. Quase toda geração havia acompanhado os desdobramentos de algum conflito armado entre reinos ou nações. A tradição da arte bélica esteve patente em diversas obras da cultura ocidental, desde a *Ilíada*, exaltando o campo de batalha, o heroísmo e a coragem dos guerreiros. Ao longo da história, pinturas magníficas enalteciam o patriotismo e a glória das lutas. A história das guerras sempre havia sido contada do ponto de vista mais alto: o dos grandes generais, das táticas, das batalhas decisivas. O soldado descrito por Kempfer conhece essa história e só se recusa, por uma modéstia aparentemente contraditória, a ser chamado de herói porque os verdadeiros heróis, idealizados, que lhe serviriam de modelo, eram seus antepassados. Ele aceitou a missão de ser soldado como uma espécie de dom e missão.

No entanto, como nota Hobsbawm, nem todos os soldados do *front* eram assim. Dessa vez, lutaram muitos homens que, além de mais maduros, eram também mais letrados que os de guerras anteriores. Estes não aceitaram andar resignadamente de braços dados com a morte como algo suportável; por isso, decidiram romper com a tradição e

⁵² “Würde man aber diese Männer als „Helden“ ansprechen, so würden sie wahrscheinlich mit sehr deutlichem Frontdeutsch antworten und allenfalls von selbstverständlicher Pflichterfüllung sprechen. Gerade die Materialschlachten haben uns gelehrt, daß technische Mittel und Massen allein niemals ausreichen, wenn der Angegriffene Männer in seinen Reihen hat, die wirkliche Soldaten sind.” (KEMPFER, 1939, p. 269)

contar o que viram. Assim, muitos sobreviventes, que estiveram diretamente envolvidos nas ações das trincheiras, transcreveram suas impressões sobre essa experiência terrível. Esse ato de contar, ao mesmo tempo doloroso e nobre, abriu caminho para uma nova concepção sobre a guerra pela opinião pública.

O francês Jean Norton Cru, ele mesmo um veterano da Primeira Guerra, que abandonou o trabalho como professor nos Estados Unidos para defender a pátria com entusiasmo nacionalista, conheceu aquela realidade e procurou outros que pensassem da mesma forma. Ao longo de anos, coletou relatos de algumas centenas de soldados, entre diários, memórias, reflexões, cartas e romances, e os analisou na obra monumental *Témoins* (Testemunhas, 1929), que pouco tempo depois foi sintetizada, para o grande público, em *Du témoignage* (Sobre o testemunho, 1930). Nelas, Cru introduz o conceito de testemunho à historiografia como forma de apresentar a verdadeira história da guerra, não pela visão geral da história militar tradicional, mas contada por aqueles que de fato lutaram e estiveram diretamente expostos ao perigo: “Meu objetivo é trazer à luz o depoimento de testemunhas que são honestas e bem informadas, que sabem ver dentro de si e ao redor de si e sabem dar essa visão”⁵³. Cru foi ele mesmo uma dessas testemunhas: ele trabalhava como professor numa universidade nos Estados Unidos e se alistou na guerra, pelo exército francês, impellido por essa mesma tradição de prestígio bélico. No momento em que entrou em contato com a realidade da guerra, percebeu que todas aquelas concepções históricas não passavam de farsa: “A respeito da coragem, do patriotismo, do sacrifício, da morte, fomos enganados, e às primeiras balas reconhecemos de repente a mentira da anedota, da história, da literatura, da arte, das conversas de veteranos e dos discursos oficiais.”⁵⁴

Nos anos seguintes, debruçou-se sobre as publicações dos companheiros de armas para verificar que muitos compartilhavam de sua visão. A partir daí, tornou-se um pacifista e defensor do testemunho pessoal como fonte valiosa para a escrita da história. Estava ciente das objeções que essa fonte poderia enfrentar, principalmente em relação ao subjetivismo e à inconfiabilidade, características levadas em conta quando se trata de

⁵³ “*Mon but est de mettre en lumière la déposition des témoins probes, avertis, sachant voir en eux et autour d’eux, sachant rendre cette vision.*” (CRU, 1997, p. 20)

⁵⁴ “*Sur le courage, le patriotisme, le sacrifice, la mort, on nous avait trompés, et aux première balles nous reconnaissons tout à coup le mensonge de l’anecdote, de l’histoire, de la littérature, de l’art, des bavardages de vétérans et des discours officiels.*” (CRU, 1997, p. 30)

testemunhos no âmbito jurídico. Ele reconhece a impossibilidade de as testemunhas relatem de modo objetivo o que viram, dada a carga emocional dos acontecimentos. Por isso, ele procura definir um certo rigor científico para que a veracidade dos testemunhos seja apurada e eles sejam aceitos como fonte de informação histórica. Nesse sentido, demonstra bastante apego a noções como “verdade”, “fidelidade aos fatos”, “precisão fundamental”, “fatos precisos”, “erros” e “distorções”, numa perspectiva um tanto positivista. Às alegações contrárias ao uso dos testemunhos na escrita da história, ele replica que dados comuns encontrados em vários autores, no conjunto das obras, diminuem a possibilidade de uma percepção meramente subjetiva e individual; esse conjunto de vozes poderia falar da guerra não como uma “arte”, mas como um “fenômeno humano” (CRU, 1997, p. 7). Além disso, a vivência por meses e até anos no *front* determina uma percepção constante, longa e repetida dos acontecimentos, diferente da testemunha de um acidente ou um crime, por exemplo, que acontece uma vez, em questão de segundos. Tendo em vista esses argumentos, da força do testemunho coletivo e da repetição contínua das experiências, Cru tem condições de contrariar o chamado “paradoxo de Stendhal”, citado por alguns soldados-escritores, segundo o qual aquele que está no meio da ação da guerra é quem menos teria condições de testemunhá-la com lucidez. Esse suposto paradoxo tem sua origem a partir da figura de Fabrice del Dongo, do romance *La Chartreuse de Parme*, que, em plena batalha de Waterloo, não reconhece nela aquele “espetáculo sublime”, construído em seu imaginário, que gostaria de vivenciar como soldado; ele sequer compreende o que poderia “sacudir a terra de um jeito tão peculiar: os canhões” (CRU, 1997, p. 23). Cru interpreta a narrativa fictícia de Stendhal como uma caricatura humorística que confronta o ideal heroico com a realidade feia e perversa, que ele mesmo testemunhou, enquanto outros preferem entendê-la literalmente, afirmando que os generais, do alto escalão, e os civis, através dos jornais, poderiam saber mais da guerra do que os próprios soldados. Na realidade, segundo Cru, o alto escalão, que vê a guerra de cima, não pode ter a dimensão da experiência da luta direta. Além disso, muitas vezes, os generais são enganados pelos relatórios dos oficiais que preferem evitar desagradá-los. Sem contar que, muitas vezes, as ordens superiores não são obedecidas pelos batalhões em ação. Também os historiadores e a imprensa são comprometidos com a satisfação de seu público e por isso podem escolher a interpretação que melhor convier do volume de informações que eles conseguem obter. Portanto,

segundo esse ponto de vista, são os próprios soldados no *front* que ocupam a posição mais adequada para apresentar os acontecimentos e percepções da guerra. Desse modo, Cru justifica seu trabalho:

Meu propósito é dar uma imagem da guerra de acordo com aqueles que a viram mais de perto; tornar conhecidos os sentimentos do soldado, que não são sentimentos adquiridos por imitação ou influência, mas que são sua reação direta ao contato com a guerra; revelar toda uma literatura, toda uma classe de testemunho, uma atitude de espírito, uma fé, um ideal, a alma secreta desta franco-maçonomia dos “peludos” [soldados franceses que voltavam da guerra], todas as coisas desconhecidas, ou seja, e o que é pior, mal conhecidas e não reconhecidas.⁵⁵

Ao chegar na guerra, Cru percebeu que a tradição, que é transmitida pela cultura, criava uma noção falsa da guerra e, por isso, deveria ser desconstruída a partir do testemunho daqueles que lá estiveram. A partir dos relatos coletados, Cru procura desmistificar diversas lendas que essa tradição e o senso comum ensinam sobre a guerra e a índole do soldado. De modo geral, essas lendas procuram, por um lado, normalizar a guerra e torna-la aceitável; por outro, tentam promovê-la ao patamar de experiência sublime pela qual os homens valorosos devem passar. Por exemplo, insinua-se que a guerra seja uma mera forma de competição, análoga à prática de esportes, (em especial aqueles mais violentos), tão apreciados pelos seres humanos. Cru lembra que o objetivo desses esportes não é executar o adversário, portanto a guerra não pode ser vista como mera competição. Tampouco é possível a luta corporal, já que raramente os corpos de soldados adversários se encontram na batalha. No imaginário popular, são também comuns as visões de ataques em blocos massivos de soldados que varrem o exército inimigo, como se imagina em eras anteriores⁵⁶; na guerra moderna, esse movimento perde totalmente o sentido pois aglomerações de soldados se tornam alvos fáceis de canhões, bombas e granadas. Exageros como pilhas de cadáveres de soldados acumulados ou enxurradas de sangue no campo de batalha não passam de mera ilusão inspirada na

⁵⁵ “*Mon but est de donner une image de la guerre d’après ceux qui l’ont vue de plus près ; de faire connaître les sentiments du soldat, qui ne sont pas des sentiments acquis par imitation ou par influence, mais qui sont sa réaction directe au contact de la guerre ; - de révéler toute une littérature, toute une classe de témoignages, une attitude d’esprit, une foi, un idéal, l’âme secrète de cette franc-maçonnerie des poilus, toutes choses inconnues, ou plutôt, et ce qui est pire, mal connues et méconnues.*” (CRU, 1997, p. 28)

⁵⁶ Produções audiovisuais populares como *Braveheart* (*Coração valente*), *300*, *O senhor dos anéis* (*The lord of the rings*), *Vikings* e *Game of Thrones* colaboram para a construção dessa imagem de uma enorme massa de guerreiros que, como ondas humanas gigantes, se chocam e produzem um efeito estético de incommensurabilidade.

tradição poética. Além disso, a coragem de um guerreiro era possível na medida em que ele, à maneira de Aquiles, podia contar com força e destreza superiores às de um adversário em condições semelhantes (homem contra homem). Na guerra moderna, o corpo humano não tem a menor condição de enfrentar a destruição massiva e mecanizada (mesmo motivo pelo qual a baioneta se torna inútil), por isso não existe tal coisa como um bom soldado que não tenha medo: todos, sem exceção, segundo Cru, sentem medo, ainda que deem prova de muita coragem:

Nós temos medo porque somos homens e é o medo que tem preservado a vida de todos nós que sobrevivemos. Sem medo não teríamos vivido 24 horas na primeira linha. Teríamos cometido tantas imprudências por desatenção que teríamos recebido a bala que espreita tanto o distraído como o corajoso.⁵⁷

Como todas essas lendas fazem parte do imaginário dos soldados atraídos para a participação na guerra, como foi o caso de Cru, o que mais desejam, a partir do momento em que eles vivenciam essa realidade, é que as pessoas saibam a verdade sobre a guerra, para que não se iludam.

Ao analisar o conteúdo dos relatos, Cru demonstra um grande preocupação com a verdade factual em detrimento de efeitos estéticos do texto. Para ele, os diários são os mais relevantes para o testemunho histórico, pois possuem, “por definição, uma exatidão fundamental”, na medida em que contêm “mais precisões e menos literatura”, ou seja, possuem mais valor documental que estético. Além disso, por serem redigidos no dia-a-dia, quando os fatos e sentimentos são captados ainda no calor do momento, evitam a verdade “sintética” ou “inventada” (CRU, 1997, pp. 87-90), que tem seu lugar de honra na literatura. Os romances de guerra, segundo Cru, devem ser observados com cautela, pois caracterizam um “gênero híbrido”, já que apresentam reminiscências junto com “liberdade de invenção”, frequentemente, “invocando uma verdade estética superior à verdade dos fatos” (CRU, 1997, p. 106):

Todos os autores de romances de guerra se gabam de falar em testemunhos, de fazer um depoimento diante da história. Como conciliar essa pretensão com a

⁵⁷ “*Nous avons peur parce que nous sommes des hommes, et c’est la peur qui a préservé la vie de nous tous qui survivons. Sans peur nous n’aurions pas vécu 24 heures en première ligne ; nous aurions commis tant d’imprudences par inattention que nous aurions vite reçu la balle qui guette le distrait comme le téméraire.*” (CRU, 1997, p. 68)

liberdade de invenção? De fato, esses romances semeiam mais erros do que proclamam verdades, o que era de se esperar.⁵⁸

No entanto, existe uma parcela desses romances que tentam abrir mão da liberdade de invenção e que contribuem para a historiografia por seu conteúdo “verídico”:

Eles são corretos porque os autores renunciaram à liberdade de invenção, contaram fielmente sua campanha com toda a precisão de tempo e de lugar e só introduziram um elemento ficcional naquilo que não toca nos fatos e nos sentimentos de sua experiência de combate. Esses são romances autobiográficos.⁵⁹

Fica nítido, para Cru, que a relação entre literatura e testemunho representa uma querela para o historiógrafo, pois ela se traduz, em outras palavras no “conflito entre a independência da arte e as exigências da verdade histórica, ou, mais especificamente, o conflito entre a imaginação do escritor e o testemunho que é aceitável pela história”⁶⁰, que se conforme aos requisitos da crítica histórica. Esse problema é acentuado quando se trata dos escritores que estiveram no *front*, já que existe uma tradição literária que faz uso de certos modos e métodos para construir efeitos estéticos, e uma tradição cultural, na qual se inclui a literatura de guerra, que reproduz e perpetua aquela série de lendas já mencionadas. Esse conflito entre o procedimento ficcional romantizado da literatura e a incapacidade de reconhecer e compreender o objeto de representação cria uma enorme dificuldade para o escritor:

(...) de acordo com os combatentes, a guerra os desconcerta, subverte todas as suas noções sobre a boa maneira de compor um romance comovente; eles não sabem por onde segurá-la, que artifício empregar para tornar essa selvagem aceitável. Como sujeitos, eles não compreendem a guerra; eles não hesitam em traí-la ao cortá-la em capítulos de um folhetim.⁶¹

⁵⁸ “Tous les auteurs de romans de guerre se targuent de parler en témoins, de faire une déposition devant l’histoire. Comment concilier cette prétention avec la liberté d’invention ? En fait ces romans ont semé plus d’erreurs qu’ils n’ont proclamé de vérités, ce qui était à prévoir.” (CRU, 1997, p. 99)

⁵⁹ “Ils sont justes parce que les auteurs ont renoncé à la liberté d’invention, ont raconté fidèlement leur campagne avec toutes précisions de temps et de lieu, et n’ont introduit un élément fictif que dans ce qui ne touche pas aux faits et aux sentiments de leur expérience du combat. Ce sont romans autobiographiques.” (CRU, 1997, pp. 99-100)

⁶⁰ “Mais il est une question plus limitée qui nous importe ici et qui nous oblige à faire allusion à la première : le conflit entre les exigences de la vérité historique ou, plus spécifiquement, le conflit entre l’imagination de l’écrivain et le témoignage acceptable par l’histoire.” (CRU, 1997, p. 103)

⁶¹ “(...) la guerre selon les combattants les déroute, elle bouleverse toutes leurs notions sur la bonne manière de composer un roman émouvant ; ils ne savent par quel bout la prendre, quel artifice employer pour rendre cette sauvage acceptable. En tant que sujet ils ne comprennent pas la guerre ; ils n’hésitent pas à la trahir en la découpant en chapitres de roman-feuilleton.” (CRU, 1997, p. 106)

Tal dificuldade se manifesta nas produções literárias sobre a guerra de diversas formas. Uma delas, que Cru chama de “desculpa pacifista”, é composição de obras que apresentem a guerra do modo mais sanguinário e vil, o pior possível, de maneira que o público acredite servirem à causa da paz, sem se questionar se esse retrato do mal é “verdadeiro” e de acordo com a realidade. Ele cita, entre os exemplos, o romance de Erich Maria Remarque, *Im Westen nichts Neues* (*Nada de novo no front*, de 1929), que ficou mundialmente conhecido por sua riqueza de detalhes e pela perspectiva antibelicista. No entanto, para Cru, suas cenas de batalhas ficam devendo em termos de “fidelidade aos fatos” e, com isso, o verdadeiro mal da guerra não pode ser identificado e combatido com eficácia.

Não se trata de atribuir à guerra todos os crimes, todos os horrores imagináveis, sob o pretexto de que ela é um flagelo. É necessário denunciar seus crimes reais, revelar seus horrores reais, afim de que se possa evitar seu risco com conhecimento de causa. Acusar a guerra não está ao alcance de todos os escritores. Para fazer esta acusação é necessário um espírito justo e uma grande integridade intelectual. O escritor cuja preocupação primeira não é servir, mas impor sua obra ao público, cai inevitavelmente na fantasia, no sensacionalismo gratuito, muitas vezes, no sadismo. Nem há mesmo necessidade de inventar, pois os temas existem na literatura e são utilizados há muito tempo.⁶²

Nesse sentido, obras como a de Remarque, ainda que agradem ao gosto dos pacifistas, não contribuem para a observação da realidade e para o espírito crítico, pois seguem utilizando a mesma noção estética bélica da tradição, de violência a sangue frio, apenas trocando a carnificina heroica por uma carnificina insana e desumana.

Eles certamente não se basearam em sua experiência pessoal de combate. Os escritores dotados do senso do público, cientes da atração doentia que exerce o gesto assassino, a faca ensanguentada, o cadáver mutilado, jogaram com essas coisas de modo inconveniente através de uma arte deformadora, e serviram à multidão manipulável aquilo que ela está lendo há séculos, mas colorindo-as à moda do dia.⁶³

⁶² “Il ne s’agit pas d’attribuer à la guerre tous les crimes, toutes les horreurs imaginables, sous prétexte qu’elle est un fléau. Il faut dénoncer ses crimes réels, révéler ses horreurs véritables, afin qu’on puisse éviter son risque en connaissance de cause. Accuser la guerre n’est pas à la portée de tous les écrivains. Pour faire ce réquisitoire il faut un esprit juste et une grande probité intellectuelle. L’écrivain dont la préoccupation première est, non pas de servir, mais d’imposer son œuvre au public, tombe inévitablement dans la fantaisie, le sensationnel gratuit, trop souvent le sadisme. Il n’a même pas besoin d’inventer, car les thèmes existent dans la littérature et servent depuis longtemps.” (CRU, 1997, pp. 110-111)

⁶³ “Ils ne l’ont certes pas puisée dans leur expérience personnelle du combat. Littérateurs doués du sens du public, avertis de l’attraction malsaine qu’exercent le geste tueur, le couteau sanglant, le cadavre mutilé, ils en ont joué hors de propos avec un art déformateur, et ont servi à la foule moutonnaire ce qu’elle lit depuis des siècles, mais en le colorant à la mode du jour.” (CRU, 1997, pp. 111-112)

Dessa maneira, Cru critica a estetização da violência mesmo no relato antibelicista. Os comentários de Muckermann a Salomon, expostos na seção 1.1.2, são, na verdade, uma comparação para criticar outra publicação de Remarque, *Der Weg zurück* (*O caminho de volta*, de 1931). Muckermann considera essa obra um valioso testemunho do sofrimento dos soldados, porém desaprova o seu pessimismo extremo, que “permanece na alma como uma dor penetrante”, “não como um refinamento das artes, mas como um quê de tormento físico, como um pesadelo, como uma comiseração inconjurável por esse autor, por essa juventude, por esse povo”. Por isso ele se questiona se é válido o efeito melancólico que o livro causa no leitor: “Isso é ar de cemitério e atmosfera de cemitério, igual ao que se sente diante de sepulturas que não têm cruz nem promessa de vida eterna. O que fica então? Um cheiro de podridão, e nada mais”⁶⁴. Ele reconhece a importância do testemunho de Remarque, que não pode ser ignorado, mas ao mesmo tempo receia e refuta sua ampla divulgação para as massas, pois ela poderia trazer efeitos negativos, do seu ponto de vista católico, para a consciência e para o ânimo da nação:

Contudo, somos gratos por este livro. É uma descrição do destino de um soldado que estava lá fora e arriscou sua vida por nós. Ele permanece símbolo de uma juventude e quem pode dizer quantos fazem parte dela? Ele grita para nós: curem esse jovem! Não passem por ele impassíveis! Eles experienciaram o destino. Eles estão marcados. Que seja tomado como documento, importante para educadores. Mas na mão do povo não se dá esse livro. Há nele um pessimismo que corrompe tudo. Depois disso só há ainda decadência ou bolchevismo ou anarquia, indignidade a partir do desespero.⁶⁵

Ainda que Muckermann se inquiete com o potencial revolucionário de um autor como Remarque, sua ética cristã exige que ele tenha compaixão pelo ser que sofre. Por

⁶⁴ “*Es bleibt nur ein stechender Schmerz in der Seele zurück, ein nicht mehr zu überbietender Pessimismus, nicht als künstlerische Läuterung, sondern als physich-quälendes Etwas, wie ein Alp, wie ein nicht zu bannendes Mitleid mit diesem Autor, mit dieser Jugend, mit diesem Volk. Friedhofsluft ist das und Friedhofsstimmung, so wie man sie empfindet vor Gräbern, die kein Kreuz haben und keine Verheißung des ewigen Lebens. Was bleibt eigentlich? ... Fäulnisgeruch, und weiter nichts.*” (MUCKERMANN, 1931, pp. 803-804)

⁶⁵ “*Dennoch sind wir dankbar für dieses Buch. Es ist die Schilderung des Schicksals eines Soldaten, der draußen war und sein Leben für uns eingesetzt hat. Es bleibt Symbol einer Jugend, und wer kann angeben, wie viele zu ihr gehören? Es schreit uns zu: Heilt diesen Jungen! Geht nicht mitleidlos an ihn vorüber! Sie haben Schicksal erfahren. Sie sind gezeichnet. Man nehme es als Dokument, wichtig für Pädagogen. Aber in die Hand des Volkes gebe man dieses Buch nicht. Es ist ein Pessimismus darin, der alles zersetzt. Darnach gibt es nur noch Untergang oder Bolschewismus oder Anarchie, Würdelosigkeit aus Verzweiflung.*” (MUCKERMANN, 1931, pp. 804-805)

isso, ele procura neutralizar o discurso subversivo do autor, tratando-o como alguém que está doente por efeito da situação da nação:

Que essa não seja, todavia, a nossa última palavra. Quem escuta com carinho, sente no galho podre ainda a leve reverberação de um grande amor pelo povo e pela terra natal. Se Remarque está doente, ele também está doente da Alemanha. Isso nós entendemos, isso respeitamos.⁶⁶

Assim, Cru e Muckermann, ainda que por motivos diametralmente opostos, criticam os artifícios literários de Remarque: Cru porque essa formulação estética desvia seu caráter positivista de apresentação dos fatos como realmente aconteceram (em termos de escrita “fiel” da história), ainda que reconheça o efeito de mudança na percepção tradicional da guerra pelos leitores; enquanto Muckermann porque teme esse efeito transformador que a obra pode causar no leitor, justamente porque, reconhece o seu valor testemunhal, apesar de que discorde do conteúdo em si.

Outro problema da abordagem literária do testemunho, para Cru, é a síntese, ou seja, a tendência a abordar a guerra de modo amplo e abstrato e não em seus pequenos detalhes. A preocupação de Cru, novamente como historiador, é a possibilidade de verificação, por exemplo, de informações cronológicas ou topográficas, ou o compartilhamento de informações únicas sobre a rotina da guerra a que o público geral dificilmente teria acesso, como as grandes dificuldades com a higiene e a penúria física e psicológica das trincheiras. “Esse valor estético não tem nada a temer com o tempo, porque é algo além de um sucesso de estilo; tem uma base sólida de observação exata, de revelação sincera, de crítica motivada.”⁶⁷ Nesse ponto, Cru elogia o romance de Remarque, pois contem cenas inigualáveis e memoráveis de momentos no *front*, que não procuram sintetizar a experiência como um todo. Assim, para Cru, a crítica de romances de teor testemunhal não deve focar em critérios estéticos ou de verossimilhança geral, mas sim verificar os detalhes dos fatos ou das opiniões e ser capaz de sinalizar “erros”. Ela deve ser imparcial e buscar jogar luz sobre “o tipo de assunto mais intrincado que os escritores já abordaram”.

⁶⁶ “*Sei dieses immerhin nicht unser letztes Wort. Wer liebevoll hinhört, spürt doch im morschen Geäst noch den leisen Nachklang einer großen Liebe zu Volk und Heimat. Ist Remarque krank, er ist auch an Deutschland krank. Das verstehen wir, das achten wir.*” (MUCKERMANN, 1930/31, p. 805)

⁶⁷ “*Cette valeur esthétique n’a rien à craindre du temps parce qu’elle est autre chose qu’une réussite de style; elle a un fond solide d’observation exacte, de révélation sincère, de critique motivée.*” (CRU, 1997, p. 114)

Cru ressalta, ainda, a importância dos testemunhos que coletou durante a produção de *Témoins*, para diversas áreas de pesquisa, já que o conteúdo dos livros publicados pelos combatentes abrangia um conhecimento que somente os homens que lutaram na guerra tinham. Ele sugere que o material preparado seja utilizado também por pesquisadores de outros campos, em especial a psicologia, que até então ainda carecia de um estudo da estrutura psíquica dos soldados (em especial sobre os valores que lhes são caros, como a disciplina, o auto sacrifício, o patriotismo, o desejo de lutar, etc.), de suas sensações e emoções durante a batalha e dos efeitos que a experiência de guerra lhes causava depois que voltavam para casa. Desse modo, cabe ao psicólogo recorrer à única fonte de informação que nasce da própria trincheira, a fim de preencher as lacunas dos estudos sobre esse tema e de corrigir as noções falsas que foram assim construídas devido à falta de documentação direta (CRU, 1997, p. 124-125). Cru elabora, então, uma teoria da memória no que concerne a produção testemunhal:

A testemunha esquece, mas se ela se contentasse em perder o rastro dos fatos seria menos ruim. Na realidade, sua memória o engana: ela recria à medida que apaga o esquecimento e essa criação jamais é conforme à realidade primitiva. Ela é inspirada por noções conservadas há muito tempo na mente, neste caso pela imagem tradicional e legendária da guerra. Isso explica como essa testemunha poderá contar, de boa-fé, que ele viu e realizou coisas de acordo com a guerra segundo os livros, mas em contradição com sua experiência de combatente.⁶⁸

Ou seja, à medida que a testemunha esquece algumas coisas, a memória procura preencher esses lapsos com outras ideias já gravadas na memória, que tornam o todo algo internamente coerente – “não lembro bem, mas foi algo assim; é só pode ter sido isso, então foi isso”. Por outro lado, nem mesmo a testemunha mais consciente, com a maior experiência, pode ter conhecido todos os fatos da guerra que presenciou, pois normalmente há fatos excepcionais, estranhos e inacreditáveis. A memória também se alimenta das interações com outras fontes, que ajudam a tornar coesa aquela lembrança fragmentada. Por isso, Cru considera que, para a história, segundo sua lógica de busca obstinada pela verdade tal qual aconteceu, servem-lhe os casos gerais, aqueles que são

⁶⁸ “*Le témoin oublie, mais s’il se contentait de perdre la trace des faits il n’y aurait que demi-mal. En réalité sa mémoire le dupe : elle recrée à mesure ce qu’efface l’oubli et cette création n’est jamais conforme à la réalité primitive. Elle est inspirée par de notions longuement entretenues dans l’esprit, en l’espèce par l’image traditionnelle et légendaire de la guerre. Cela explique comment ce témoin pourra raconter, en toute bonne foi, qu’il a vu et accompli des choses conformes à la guerre selon les livres, mais en contradiction avec son expérience de combattant.*” (CRU, 1997, p. 126)

comuns a diversos depoimentos de testemunhas, pois elas denotam uma evidência de maior probabilidade de fidelidade aos fatos, enquanto que, para a psicologia, serve a exceção, que é mais subjetiva e que pode preservar um novo indício para a compreensão da experiência da guerra na mente humana. Uma dessas regras gerais mostra que a guerra é detestável, sem reservas, para o homem que a faz; esse é um testemunho quase unânime dos combatentes, que demonstra que, ao contrário do que profere a tradição heroica militar, não existe um prazer pelo risco, nem no ataque, muito menos sob o bombardeio.

O fascínio do perigo de outrora poderia se explicar pela confiança do guerreiro em sua própria força e destreza, sua convicção de que pode pessoalmente influenciar seu destino e a trama da luta, em sua habilidade em defender a integridade de seu corpo e manter sua vantagem. Ou seja, um guerreiro podia individualmente provar seu valor. Na guerra moderna, ao contrário, o soldado é uma “vítima impotente e sente a angústia intolerável de esperar o golpe fatal do destino cego” (CRU, 1997, p. 132-133). Ele não pode fazer nada para garantir a proteção de sua via e por isso não tem outra saída senão abraçar seu dever com horror, porque o contrário seria absurdo. Assim, a coragem se mostra na determinação de executar a tarefa que lhe foi atribuída, ao mesmo tempo em que o medo lhe toma. São duas demandas que ele assume como necessárias e inevitáveis: coragem e medo guiam o soldado de mãos dadas. Portanto, coragem só existe na guerra junto com o medo. O único soldado que pode estar a salvo do medo, pelo menos temporariamente, é o louco: o homem que sofre de *shell-shock* ou de insensibilidade devido ao excesso de emoção. Nessas condições, a disciplina se torna um princípio secundário, pois a ameaça de uma força muito mais terrível, mais presente e imediata, pode destituir o soldado daquela coragem imposta e faz com que sua reação diante do perigo não seja aquela determinada pelo posto de comando.

Tendo tudo isso em vista, é de se questionar por que motivo muitos desses soldados, como Salomon e Jünger, mantiveram em seus escritos o componente heroico bélicas, se suas experiências pessoais haviam sido provavelmente parecidas com as de Cru, de Remarque e tantos outros. Cru considera que esses autores foram incapazes de resistir às opiniões prevalentes em livros, na imprensa ou no ambiente social e não tiveram força o suficiente para reagir contra a corrente da tradição, a qual opera como elemento adulterante da percepção; neste caso, por meio da doutrinação militarista através da história, das escolas e das proclamações patrióticas. A guerra era uma mentira da cultura.

De acordo com Cru, as testemunhas sinceras reagiram contra a tirania da tradição, pois tiveram a coragem de anotar suas percepções e sentimentos em pleno campo de batalha e de compor depoimentos honestos, simples e sérios, que permitiram que a verdade prevalecesse.

O horror inspirado pela guerra teve por efeito suscitar em alguns combatentes um desejo apaixonado de gritar a verdade, apesar de tudo e apesar de todos, a fim de desmentir a tradição, que eles tinham vergonha de ter anteriormente aceitado antes de sua chegada ao combate.⁶⁹

Passam a existir, portanto, pelo menos dois discursos principais sobre a experiência da guerra: a tradicional, mítico-heroica, contada pelo posto de comando, baseada na cultura do silêncio do soldado raso e seguida por soldados como o descrito por Kempfer; e a testemunhal, real-traumática, contada pelos próprios soldados que romperam o silêncio ancestral.

O conceito de testemunho, lançado na historiografia por Cru, após a Primeira Guerra, agregou novas conotações à medida que o século dos extremos, ou das catástrofes, avançou como máquina mortífera ao longo da série de eventos históricos coletivamente traumáticos de que foram palco.

2.2. O novato narrador

Era justamente no fim de 1918, logo após o acordo de paz, quando Ernst von Salomon, um oficial inexperiente, franzino e intimidado, foi nomeado cadete e designado para a manutenção da ordem e da segurança nas ruas de Berlim. Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg haviam fundado recentemente o Partido Comunista Alemão e organizado conselhos de trabalhadores e soldados em Berlim. No entanto, membros de *Freikorps* (regimentos paramilitares formados por voluntários, geralmente fiéis ao *Kaiser*), assassinaram os líderes espartaquistas, no dia quinze de novembro do mesmo ano. Milhares de pessoas tomavam as ruas quase diariamente para protestar; nessas situações, jovens soldados como Salomon eram frequentemente hostilizados pela massa. Nesse

⁶⁹ “L’horreur inspiré par la guerre a eu pour effet d’éveiller chez quelques combattants un désir passionné de crier la vérité, malgré tout et malgré tous, afin de démentir la tradition qu’ils avaient honte d’avoir jadis acceptée avant leur arrivée au feu.” (CRU, 1997, p. 139)

mesmo período, as tropas sobreviventes da guerra voltavam às cidades. Ao acompanhar o desfile de um batalhão que retornava, percebeu nos soldados um silêncio e um distanciamento em relação à sociedade que assistia ao retorno de seus heróis.

Meu Deus, que aparência tinham, que aspecto tinham aqueles homens! O que era aquilo, aquilo que vinha marchando? Aqueles rostos extenuados e impassíveis sob os capacetes de aço, aqueles membros ossudos, aqueles uniformes rasgados e empoeirados! Carregavam eles ainda no cérebro, aglomerado a um novelo de visões rodopiantes, o emaranhado de estrondosas batalhas, assim como eles carregavam ainda no uniforme a sujeira e a poeira dos campos destruídos por canhões? Não era possível suportar. Eles marchavam, como se fossem os enviados da morte, do frio mais mortal, mais solitário, mais gélido. Afinal, aqui era a terra natal, aqui aguardava por eles o calor, a felicidade, por que se calavam, por que não gritavam, por que não jubilavam, por que não riam?⁷⁰

Como já foi dito, Jünger considera que Salomon conseguiu captar, como poucos, o sentido desses rostos, que estariam tão sisudos por uma falta de reconhecimento pela população, porém sem se exasperarem, pois estavam seguros de si por seu dever cumprido:

O primeiro despertar é de um tipo nobre, pelo qual o soldado do *front* sempre estará em dívida com seus irmãos mais novos. Porque esses meninos, que naqueles anos viveram uma juventude faminta e abandonada, a qual ninguém invejará, talvez fossem os únicos que souberam respeitar e entender os regressantes, os únicos que, no meio de um tempo sóbrio e decepcionado, ainda eram capazes de sentir o elemento heroico. Por isso, sua mágoa com a recepção vergonhosa e traiçoeira que saudou o verdadeiro guerreiro na Alemanha foi muito mais quente do que a do próprio guerreiro, a quem o sentimento de realização dava segurança interior.⁷¹

⁷⁰ “O Gott, wie sahen sie aus, wie sahen diese Männer aus! Was war das, was da heranmarschierte? Diese ausgemergelten, unbewegten Gesichter unter dem Stahlhelm, diese knochigen Glieder, diese zerfetzten staubigen Uniformen! (...) Trugen sie noch, zu einem Knäuel quirlender Visionen geballt, die Wirre tosender Schlachten im Hirn, wie sie den Dreck und den Staub der zerschluchteten Felder noch in den Uniformen trugen? Dies war kaum zu ertragen. Sie marschierten ja, als seien sie Abgesandte des Todes, des Grauens, der tödlichsten, einsamsten, eisigsten Kälte. Hier war doch die Heimat, hier wartete die Wärme auf sie, das Glück, warum schwiegen sie, warum schrien sie nicht, warum jubelten sie nicht, warum lachten sie nicht?” (Die Geächteten, p. 25)

⁷¹ “Das erste Erwachen ist von einer noblen Art, für die der Frontsoldat seinen jüngeren Brüdern immer zu Dank verpflichtet sein wird. Denn diese Jungen, die in jenen Jahren eine verhungerte und verlassene Jugend durchlebt haben, um die sie niemand beneiden wird, waren vielleicht die einzigen, die die Rückkehrenden zu achten und zu verstehen wußten, die einzigen, die inmitten einer nüchternen und enttäuschten Zeit noch das heroische Element zu spüren in stande waren. Daher war ihre Erbitterung über den schmachlichen und verräterischen Empfang, der den wirklichen Krieger in Deutschland begrüßte, viel heißer als der des Kriegers selbst, dem das Gefühl der Leistung innere Sicherheit verlieh.” (JÜNGER, 1930, p. 47)

Por outro lado, a descrição feita pelo narrador de *Die Geächteten* materializa visualmente a constatação de Walter Benjamin, em seu célebre texto “O Narrador” (1936), a respeito da mudez dos soldados que retornavam da guerra:

Não se notou, ao final da guerra, que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha; não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável? E o que se derramou dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. (BENJAMIN, 2012, p. 214)

As expressões inertes dos rostos daqueles soldados, interpretadas por Salomon como uma espécie de superioridade ou distanciamento dos homens comuns, apenas através observação, sem a comunicação oral, foi potencialmente equivocada. O livro *Die Geächteten* não trata, de fato, da experiência da Primeira Guerra Mundial, mas da vivência direta e pessoal de Salomon toda desencadeada por essa equivocada dedução sobre aquela experiência, baseada na ideologia militarista e conservadora que adquiriu em sua formação ao longo da adolescência, e que procura dar voz à experiência específica dos soldados voluntários dos *Freikorps*, uma minoria inconformada com a derrota negociada pelos políticos, e não à experiência traumática da vasta maioria dos soldados que lutaram ao longo dos quatro anos de conflito. Pois se por um lado Salomon notou o desmentido das experiências econômica, corporal e moral de sua época, conforme aponta Benjamin, o mesmo não ocorreu para a experiência estratégica da guerra:

Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmentidas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela batalha material e a experiência moral pelos governantes. (BENJAMIN, 2012, p. 214)

Das batalhas de que Salomon participou, que ainda seguiam a atmosfera da guerra em desfecho, com suas táticas e tecnologias altamente destrutivas e letais, são feitos relatos que descrevem a violência do combate e a experiência próxima da morte: vários companheiros de batalha perecem a seu lado, alguns proferindo suas palavras finais; ele mesmo passa por uma situação de situação de morte anunciada, sendo salvo por um triz; no entanto, esses momentos são tidos meramente como acontecimentos fatídicos: eles, como soldados profissionais, ao contrário de tantos civis que teriam assumido a luta armada como demonstração de patriotismo, aceitavam a morte como consequência

natural de sua atividade: “Sim, sim, vai chegar a vez de todo mundo”⁷², repete Salomon resignado e quase orgulhoso ao receber notícias das mortes de seus camaradas. Desse modo, não chega a refletir expressamente, no texto, sobre o trauma da perda e, por isso, seu testemunho carece de uma dimensão utilitária, nos sentidos que Benjamin sugere:

Tudo isso aponta para o parentesco entre esse senso prático e a natureza da verdadeira narrativa. Ela traz sempre consigo, de forma aberta ou latente, uma utilidade. Essa utilidade pode consistir por vezes num ensinamento moral, ou numa sugestão prática, ou também num provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte. (BENJAMIN, 2012, p. 216)

Se há algum “ensinamento moral” ou “norma de vida” a respeito da guerra nesse livro, é o da obstinação e da manutenção da coragem dos soldados em defesa do império, que permaneceram na ação mesmo após sua derrocada. Por essa característica, foi recomendado pela comunidade nazista aos jovens no início do Terceiro Reich. Entretanto, no prefácio da edição posterior, Salomon realça que no livro se trata de uma apresentação e não de uma justificativa. É de se supor que o narrador, que compôs seu texto muitos anos depois das atividades bélicas e conspiratórias e após a prisão, não desejasse “dar conselhos” ao leitor. A “utilidade” da obra, segundo Salomon, se daria por seu valor histórico e documental.

Contudo, para entender a escolha do autor pela via paramilitar, não democrática, uma vez que, em atitude ofensiva à rígida disciplina militar, desobedecia às ordens de cessar-fogo da cúpula das forças armadas, é preciso ter em mente sua interpretação controversa da cena da marcha de retorno dos soldados da guerra, que assim segue:

E como eu via esses rostos mortalmente resolutos, esses rostos duros, como que devidamente talhados em madeira, que olhavam alheios através da multidão, alheamente desconectados, hostis – sim, hostis – então eu soube, então fui pego de assalto, então fiquei paralisado – tudo era completamente diferente, não era mesmo nada daquilo que nós pensávamos, nós todos, nós que estávamos aqui de pé, como eu pensava, agora e durante todo os anos, deveria ter sido mesmo outra coisa. O que sabíamos então? O que sabíamos então daqueles lá? Do front? De nossos soldados? Nada, nada, nada sabíamos nós. Meu Deus, aquilo era terrível.⁷³ (*Geächteten*, p. 26)

⁷²“Ja, ja, wir kommen alle dran.” (*Die Geächteten*, p. 266)

⁷³ “Und wie ich diese tödlich entschlossenen Gesichter sah, diese harten, wie aus Holz zurechtgehackten Gesichter, diese Augen, die fremd an der Menge vorbeisahen, fremd unverbunden, feindlich – ja, feindlich – da wußte ich, da überfiel es mich, da erstarrte ich – das war ja alles ganz anders, das war ja alles ganz, ganz anders, das war ja alles gar nicht so, wie wir es dachten, wir alle, die wir hier standen, wie ich es

Nesse silêncio hostil, que remete à mudez narrativa que Benjamin menciona metaforicamente no início de “O narrador”, tratava-se muitas vezes, literalmente, de um sintoma do trauma pós guerra que especialistas definiram inicialmente como *shell shock* (literalmente: “choque de casca”; ou, em alemão, *Kriegszittern*: “tremedeira de guerra”; atualmente identificada como “transtorno de estresse pós-traumático” ou PTSD⁷⁴, na sigla em inglês), em decorrência das seguidas e intensas situações traumáticas nas batalhas:

No nível mais básico, o *shell shock* era uma inconsciente reação de rebelião e corporal ao horror da guerra de trincheiras, que no *front* ocidental se estabeleceu estagnada já no outono de 1914. Semanas de espera infinita nas trincheiras alternadas com ataques suicidas, cruzando a terra-de-ninguém, à trincheira do inimigo, onde os soldados frequentemente se jogavam diretamente nos dentes das rajadas de metralhadoras. Os comandantes despachavam divisões inteiras de homens apenas para vê-los serem massacrados em seguidas fileiras. O chocante abate maciço de artilharia de longo alcance disparado por oponentes invisíveis, o bombardeio e as feridas resultantes causaram “fadiga de combate” de longo prazo, mesmo entre aqueles que não sofriam de *shell shock*.⁷⁵ (KAES, 2009, p. 13)

O *shell shock* acarretava não apenas distúrbios físicos e mentais, como afetava também a vida social dos soldados regressantes: “Homens acometidos por *shell shock* se viam isolados e afastados de suas famílias em casa. Sua doença psicossomática dificultou a retomada de seu lugar na sociedade”⁷⁶ (KAES, 2009, p. 14).

dachte, jetzt und die ganzen Jahre hindurch, das mußte ja ganz anders gewesen sein. Was wußten wir denn? Was wußten wir denn von diesen da? Von der Front? Von unseren Soldaten? Nichts, nichts, nichts, wußten wir. O Gott, dies war entsetzlich.” (Die Geächteten, p. 26)

⁷⁴ Em inglês, *Post-traumatic stress disorder*. Cathy Caruth localiza as diferentes denominações na história da psiquiatria: “Em 1980 a Associação Psiquiátrica finalmente oficialmente reconheceu o fenômeno há muito tempo identificado porém frequentemente ignorado sob o título ‘Transtorno de Estresse Pós-Traumático’, que incluía os sintomas do que havia sido previamente chamado de *shell shock*, estresse de combate, síndrome de estresse tardio e neurose traumática e que se referia a respostas tanto para catástrofes humanas quanto naturais”. No original: “In 1980, the American Psychiatric Association finally officially acknowledged the long-recognized but frequently ignored phenomenon under the title ‘Post-Traumatic Stress Disorder’ (PTSD), which included the symptoms of what had previously been called *shell shock*, *combat stress*, *delayed stress syndrome*, and *traumatic neurosis*, and referred to responses to both human and natural catastrophes” (CARUTH, 1995, p. 3). KAES (2009) também se refere ao termo “neurose de guerra” (*war neurosis*) em relação aos distúrbios identificados a partir da Primeira Guerra Mundial.

⁷⁵ “On the most basic level, *shell shock* was an unconscious rebellion and bodily reaction to the horror of the trench warfare, which on the western front settled into a stalemate as early as the fall of 1914. Weeks of endless waiting in the trenches alternated with suicidal attacks across no-man’s-land into the enemy’s trench, where soldiers often charged right into the teeth of machine-gun fire. Commanders dispatched entire divisions of men only to see them mowed down in serried rows. The mind-searing mass slaughter of long-range artillery fired by unseen opponents, the bombardment, and the resulting wounds caused long-term “combat fatigue” even among those not suffering from *shell shock*.” (KAES, 2009, p. 13)

⁷⁶ “Men suffering from *shell shock* found themselves isolated and estranged from their families at home. Their psychosomatic illness made it hard to resume their place in society.” (KAES, 2009, p. 14)

O narrador de *Die Geächteten* relata a situação de prisioneiros inimigos durante batalhas no território báltico:

Os letões mortos e capturados estavam todos vestidos com roupas bem novas, tinham rifles ingleses e cartucheira inglesa. Entre os prisioneiros havia um oficial, um ex-professor escolar letão. Ele estava ferido e teve um ataque nervoso. Perguntado, quis dar informações, mas um soldado letão com braço mutilado sangrando gritou-lhe algo, ameaçando, e ele calou-se perplexo.⁷⁷

Se por um lado é possível reconhecer sintomas do *shell shock* na descrição feita pelo narrador-observador Salomon, por outro percebemos que o jovem estava alheio à epidemia psíquica dos combatentes e por isso fica intrigado com a dureza das expressões e a estranheza que os separava das pessoas comuns. Outrossim, a empolgação patriótica promovida na instauração da guerra não só pela classe política, mas também por muitos intelectuais, fazia acreditar que o exército alemão era invencível, pois aliava a avançada tecnologia ao ímpeto de bravura e comprometimento do povo alemão. Além disso, tradicionalmente, o regresso das tropas, mesmo em caso de derrota, era uma ocasião festiva, de reencontro, e a população estava preparada para esse clima. Não eram figuras heroicas, redentoras, no entanto, que retornavam.

Aquilo tudo não era nada verdade; o que foi que nos contaram? Mentiram para nós, aquilo não eram nossos verdes-cinzentos⁷⁸, nossos heróis, nossos protetores da pátria – aquilo eram homens que não pertenciam àquilo que se reunia aqui nas ruas, que não queriam pertencer, que vinham de outras áreas, que conheciam outras leis, que sentiam outras amizades. E, de uma vez, tudo me parecia insípido e vazio, aquilo que eu esperava, aquilo que eu desejava, aquilo que me entusiasmava.⁷⁹

A quebra da expectativa do narrador atinge em cheio seu espírito e provoca uma profunda reflexão em busca de explicações para tal comportamento inesperado:

⁷⁷ “Die toten und gefangenen Letten waren sämtlich ganz neu eingekleidet, hatten englische Gewehre und englisches Koppelzeug. Unter den Gefangenen war ein Offizier, ein früherer lettischer Schullehrer. Er war verwundet und hatte einen Nervenschock. Gefragt, wollte er Auskunft geben, aber ein lettischer Soldat mit blutendem Armstumpf schrie ihm drohend etwas zu, und er schwieg vertattert.” (*Die Geächteten*, p. 97-98)

⁷⁸ *Feldgrau* (literalmente “cinza do campo”, um cinza esverdeado de tom escuro) era a cor do uniforme dos soldados prussianos.

⁷⁹ “Das war alles gar nicht wahr; was hatte man uns erzählt? Man hatte uns ja belogen, das waren nicht unsere Feldgrauen, unsere Helden, unsere Beschützer der Heimat – das waren Männer, die nicht gehörten zu dem, was sich hier in der Straßen gesammelt hatte, die nicht dazu gehören wollten, die aus anderen Bereichen kamen, die andere Gesetze kannten, andere Freundschaften spürten. Und auf einmal, da dünkte mich alles schal und leer, das, worauf ich gehofft hatte, das, was ich gewünscht hatte, das, wofür ich mich begeistert hatte.” (*Die Geächteten*, p. 26)

Que aqueles lá, os homens que ali marchavam, carregando os fuzis nos ombros e severamente fechados a tudo que não era semelhante a eles, que aqueles lá não quisessem pertencer a nós, isso era o crucial. Eles não pertenciam a nós, eles não pertenciam aos vermelhos [comunistas], diante deles separava-se toda nossa importância espumosa, forçada e ridícula como a água diante da proa de um navio. Tudo o que nós pensávamos, que nós esperávamos, que nós proferíamos, tornava-se inválido. Que erro descomunal era esse, que nos dava condições de acreditar por quatro anos que nós pertencíamos uns aos outros, que erro, que agora se quebrava!⁸⁰

O narrador infere que o mundo da guerra nada tem a ver com a vida comum, os soldados que retornavam não compartilhavam dos mesmos valores que os demais cidadãos, fossem eles burgueses ou revolucionários comunistas, categorias às quais ele tinha aversão: os burgueses, por viverem sob o conforto e o consumismo, sem a dedicação patriótica que supõe esperar dos verdadeiros alemães; os comunistas, por considerá-los invejosos e mesquinhos. Por isso, projeta nos soldados uma posição social antagônica a ambas as partes, que nada mais representa que sua própria visão de mundo:

Que vocês agora não podem rir, nem vocês vermelhos e nem vocês burgueses, vocês que estavam dispostos a admitir, pelo bem de sua tranquilidade, por sua segurança, sua respeitabilidade, que uma tal marcha de parada militar seria sem sentido. E vocês até acreditavam piamente que o *front* estava de acordo com vocês, burgueses? Vocês acreditavam piamente, que o *front* seria tão liberal como vocês, tão sensato, tão cheio de uma bonomia complacente e compreensiva?⁸¹

Ele especula sobre a experiência da guerra e quão inimaginável ela é para aqueles que não estiveram no *front*:

Não, eles não queriam saber nada de nós. Ou o horror ainda estava fincado em seus olhos, nas gargantas, eles não foram ainda dispensados da guerra? Esses batalhões vieram direto do *front*. Eles vieram de um território que nós não conhecíamos, do qual nós nada sabíamos, eles vieram de áreas ardentes como um cadinho, no qual eram fundidos, queimados, escoriados, eles vinham de um mundo singular. O que viram esses olhos, que ali, sob os capacetes, miravam para frente, disso nada sabíamos, disso ouvimos apenas vagamente, lemos apenas relatos distorcidos, vimos apenas imagens malfeitas. Lá

⁸⁰ “*Daß diese da, die Männer, die da marschierten, das Gewehr geschultert und streng abgeschlossen von allem, was nicht ihresgleichen war, daß diese da nicht zu uns gehören wollten, das war es, das Entscheidende. Sie gehörten nicht zu uns, sie gehörten nicht zu den Roten, vor ihnen glitt unsere ganze, schaumige, verkrampfte, lächerliche Wichtigkeit auseinander wie das Wasser vor dem Bug eines Schiffes. Alles, was wir gedacht hatten, was wir gehofft hatten, was wir ausgesprochen hatten, war ungültig geworden. Welch ein ungeheuerlicher Irrtum war es, der es vermochte, uns vier Jahre lang glauben zu machen, wir gehörten zueinander, welch ein Irrtum, der jetzt zerbrach!*” (Die Geächteten, p. 27)

⁸¹ “*Daß ihr nun nicht lachen könnt, ihr Roten nicht und nicht ihr Bürger, die ihr bereit wart, um eurer Ruhe willen, um eurer Sicherheit, eurer Achtbarkeit willen zuzugeben, daß so ein Parademarsch sinnlos sei. Und ihr glaubtet gar, die Front sei mit euch einig, ihr Bürger? Ihr glaubtet gar, die Front sei so liberal wie ihr, so vernünftig, so voll einer nachsichtig begreifenden Bonhomie?*” (Die Geächteten, p. 27)

marchavam eles, mudos, solitários e ainda como que só a ameaça constante da morte.⁸²

No trecho citado, esses soldados são os sobreviventes que retornam da guerra. Salomon, como narrador, faz uma minuciosa descrição desse aspecto do traumatizado. Aquilo que aconteceu no campo de batalha é indizível, irrepresentável. É certo que sobreviverem a uma grande tragédia com inúmeras vítimas, fossem seus companheiros ou seus inimigos; concentram em si o sobrevivente que escapou por pouco à morte ao mesmo tempo em que presenciaram de perto a destruição e o padecimento de muitos a seu redor. Muitas vezes, remanesce uma culpa pela sobrevivência enquanto tantos outros caíram. A sorte de sobreviver tem um sabor amargo de infortúnio. Ainda assim, não sabemos como se comportaram, depois do retorno, em seus círculos íntimos ou se porventura tornaram públicas suas experiências. Não são eles, os traumatizados, que estão narrando. O narrador, Salomon, observa o retorno daquelas reais testemunhas, o horror nos rostos e nos corpos daqueles que retornaram. Sem as narrativas desses soldados, ele poderia apenas supor do que se tratava. Não levou em conta que o silêncio e a expressão inerte eram consequências desgraçadas da guerra. Muito pelo contrário, interpretou aquele comportamento a partir de sua perspectiva, da sua visão idealizada de um oficial recém-formado dentro da ideologia militar, dentro da lógica insensata e insensível dos senhores da guerra:

E, de repente, eu compreendi: aqueles, aqueles não eram, de modo algum, trabalhadores, camponeses, estudantes, não, não eram artesãos, empregados, comerciantes, funcionários públicos, aquilo eram soldados. Não estavam fantasiados, nem comandados, nem enviados, eram homens que atendiam ao chamado, o chamado secreto do sangue, do espírito, voluntários, de uma forma ou de outra, homens, que passaram por uma dura experiência em comum e as coisas atrás das coisas – e que encontraram na guerra uma pátria. Pátria, terra natal, povo, nação! Eis as grandes palavras – se nós as pronunciássemos, não seria autêntico. Por isso, por isso eles não queriam pertencer a nós. Por isso essa entrada muda, imponente, fantasmagórica. O *front* era sua pátria, era sua

⁸² “*Nein, sie wollten nichts wissen von uns. Oder stak ihnen noch das Grauen in den Augen, in den Kehlen, waren sie noch nicht Entlassene des Krieges? Diese Bataillone kamen direkt von der Front. Sie kamen aus einer Landschaft, die wir nicht kannten, von der wir nichts wußten, sie kamen aus Bereichen, die glühend waren wie Schmelztiegel, in denen sie umgegossen wurden, ausgebrannt, ausgeschlackt, sie kamen aus einer einmaligen Welt. Was diese Augen gesehen hatten, die da unter dem Helme nach vorn stierten, davon haben wir nichts gewußt, davon haben wir nur vage gehört, nur verzerrte Berichte gelesen, nur schlechte Bilder gesehen. Da marschierten sie, stumm, einsam, und immer noch wie unter der steten Androhung des Todes.*” (Die Geächteten, p. 28)

terra natal, a nação. E nunca falavam disso. Nunca acreditaram na palavra, acreditavam em si.⁸³

A personagem falha em perceber o que se passava dentro daquelas mentes, por baixo dos uniformes e capacetes. Ele projeta nos soldados traumatizados os seus próprios anseios, suas próprias ambições, seu desejo de definir o destino de seu povo segunda sua concepção individual. Mas não se comunica, não busca para isso os dados da realidade exterior, por isso encontra apenas refletida a sua construção internalizada do mundo.

Ainda que não leve em conta que aqueles são homens traumatizados, Salomon compõe uma notável descrição das marcas traumáticas que a experiência da guerra deixou nos combatentes:

A guerra os forçou, a guerra os dominou, a guerra nunca mais irá dispensá-los, eles nunca mais poderão voltar para casa, nunca mais pertencerão a nós, eles carregarão para sempre o *front* no sangue, a morte por perto, a prontidão, o horror, o torpor, o ferro.⁸⁴ (*Geächteten*, p. 29)

Nesse trecho podemos verificar que Salomon percebe os sintomas do *shell shock*, marcas indeléveis típicas do trauma – o sobressalto, a sensação constante da morte, a repetição involuntária da sensação de horror, a incapacidade de manter relacionamentos mais íntimos, sintomas conhecidos do trauma. É como se ele apreendesse, mas não compreendesse o fenômeno do trauma. Segundo Cathy Caruth, “se Freud se volta à literatura para descrever a experiência traumática, é porque a literatura, tal como a psicanálise, está interessada na complexa relação entre saber e não saber”⁸⁵ (CARUTH, 1996, p. 3). Podemos encontrar nesse aspecto uma chave para compreender a relação de Salomon com a memória em seus textos. Não podemos perder de vista, no entanto, que

⁸³ “Und plötzlich begriff ich: Dies, dies waren ja gar nicht Arbeiter, Bauern, Studenten, nein, dies waren nicht Handwerker, Angestellte, Kaufleute, Beamte, dies waren Soldaten. Nicht Verkleidete, nicht Befohlene, nicht Entsandte, dies waren Männer, die dem Anruf gehorchten, dem geheimen Anruf des Blutes, des Geistes, Freiwillige, so oder so, Männer, die eine harte Gemeinsamkeit erfuhren und die Dinge hinter den Dingen – und die im Kriege eine Heimat fanden. Heimat, Vaterland, Volk, Nation! Da die großen Worte – wenn wir sie aussprachen, dann war es nicht echt. Darum, darum wollen sie nicht zu uns gehören. Darum dieser stumme, gewaltige, gespenstische Einmarsch. Die Front war deren Heimat, war das Vaterland, die Nation. Und niemals sprachen sie davon. Niemals glaubten sie an das Wort, sie glaubten an sich.” (*Die Geächteten*, p. 28-29)

⁸⁴ “Der Krieg zwang sie, der Krieg beherrschte sie, der Krieg wird sie niemals entlassen, niemals werden sie heimkehren können, niemals werden sie ganz zu uns gehören, sie werden immer die Front im Blute tragen, den nahen Tod, die Bereitschaft, das Grauen, den Rausch, das Eisen.” (*Die Geächteten*, p. 29)

⁸⁵ “If Freud turns to literature to describe traumatic experience, it is because literature, like psychoanalysis, is interested in the complex relation between knowing and not knowing.” (CARUTH, 1996, p. 3)

quem escreve é o autor que já passou pela experiência da guerra. A partir de sua memória de então, revisita os pensamentos daquele jovem de outrora e ressimboliza tudo aquilo que havia visto e sentido. Desse substrato cria um narrador que descreve com determinadas cenas, ambientes, personagens e diálogos definidos para determinar alguns sentidos a partir de sua narrativa. Enquanto Salomon, no prefácio escrito *a posteriori*, dizia não querer “justificar” as suas ações, podemos observar a sua “apresentação” como uma descrição de sintomas da história e de como sua ideologia, naquele momento, o leva a determinadas conclusões e interpretações do mundo.

Na cena que analisamos, Salomon entende os traços dos combatentes como um distanciamento do mundo civil, burguês, porque a visão de mundo e os valores de quem passou pela experiência da guerra seriam muito diferentes dos que permaneceram em suas rotinas insignificantes; por isso, uma vida compartilhada entre esses grupos seria impraticável.

O que acontecia então, essa marcha de entrada, essa inserção no mundo pacífico, submetido, burguês, aquilo era um transplante, uma falsificação, isso não podia nunca dar certo. A guerra terminou. Os guerreiros marchavam ainda.

86

Colaborando para essa interpretação havia o fato de que a notícia da derrota na guerra foi recebida com estupefação pela população alemã, uma vez que a mídia da época (jornais, rádio, cinema), controlada pelo governo imperial, transmitia ainda notícias tranquilizadoras e otimistas, a fim de que a ciência das reais condições não gerasse uma reverberação na opinião pública, até então, majoritariamente a favor da permanência no conflito:

O choque no inesperado resultado da guerra, que terminou com o pedido apressado de [Erich] Ludendorff [general do Império Alemão] por um cessar-fogo em 29 de setembro de 1918, foi composto por um sentimento de traição mútua: a população se sentiu iludida pelo comando militar, o governo e a mídia por terem sido enganados a respeito do progresso da guerra; por sua vez, Ludendorff e o exército alegava que na verdade foi o *front* doméstico (*home front*) que traiu o exército. Os soldados regressantes, desiludidos e exaustos,

⁸⁶ “Was nun geschah, dieser Einmarsch, dies Hineinfügen in die friedliche, in die gefügte, in die bürgerliche Welt, das war eine Verpflanzung, eine Verfälschung, das konnte niemals gelingen. Der Krieg ist zu Ende. Die Krieger marschieren immer noch.” (*Die Geächteten*, p. 29)

não se uniram aos esforços dos esquerdistas contra a imprensa nacional e o governo.⁸⁷ (KAES, 2009, p. 36)

Dessa maneira, o narrador considera o revés da guerra como uma traição dos governantes ao exército que, por sua própria vontade, continuaria firme na batalha, conforme ao “mito da punhalada nas costas” (*Dolchstoßlegende*):

Insatisfeitos quando se dispersam, explosivos quando permanecem juntos. A guerra não deu resposta alguma, nenhuma decisão foi tomada através dela, os guerreiros marcham ainda. (...) Eu fico em pé, pressionado, flagelado, em trêmulo alvoroço. (...) Eu não vejo a multidão, eu ouço os passos retumbantes dos soldados, o que me interessa agora a revolução...⁸⁸

A excitação do momento gera no jovem uma excitação extra para a luta. Dessa maneira, decide se inscrever nas tropas voluntárias *Freikorps*:

Convocações estampavam as esquinas das ruas. Procuravam-se voluntários, formações deveriam ser compostas para a defesa das fronteiras no Leste. Um dia após a marcha de entrada das tropas na cidade me inscrevi. Fui aceito, fui uniformizado, eu era um soldado.⁸⁹

Salomon assimilou equivocadamente a postura e o comportamento daqueles que ele admirava como um ideal a ser seguido. Ele interpretou o horror como um distanciamento superior e adicionou uma aura heroica, transformando essa leitura particular do aspecto daqueles seres desafortunados em seu objetivo de vida. Ele também queria um dia marchar triunfante, superior aos cidadãos mundanos, preocupados com negócios ou sentimentos menores do que o amor à pátria. Sem tomar conhecimento da real catástrofe humana da guerra de trincheiras, decidiu fazer parte dela e perpetuá-la.

⁸⁷ “Shock at the unexpected outcome of the war, which ended with Ludendorff's hasty request for a cease-fire on September 29, 1918, was compounded by a feeling of mutual betrayal: the population felt deceived by the military command, the government, and the media for having been misled about the progress of the war; in turn, Ludendorff and the army claimed that in fact it was the home front that had betrayed the army. The returning soldiers, disillusioned and weary, did not join in the Leftist's struggles against the nationalist press and the government.” (KAES, 2009, p. 36)

⁸⁸ “Unzufriedene, wenn sie auseinandergehen, Sprengstoff, wenn sie beisammenbleiben. Der Krieg hat keine Antwort gegeben, keine Entscheidung fiel durch ihn, die Krieger marschieren immer noch. (...) Ich stehe, bedrängt, gepeinigt, in zitterndem Aufruhr. Die letzten Gruppen schwenken ein. Noch stöhnt der Boden von ihren Schritten, schon löst sich die Menge auf. Ich sehe die Menge nicht, ich höre die nachhallenden Schritte der Soldaten, was kümmert mich nun die Revolution...” (*Die Geächteten*, p. 29)

⁸⁹ “Aufrufe hingen an den Straßenecken. Freiwillige wurden gesucht, Formationen sollten zusammengestellt werden für den Grenzschutz im Osten. Am Tage nach dem Einmarsch der Truppen in die Stadt ließ ich mich werben. Ich wurde genommen, ich wurde eingekleidet, ich war Soldat.” (*Die Geächteten*, p. 29)

Mais tarde ele mesmo passará pela experiência violenta das batalhas e terá a vida por um fio.

2.2.1. O testemunho no século XX

A noção de testemunho alcançou uma posição central ao longo do século XX. Como vimos, Cru utilizou esse termo para se referir à narrativa pessoal e subjetiva que propõe agregar como fonte à historiografia, a fim de trazer à tona a verdade sobre a guerra que passou tanto tempo camuflada, na cultura, pela tradição. Mas foi principalmente após a Segunda Guerra Mundial, que o testemunho ganhou destaque expressivo, na Europa, com a literatura produzida pelos sobreviventes de campos de concentração. No entanto, a noção de testemunho se aplica, com nuances próprias, a diversos contextos histórico-geográficos em diferentes campos de conhecimento.

Conforme Giorgio Agamben, a noção de testemunha tem um sentido duplo no latim: como *testis*, a testemunha ocular, que observa de fora um acontecimento, sem estar diretamente envolvida; e como *superstes*, o sobrevivente, que escapou à morte:

Em latim, há dois termos para representar a testemunha. O primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo testemunha, significa aquele que se põe como terceiro (**terstis*) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso. (AGAMBEN, 2008, p. 27)

Márcio Seligmann-Silva encontra em Benveniste a explicação dessa origem:

Benveniste destaca um outro parentesco semântico da noção de testemunha que pode nos ajudar a pensar melhor a situação do sobrevivente que veremos mais adiante. *Superstes*, como ele comenta, “não é somente ‘ter sobrevivido a uma desgraça, à morte’, mas também ‘ter passado por um acontecimento qualquer e subsistir muito mais além desse acontecimento’, portanto, de ter sido ‘testemunha’ de tal fato”. Vale recordar também esta outra passagem: “Verificamos a diferença entre *superstes* e *testis*. Etimologicamente *testis* é aquele que assiste como um ‘terceiro’ (*terstis*) a um caso em que dois personagens estão envolvidos; e essa concepção remonta ao período indo-europeu comum. (...) Mas *superstes* descreve a ‘testemunha’ seja como aquele ‘que subsiste além de’, testemunha ao mesmo tempo sobrevivente, seja como ‘aquele que se mantém no fato’, que está aí presente”.

Essa ideia de um sobrevivente que continua presente no acontecimento, ou de um acontecimento que, para ele continua presente, tem uma posição fundamental na teoria

do testemunho relacionada ao trauma, como elemento paradoxal da temporalidade psíquica. Cru evidenciou nos textos dos soldados da Primeira Guerra uma necessidade de contar ao mundo a verdade da guerra, uma verdade que somente eles, no meio do fogo, na experiência das trincheiras, poderiam revelar. Agamben notou algo semelhante nos testemunhos da Shoah: uma necessidade de sobreviver à catástrofe para se tornarem testemunhas. (AGAMBEN, 2008, p. 25). Seligmann-Silva (2008) também menciona essa necessidade do testemunho como condição da sobrevivência, pois a memória da experiência extrema permanece viva na mente desses sobreviventes. Contar aos outros aquilo que viram parece uma forma de dominar aquele mundo que os destruiu e que continua os consumindo, como forma de sobrepor a cisão que a experiência traumática intensa gerou entre sua vivência e a dos demais, que não conheceram aquela experiência. Ao mesmo tempo, essa tentativa de narrar os fatos impensáveis encontra uma dificuldade tremenda. Primeiro porque evento traumático contamina a vítima de tal forma que ela não consegue criar um testemunho lúcido e íntegro (aqui ele faz referência a Dori Laub). Aqueles que melhor puderam criar essa ponte com o universo da “normalidade” foram justamente os que, como Primo Levi (*É isso um homem?*), conseguiram se manter a uma certa distância do evento. Levi possuía conhecimentos técnicos que lhe permitiram uma posição menos terrível dentro do quadro aterrador: “Este teor de irrealidade é sabidamente característico quando se trata da percepção da memória do trauma. Mas, para o sobrevivente, esta ‘irrealidade’ da cena encriptada desconstrói o próprio teor de realidade do restante do mundo” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69). O universo traumático possui uma verossimilhança interna que não cabe no mundo externo. A lembrança do evento traumático fica como que embalsamada, encriptada, como forma de proteção contra a violência que insiste em estar presente. Essa discrepância entre a realidade externa, irreconhecível, e a realidade interna, autodestrutiva, causa uma dificuldade enorme na tentativa de simbolização do evento traumático. Mencionando Hélène Piralian, ele afirma que essa simbolização procura dar conta do real do trauma, restituindo a temporalidade dos acontecimentos, através da linearidade e das repetições da narrativa, bem como pela construção de metáforas que consigam apontar para aquela irrealidade que foge à representação. Só assim, o sobrevivente pode se reconectar à vida. Constata-se o problema de conciliar a língua do trauma com a língua comum, pois ela se torna inverossímil para quem não compartilhou daquela experiência. O sobrevivente teme, por

isso, que as pessoas não irão acreditar naquilo que conta. Emerge daí a situação entre a possibilidade de narrar, para que o outro ouça, e impossibilidade de comprovar, para que o outro veja. Essa dualidade entre o ouvir e o ver está presente desde os primórdios da cultura ocidental.

Segundo Seligmann-Silva, esse conflito remonta às tragédias da antiguidade. Ele o aponta em *Eumênides*, de Ésquilo, na cena de fundação do tribunal jurídico em que Orestes é julgado por Atena/Minerva. Para vingar a morte do pai, Agamemnon, Orestes assassinou sua mãe, Clitemnestra, motivo pelo qual as Fúrias o atormentavam e o acusavam. Com o apoio de Apolo, Orestes pede a intervenção de Atena. Apolo defendia o réu com o argumento de que agiu em defesa da honra do pai, enquanto as Fúrias denunciavam a atrocidade de matar a própria mãe. Com o empate do júri popular, Atena deu seu voto decisivo em favor de Orestes, absolvendo-o do crime e restituindo-o ao trono em Argos, porém oferecendo às Fúrias, que se transformaram em Eumênides (benévolas), a função de guardiãs da cidade. Assim, Atena chegou a um acordo de pacificação e compromisso para manutenção da justiça. Nesse contexto, as Fúrias, representando a força terrível da memória, realizam o papel de proteger os mortos testemunhando contra o criminoso. Elas são incorporadas à lei como um espectro presente do passado. Assim, temos uma relação entre a memória do mal e purificação através do perdão. Seligmann-Silva identifica uma dicotomia entre os papéis de Atena e das Fúrias: Atena assume a posição masculina: é a filha gerada na cabeça do pai, não no ventre da mãe; tem olhos glaucos, que enxergam bem; pertencente ao domínio do dia, da luz; decide com base em evidências, em provas, através do depoimento de Apolo como *testis*. As Fúrias ocupam o papel feminino: querem falar, atormentar pela culpa; são do domínio da noite, da escuridão, prestam testemunho como *superstes*.

Da cena trágica podemos derivar um modelo de testemunho como prova e evidência. Em *Eumênides*, a claridade dos olhos, a luminosidade irrefutável da prova são postas ao lado do argumento patrilinear e falocêntrico. A evidência da masculinidade estaria na origem da concepção do testemunho. (SELIGMANN, 2005, p. 77)

Essa constatação aponta para a linguagem do convencimento, típica do processo judicial e do método científico, que é requerida ao sobrevivente que testemunha. Este encontra-se, então, numa aporia: ele precisa da criação para simbolizar a sua experiência na narração ao mesmo tempo que deve convencer pela materialidade dos fatos. É nessa

encruzilhada que se encontram as testemunhas analisadas por Cru, que procuram contar a história destruindo-a para recriá-la:

O “manter-se no fato” do *superstes* remete à situação singular do sobrevivente como alguém que habita na clausura de um acontecimento extremo que o aproximou da morte. Nosso *martir*⁹⁰ moderno está mais perto desse sentido do que do testemunho como *testis*. O modelo do testemunho como *superstes* tem a audição e não a visão em seu centro. Pensar a história a partir dele significa aprender a diminuir o papel dado ao *istor* [aquele que conhece porque viu] do termo e se pensar em uma história mais auricular: aberta aos testemunhos e também ao próprio evento do testemunhar (SELIGMANN, 2005, p. 81)

Portanto, o ato testemunhal carrega em si os conceitos inseparáveis de *testis*, o que viu, e o *superstes*, o que sobreviveu e precisa ser ouvido; da mesma forma, a historiografia, que requer evidências, não pode ser afastada da memória, que se constitui pela experiência, pela repetição e pelo esquecimento. Diante desse impasse, Seligmann-Silva propõe que:

Ao invés de reduzir o testemunho ao paradigma visual, falocêntrico e violento (que tende a uma espetacularização da dor), e sem esquecer *testis* a favor apenas de *superstes*, minha proposta é entender o testemunho na sua complexidade enquanto um misto entre visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar: um elemento complementa o outro, mas eles se relacionam também de modo conflitivo. (SELIGMANN, 2005, p. 81-82)

Nesse sentido, o trabalho de Cru tem um papel fundamental, na medida em que procura conciliar o testemunho dos soldados com a escrita da história. Se por um lado ele está preocupado com o processo de convencimento pelas evidências, por outro ele sabe, por experiência própria, das dificuldades de elaboração dessas narrativas e que esses discursos contêm uma verdade que não pode ser comprovada com o olhar. Sua saída é a elaboração de critérios (um tanto arbitrários, na verdade) que indiquem a confiabilidade daqueles testemunhos, ainda na lógica do convencimento através da reincidência de elementos nas narrativas dos diversos soldados.

⁹⁰ Entra aqui outro termo que está relacionado à figura da testemunha, numa acepção mais religiosa – o *mártir*, indivíduo exemplar que conheceu o verdadeiro sentido da fé: “Mártir é aquele que sofre e morre para testemunhar sua fé. O mártir (do grego *mártus- uros*, aquele que testemunha, ou seja, que percebe o mundo), ao testemunhar de modo único esta fé universal, torna-se ele mesmo um exemplo, um modelo, uma vida exemplar, que as hagiografias até o século XX reproduziam com certo sucesso. Aquele que testemunha um fato excepcional muitas vezes torna-se ele também uma figura exemplar. Sabemos do valor atribuído em nossa sociedade aos sobreviventes. Eles representam exemplos únicos daqueles que viram de perto atrocidades inomináveis. Eles portam estas verdades e são tratados como porta-vozes delas.” (SELIGMANN, 2008, p. 73)

Como é de se supor, o conceito de testemunho não está restrito aos eventos históricos já mencionados – a Primeira Guerra e a Shoah, nem apenas à Europa. Também na América Latina houve, no século XX, uma proliferação de relatos de *testimonio*, ainda que em outra chave – a da tradição religiosa, do mártir – e sobre outros tipos de eventos traumáticos – as opressões pelas ditaduras e pela exploração econômica e na repressão a minorias. De modo geral, o conceito tornou-se amplamente difundido para tratar de sobreviventes de guerras, genocídios e conflitos violentos de diversas naturezas e também para qualificar o discurso de categorias oprimidas e que, historicamente, não tinha o direito à voz e à escuta, ou à escrita e à leitura.

É importante ressaltar algumas características centrais do discurso testemunhal para a nossa análise, a saber, a literalização e a fragmentação:

O discurso testemunhal é analisado, nesse contexto, como tendo a literalização e a fragmentação como as suas características centrais (e apenas à primeira vista incompatíveis). Ele é ainda marcado por uma tensão entre oralidade e escrita. A literalização consiste na incapacidade de traduzir o vivido em imagens ou metáforas. A fragmentação de certo modo também literaliza a psique cindida do traumatizado e a apresenta ao leitor. A incapacidade de incorporar em uma cadeia contínua as imagens “vivas”, “exatas”, também marca a memória dos traumatizados. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 81-82)

Veremos que Salomon, em *Die Geächteten*, reivindica o lugar de testemunha dos acontecimentos, mas seu texto possui uma série de características que impossibilitam que ele seja lido na chave do testemunho, o que tem consequências para a assimilação, pelo leitor comprometido com a leitura/escuta dentro de uma ética de compaixão.

2.2.2. *Condições de veracidade do testemunho do front*

Entre as lendas desmistificadas por Cru, aparece uma que foi criada na própria Primeira Guerra e que ilustra bem a transformação de um testemunho num mito, através de elaboração estética – algo que Cru considerava indesejável para o propósito de revelar a verdade histórica da guerra. O tenente Jacques Péricard escreveu uma pequena narrativa da guerra que foi publicada pela agência Havas ainda em 1915. Nela, ele conta que um grupo de soldados franceses organizava uma trincheira capturada, quando foram surpreendidos com um ataque massivo de bombas, que matou ou feriu vários deles, enquanto o restante escapou. A seguir, vários soldados alemães (*Boches*, como eram

chamados pelos franceses) invadiram a trincheira, carregando bombas e gritando triunfantes. Um dos franceses, ferido, alcançou algumas granadas e gritou: “Mortos, de pé!” (*Debout les morts!*). Ele as lançou contra os inimigos, enquanto outros dois franceses, com as pernas quebradas, alcançaram seus rifles e atiraram contra o grupo. Metade dos alemães foram mortos, enquanto os outros fugiram desorientados. Apenas um enorme sargento, furioso, resistiu encurralado e atirou na mandíbula do primeiro francês, que liderou a reação. Enquanto isso, outro francês, com um braço imóvel, pegou sua baioneta e se aproximou rastejando do sargento alemão, ergueu-se escapando de tiros até enfiar sua arma no pescoço do inimigo, salvando a posição. E assim conclui: “A palavra sublime ressuscitou os mortos.”⁹¹

A história, “nem mais nem menos heroica ou maravilhosa que as outras”, deixou fascinado o escritor e político nacionalista Maurice Barrès, que reconheceu um “potencial misticismo” na convocação dos mortos e decidiu explorá-lo, convencendo Péricard “da importância da pobre historinha para o heroísmo pueril que tinha que ser interpretado, transposto, para trazer seu significado oculto e elevá-lo ao nível das grandes lendas da história”⁹². Péricard se deixou convencer e, em seu livro, intitulado exatamente “*Debout les morts*”, fez uma manobra curiosa: num capítulo homônimo, criou uma espécie de montagem, apresentado, aos poucos, a versão estilizada de Barrès, à qual adicionou seus próprios comentários, procurando justificar e tornar um pouco mais crível a nova versão da história.⁹³ Nela, mudou deliberadamente o foco narrativo: na história original, ele presencia a ação dos soldados feridos e desmaiados que recobram seus sentidos e reagem

⁹¹ “*Le mot sublime avait ressuscité les morts.*” (CRU, 19978, p. 72)

⁹² “*Barrès eut une entrevue avec Péricard, il le convainquit de l'importance du pauvre petit récit à l'héroïsme puéril qu'il fallait interpréter, transposer, pour en faire ressortir la signification cachée et l'élever au rang des grandes légendes de l'histoire.*” (CRU, 1997, p. 73)

⁹³ Além das novas versões, de Barrès e sua própria, Péricard incorporou a suposta publicação original, porém trocando os personagens, “soldados franceses”, na terceira pessoa, por “nós”, na primeira pessoa (PÉRICARD, 1919, p. 174-175). Nela, pelo menos mantém o chamado como fala de um dos soldados feridos. No fim do capítulo, Péricard justifica a mudança dizendo que havia escrito um relato mais longo, ainda sob o êxtase religioso da situação milagrosa, para que ele não se perdesse, mas que precisou ser substituído por um mais sucinto. Quanto ao protagonista da história, decidiu omitir sua participação direta na cena, na primeira publicação, por questões de humildade, por respeito “aos verdadeiros heróis”, mortos na ação. “*Que je me mette moi-même en scène, me dis-je, ou que j'écrive un récit impersonnel, le résultat sera le même (...). C'est alors que je mis les mots dans la bouche d'un soldat anonyme et, ce soldat, je le fis mourir. (...) J'oubliai que ce cri n'était pas à moi seul, mais à nous tous ; que l'héroïsme de mes camarades l'avait préparé et rendu possible ; qu'une parole sublime ne fait pas l'acte sublime ; que le mot « imagination » n'est, en aucune façon, synonyme du mot « bravoure ».* *Les vrais héros aux attaques, les seuls héros, c'est parmi les morts qu'il les faut chercher.*” (PÉRICARD, 1919, p. 190-191).

rapidamente. No livro, disse que havia encontrado vários soldados mortos (e dilacerados) na trincheira, quando então aconteceu o ataque dos alemães e ele mesmo gritou aos mortos que levantassem. O que era uma narrativa de bravura sobre-humana tornou-se um milagre sobrenatural, pois nela o chamado ressuscita, literalmente, os soldados mortos, ou melhor, suas almas, que lhe fornecem munições e o salva como por mágica, numa descrição completamente mística:

De pé, mortos! Acesso de loucura? Não. Pois, levantando-se ao meu chamado, suas almas se misturavam com a minha alma e a tornavam uma massa incandescente, um grande rio de metal fundido. (...) O que aconteceu então? (...) devo admitir sinceramente que não sei. Há um buraco em minhas memórias. A ação comeu minha memória. (...) Somos dois, três, quatro no máximo, contra uma multidão. (...) Por duas vezes ficamos sem granadas e por duas vezes encontramos aos nossos pés sacos cheios, misturados a sacos de terra. (...) Mas foram os mortos que os colocaram lá.⁹⁴

Acontece que o grito “*Debout les morts*”, interpretado literalmente por Berrès, fazia partida da rotina na caserna, para acordar soldados que dormem ou para forçar aqueles que manifestam estarem doentes ao trabalho. Assim, o chamado fazia bastante sentido na narrativa original, pois o soldado convocava à lucidez aqueles que, ainda vivos, estivessem aturdidos, provavelmente em estado de choque após o ataque de bombas. Assim, ao transformar acontecimentos possíveis num milagre, Péricard deixa de ser uma testemunha aceitável, do ponto de vista de Cru.

Cru define onze condições de veracidade⁹⁵ (histórica) do testemunho do *front*. O exemplo acima fere um desses critérios: fatos e sentimentos devem ser compatíveis com o bom senso e harmonizar com o testemunho daqueles que provaram sua veracidade. Isso tem relação próxima com outra condição: elementos improváveis, erros técnicos ou absurdos são sinais de uma experiência muito curta ou mesmo nula (e não aquela

⁹⁴ “*Debout les morts! Coup de folie ? Non. Car, se levant à mon appel, leurs âmes se mêlèrent à mon âme et en firent une masse incandescente, un large fleuve de métal en fusion. (...) Ce qui s’est passé alors ? (...) je dois sincèrement avouer que je ne le sais pas. Il y a un trou dans mes souvenirs. L’action a mangé la mémoire. (...) Nous sommes deux, trois, quatre au plus contre une multitude. (...) Par deux fois les grenades nous manquent, et par deux fois nous en découvrons à nos pieds des sacs pleins, mêlés aux sacs de terre. (...) Mais c’étaient bien les morts qui les avaient mis là.*” Há algumas pequenas diferenças entre a citação de Cru e o conteúdo da edição que encontrei do livro de Péricard, do mesmo ano; a numeração de algumas páginas citadas também é diferente. Prefiro citar direto do livro de Péricard, que é a fonte original, sem prejuízo para a argumentação de Cru.

⁹⁵ Essa lista de critérios foi apresentada por Cru num encontro da “*Union pour la vérité*” em Paris, quando convidado por Paul Desjardins, em 1930. A transcrição da palestra foi publicada por Frédéric Rousseau em *Le procès des témoins de la grande guerre: l’affaire Norton Cru* (ROUSSEAU, 2003)

experiência assimilável por uma exposição mais duradoura a um evento, muitas vezes adquirida na rotina, pela repetição diária) sobre um acontecimento, portanto não são confiáveis. Esse critério será colocado em xeque nos estudos testemunhais pós-Shoah, já que, como vimos, os eventos da grande catástrofe contrariam as noções do que é verossímil, “acreditável” e “vivível” na experiência humana. No caso de Péricard, no entanto, o testemunho original foi alterado para se tornar uma história fantástica e, por isso, perdeu sua credibilidade. A versão de Berrès, “baseada em fatos reais”, mas elaborada através de elementos fictícios, ou seja, como peça literária, possui seu valor, mas não pode ser apreendida como testemunho histórico, pois deturpa deliberadamente a verdade experienciada nas trincheiras.

De modo geral, esses requisitos não são exatamente excludentes; eles apenas dão uma ideia de probabilidade da veracidade do ponto de vista histórico. Os diários, como já mencionado, são os preferidos de Cru, pois nele os fatos são anotados mais imediatamente e as emoções ainda estão frescas na memória, já que a memória, de acordo com a psicologia, deforma-se com o tempo. Informações verificáveis, como fatos, datas ou locais, devem corresponder às indicações fornecidas por documentos (aqui entra novamente o testemunho “masculino”, a evidência visível, que testifica). Espera-se, também, que o autor conte de si, do que viu, e não que tente dar um relato da unidade maior (regimento, divisão, exército), já que ele não participou presencialmente de todo o conjunto de experiências do grupo: o testemunho é fundado pela presença nos eventos. Além disso, os fatos contados e a biografia do autor devem ser concordantes, já que narrativa e biografia se completam – enquanto eu conto minha história, estou vivendo, construindo e reconstruindo minha história (essa relação autobiográfica será discutida a seguir). O testemunho não pode conter lendas, fatos impostos pela tradição gloriosa ou popularizada pela imprensa e propaganda de guerra, já que isso é um conhecimento exterior à guerra que interfere na percepção dos fatos; o ser humano tende a se conformar com as ideias recebidas, dentro de uma noção categorizada do universo, que não necessariamente correspondem com sua experiência individual.

Há três “proibições” importantes, principalmente para o caso de obras literárias, como os romances. Primeiro, o testemunho não deve conter exageros, sobretudo no que concerne o horror, o massacre, a miséria do combatente (também essa ideia de “exagero” será colocada em questão no testemunho pós-Shoah, dada a intensidade inimaginável do

horror nos campos de concentração); o testemunho não deve ter uma “tese” que indique uma interpretação dos fatos, por exemplo, pacifista, belicista ou política (ele menciona que Jünger, em *In Stahlgewittern (Tempestades de aço)*, apresenta uma ideologia (tese) preconcebida que acaba sendo impugnada por outras passagens em que sua sinceridade aflora; ou seja, há uma contradição interna entre o que se narra e o que se explica para além daquela experiência vivida). Artifícios literários também devem estar ausentes, como a escolha deliberada de cenas sensacionais, sobretudo quando são estranhas à experiência do autor (novamente o caso de Péricard), o abuso de uma idiosincrasia local, tipos pitorescos ou artificiais de soldados, a narração que constrói efeitos, por exemplo, de tensão e empolgação, como fins de capítulo surpreendentes ou, enfim, trechos esteticamente elaborados, em que a legitimidade da experiência no *front* ou a fidelidade da observação, ou seja, seu conteúdo, sejam ofuscadas pela verve, pelo humor, ou pela a virtuosidade verbal do autor. Isso tem a ver justamente com a “literalização” típica do discurso testemunhal, dada pela incapacidade em criar imagens e metáforas

Essencial também, para Cru, é que a psicologia acompanhe os fatos. O autor deve dizer o que sentiu ou pensou no momento em que agiu (ou viu agir); ele deve ligar aos fatos a atmosfera psicológica do momento, pois é isso que o ancora a um real definido, como a memória do afeto produzido pela experiência. O mero fato informativo não tem nenhuma significação como experiência. Cru cita, mais uma vez, o exemplo de Jünger, que, em seu romance, não anotou nenhuma emoção que possa ter abalado os soldados e a ele próprio.

Como se sabe, Salomon não participou da Primeira Guerra, portanto ele não pode ser testemunha desta guerra. Ainda assim, ele lutou em diversas frentes, em batalhas que de certa forma eram uma continuidade incontrolável após o cessar-fogo. Pouco podiam fazer os governos e a cúpula das forças armadas nacionais para impedirem os soldados voluntários e obstinados a interromperem a luta. Por isso, Salomon pode ser considerado uma testemunha dessas batalhas. Sua narrativa, no entanto, cai na malha de algumas das condições estipuladas por Cru, como veremos a seguir, que dificultam categorizá-lo no tanto como testemunha confiável dos horrores da guerra, como no que convencionou chamar de literatura de testemunho nas décadas seguintes.

2.3. Romance autobiográfico

Roland Barthes, no famoso ensaio “A morte do autor”, de 1967, problematiza a centralidade dada à figura do autor na leitura e interpretação de textos literários. Muito comumente, os críticos buscavam informações sobre a vida pessoal do autor, como sua origem social e as experiências por que passou, para servirem de chave de interpretação das obras de ficção. Ele retoma, historicamente, o surgimento do conceito de autor como entendemos hoje. Por muito tempo, as narrativas eram conhecidas por si sós, independentes de sua autoria. Mesmo depois que o nome do autor passou a ser conhecido, não se dava tanta importância à sua vida pessoal, mas somente à sua obra, ao que ela tinha a dizer sobre o mundo. Entretanto, ele considera que esse ato de “explicar” o texto, como se houvesse um único sentido intencionado pelo autor, restringindo o significado da obra à biografia do autor, é reducionista e determinista. Ele prefere caracterizar o texto como uma trama de “citações” de outras narrativas que estavam na mente do autor no momento da escrita, e que são modificadas conforme o sentido para o qual ele deseja apontar: “Assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação (...)” (BARTHES, 1988, p. 70). Mas, assim que é finalizado, o texto ganha valor próprio, independente de quem escreve. Nesse sentido, ao fim da escrita, o autor “morre” e o texto ganha vida própria. Para Barthes, a centralidade na criação do sentido está na posição do leitor, que é capaz de compreender diversos sentidos presentes no texto:

(...) há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito. (BARTHES, 1988, p. 70).

Ao dizer que o leitor não tem história, biografia nem psicologia (é evidente que tem, sim, e esses fatores são fundamentais na produção de sentidos), Barthes está fazendo uma provocação à crítica tradicional que concentra sua análise em apenas uma das pontas da comunicação do discurso literário. Não há, portanto, uma interpretação exclusiva que seja a correta porque parte da fonte; a vivência do leitor e seu lugar no mundo é que vão

definir o resultado final da leitura de um texto. Ele busca, assim, ressaltar a importância de uma teoria estética da recepção.

Contudo, existe um tipo específico de obra literária que aponta um problema nessa concepção focada no leitor: a autobiografia, um tipo de texto cuja escritura é centrada na própria vida daquele que o escreve. Não se pode considerá-la meramente uma ficção, pois os eventos narrados são, de forma geral, uma apresentação da trajetória de vida percorrida por alguém; tampouco é cabível chamá-la meramente de não-ficção, na medida em que se constitui de elementos típicos de uma narrativa literária, com personagens, enredo, muitas vezes uma linguagem que foge ao prosaico. O autor é, portanto, a própria pessoa que viveu os eventos narrados. Philippe Lejeune percebeu esse problema e o elaborou como teoria em sua primeira publicação de *O pacto autobiográfico*, em 1975. Nessa obra, com objetivo de alçar o então preterido gênero autobiográfico ao nível de obras literárias ficcionais, o francês traça um panorama do debate e define, de um modo normativo e formalista, como estratégia idealista, como ele mesmo percebeu posteriormente (LEJEUNE, 2008, p. 65), alguns conceitos preliminares que serviram para nortear a investigação teórica sobre as produções literárias desse tipo; anos depois, a partir do debate provocado por suas fórmulas iniciais, Lejeune teve a oportunidade de desconstruir seu esboço teórico inicial e reelaborá-lo para tentar abarcar o diversificado espectro de obras de caráter autobiográfico e melhor compreender a atitude do autor e do leitor perante esse tipo de texto.

Como ponto de partida, ele propõe que a autobiografia seja definida como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade”⁹⁶ (LEJEUNE, 2008, p. 14). O problema-chave da questão seria o nome próprio do autor, “única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade de enunciação de todo o texto escrito” (LEJEUNE, 2008, p. 23). A leitura da autobiografia, portanto, requer o chamado “pacto autobiográfico”, isto é, a afirmação textual da *identidade* do nome do autor, do narrador e do personagem que

⁹⁶ Nessa definição, estariam de fora alguns gêneros vizinhos que, pela forma da linguagem, pelo assunto tratado, pela identidade entre autor e narrador ou pela posição do narrador (protagonismo e perspectiva retrospectiva), como: memórias, biografia, romance pessoal, poema autobiográfico, diário, autorretrato ou ensaio. (LEJEUNE, 2008, p. 14)

remete, em última instância, ao nome do autor na capa do livro. Desse modo, “o leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade” (LEJEUNE, 2008, p. 26).

Para Lejeune, essa identidade deve estar definida na publicação, seja “implicitamente”, através de um título ou uma sessão inicial que indique que “a primeira pessoa remete ao nome do autor” descrito na capa do livro, seja “de modo patente”, quando o “nome assumido pelo narrador-personagem” coincide “com o nome do autor impresso na capa” (LEJEUNE, 2008, p. 27). Ao definir esses critérios, Lejeune está preocupado com a zona nebulosa, também mencionada por Barthes, sobre o estatuto da leitura: devo interpretar aquilo que está escrito como algo que é da própria vida do autor? Por isso, ele estipula tais critérios para evidenciar (mais uma vez, a necessidade da prova visível que atesta um fato com verdadeiro) e constatar que de fato se trata de uma obra autobiográfica, sem espaço para dúvidas. Mas essa identidade pode estar definida de outras formas, como uma declaração do autor em outros espaços ou se o próprio conteúdo da obra der a entender isso.

Die Geächteten, por exemplo, não preenche esses requisitos. Não há no título do livro, em nenhuma das edições encontradas, qualquer menção ao caráter autobiográfico do texto. Na verdade, na parte superior da capa da primeira edição publicada apresenta-se, logo abaixo do nome do autor Ernst von Salomon, o título alternativo “*Freikorps – Roman über die Freikorpskämpfe und die Organisation Consul 1918-1923*” (*Freikorps – Romance sobre as batalhas dos Freikorps e a Organização Consul*); somente na parte inferior da capa lê-se “*Die Geächteten*”. Ainda que saibamos que os eventos narrados coincidem com a biografia de Salomon, a partir de sua perspectiva, em momento algum aparece no texto do livro o nome do autor, nem mesmo o pronome ou o sobrenome isoladamente. Na sessão inicial “*An Stelle eines Vorwortes*” (No lugar de um prefácio) da reedição de *Die Geächteten*, apresenta-se uma carta endereçada ao editor H. M. Ledig-Rowohlt e assinada por Ernst von Salomon. Nela, o autor confirma que o livro trata de acontecimentos ocorridos sete anos antes e que precisou conferir se o conteúdo necessitava de alguma edição revista, dando a entender que ele mantinha um compromisso com a “verdade” histórica, mas não chega a afirmar que se trata de uma autobiografia; trata-se, segundo ele, de um “um romance documental”: “Quando ‘*Die Geächteten*’ foi lançado no ano de 1929, o livro foi classificado pela editora como um

romance documental – e assim recebido pelos leitores”⁹⁷ (*Geächteten*, p. 7). Assim, *Die Geächteten* não poderia ser classificado, segundo o esquema de Lejeune, como uma autobiografia propriamente dita.

No entanto, ao comparar dados biográficos da pessoa Ernst von Salomon com o romance (acontecimentos do enredo, personagens, temporalidade), é patente a verificação dos referenciais extratexto no texto, indicando uma relação de “semelhança”. Desse modo, o texto compõe aquilo que Lejeune chama de “espaço autobiográfico”: “O que é revelador é o espaço no qual se inscrevem as duas categorias de textos [biografia como ‘não-ficção’ e romance como ‘ficção’], que não pode ser reduzido a nenhuma delas. Esse efeito de relevo obtido por esse processo é a criação, para o leitor, de um ‘espaço autobiográfico’” (LEJEUNE, 2008, p. 43). A classificação do texto como dentro de um espaço autobiográfico interessa-nos aqui na medida em que ela define um *modo de leitura*: “(...) não se trata de buscar, aquém, uma inverificável semelhança com uma pessoa real, mas sim de ir além, para verificar, no texto crítico, o tipo de leitura que ela engendra, a crença que produz” (LEJEUNE, 2008, p. 47).

Ainda que os eventos de *Die Geächteten* sejam narrados a partir da perspectiva do narrador anônimo, é possível identificar referencialmente o “modelo”, ou seja, a “figura extratextual” do autor que se pretende “assemelhar”. Apesar de seu protagonismo na narrativa autodiegética (anda que coadjuvante em diversos acontecimentos, como no assassinato de Rathenau), o livro deve ser lido não como a história de sua vida, mas como a história do período em que participou daquele grupo de revolucionários conservadores a quem designou “*Geächtete*”. Nesse sentido, Salomon se apresenta como uma testemunha daquele círculo, a que se propõe dar visibilidade. Ao abrir mão do rótulo de autobiografia, ele abre mão da “exatidão” que a autobiografia, em sua concepção, exigiria, para priorizar a “fidelidade” à sua história junto de seus companheiros. Conforme Lejeune: “A exatidão diz respeito à *informação*, a fidelidade, à *significação*” (LEJEUNE, 2008, p. 37, grifo do autor). Essa significação é que será capaz de produzir determinada crença, a visão de mundo compartilhada por aqueles jovens naquele momento da história, em suma, sua verdade, pois “o autobiógrafo conta justamente – e esse é o interesse de sua narrativa – o que só ele próprio pode dizer” (LEJEUNE, 2008,

⁹⁷ “Als *Die Geächteten* im Jahre 1929 erschienen, wurde das Buch vom Verlag als ein dokumentarischer Roman bezeichnet – und als solcher von den Lesern entgegengenommen.” (*Die Geächteten*, p. 7)

p. 37). Claro que essa noção de “verdade” muda de acordo com as novas experiências do autor e suas novas formas de enxergar o mundo, da mesma forma que a percepção da verdade sobre o “pacto autobiográfico” por Lejeune evolui de acordo com a sabatina que sua teoria sofreu, com a maior diversidade de textos de teor autobiográfico com que teve contato e com diferentes mídias (pintura, cinema, internet) às quais expandiu seu *corpus*.

Der Fragebogen, por outro lado, cumpre com os requisitos normativos do pacto autobiográfico conforme originalmente proposto: ao preencher o questionário de desnazificação, ele informa expressamente, até de modo burocrático, seu nome: “2. Name: von Salomon, Ernst” (*Fragebogen*, p. 21), inclusive explorando longamente sua origem etimológica. Confirmando de modo patente a identidade, em determinado diálogo, o narrador se apresenta ao interlocutor da cena: “Eu disse simplesmente: ‘Eu sou Ernst von Salomon’”⁹⁸ (*Fragebogen*, p. 164). Como se trata da reprodução de um questionário oficial, Salomon ainda assina, ao final do “documento”, uma declaração de veracidade dos fatos, sem alterar o texto original:

As declarações feitas neste formulário são verdadeiras e eu estou ciente de que qualquer omissão ou declaração falsa e incompleta representa uma contravenção aos estatutos do governo militar e coloca-me sujeito a ação penal e a punição.⁹⁹

A assinatura é à mão, apresentando a data de “setembro de 1945 a setembro de 1950”. Também seu editor Ernst Rowohlt atesta, na condição de superior imediato, que o nome e assinatura de Salomon são verdadeiros, bem como as respostas fornecidas, na medida de seu conhecimento, não sem antes compor um adendo com algumas “exceções”, tão irônicas quanto o estilo de escrita de Salomon ao longo do questionário, respondido à exaustão.¹⁰⁰ Dessa forma, nota-se que a atitude do autor em relação à escrita de *Der Fragebogen* simula um registro em cartório: eu, abaixo-assinado, assumo a responsabilidade da enunciação e dou fé.

⁹⁸ “*Ich sagte schlicht: ‘Ich bin Ernst von Salomon.’*” (*Fragebogen*, p. 164)

⁹⁹ “*Die auf diesem Formular gemachten Angaben sind wahr und ich bin mir bewusst, dass jegliche Auslassung oder falsche und unvollständige Angabe ein Vergehen gegen die Verordnungen der Militärregierung darstellt und mich der Anklage und Bestrafung aussetzt.*” (*Fragebogen*, p. 670)

¹⁰⁰ Nesse “atestado”, Rowohlt discorda de Salomon em alguns pontos: Salomon às vezes coloca em dúvida que sua profissão seja “escritor” (*Schriftsteller*), ao passo que Rowohlt afirma que ele seja “até mesmo um bom [escritor]”, motivo pelo qual publica o questionário em questão. Rowohlt também confirma que leu todos os livros de seu funcionário, ao contrário do que ele supõe, e também discorda, “com uma clara gotinha de suor na testa”, da imagem que Salomon descreve tanto de si, quanto do editor. Conclui dizendo que as respostas são fidedignas “e precisamente isso eleva as simples informações a um nível literário”.

Outro aspecto abordado inicialmente por Lejeune cabe no caso de Salomon:

(...) se a autobiografia é um primeiro livro, seu autor é conseqüentemente um desconhecido, mesmo se o que conta é sua própria história: faltam-lhe aos olhos do leitor, esse signo de realidade que é a produção anterior de *outros textos* (não autobiográficos), indispensável ao que chamaremos de “espaço autobiográfico”. (LEJEUNE, 2008, p. 23)

É possível que Salomon considerasse mesmo, quando escreveu *Die Geächteten*, muito antes de Lejeune propor o conceito de “pacto autobiográfico”, que a categoria de autobiografia só fosse adequada para personalidades já consagradas. Sua proposta, naquele momento, era falar em nome de um grupo de pessoas que acreditaram na ideia de restauração de um império derrocado e que pegaram em armas para isso. A importância, naquele momento, era o ato de testemunhar em nome daqueles derrotados, pelo menos temporariamente, na história. Por isso tanta ênfase no pronome pessoal “nós”. Por outro lado, quando lançou *Der Fragebogen*, na década de 1960, já contava com um sucesso de vendas na estreia e outras publicações posteriores, ou seja, era uma figura estabelecida no mundo literário – ainda que um tanto esquecida (uma vez que sua atuação como roteirista de cinema nas décadas de 1940 e 1950 foi bastante discreta).

Como se percebe, a grande preocupação de Lejeune, pelo menos nesse primeiro momento, é delimitar o contrato de leitura de textos autobiográficos através de determinadas características da obra. Sua relevância está em “ressuscitar” o autor desse tipo de obra como referência expressa ao mundo externo, sem o fantasma do autor em obras que não são declaradamente autobiográficas. Lejeune destaca que “o interesse da narrativa autobiográfica é justamente o que só o próprio autor – e mais ninguém – pode dizer” (LEJEUNE, 2008, p. 37). O projeto autobiográfico se propõe a compartilhar a “verdade pessoal, individual, íntima do autor” (LEJEUNE, 2008, p. 42). Se “à autobiografia faltariam a complexidade, a ambiguidade” e “ao romance, a exatidão”, Lejeune considera que “o mais verdadeiro é um em relação ao outro”, que é o espaço autobiográfico (LEJEUNE, 2008, p. 43). Interessa, portanto, verificar a “crença” que esse texto produz. No entanto isso ainda diz pouco sobre o que exatamente muda, para o leitor, o fato de uma obra ser autobiográfica.

Se, por um lado, Lejeune propõe que a recepção desse tipo de obra seja levada “a sério”, o que é compreensível e legítimo, por outro limita a percepção e criação de sentidos desses textos, na medida em que foca na relação de veracidade verificável entre

a vida experienciada e a vida representada, ao mesmo tempo que propõe uma certa indulgência quanto a sua qualidade estética e uma relativização da posição do autor-narrador dentro da história. Essas são algumas das críticas que Paul de Man, no ensaio *Autobiography as de-facement* (traduzido por Joca Wolff como “Autobiografia como Des-figuração”), de 1979, faz à teoria da autobiografia elaborada por Lejeune: “Uma vez que o conceito de gênero designa uma função tanto estética quanto histórica, o que está em jogo é não somente a distância que protege o autor de autobiografia de sua experiência, mas a possível convergência de estética e história” (DE MAN, 2012)¹⁰¹.

De Man questiona, em primeiro lugar, a possibilidade de definir os critérios que permitam identificar o texto autobiográfico a partir de sua forma e de sua assinatura, assim como a limitação da possibilidade de certos efeitos estéticos como determinante para a suposta seriedade da obra. Isso tudo leva a problemas de definição que se mostram improfícuos.

Outra tentativa recorrente de circunscrição específica, certamente mais frutífera do que a classificação de gênero, ainda que igualmente não conclusiva, confronta a distinção entre autobiografia e ficção. A autobiografia parece depender de eventos reais e potencialmente verificáveis de um modo menos ambivalente do que a ficção. Parece pertencer a uma forma mais simples de referencialidade, de representação e de diégese. Ela pode conter muitos fantasmas e sonhos, mas estes desvios da realidade permanecem encravados em um sujeito cuja identidade é definida pela incontestável legibilidade de seu nome próprio (...). (DE MAN, 2012).

Paul de Man coloca em questão a referenciabilidade da autobiografia, já que da mesma forma que a vida serve de fonte para o conteúdo da obra autobiográfica, esta também produz e determina a vida de quem escreve (ocasionando muitas vezes o exercício metalinguístico de produzir, através da performance da escrita, o próprio conteúdo da vida). Além disso, não só de intenção se produz uma obra, mas também de recursos (tanto materiais quanto técnicos, ideológicos ou psicológicos) do seu meio, o que nem sempre é consciente ou emancipador. Outro ponto problemático é o modo de figuração através da mimese, já que a criação da figura se faz a partir da leitura de um referente. Essa leitura não é única nem definitiva, ao passo que a figura criada, por sua vez, também produz, em certo grau, um referencial no mundo. Nesse caso, ela opera de

¹⁰¹ O texto consultado está disponível em um website, uma página única; por isso, não há números de páginas da publicação.

modo semelhante à ficção, por assim dizer. Por exemplo, é possível apresentar uma concomitância entre dois eventos, no texto autobiográfico, que produza um efeito metafórico, por exemplo, de causa e efeito, sem que houvesse qualquer relação entre eles na vida do autor. Pode-se justificar tal relação como verdadeira na mente do autor, portanto, como não-fictícia, ou recusá-la por se considerar uma construção que não existia de fato. Por esses motivos, De Man considera que “a distinção entre ficção e autobiografia não é uma polaridade ou/ou: é indecível” (DE MAN, 2012). Por isso, elabora a questão da autobiografia não como um pacto baseado na identidade contratual e em atos de fala – o leitor que promete ler a sério e como verdade aquilo que o autor escreveu sendo honesto; ela define muito mais um modo de leitura, baseado na identidade representacional ou cognitiva e em tropos, isto é através da mudança ou da adoção de significados, de um sujeito capaz de autoconhecimento e entendimento:

O interesse da autobiografia, portanto, não está na revelação de um conhecimento confiável de si mesmo – ela não o faz – e sim na demonstração, de modo surpreendente, da impossibilidade de fechamento e de totalização (isto é, da impossibilidade de chegar a ser) de todos sistemas textuais conformados por substituições tropológicas. (DE MAN, 2012)

Assim, o interesse da leitura de obras autobiográficas não é conhecer exatamente, tal como foi, a vida de alguém que se narra, mas de que modo essa pessoa percebe sua vida e que sentidos ela lhe dá. Alguém que escreve sua autobiografia procura escapar às coerções externas que determinam os sentidos de sua vivência, através de um “discurso de auto-restauração”. Por mais que seu objetivo seja delimitar o significado de sua vida a partir de sua experiência, ele só conseguirá demonstrar essa “impossibilidade de fechamento e totalização”. Se o texto autobiográfico funciona à base de tropos, De Man considera que a prosopopeia seja o tropo por excelência da autobiografia, pois ela dá uma “face” ao nome de alguém, que é tornado “inteligível e memorável”: “Nosso tópico lida com pôr e depor faces, com figurar [*face*] e desfigurar [*deface*], figura, figuração e desfiguração” (DE MAN, 2012).

Para ilustrar essa ideia, De Man utiliza a relação metafórica entre vestimentas, corpo e alma: “a vestimenta é a parte visível do corpo como o corpo é a parte visível da alma”. A linguagem da metáfora, da prosopopeia e dos tropos é o corpo; ela é a parte visível da alma; ela faz o desconhecido acessível à mente e aos sentidos”. A vestimenta é a parte visível do corpo ao mesmo tempo que cobre esse corpo. Se o corpo é a parte visível

da alma, ele também é o que cobre a alma. “A linguagem dos tropos (que é a linguagem especular da autobiografia) é de fato como o corpo, o qual é como suas vestes, o véu da alma como a vestimenta é o véu protetor do corpo.” Assim, a linguagem dos tropos é a mediação, o acesso ao desconhecido ao mesmo tempo que nos priva do entendimento sobre ele. De Man faz essa explicação metalinguisticamente através de uma performance trópica (um tanto enigmática), que oferece esse desconhecido objeto (o conceito de autobiografia) ao mesmo tempo que dificulta, através de uma linguagem de tropos, o acesso a ele, priva do leitor o entendimento, pois ela não diz nada – é “silenciosa”: “Na medida em que a linguagem é figura (ou metáfora, ou prosopopeia), ela é não a coisa em si mas a representação, a pintura da coisa e, como tal, é silenciosa, mas como as pinturas são mudas. A linguagem, como tropo, é sempre despojadora [*privative*].” A pintura é silenciosa, mas está carregada de sentidos; ela não fala nada, mas podemos vê-la, assim como o personagem surdo, que encontrava nos livros um substituto para os sons da natureza. Temos que mergulhar nessa linguagem e explorá-la para vermos e ouvirmos alguma coisa. A prosopopeia de De Man dá vida à autobiografia para lhe dar sentido, assim como o autor de uma autobiografia, que tem uma “bio” e faz uso da “grafia” para dar forma e sentido ao “auto”, a si mesmo.

Assim como entendemos a função retórica da prosopopeia enquanto dar voz ou face por meio da linguagem, também entendemos que nós somos privados não da vida mas da forma e do sentido de um mundo acessível apenas através da via despojadora do entendimento. A morte é um nome deslocado para um dilema linguístico, e a restauração da mortalidade pela autobiografia (a prosopopeia da voz e do nome) despoja e desfigura na exata medida em que restaura. A autobiografia vela uma des-figuração da mente da qual é ela mesma a causa. (DE MAN, 2012)

Escrever sobre a própria vida é dar voz e rosto à vida, às suas formas e sentidos na mente. A autobiografia dá e tira faces da mente, ela figura e desfigura a mente. Escrever sobre a própria vida requer figurar e desfigurar a mente. A autobiografia é a causa da des-figuração da mente, ela oculta a retirada da face da mente. Mas é isso a que temos acesso: ao véu que oculta a mente desfigurada. A linguagem literal, sem tropos, sequer nos deixa ver o corpo.

Após a crítica de De Man (e de outros teóricos da linguagem), Lejeune faz uma reavaliação da proposta inicial e publica, em 1986, o ensaio “O pacto autobiográfico (bis)”, onde reconhece seu principal equívoco:

Agi como se romance fosse sinônimo de ficção, em contraposição à não-ficção, referência real. Romance tem também outras funções: designa a literatura, a escrita literária, em contraposição à insipidez do documento, ao grau zero do testemunho. (LEJEUNE, 2008, p. 55)

Lejeune equipara, de modo curioso, a “insipidez do documento” ao “grau zero do testemunho”. Ele provavelmente faz referência ao conceito de “grau zero” de Barthes em *Le Degré zéro de l'écriture* (1953), que seria uma escrita indicativa, completamente denotativa, sem literariedade (como figuras de linguagem ou polissemia) e sem ideologia (CEIA, 2009). Ele opõe, portanto, a escrita literária autobiográfica ao *testis* ideal da cena jurídica, que lembra com exatidão e narra com precisão. Esse parece ser o tipo de testemunho que Cru quer evitar, pela condição de ausência dos aspectos psicológicos no momento em que a mera informação não está ancorada pela emoção.

Lejeune, a partir da sua reavaliação, procura reformular o conceito:

O que chamo autobiografia pode pertencer a dois sistemas diferentes: um sistema referencial “real” (em que o compromisso autobiográfico, mesmo passando pelo livro e pela escrita, tem valor de ato) e um sistema literário, no qual a escrita não tem pretensões à transparência, mas pode perfeitamente imitar, mobilizar as crenças do primeiro sistema. (LEJEUNE, 2008, p. 57)

São essas duas dimensões que compõem o texto e determinam o modo de leitura, ou seja, tanto os dados extratextos que são trazidos para o texto, quanto a construção do texto em si, através de um estilo narrativo que lhe confere uma forma. Nesse sentido, o “paradoxo da autobiografia literária, seu jogo duplo essencial, é pretender ser ao mesmo tempo um discurso verídico e uma obra de arte” (LEJEUNE, 2008, p. 61). Em vez de relatar fidedignamente os acontecimentos tais quais foram (tarefa ingrata e impossível), a autobiografia “deve manifestar um sentido, obedecendo às exigências frequentemente contraditórias de fidelidade e coerência” (LEJEUNE, 2008, p. 71).

No artigo “Autobiografia e Ficção”, Lejeune confronta a acusação de que a verdade só seria possível de se expressar a partir da criação (ficcional), na medida em que ninguém é capaz de chegar à verdade a partir da consciência de si, psicanaliticamente falando:

Certamente é impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento, um certo tipo de relações humanas que nada têm de ilusório. A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos

outros) tanto quanto no campo da criação artística. (...) O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. (...) É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade (...). Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção. (LEJEUNE, 2008, p. 104)

Nessa insistência em defender a autobiografia como um gênero literário, Lejeune permanece apegado a noções de intenção e seriedade por parte do autor (“desejo de saber e compreender”, “promessa de oferecer essa verdade”, “não brincar de se inventar”, “ser fiel à sua verdade”). À suposta seriedade da autobiografia, ele contrapõe o “jogo deliberado da ficção” como criação de uma identidade imaginária. Ainda assim, nos interessam suas considerações sobre a inserção da autobiografia no “campo do conhecimento histórico”, como forma de “saber e compreender”, conforme as intenções de Cru.

Lejeune revê novamente sua posição, em “O pacto autobiográfico, 25 anos depois” (2001), e a considera então não apenas “normalista”, mas também “elitista”: nada impede que alguém escreva inicialmente uma boa autobiografia como livro de estreia, ou melhor, não é necessariamente a fama *a priori* que autoriza a possibilidade de autoria ou que lhe confira qualidade. Também Salomon constata, na carta que serve de prefácio à edição de *Die Geächteten*, mais de 30 anos após seu lançamento: “É claro que ocorreram grandes mudanças de estilo no decorrer dos anos, não apenas no autor – evidentemente li algumas passagens, nas quais eu tive a sensação de, por descuido, ter mordido um dente oco^{102,103} (*Geächteten*, p. 6). Em *Der Fragebogen*, também comenta que não reconhece mais aquele jovem impetuoso capaz de enfrentar batalhas por um ideal. Percebe-se que a revisão das próprias concepções – e ações – faz parte do processo da escrita autobiográfica, no sentido em que evidencia o amadurecimento, ou melhor, a evolução

¹⁰² O “dente oco”, metáfora para algo que provoca imenso incômodo, até mesmo uma grande dor. A carta-prefácio de Salomon foi escrita em 1961, mesmo ano em que foi inaugurado o memorial *Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche* em Berlim, apelidada pelos moradores locais justamente por “*Hohler Zahn*” (WELT, 2011).

¹⁰³ “*Natürlich ist eine große Änderung des Stils im Laufe der Jahre eingetreten, nicht nur beim Autor – natürlich las ich einige Passagen, bei denen ich das Gefühl hatte, aus Versehen auf einen hohlen Zahn gebissen zu haben.*” (*Die Geächteten*, p. 6)

do personagem que é a representação de si mesmo, o que lhe confere sentido de existência.¹⁰⁴

Salomon, em *Die Geächteten*, procura construir uma narrativa em que ele se mostra como um personagem em evolução, que mostra seus pensamentos confusos em meio à ação, uma desfiguração daquela figura que, segundo conta, não é mais no momento em que escreve o texto. Através da figuração e da des-figuração, ele se revela ao leitor e procura informá-lo do que se passava na mente velada no indivíduo Salomon que lutou pelos *Freikorps*, contra tudo e contra todos. Só depois que foi preso, forçado a abandonar a ação, é que pode pensar sobre aquilo que pensava, desvendar os véus da mente. Pela narrativa autobiográfica, ele pode se restaurar como indivíduo, que estava cindido e banido da própria vida. Como texto autobiográfico, dentro do “sistema referencial real”, as referências ao mundo externo são compreendidas pelo leitor como reais, não simbólicas. Isso verificamos na recepção ao seu texto por parte de diferentes críticos, que manifestaram suas críticas e elogios tanto no entendimento do efeito que a “vida vivida” produziu naquele indivíduo que se fez personagem quanto nos efeitos que aquela “história narrada” poderia produzir no mundo externo diretamente referenciado. Os acontecimentos presenciados pelo indivíduo Salomon o fizeram, enquanto autor, juntar seus fragmentos para se restaurar internamente como indivíduo e narrar, como narrador em primeira pessoa – e que não é onisciente, pois só narra aquilo que viu ou repete o que ouviu de outros –, a história de um personagem que tem por referência externa o indivíduo Ernst von Salomon em seus anos de juventude, personagem essa que se constrói a partir da percepção e da memória do autor que é uma instância daquele mesmo indivíduo, mais velho e maduro, que procura dar um sentido para sua vivência prévia. Ele só consegue fazê-lo porque está fora das “coerções” daquele momento inicial, quando estava dentro de um sistema que lhe impulsionava para a morte e pra a destruição. Esse mesmo sistema foi rejeitado, naquele momento, por grande parte da população alemã e, por isso, o protagonista da história e seus comparsas eram indivíduos banidos dessa sociedade.

¹⁰⁴ Ao refletir sobre essa revisão de produções anteriores e reler minha dissertação de mestrado, na qual também faço um levantamento da questão da autobiografia, não posso deixar de notar o quanto fui injusto com Lejeune naquele momento, pois critiquei-o levando em conta apenas a primeira versão do “Pacto”. Ponho-me a pensar qual será minha leitura desta tese em andamento daqui a muitos anos e preciso evitar esse pensamento atravancador, caso contrário este trabalho nunca será concluído.

Segundo De Man, a vestimenta é a parte visível do corpo, que é a parte visível da alma. A linguagem literária é como o corpo, que protege a alma. A armadura protege o corpo desses soldados e ao mesmo tempo é a sua parte visível. Essa armadura é a parte visível da linguagem literária. A linguagem da armadura é a língua dos soldados – o *Frontdeutsch* – seca, áspera, objetiva. Só depois de retirar a armadura é que se revelou a linguagem literária de Salomon, que ainda assim conserva resquícios da armadura, que ficaram entranhados na pele. No entanto, é só através dela que podemos ter uma ideia da alma desse soldado, pois ela também o protege e cobre a nossa visão.

2.4. Die Geächteten como identidade

2.4.1. Os ban(d)idos

Os *Geächtete*, segundo a narrativa de Salomon, eram homens que compartilhavam um ideário nacionalista e conservador e que se uniram através de atividades clandestinas para realizar projetos conspiratórios contra representantes da recém-estabelecida democracia. A maior parte se conheceu ainda nas tropas paramilitares dos *Freikorps*; muitos lutaram juntos na resistência da Alta Silésia, alguns poucos já nas batalhas do Báltico. Eram majoritariamente jovens, de diversas ocupações, desde militares e mineradores até engenheiros e estudantes. Provinham de todas as partes do *Reich*. Nos *Freikorps*, havia quem lutasse por obrigação, por aventura, pelo patriotismo, pela defesa de sua cultura ou mesmo por necessidade (muitos colonos alemães viviam na miséria e sem perspectiva). Uma coisa eles tinham em comum: nenhum deles lutava pela ordem do regime republicano.

Quando finalmente acabaram as batalhas de fronteira ou de resistência, voltaram a suas regiões de origem e lá realizavam as atividades necessárias. Este sistema de agentes clandestinos exercendo atividades conspiratórias e mesmo terroristas (tais como o assassinato de figuras-chave do novo governo, a exemplo de Walter Rathenau) ficou conhecido como “Organização Consul” (*Organisation Consul*, ou O.C.). Não havia exatamente um líder e uma hierarquia, mas esses agentes passavam os dias em trabalhos comuns de fachada, aguardando um sinal para que agissem. A comunicação era feita na surdina, através de encontros ocasionais e da articulação de alguns elementos que

viajavam pelo país. O essencial é que não deixassem rastros, a não ser para despistar a polícia. A mais jocosa dessas pistas falsas foi um documento que continha o nome e o regimento da Organização Consul, mas sem relação prática com a estrutura do movimento, nem com as ações executadas, uma vez que seus componentes não queriam deixar rastros materiais. Um dos estatutos reproduzia um lema do grupo: “Traidores sucumbem à Feme!”¹⁰⁵ Era uma ameaça a todos os membros do movimento que denunciasses algum colega ou que não cumprissem suas obrigações. A *Feme* é uma referência a tribunais autônomos da Idade Média que julgavam e executavam criminosos secretamente. Durante a República de Weimar, eram muito comuns os chamados *Fememorde* (assassinatos da *Feme*): pessoas eram executadas, seus corpos apareciam pelas cidades sem motivação aparente e os crimes permaneciam insolúveis.

O trabalho clandestino exigia obviamente um esforço tremendo por parte de seus agentes. Geralmente tinham uma vida dupla, realizando uma jornada diária em algum emprego comum e utilizando seu tempo livre com as articulações e as ações. Por isso, não era sensato participar tão ativamente da vida social, a fim de não levantar suspeitas ou serem reconhecidos por coincidência. A sensação de estarem sendo vigiados era também uma constante.

Nós vivíamos uma vida transviada, nos deparávamos com muros por todos os lados, não pertencíamos a lugar nenhum, éramos forasteiros no Reich. Nós sentíamos que exigiam de nós justificativas, mas não havia ninguém lá que nos perguntasse onde tínhamos responsabilidade e então nos fechávamos e vivíamos calados, com o grande peso da pendência, sabendo que nós tínhamos nos entregado ao destino como pedra, mas a pedra tinha sido rejeitada.¹⁰⁶

O sentimento de dever e obrigação pela pátria é o que movia esses homens. Eles se viam como os únicos dispostos e capacitados a agir em defesa do *Reich*. No início, achavam que poderiam salvar o império e a velha ordem. Sentiam-se cumpridores de seu dever e esperavam que a população apoiasse as ações realizadas secretamente cujo resultado apenas era divulgado. Mas a imprensa e a opinião pública condenavam a violência e apoiavam o novo governo. Sua missão, então passou a ser a constante

¹⁰⁵ “*Verräter verfallen der Feme!*” (*Die Geächteten*, p. 179)

¹⁰⁶ “*Wir lebten ein abseitiges Leben, wir stießen überall auf Mauern, wir gehörten nirgendwo hin, wir waren Fremdlinge im Reich. Wir spürten, daß man von uns Rechtfertigung fordere, aber da war niemand, der uns da fragte, wo wir Verantwortung trugen, und so verschlossen wir uns und lebten schweigend, mit der ganzen Last des Ungelösten, wissend, daß wir uns als Stein hingegeben hatten an das Schicksal, aber der Stein war verworfen worden.*” (*Die Geächteten*, p. 107)

perturbação da ordem da república. Para isso se serviam de sabotagens e assassinatos, daí o caráter terrorista da organização.

Assim se tornava estranho o mundo, que eles sentiam como corrupto, como pastosamente vago, como indescritivelmente improvável, apesar de que esse mundo diariamente dava-lhes provas da violência que arrasta sua existência. Assim agiam eles, pessoas dinâmicas em tempo dinâmico, que apenas com medidas dinâmicas podiam ser mensuradas, em um nível, que precisava parecer fantasmagórico e ameaçador para o mundo. Assim se transformaram de forasteiros em exilados, de cobiçados em evitados, de agentes em criminosos. E eles sabiam disso e não estavam inclinados a se lamentar.¹⁰⁷

Um dos maiores articuladores do movimento foi Kern, que Salomon conheceu durante a ocupação francesa e de quem se tornou melhor amigo. Kern tinha inteligência e sagacidade, além de manter um comportamento extremamente moderado e simpático no trato com as pessoas. Com ele Salomon trava alguns dos diálogos mais interessantes, pois é forçado a pensar além de sua visão mais simplista. Salomon tinha um ímpeto de ação mais exacerbado, uma ansiedade pela realização; Kern era mais calculista e meticuloso, além de possuir um talento retórico muito superior ao do jovem Salomon.

[Salomon] “O que nos dá o direito ao nosso pensamento atrevido? Nós, sem poder, a não ser aquele em cujo banimento supomos estar; sem ser capaz, a não ser de atirar e explodir; sem saber, a não ser da conspiração, sem experiência, a não ser a de nossos fracassos; nós, perseguidos e nós mesmo perseguidores, proscritos e nós mesmos proscritores, reconhecidos por ninguém, enojando a nós mesmos de nossas próprias ações, somos nós os destinados?”

[Kern] “Não destinados a realizar os últimos sonhos, não destinados a recolher a colheita; mas, o que nos interessa é sucesso? Nos interessa a realização. Não, não tivemos nenhum sucesso. Nós nunca teremos sucesso. (...) Nós nos exercitamos em anarquia nua e não demos passo algum adiante. (...) O que nos dá, porém, a fé, você pergunta? Nada além que a capacidade de nossa ação. (...) Eu não consigo acreditar que uma força se extinga antes que ela seja consumida.”¹⁰⁸

¹⁰⁷ “So entfremdeten sie sich der Welt, die sie als verrottet, als breiig verschwommen, als unsagbar unwahrscheinlich empfanden, trotzdem diese Welt ihnen täglich von der zerrenden Gewalt ihres Daseins Beweis erbrachte. So handelten sie, dynamische Menschen in dynamischer Zeit, die nur mit dynamischen Maßen gemessen werden konnten, auf einer Ebene, die der Umwelt gespenstisch und bedrohlich erscheinen mußte. So wurden sie aus Fremden Geächtete, aus Begehrten Gemiedene, aus Handelnden Verbrecher. Und sie wußten das, und sie waren nicht geneigt, es zu betrauern.” (Die Geächteten, p. 187)

¹⁰⁸ [Salomon] “Was gibt uns das Anrecht zu unserem vermessenem Glauben? Wir, ohne Macht als die, in deren Banne wir zu stehn vermeinen, ohne Können als Schießen und Sprengen, ohne Wissen als das der Verschwörung, ohne Erfahrung als die unsrer Fehlschläge, wir, verfolgt und selber verfolgend, geächtet und selber ächtend, von niemand anerkannt, uns ekelnd vor unserm eignen Tun, wir sind berufen?”

[Kern] “Nicht berufen, die letzten Träume zu verwirklichen, nicht berufen, die Ernte einzubringen; aber, geht es uns um den Erfolg? Es geht uns um die Erfüllung. Nein, wir haben keinen Erfolg gehabt. Wir werden nie Erfolg haben. (...) Wir übten uns in nackter Anarchie und sind keinen Schritt weiter als zuvor. (...) Was

No diálogo acima, fica evidente que, para Kern, a luta não tem um objetivo muito claro; a luta é um fim em si mesmo, uma forma de demonstrar resistência a tudo aquilo que a República de Weimar representa: a modernização das estruturas políticas e sociais, o estabelecimento da democracia, a globalização, a diplomacia em detrimento ao embate; mais ainda, a soberania do povo alemão, submetido às condições das nações vitoriosas na guerra. Salomon, por outro lado, ainda sonha com uma vida de acordo com os padrões do velho sistema político e pretende lutar enquanto for capaz.

Eu quero mais. Eu não quero ser mera vítima. Eu quero ver estabelecido o *Reich* pelo qual eu luto. Eu quero poder. Eu quero um objetivo que preencha meu dia. Eu quero a vida por completo, com toda a doçura do mundo. Eu quero saber se o esforço vale a pena.¹⁰⁹

Ele deseja a paz da vitória, *Siegfrieden*. Ele quer, acima de tudo, mudar o mundo para que não seja mais necessário ser um *Geächteter*: “Não, pois eu não quero ser excluído desse ambiente. O que nos está dado na mão não me basta. Eu quero fazer parte de uma obra que ajude não a mim, mas ao país”¹¹⁰ (*Geächteten*, p. 207). Veremos que sua noção de país e de nação, de modo abundante ao longo do livro, é absolutamente pessoalista: eles, *os Geächtete*, como únicos fiéis à autêntica tradição alemã, sabem o que é melhor para a nação: eles são, a rigor, a própria nação.

Com o passar do tempo, contudo, muitos *Geächtete* morreram ou foram presos. Como já mencionado, as notícias de um companheiro morto eram tratadas de modo sóbrio e resignado, até bem-humorado. Normalmente, com a crescente dificuldade no financiamento das operações secretas e na manutenção da vida dupla, com a diminuição do contingente disponível para as ações, a obstinação arrefecia e as necessidades materiais no mundo moderno falavam mais alto. Durante um julgamento, em que estavam presentes alguns dos antigos cúmplices, Salomon percebe que todos estão deixando a vida

uns den Glauben dennoch gibt, fragst du? Nichts anderes als die Fähigkeit zu unserem Tun. (...) Ich kann nicht glauben, daß eine Kraft erstirbt, bevor sie sich verbraucht.” (*Die Geächteten*, p. 207-208)

¹⁰⁹ “*Ich will mehr. Ich will nicht bloßes Opfer sein. Ich will das Reich liegen sehn, für das ich streite. Ich will Macht. Ich will ein Ziel, das meinen Tag erfüllt. Ich will das Leben ganz, mit aller Süße dieser Welt. Ich will wissen, daß der Einsatz lohnt.*” (*Die Geächteten*, p. 208)

¹¹⁰ “*Nein, denn ich will nicht ausgeschlossen sein von dieser Umwelt. Was in unsere Hand gegeben, das genügt mir nicht. Ich will beteiligt sein an einer Leistung, die nicht mir, die dem Lande weiterhilft.*” (*Die Geächteten*, p. 207)

clandestina para se entregar à vida pequeno-burguesa: “Ele se tornou um homem decente. Os camaradas também se tornaram homens decentes.”¹¹¹ (*Geächteten*, p. 267)

Durante os últimos meses de sua pena, recebe às escondidas uma carta em que um antigo companheiro o atualiza a respeito dos últimos acontecimentos: mais companheiros morreram e houve uma tentativa de golpe por Hitler em Munique, rapidamente abafado pelas tropas nacionais. O impacto e o alcance das ações dos *Geächtete* tornam-se cada vez mais insignificantes, as esperanças de uma mudança nos cenários são cada vez menores: “Nós não queremos nos iludir com nada. Acabou. Foi bonito e acabou.”¹¹² O movimento clandestino de caráter nacional-conservador passava a fazer parte apenas como ideia na memória de seus membros, para anos mais tarde compor a literatura de Ernst von Salomon.

2.4.2. O título

O título da primeira obra literária de Salomon merece uma atenção especial: *Die Geächteten*, cuja tradução em português poderia ser “Os proscritos”, conforme o significado mais comum encontrado nos dicionários. Ainda que a tarefa de tradução seja também uma desistência¹¹³ da busca por equivalentes mais adequados ou completos, a busca por alternativas revela significados ocultos por trás (ou junto) do termo original que podem enriquecer as interpretações desta análise.

No alemão, *Die Geächteten* é plural da substantivação do adjetivo *geächtet*. Segundo o dicionário *Duden*, a acepção única seria “*aus einer Gemeinschaft ausgestoßen*”, expulso de uma comunidade. Como veremos a seguir, essa é a metáfora: Salomon e seus companheiros de causa sentiam-se párias de suas comunidades e da sociedade alemã, como um todo, na nova ordem pós Primeira Guerra, pois não encontravam seu lugar na nova conformação social. Essa exclusão não é meramente

¹¹¹ “Er war ein anständiger Mensch geworden. Die Kameraden waren auch anständige Menschen geworden.” (*Die Geächteten*, p. 321)

¹¹² “Wir wollen uns nichts vormachen. Es ist vorbei. Es war schön und es ist vorbei.” (*Die Geächteten*, p. 267)

¹¹³ A palavra *Aufgabe*, utilizado por Benjamin no texto “*Die Aufgabe des Übersetzers*” (A tarefa do tradutor), significa “tarefa”, mas também remete à ideia de “desistência” ou “renúncia”, a partir do dignificado do verbo *aufgeben* (desistir).

abstrata: Salomon chega a perder um emprego, por força do movimento de trabalhadores, devido às suas atividades anteriores nos *Freikorps*:

Depois de passar algumas semanas de empreitada em uma fábrica de borracha perfurando anéis de vidros de conserva, o conselho de funcionários soube que eu tinha estado no Báltico. Eu já tinha quase esquecido isso; o Báltico ficou atrás de mim como um sonho selvagem e confuso. Mas o conselho ameaçou com uma greve da equipe se eu continuasse empregado e fui demitido.¹¹⁴

Assim, eles se consideram expulsos da comunidade, ou se expulsam a si eles próprios, para formar uma nova comunidade de expulsos.

O adjetivo *geächtet*, no entanto, deriva do particípio passado do verbo *ächt*, que contem, nos dicionários *Duden* e *Langenscheidt*, outras duas acepções: a primeira, de uso no campo da história, traz “*über jemanden die Acht verhängen*”, impor a alguém a expulsão, o desterro, o exílio – este é o sentido histórico da palavra *Acht*: uma condição na qual alguém é excluído da proteção do direito vigente. No entanto, ela também carrega outras acepções: a que nos interessa é sinônimo de “atenção”, “cuidado”, em expressões corriqueiras (*in Acht nehmen vor etwas* = “tomar cuidado com”; *außer Acht lassen* = “deixar de lado”, “ignorar”; ou, mais arcaico, *hab Acht!* = “Tenha cuidado!”, “Tome tento!”).¹¹⁵ Ou seja, a palavra *Acht* significa, ao mesmo tempo, uma negação do cuidado, como proteção ou dedicação (suspensão dos direitos civis e exclusão do compartilhamento do território), e uma afirmação do cuidado, como precaução, inquietação. Os *Geächtete* são justamente homens indesejados pela sociedade e com os quais é necessário tomar cuidado e, para isso, monitorar sua posição para garantir que estejam fora de ação. Finalmente, a última acepção do verbo *ächt* remete a “(*als gemeinschaftsfeindlich*) *verdammen*”, condenar (como inimigo da comunidade), que seria o efeito social do banimento: uma pessoa condenada ao exílio por um soberano ou por um sistema judiciário se torna imediatamente inimiga dessa comunidade; daí deriva a

¹¹⁴ “*Nachdem ich einige Wochen lang in einer Gummifabrik Konservgläseringe im Akkord gestanzt hatte, erfuhr der Betriebsrat, daß ich im Baltikum gewesen war. Ich hatte das beinahe schon vergessen; das Baltikum lag hinter mir wie ein wüster, verworrener Traum. Doch der Betriebsrat drohte mit einem Streik der Belegschaft, wenn ich weiter beschäftigt würde, und ich wurde entlassen.*” (*Die Geächteten*, p. 148)

¹¹⁵A outra acepção de *Acht* é o nome do número oito (8), que não diz nada a esta especulação semântica, a não ser que remete visualmente ao símbolo matemático de infinitude (∞) ou, se observado como um *emotion*, a dois olhos esbugalhados, o que metaforicamente poderia ser vinculado à expressão física ocular de atenção mais aguçada a alguém indesejado que esteja por perto ou de assombro quando ele inesperadamente surge.

forma mais ordinária de uso do verbo, através do particípio passado *verdammt*, com sentido pejorativo (condenado, maldito), mas também como interjeição em situações de raiva. Os *Geächtete* são também seres condenados (muitos literalmente, na história) e malditos, indesejados por diversos setores da sociedade. Portanto, trata-se de uma palavra cuja polissemia atende a vários sentidos encontrados dentro da obra para o grupo de conspiradores.

Em português, a palavra “proscrito”, segundo o dicionário *Houaiss*, tem, como substantivo, o significado único de “indivíduo banido”. Como adjetivo, o sentido mais comum de *geächtet* (exilado, banido, degredado) aparece como segunda acepção. Na primeira, aparece: proibido, censurado, interdito, confiscado – que serviriam para coisas, obras, ações ou ideias, não para pessoas. Etimologicamente, segundo o *Houaiss*, vem do latim *proscriptus*, particípio passado de *proscribere*, no sentido de “anunciar por escrito; publicar, promulgar; tirar, despojar segundo a lei; aviltar, rebaixar, prostituir”. Percebe-se um deslizamento do sentido original burocrático de algo meramente anunciado por escrito até chegar à especificidade da exclusão de alguém ou algo.

Os demais sinônimos de “proscrito” em português também trazem novas possibilidades de interpretação, mas deixam a desejar em relação à riqueza de sentidos de *geächtet* em alemão. “Banido” vem do francês *ban*, lei cuja não observância acarreta uma pena; daí também provem as palavras “banal” (pertencente ao suserano, por isso comum aos habitantes da vila) e o verbo “abandonar” (da expressão *à ban donner*, literalmente “deixar ir para o exílio”). “Exilado” tem exatamente esse significado etimológico do latim *ex(s)ilium*, “mandado para fora”, “expulso”. “Degredado” tem a origem controversa: pode ser uma forma divergente de “degradar” (perder um grau) ou um cognato de “decreto”. “Desterrado” significa, simplesmente, “expulso da terra natal”; no entanto, podemos imaginar a metáfora de uma pessoa destituída de terra como uma pessoa sem chão (*Bodenlos*, sem fundo, abismal e insondável, inacreditável). “Ostracizado”, por sua vez, remete ao grego *ostrakhismós*, um sistema de votação para banir cidadãos indesejados, através de votos que eram inscritos sobre cacos de cerâmica (*ostrakon*) untados de cera; o infeliz eleito deveria partir para o exílio por alguns anos. Poderíamos pensar ainda em “marginalizado”, porém essa palavra carrega um valor na posição de vítima diante da opressão da sociedade, o que não condiz com a situação dos *Geächtete*, além de não ter um sentido também de oficialidade.

A tradução escolhida para a edição francesa foi da obra “*Les Réprouvés*”. *Reprouvé* pode significar “pessoa posta à margem da sociedade (fora-da-lei, pária)”, ou “pessoa excluída da saúde eterna (condenado, decaído, maldito/amaldiçoado)”¹¹⁶. Já em língua inglesa foi “*The outlaws*” – os fora-da-lei, os que agem como se estivessem acima da lei ou sem consideração por ela¹¹⁷ mas também aqueles que podem receber uma punição sumária extrajudicial¹¹⁸.

Esse conjunto diverso de sentidos tem relação com termo ambíguo *sacer*¹¹⁹, conforme cita Giorgio Agamben em *Homo sacer*, como aquele que se situa entre o “matável” e o “insacrificável”:

sacer esto é de fato uma maldição; e o *homo sacer* sobre quem essa maldição cai é um pária, um homem banido, tabu, perigoso... originalmente a palavra pode significar simplesmente tabu, ou seja, removida da região do *profanum*, sem nenhuma referência especial a uma divindade, mas “santo” ou amaldiçoado de acordo com as circunstâncias¹²⁰

De fato, essa é a condição dos soldados na guerra, que podem ser assassinados a qualquer instante, sem que isso constitua um crime por parte de quem os matou; tampouco sua morte pode ser considerada um sacrifício, pois ela não garante a sorte da cidade ou do *bando*. Por outro lado, essa é a intenção nobre e heroica daqueles que se dispõem a

¹¹⁶ Segundo o dicionário Larousse, “*réprouvé: Personne mise au ban de la société (hors-la-loi, paria); Personne exclue du salut éternel (damné - déchu - maudit)*”.

¹¹⁷ Quando está preso, Salomon se revolta por receber uma cama nova na cela, já que ele não fez nada para isso e não entende o funcionamento do sistema que a forneceu: “Eu sinto nojo até o meu pescoço. A ordem civil-burguesa! Eu atentei contra ela. Assim dizem. Eles estão no direito. Eu cuspo no Direito!” No original: “Der Ekel steht mir bis zum Halse. Die bürgerliche Ordnung! Ich habe mich gegen sie vergangen. So sagen sie. Sie sind im Recht. Ich spucke auf das Recht.” (*Die Geächteten*, p. 284)

¹¹⁸ Um exemplo famoso é a história do casal fora-da-lei Bonnie & Clyde, que nos anos 1930 assaltava bancos e postos de gasolina e matavam agentes da lei impiedosamente. Ficaram famosos por seu romance e tornaram-se símbolo de rebeldia contra a miséria da Grande Depressão. Foram assassinados brutalmente pela polícia, em uma emboscada (portanto sem o respaldo da lei) e seus corpos expostos numa procissão pela cidade (CABRAL, 2019).

¹¹⁹ Agamben constrói esse conceito a partir de pesquisa em obras de campos diversos como linguística, direito e antropologia, para caracterizar o estatuto dos judeus mortos na Shoah. Ele lembra que o termo “holocausto” tem relação com o rito de sacrifício, que não condiz com as condições do genocídio: “Deste ponto de vista, o querer restituir ao extermínio dos hebreus uma aura sacrificial através do termo ‘holocausto’ é uma irresponsável cegueira historiográfica. O hebreu sob o nazismo é o referente negativo privilegiado da nova soberania biopolítica e, como tal, um caso flagrante de *homo sacer*, no sentido da vida matável e insacrificável. O seu assassinato não constitui, portanto, (...) nem uma execução capital, nem um sacrifício, mas apenas a realização de uma mera ‘matabilidade’ que é inerente à condição de hebreu como tal.” (AGAMBEN, 2010, p. 113)

¹²⁰ “*sacer esto* is in fact a curse; and the *homo sacer* on whom this curse falls is an outcast, a banned man, tabooed, dangerous... originally the word may have meant simply taboo, i.e. removed out of the region of the *profanum*, without any special reference to a deity, but ‘holy’ or accursed according to the circumstances.” (FOWLER apud AGAMBEN, 2010, p. 81).

lutar por sua nação, por amor à pátria, como um *devotus*: “Os estudiosos confrontaram há tempos a figura do *homo sacer* com a do *devotus*, que consagra a própria vida aos deuses íferos para salvar a cidade de um grave perigo (AGAMBEN, 2010, p. 96). No entanto, o *devotus* que não morre pode se tornar um problema insolúvel para a comunidade:

“(...) o *devotus* sobrevivente é um ser paradoxal que, parecendo prosseguir numa vida aparentemente normal, se move, na realidade, em um limiar que não pertence nem ao mundo dos vivos nem ao dos mortos. (...) Tanto no corpo do devoto sobrevivente como, de modo ainda mais incondicionado, no corpo do *homo sacer*, o mundo antigo se encontra pela primeira vez diante de uma vida que (...) é definida apenas pelo seu ser em íntima simbiose com a morte, sem porém pertencer ainda ao mundo dos defuntos. (AGAMBEN, 2010, pp. 99-100)

Por outro lado, os *Geächtete* se colocam no poder de prosseguir nas batalhas por conta própria, sem respaldo dentro do direito ou do governo; além disso, na *Organisation Consul*, praticam atos terroristas contra pessoas que representam o poder político. Por isso, eles agem como soberanos que dão a si mesmos o poder de vida ou morte sobre os demais.

O que reúne o devoto sobrevivente, o *homo sacer* e o soberano em um único paradigma, é que nos encontramos sempre diante de uma vida nua que foi separada de seu contexto e, sobrevivendo por assim dizer à morte, é, por isto, incompatível com o mundo humano. (AGAMBEN, 2010, pp. 99-100)

Assim como no *topos* testemunhal do traumatizado *superstes*, o que sobreviveu à morte, mas continua na repetição compulsiva do trauma, também as figuras do devoto, do *homo sacer* e do soberano, completamente diversas, em termos de direitos e poderes, vivem nesse estranho limiar entre o mundo dos mortos e dos vivos, sem pertencer a nenhum deles. A mesma lógica se aplica a pertencer e ser excluído da sociedade: os *Geächtete* se consideram representantes da nação, mas os demais cidadãos da nação não o reconhecem como representantes legítimos; eles vivem nas cidades, no país, mas na clandestinidade, são banidos e fora-da-lei; não tem direitos garantidos, tampouco seguem as regras que valem para os demais.

Agamben, a seguir, fala da relação entre o *bando* e o homem-lobo (ou lobisomem, um híbrido monstro entre humano e fera, dividido entre cidade e selva, pertencente ao inconsciente coletivo, mas que representa na origem o que foi banido da comunidade) na cultura antiga germânica: “A antiguidade germânica e escandinava nos oferecem (*sic*),

além de qualquer dúvida, um irmão do *homo sacer* no bandido e no fora-da-lei (*wargus*, *vargr*, o lobo, e, no sentido religioso, o lobo sagrado, *vargr* y *veum*) (...) (JHERING apud AGAMBEN, 2010, p. 104). Esse homem-lobo também é uma pessoa matável sem que isso seja um crime e deve vagar excluído da comunidade, sem o direito à paz:

(...) o antigo direito germânico fundava-se sobre o conceito de paz (*Fried*) e sobre a correspondente exclusão da comunidade do malfeitor, que tornava-se (*sic*) por isto *friedlos*, sem paz, e, como tal, podia ser morto por qualquer um sem que se cometesse homicídio. Até mesmo o bando medieval apresenta características análogas: o bandido podia ser morto (...) ou era até mesmo considerado já morto (...). (AGAMBEN, 2010, p. 104)

Esse homem, portanto, vive num limbo entre vida e morte, entre animal e ser humano, entre *zoé* e *bíos*¹²¹, entre a vida nua e a vida ativa, entre estar dentro e estar fora, no pertencer e no não pertencer, entre a natureza e a civilização: “A vida do bandido (...) é (...) um limiar de indiferença e de passagem entre o animal e o homem, a *phýsis* e o *nómos*, a exclusão e a inclusão (...), que habita paradoxalmente ambos os mundos sem pertencer a nenhum. (...) vale dizer, banido, *homo sacer*” (AGAMBEN, 2010, p. 105). O *Die Geächteten*, proscrito, fora-da-lei é, ao mesmo tempo, um bandido e um banido.

Uma vez que a rica polissemia do título original está aqui exposta e levando em conta que não é objetivo deste trabalho traduzir a obra, optarei por desistir da transposição do título e manter o termo em alemão *Die Geächteten* ao longo do texto, em vez de optar por qualquer escolha em português.

2.5. Ideologia e valores

As virtudes prussianas, essencialmente definidas por valores morais protestantes, tais como a disciplina, a diligência e a determinação, caras à classe alta da sociedade guilhermina, no fim do século XIX, encontravam ampla valorização entre parcelas da burguesia no período imperial. Segundo Elias,

¹²¹ “Os gregos não possuíam u termo único para exprimir o que nós queremos dizer com a palavra vida. Serviam-se de dois termos, semântica e morfológicamente distintos, ainda que reportáveis a um étimo comum: *zoé*, que exprimia o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses) e *bíos*, que indicava a forma ou maneira de viver própria de um indivíduo ou de um grupo.” (AGAMBEN, p. 9)

na hierarquia de valores representada por esse código [de honra], especialmente em sua versão prussiana, as realizações culturais e todas as coisas que tinham sido caras à burguesia alemã na segunda metade do século XVIII, incluindo a humanidade e a moralidade generalizada, tinham uma classificação inferior, quando não eram positivamente desprezadas. (...) Desnecessário dizer que, nesses círculos, continuou sendo mantido o tradicional código de honra guerreiro e não o código burguês de cultura e moralidade. Também é evidente que essa tradição estava ligada a uma convenção de desigualdade hierárquica entre pessoas, de incondicional dominação e subordinação. (ELIAS, 1997)

As escolas de cadetes (*Kadettenanstalten*) foram criadas a partir do século XVIII por Friedrich Wilhelm I para formar um contingente militar com formação especializada e fortalecer o poder militar do império. Segundo Klein,

a escola de cadetes era subordinada ao inspetor de formação e educação militar, de modo que, além de professores civis para as disciplinas humanistas, também oficiais da ativa prestavam serviço como educadores, cuja ênfase, contudo, era na formação preparatória para o serviço militar. (KLEIN, 1994, p. 33)¹²²

Assim, seus alunos recebiam uma formação basicamente militar, na qual os valores prussianos eram transmitidos e reforçado. Seu ideal é a completa dedicação desses jovens à defesa do Estado e do imperador. Em última instância, conforme Salomon formula dramaticamente, simulando um discurso de recepção aos alunos: “Vocês estão aqui para aprender antes de mais nada o que confere o significado final à sua vida. Vocês estão aqui para aprender a morrer”¹²³ (SALOMON, 1933, doravante *Kadetten*, p. 33).

Tais valores formam as bases ética e moral que regem a conduta de Salomon e seus companheiros, representantes de uma ideologia nacionalista e conservadora, prontos para manterem fidelidade ao Kaiser e sacrificarem-se pela nação. Salomon evidencia reiteradamente, ao longo do livro, o respeito à tradição (e da aversão à modernidade), o senso de responsabilidade e obrigação, a aversão ao estilo de vida burguês e à normalidade burocrática, o intenso espírito guerreiro e, claro, o nacionalismo. Também é evidente a intensa relação de irmandade e camaradagem entre eles. A forte confiança nos resultados de seu esforço prevalecia no começo da luta reacionária; só após muitos reveses é que ela regrediu.

¹²² “Unterstellt waren die Kadettenkorps dem Inspekteur des militärischen Erziehungs- und Bildungswesens, so daß neben zivilen Lehrkräften für die humanistischen Fächer auch aktive Offiziere als Erzieher Dienst taten, deren Schwergewicht jedoch auf der vormilitärischen Erziehung lag.” (KLEIN, 1994, p. 33)

¹²³ “Sie sind hier, um das Lernen, was Ihrem Leben erst die letzte Bedeutung verleiht. Sie sind hier, um sterben zu lernen.” (*Kadetten*, p. 33)

2.5.1. Tradição

Tais valores evidenciam-se no discurso de Salomon especialmente no campo de batalha, quando determinação e a coragem materializam-se no espírito diligente e guerreiro dos soldados. Assim explica o autor que motivos os levaram a voluntariamente partirem à Letônia, na região do Báltico, contra a invasão bolchevique:

A força premente que nos impeliu a esse país, a essa guerra, a essas terras longínquas, sobre cujos campos de batalha, agora estagnados, ressoavam apenas tiros perdidos, ardia em nós desde o princípio, pois ainda estávamos sob leis refulgentes, pois ainda éramos ligados aos valores que nos pareciam sagrados, que determinavam o caminho em tradição alimentada, pois ainda acreditávamos e estávamos seguros na consciência dessa crença de uma felicidade austera. Não conhecíamos nenhum problema. O mundo parecia simples e estava amplamente aberto diante de nós, nossos pais trabalharam por ele e formaram-no e nele encontraram sua orgulhosa satisfação. Devíamos tomar posse de uma rica herança, habituar nessa forma fixada e dar continuidade ao que nos foi transmitido com confiança. Aprendemos a cumprir nosso dever. Aprendemos a respeitar nossa lei.¹²⁴ (*Geächteten*, p. 75)

Anton Kaes identifica como fonte dessa "força premente" (*drängende Gewalt*) da tradição alemã a saga medieval *Das Nibelungenlied* (traduzida em português como "Canção dos Nibelungos"). Kaes analisa a duologia cinematográfica *Die Nibelungen* (1924), composta de duas partes (*Siegfried* e *Krimhildes Rache*), dentro de um grande projeto nacional (cultural e artístico), em meio à crise identitária do povo alemão durante a República de Weimar. Seu objetivo era unir a população – ou pelo menos uma boa parte dela – em torno da ideia de um bem maior compartilhado, de modo a promover a ideia de nação enquanto comunidade em busca de objetivos comuns. Nesse sentido: "*Die Nibelungen* reviveria o mito de fundação da Alemanha, que estava imbuído de temas

¹²⁴ "*Die drängende Gewalt, die uns in dies Land getrieben, in diesen Krieg, in diese fernen Striche, über deren nun erstarrten Schlachtfeldern nur noch verlorene Schüsse hallten, glühte von Anbeginn in uns, da wir noch unter strahlenden Gesetzen standen, da wir noch gebunden waren an die Werte, die uns heilig dünkten, die in gehegter Tradition den Weg bestimmten, da wir noch glaubten und im Bewusstsein dieses Glaubens eines strengen Glückes sicher waren. Wir kannten keine Probleme. Die Welt schien einfach und lag offen vor uns hingebreitet, unsere Väter hatten an ihr gearbeitet und geformt und ihr stolzes Genüge in ihr gefunden. Ein reiches Erbe sollten wir antreten, hineinwachsen in diese festgefügte Form und weiterführen, was uns zu treuen Händen übergeben war. Wir hatten gelernt, unsere Pflicht zu tun. Wir hatten gelernt, unser Recht zu achten.*" (*Die Geächteten*, p. 75)

épicas – lealdade, altos ideais, heroísmo na derrota – que ressoava com os eventos históricos da década anterior”¹²⁵ (KAES, 2009, p. 133)

O herói da *Nibelungenlied* é o jovem Siegfried, um nobre príncipe, belo e honesto, mas também forte e corajoso guerreiro, imaculado e impetuoso, que encantava a todas as mulheres. “Uma nação jovem se comparada com a Grã-Bretanha ou a França, a Alemanha identificava-se com o herói jovem e idealista. Siegfried era a Alemanha. A Alemanha era Siegfried”¹²⁶ (KAES, 2009, p. 134). No enredo épico, Siegfried apaixonou-se pela princesa Krimhild, da terra dos burgúndios, conquista a confiança da família por sua bravura ao defendê-los de invasões. Depois ajuda Gunther, rei dos burgúndios e irmão de Krimhild, a vencer provas contra Brünhild, rainha da Islândia, a fim de que ela conceda sua mão em casamento. Anos depois, após um desentendimento entre Krimhild e Brünhild, que se sente humilhada, Siegfried é vítima de uma conspiração, sendo assassinado por um vassalo de Gunther, com uma lança em seu único ponto fraco, nas costas¹²⁷. Inconformada com a morte traiçoeira do marido, Krimhild prepara sua vingança, com a ajuda de seu novo marido, Attila, o Huno. No final das contas, vários assassinatos são cometidos entre todas as partes, culminando na morte de Krimhild.

Para os conservadores nacionalistas, a história de Siegfried representou a história da Alemanha na Primeira Guerra: o corajoso exército foi à luta em defesa de seus valores, confiante na vitória certa, que reestabeleceria a paz interna ao *Reich* dentro dos sagrados e puros valores da tradição; acabou traído, com a punhalada pelas costas (segundo a *Dolchstoßlegende*) pela população civil que permaneceu no país e que, em vez de apoiar suas tropas, promoveu insurreições populares para destituir o *Kaiser* e dissolver o *Reich*. Desse modo, não teria sido no campo de batalha que o país perdera a guerra, mas sim na arena política. Além disso, o que se seguiu foi uma série de assassinatos políticos após o

¹²⁵ “*Nibelungen would revive Germany’s founding myth, which was imbued with epic themes – loyalty, high ideals, heroism in defeat – that resonated with the historical events of the past decade.*” (KAES, 2009, p. 133)

¹²⁶ “*A youthful nation when compared to Great Britain or France, Germany identified itself with the young and idealistic hero. Siegfried was Germany. Germany was Siegfried.*” (KAES, 2009, p. 134)

¹²⁷ Ao matar um poderoso dragão, Siegfried banhou-se em seu sangue, o que tornou sua pele impenetrável, portanto, invencível. Porém, ao se banhar, uma folha de árvore ficou presa em parte das costas, o que impediu o contato com o sangue nessa região, deixando-a vulnerável. É algo semelhante ao tornozelo de Aquiles, que, segundo a lenda, ganhou invulnerabilidade ao ser banhado, após nascer, no rio Estige; no entanto, como foi segurado pelos tornozelos, essa região sem contato com a água tornou-se seu ponto fraco.

fim da guerra, como as mortes de Erzberger e Rathenau, que são apresentadas em *Die Geächteten*.

Logo, a história dos Nibelungos, relançada nas telas do cinema, “forneceu o apocalipse heroico que estava faltando no fim da guerra. O exército alemão não foi derrotado epicamente em uma última batalha inflamada (...). Este fim inesperado e anticlimático, entretanto, permitiu aos políticos alemães (desde os nacionalistas até os socialdemocratas) a anunciar o exército como ‘invicto no campo de batalha’” (KAES, 2009, p. 162)¹²⁸. Como a guerra não teve esse desfecho heroico, não pôde, portanto, fazer dela um mito fundador de uma nova Alemanha (como aconteceu, a duríssimas penas, na Segunda Guerra Mundial).¹²⁹

Siegfried serve, portanto, de modelo heroico para o bravo soldado que não teme a morte. De acordo com a narrativa, seu sepultamento dentro da catedral durou três dias, foram rezadas mais de cem missas e pessoas de todos os reinos vizinhos foram lamentar e homenagear o falecido: sua morte torna-se um lugar de luto, contemplação e memória.

Como nos dramas barrocos, sobre os quais Walter Benjamin escreveu por volta dessa época, o corpo do herói caído torna-se uma alegoria para o corpo nacional e para a pátria, o que aos olhos de muitos alemães também tinha sido martirizado. (...) A morte de Siegfried não leva a renascimento e salvação, mas sim a uma resolução pela vingança que termina em conflagração apocalíptica.¹³⁰ (KAES, 2009, p. 149)

O jovem Salomon, que se alistou como membro de *Freikorps* quando a guerra já estava próxima do fim, buscou também uma morte heroica no campo de batalha, porém ela não se realizou. Muitos de seus companheiros combatentes caíram e não tiveram um sepultamento digno, apenas ficaram genericamente marcados na memória coletiva como o “soldado desconhecido” representado em pequenos monumentos que adornam praças mundo afora. Em sua homenagem, Salomon narra suas mortes, heroicizando-os a seu

¹²⁸ “For the nationalists, Lang’s film furnished the heroic apocalypse that was missing at the war’s end. The German army was not epically defeated in one last fiery battle (...). This unexpected and anticlimactic end, however, allowed German politicians (from the nationalists to the social democrats) to herald the army as ‘unbeaten on the battlefield’”. (KAES, 2009, p. 162)

¹²⁹ Uma vez que se comparou a saga de Siegfried com a história da Alemanha na primeira grande guerra, seria de se prever que seu herdeiro cultural, a saber, o nacional-socialismo, também fosse, como Krimhild, derrotados no final das contas.

¹³⁰ “As in Baroque tragedies, about which Walter Benjamin wrote around this time, the body of the fallen hero became an allegory for the national body and the fatherland, which in the eyes of many Germans had also been martyred. (...) Siegfried’s death does not lead to rebirth and salvation but rather to a resolve for revenge that ends in apocalyptic conflagration.” (KAES, 2009, p. 149)

modo. O soldado, moderno guerreiro, é aquele que se arrisca e abre mão da própria vida em favor de um bem maior, a nação. A fama pelos feitos heroicos, após a morte, lhes permitiria um lugar perene na memória coletiva, mantendo-os, assim, eternamente “vivos”. As guerras modernas, porém, fabricam uma quantidade imensa de “heróis” que permanecem anônimos na memória coletiva. Suas mortes podem até ser homenageadas com condecorações por bravura em combate, como a Cruz de Ferro (*Eisernes Kreuz*), mas tais insígnias, tanto quanto a cruz cristã, significam, para os que ficam, não mais que o flagelo da morte e da ausência, sem redenção. Tornam-se insignificantes para a vida e apenas incorporam o trauma coletivo, por gerações.

2.5.2. Nacionalismo

Outra característica fundamental, o nacionalismo, é apresentado por Salomon de uma forma bem peculiar: a nação que todos amam incondicionalmente não está definida por fronteiras geográficas, nem pela zona de convergência da cultura germânica e sua língua, muito menos pelo Estado nacional que a organiza. Eles, os nacionalistas, se confundem com a própria ideia de nação. Mais ainda: uma vez que tanto nação quanto guerra são seus lares, esses dois conceitos também se confundem: ‘O *front* era sua terra natal, a pátria, a nação’¹³¹. ‘E como a guerra criou seu território, assim ela criou o seu senhor. (...) Ela divide a terra natal do *front* e a nação da pátria’¹³².

Essa confusão (ou “co-fusão”) dos conceitos tem o efeito de insinuar que aqueles que se mostram seguidores de uma suposta tradição germânica autêntica e legítima (na verdade prussiana, que encontra seu mito fundador, como vimos, em Siegfried) e que lutam pela pátria são os únicos realmente desinteressados e aptos a definir *o que é* a nação e quais são seus reais anseios. O discurso deixa a entender que os demais alemães (socialistas, socialdemocratas, proletariado, burguesia e especialmente os membros do então governo) tinham interesses escusos ou segmentários (algo que hoje se chamaria vulgarmente de “viés ideológico”, como se houvesse uma hegemonia natural de hierarquização legítima – e não de uma ideologia dominante – em vez de uma constante

¹³¹ “Die Front war deren Heimat, war das Vaterland, die Nation.” (*Die Geächteten*, p. 28)

¹³² “Und wie der Krieg sich seine Landschaft schuf, so schuf er sich sein Herr. (...) Er schied die Heimat von der Front und die Nation vom Vaterland.” (*Die Geächteten*, p. 76)

disputa ideológica pelo poder. Esses grupos, portanto, ou buscavam uma inversão (injusta) do poder de uma categoria sobre a outra, ou buscavam vantagens individuais. Apenas eles, soldados voluntários a serviço do *Reich* (ainda que não obedecessem a ordens superiores), é que defendiam a nação de modo desinteressado, isento:

Nós acreditávamos que deveríamos ter o poder, ninguém mais além de nós, em favor da Alemanha. Pois nos sentíamos nós mesmos Alemanha. Nós nos sentíamos tanto a Alemanha, que nós, quando dizíamos ideia, queríamos dizer Alemanha, que nós, quando dizíamos combate, empenho, vida, sacrifício, obrigação, queríamos dizer sempre Alemanha. Aqueles em Berlim, assim pensávamos, não tinham direito. (...) Para eles Alemanha não era o valor central, como nós, pois dizíamos, nós somos a Alemanha.¹³³

Essa indistinção entre sujeito, ação e nação passa pela assimilação irracional, dogmática do conceito de nação. Quando se definem símbolos abstratos materializados como bandeiras, hinos, cores e estereótipos culturais, atrelados a paisagens típicas e monumentos de distinção, cria-se o sentimento nacionalismo desvinculado das pessoas que compõem aquela nação. Tudo é feito em função dessa ideia abstrata que pode, na prática, receber um invólucro travestido de estrutura política, tal como uma forma; a tradição, no entanto, vem dizer que a forma certa, ideal, é a tradicional.

Isso era reconhecido por todos que dominavam a lei metafísica, pela qual a nação sozinha é compreensível. Essa lei requer empenho. Por isso a Alta Silésia se tornou para nós uma referência, para nós, país e povo. (...) Tratava-se de cumprir a lei da nação. Para aqueles que sabiam por quê, não havia porquê.¹³⁴

É muito comum perceber em movimentos conservadores o discurso de que não são em defesa de determinada causa, determinado partido ou determinada categoria social, mas sim pela nação. Ora, se conterrâneos são mortos em defesa da nação, ela não pode ser entendida como o espaço de convivência do conjunto de indivíduos que nela nasceram ou que a adotaram, pois, caso contrário, matar essas pessoas seria também matar

¹³³ “*Wir glaubten, daß wir die Macht haben müßten, kein anderer als wir, um Deutschland willen. Denn wir fühlten uns selber Deutschland. Wir fühlten uns so sehr Deutschland, daß wir, wenn wir Idee sagten, Deutschland meinten, daß wir, wenn wir Kampf sagten, Einsatz, Leben, Opfer, Pflicht, daß wir dann immer Deutschland meinten. Die in Berlin, so dachten wir, hatten ein Anrecht nicht. ... es war Deutschland ihnen nicht der zentrale Wert, wie uns, da wir sagten, wir sind Deutschland.*” (*Die Geächteten*, p. 111-112)

¹³⁴ “*Das war erkannt von allen, die das metaphysische Gesetz beherrschte, durch welches die Nation allein erfäßbar wird. Dies Gesetz verlangt den Einsatz. So wurde OS uns zum Prüfstein, uns, dem Lande und dem Volke. (...) Es handelte sich darum, das Gesetz der Nation zu erfüllen. Für die, die darum wußten, gab es kein Warum.*” (*Die Geächteten*, p. 170)

um pouco dessa mesma nação. Logo, a nação não pode ser atrelada ao conjunto de indivíduos, mas sim a uma abstração à parte, definida por um grupo que se considera hegemônico. Nesse sentido, para eles, a tradição deve ser mantida e conservada para o bem da nação; uma nação que evolui, que progride, que se modifica, perde seu caráter “original”, dissolve-se e deixa de ser a “ideal”. Por isso tamanha resistência à modernização e à dominação cultural pelas potências estrangeiras “do Ocidente”.

O que está em jogo é uma clara disputa pelo poder da autoafirmação e da decisão do próprio destino. Salomon recebeu como herança da família e do Estado nacional constituído pelo Reich um conjunto de valores, mas também de hábitos, de costumes, aos quais teve que se adaptar para que pudesse usufruir de certas vantagens sociais. A cultura imperial, herdeira da cultura prussiana, construída ao longo de dois séculos, valorizava o militarismo, no sentido em que os indivíduos que ofereciam seus corpos e sua força de trabalho em defesa da nação e pela manutenção da ordem disfrutavam de grande prestígio social. Na medida em que a guerra avança e o império rui, dissolve-se também a ideia de nação que por tanto tempo vigorou. Muda a estrutura hierárquica, substituem-se os detentores do poder político. A república instaurada às pressas modifica as regras do jogo e cria uma nova dinâmica; forma-se uma disputa pela forma de organização social e política: os socialdemocratas, indicados pelas potências ocidentais como força moderadora e ideologicamente afim, fazem as concessões que julgam necessárias para continuarem na liderança; a esquerda revolucionária vislumbra uma chance de estabelecer uma nova ordem pela via socialista ou comunista; os conservadores não querem abrir mão do poder que detinham até então. A nação é o que está em jogo.

Nessa configuração, os revolucionários conservadores procuram reivindicar a definição de nação a partir da perspectiva histórico-cultural da tradição: a nação não pode deixar de ser aquilo que era até a queda do *Reich*. Somente eles, únicos representantes do que consideram sua legítima nação, é que podem resgatá-la. Para isso, Salomon tenta representar, através da literatura, a sua concepção ficcional da nação alemã, a “comunidade imaginada” por ele e por seu grupo como correta, justificada e ideal, no sentido proposto por Benedict Anderson (2008), a fim de que ela tenha uma relevância factual, empírica. O que ele intenta executar é uma *autotematização* nacional. De acordo com Ulrich Bielefeld, a autotematização (*Selbstthetisierung*) é o processo de conceber uma ideia de mundo, a partir de uma autoimagem (do Eu e do Nós), e representá-la, de

modo que, juntamente com o simbólico e o real, enquanto componentes da realidade, realizem “a função particular da fundação e fundamentação da sociedade política”¹³⁵ (BIELEFELD, 2003, p. 10). A autotematização associa a questão da identidade nacional (a unidade de existência em comum, que já não é mais estabelecida de fora) com a questão da clareza (*Eindeutigkeit*) que determina a coisa política como nacional; ela é componente da autofundação e da autofundamentação de sociedades modernas. A autotematização cria unidade ficcional como componente da realidade¹³⁶ (BIELEFELD, 2003, p. 11).

Duas características modernas da autoimagem e da autointerpretação são:

a) a reflexividade, ou seja, tanto a imagem de si, quanto a delimitação do que pode pertencer ao grupo são derivadas e produzidas por si mesmo, não de fora;

b) a relevância política, isto é, a coletivização política é fundada a partir da autoafirmação do grupo, de modo que aqueles que realmente podem ou conseguem reivindicar devem fundamentar-se por si mesmos, delimitar sua identidade e posição e derivar suas reivindicações a partir de sua história ou cultura, diferenciando-se tanto interna quanto externamente.

A autotematização é, enfim a modificação do significado da autoimagem coletiva que tem acesso a essa dupla relevância, reflexiva e política.

Bielefeld cunha o termo ‘entusiastas frios’ (*kalte Enthusiasten*) para se referir aos indivíduos que, após a experiência coletiva da mobilização e das trincheiras, da derrota e do então considerado vexame (*Schmach*) do tratado de Versailles, eram jovens demais para serem convocados e velhos o suficiente para vivenciar o despeito de seus pais (e deles próprios) pela derrota e que, por isso, tornaram-se agitadores. (BIELEFELD, 2003, p. 273). Agitadores, militantes, ativistas, por vezes terroristas.

Na medida em que os políticos da nova ordem organizam juridicamente e gerenciam o Estado, que é a instância política oficial de representação da nação, enquanto convenção social, então essa nação distancia-se da comunidade simbólica almejada, torna-se real e perde seu valor: a nação se realiza através de uma reunião secreta de

¹³⁵ “*Sie [die Vorstellung über und die Darstellung der Welt] sind nicht nur als Vorstellungen über das Ich und das Wir, als Selbstbilder, relevant, die gemeinsam mit dem Symbolischen und dem Realen als Bestandteile der Wirklichkeit gelten können, sondern sie erhalten in der Moderne die besondere Funktion der Gründung und Begründung der politischen Gesellschaft.*” (BIELEFELD, 2003, p. 10)

¹³⁶ “*Die Selbstthematisierung schafft fiktionale Einheit als Bestandteil der Wirklichkeit.*” (BIELEFELD, 2003, p. 11)

conspiradores, na perspectiva de Salomon; eles não são a nação. Tampouco configura-se a nação pelo povo, a população civil, as pessoas comuns. Quando ele enuncia “nós somos a Alemanha”, refere-se apenas àqueles que estão em batalha, que compartilham da mesma nostalgia de um tempo em que pertencia à elite militar. Na autorrealização da comunidade imaginada como substância, há uma dissolução do Si em Nós, sem mediação. Aqui, o Eu do entusiasta frio não se dissolve no Nós real; o Eu imagina-se como Nós, sem mediação. Logo,

A nação se realiza na decisão: a pequena elite de ativistas torna-se a Alemanha. Nessa elite, o segredo se revela. É o que só sob certas condições se pode confessar sem punição: interesse próprio imediato e a justificativa de assassinato e homicídio.¹³⁷ (BIELEFELD, 2003, p 280)

Em outras palavras, os entusiastas frios cometem crimes segundo seu interesse próprio; eles fazem-no porque assim o querem. No entanto, sob a alegação de uma luta em nome da nação, o Eu supostamente dissolvido no Nós, a culpabilidade de seus crimes também se dilui no Nós, que, contudo, só existe como ideia. A representação dessa ideia compõe uma autotematização da Alemanha, criando a unidade ficcional que coloca como proposta a fundação e a fundamentação de uma Alemanha idealizada pelo entusiasta frio. Supondo tal configuração, Bielefeld projeta sua possível existência no plano real:

Os alemães definem onde é a Alemanha. Os alemães, porém, são nada além que os próprios guerreiros. O Estado é violência; onde há violência, há Estado, e o Estado é o Direito. Nem rei, nem Estado, nem nação – nessa forma da autotematização ‘os alemães’ podem fazer o que querem. Lá, onde ‘nós’ estamos, também lá, onde a Alemanha ‘está’, Salomon despediu-se completamente da nação como poder soberano, porém estatal e limitado.¹³⁸ (BIELEFELD, 2003, pp. 281-282)

¹³⁷ “*Die Nation realisiert sich in der Entscheidung: Die kleine Elite der Aktivisten wird ‘Deutschland’. In ihr gibt sich das Geheimnis zu erkennen. Es ist das, was man nur unter bestimmten Bedingungen ungestraft offen bekennen kann: unmittelbares Eigeninteresse und die Rechtfertigung von Mord und Totschlag*” (BIELEFELD, 2003, p 280). *Mord* e *Totschlag* são formas de assassinatos, conceitos semelhantes aos de homicídio doloso e culposo, respectivamente. *Mord* é punido com maior severidade por se basear em características como crueldade, puro desejo de matar (*serial killers, por exemplo*), feminicídio, ódio racial ou político, entre outros.

¹³⁸ “*Die Deutschen definieren, wo Deutschland ist. Die Deutschen aber sind nichts anderes als die Krieger selbst. Der Staat ist Gewalt; wo Gewalt ist, ist Staat, und der Staat ist das Recht. Weder König noch Staat, noch Nation – in dieser Form der Selbstthematization können ‘die Deutschen’ tun, was sie wollen. Da, wo ‘wir’ sind, also da, wo Deutschland ‘ist’, hat Salomon sich von der Nation als souveräner, aber begrenzter staatlicher Herrschaft vollständig verabschiedet.*” (BIELEFELD, 2003, pp. 281-282)

As consequências diplomáticas e jurídicas de um Estado que realmente implementasse essa nação autotematizada, sem fronteiras, sem limites, seriam catastróficas, com efeitos morais comprometedores:

A verdade é para a pequena elite daqueles que a definem, que estabelecem a direção e ultrapassam os limites do território estreito da nação, o território que se distende pelos vastos espaços do mundo e que dissolve os limites através dos outros que confrontam o Nós ilimitado. As dissoluções do território correspondem à dissolução das marcações e considerações, das normas e leis e da necessidade de compromissos. Em suma: é a dissolução da política da negociação, do equilíbrio de interesses e da consideração da lei, é a dissolução do escopo de regras, de expectativas e expectativas de expectativa, e é também a dissolução do território como um espaço moral. A dissolução do território no espaço vai além da demanda por espaço vital.¹³⁹ (BIELEFELD, 2003, p. 282)

Em suma, para um Estado desse tipo, tudo é legítimo, basta que se tenha a capacidade de realizá-lo. Podemos vislumbrar nesse panorama justamente o Estado Nazista, que a partir de 1939 iniciou invasões a territórios de outros países, anexando alguns e submetendo outros a seu domínio. Também internamente iniciou a perseguição a grupos indesejados na substância do Nós – os Outros que poderiam, segundo sua concepção de pureza de raça, macular a dissolução, necessitando, para isso, uma solução final que os eliminasse de vez – a dissolução do espaço moral.

Por outro lado, a busca por uma expansão do espaço vital dos alemães através da expansão (tema do romance *Volk ohne Raum*, de Hans Grimm) e eliminação da fronteiras – espaciais e morais –, na medida que transforma tanto o espaço quanto a composição substância dissolvida do Nós, requer uma reformulação da própria ideia inicial de nação. Logo, a fundamentação da nação pela continuidade de uma tradição autêntica termina pela descontinuidade dessa mesma tradição.

O nacionalismo extremo baseia-se na nacionalização sob a condição paradoxal da dissolução da nação por meio da ilimitação da moral e da reformulação do território no espaço. A referência prática [*Praxisbezug*] que os teóricos do nacionalismo e os práticos da batalha decisiva tem a oferecer ao Nacional-

¹³⁹ “Das Wahre ist bei der kleinen Elite derer, die es definieren, die die Richtung vorgeben und die Grenzen des engen Gebietes der Nation überschreiten, des Gebietes, das in die weiten Räume der Welt zerdehnt wird und die die Begrenzungen durch die anderen auflösen, die dem entgrenzten Wir entgegenstehen. Die Auflösungen des Gebietes entspricht der Auflösung der Setzungen und Rücksichtnahmen, der Normen und Rechte und der Notwendigkeit von Kompromissen. Kurz: Es ist die Auflösung der Politik des Aushandelns, des Interessenausgleichs und der Berücksichtigung des Rechts, es ist die Auflösung des Geltungsbereichs von Regeln, von Erwartungen und Erwartungserwartungen, und es ist auch die Auflösung des Gebietes als moralischer Raum. Die Auflösung des Gebietes in den Raum reicht weiter als die Beanspruchung von Lebensraum.” (BIELEFELD, 2003, p. 282)

Socialismo e com a qual a ‘prática’, como sempre, apenas limitadamente pode começar alguma coisa, é uma [referência prática] da redefinição do conceito e da abertura das concepções [*Vorstellungen*]. (...) Isso só pode realizar-se no alargamento da transgressão de fronteiras, não na soberania limitada da nação. O ‘Nós’ quer dizer ‘Eu’, um ‘Eu’ que pode fazer e deixar o que ele quiser e que encontra na morte a dignidade humana¹⁴⁰ (BIELEFELD, 2003, p. 283)

Assim, a autotematização da Alemanha expansionista e imperialista, dentro da narrativa autobiográfica de Salomon, transcende a mera apresentação dos eventos ocorridos em sua juventude. Ela funciona como relato de ações individuais não só possíveis, como também realizadas, dentro da vontade humana e, mais especificamente, dentro do espírito prussiano. Por mais que Salomon tenha posteriormente abandonado a ação violenta e se tornado um intelectual, que nunca tenha assumido uma posição explicitamente antissemita e que afirme que seu livro era apenas um romance documental, sua obra, ao mostrar o fracasso de soldados heroicos, defensores de uma tradição autêntica, pela falta de apoio popular e político, tem o poder de construir o imaginário de uma nação poderosa e vencedora, caso uma quantidade expressiva de pessoas agisse da mesma forma que *os Geächtete* e, por isso, tem efeito sugestivo de ação para que aquela ideia se torne possível, como veio de fato a acontecer anos depois.

Bielefeld não poupa críticas ao personagem que Salomon representa em seu livro: “O entusiasta frio parece não generalizável, seu esboço existencial é extremo demais, seu moral é rigoroso demais, seu jeito [Gehabe] é elitista demais. É um *outsider* virtuoso”¹⁴¹ (BIELEFELD, 2003, p. 280). Mais adiante ele critica também sua postura nos anos após a Segunda Guerra, dentro do que Lejeune chamou de espaço autobiográfico: por trás de um pacifista, crítico tanto do nazismo, quanto do belicismo americano, havia um homem autocomplacente, cínico, contraditório e indiretamente negacionista, que se recusava a reconhecer a responsabilidade do povo alemão nos crimes da *Shoah*. Com efeito, o fato de ele não ser antissemita e não ter aderido ativamente ao nacional-socialismo diminuem

¹⁴⁰ “Der extreme Nationalismus beruht auf der Nationalisierung unter der paradoxen Bedingung der Auflösung der Nation durch Entgrenzung im doppelten Sinne: der Entgrenzung von Moral und der Umformulierung des Gebietes in Raum. Der Praxisbezug, den die Theoretiker des Nationalismus und die Praktiker des Entscheidungskampfs dem Nationalsozialismus zu bieten haben und mit dem die ‘Praxis’, wie immer, nur begrenzt etwas anfangen kann, ist einer der Umdefinition der Begriffe und der Öffnung der Vorstellungen. (...) Realisieren sich diese nur in der Ausdehnung der Grenzüberschreitung, nicht in der begrenzten Souveränität der Nation. Das ‘Wir’ meint ‘Ich’, ein ‘Ich’, das tun und lassen kann, was es will, und im Tod die Menschenwürde findet.” (BIELEFELD, 2003, p. 283)

¹⁴¹ “Der kalte Enthusiast scheint nicht verallgemeinerbar, zu extrem ist sein existentieller Entwurf, zu rigoros seine Moral, zu elitär sein Gehabe. Er ist ein virtuoser Außenseiter.” (BIELEFELD, 2003, p. 280)

a impressão de caráter terrível que sua fama proclama. Mas isso é o mínimo que se espera de alguém que não concorde com estados totalitários, nem com a perseguição a grupos sociais quaisquer.

3. TRAUMA E O SUBLIME

3.1. Registro da anamnese

Em livros de memória, principalmente os de caráter autobiográfico, são comuns excursos do autor para tratar metalinguisticamente o árduo trabalho de escrever a partir das lembranças. Em minha dissertação de mestrado, observei diversas passagens do livro de memórias de Günter Grass, *Nas peles da cebola*, em que o autor-narrador explora esse tema, utilizando-se principalmente de duas metáforas: a cebola e o âmbar. O processo de desvendar as memórias é como descascar cebolas: o ato de recuperar alguma lembrança se assemelha ao trabalho de cortar e retirar uma camada da cebola, um procedimento que costuma levar às lágrimas. Outras reminiscências são como um inseto fossilizado numa pedra de âmbar: a pedra é turva e não deixa ver nitidamente seu conteúdo; no entanto, basta colocá-la contra a luz para que o inseto fique visível na turbidez translúcida do âmbar. Mesmo em seus livros de ficção da *Trilogia de Danzig*, que possuem muitas semelhanças com dados biográficos do autor, aparecem especulações sobre a memória, uma vez que os narradores, justamente realizando a tarefa de contar fatos de suas vidas, se deparam com as dificuldades do acesso à memória e os afetos que muitas vezes as lembranças trazem: segredos, culpa, perda, trauma. Em *O tambor*, por exemplo, Oskar Matzerath rufa seu instrumento para rememorar momentos de sua existência; em *Anos de Cão*, Brauxel recorre a conversas sobre o passado com os velhos amigos Harry e Matern, bem como a seu diário de infância, quando ainda se chamava Amsel.

No caso de Salomon, em *Die Geächteten*, tal ausência chama a atenção: em momento algum o autor faz reflexões sobre o processo de recuperar a memória, sobre a dificuldade de se lembrar de certos eventos e detalhes, da facilidade de se esquecer quando se tenta recordar. Esse tema é praticamente ignorado. O que se observam são marcas da rememoração através de determinadas expressões que, por outro lado, geralmente anunciam uma memória sólida, um não-esquecimento:

... subiu da terra aquele cheiro especial de ervas, que sempre permaneceu na lembrança.¹⁴²

¹⁴² “... stieg aus der Erde jener sonderbar herbe Geruch, der ... stets in Erinnerung geblieben war.” (*Die Geächteten*, p. 83)

Nunca mais esquecerei como as sombras dessa tarde que baixava tirou de nossa partida toda a rispidez.¹⁴³

Nunca esqueceremos como o destino nos deixou cair, porque nós não pudemos confessar a ele. Nunca vamos esquecer (...). Nunca vamos esquecer (...).¹⁴⁴

Eu recordava (chamava de volta à memória) cada palavra que eu ouvia dele. Eu me lembrava de cada ação que me unia a ele.¹⁴⁵

Esses são trechos de episódios muito marcantes na vida de Salomon, então é possível que ele queira justamente dizer que esses são fatos que valem a pena ser lembrados e que, portanto, não pretende esquecê-los. Abundam no texto sequências bem definidas de cenas de batalhas, as movimentações de tropas, a situação do clima, longos diálogos entre os companheiros e mesmo detalhes técnicos de distâncias, modelos de armas, cores de roupas, expressões faciais ou espaços internos pormenorizados:

Cerca de 500 metros em frente ao cemitério, estendia-se um lago comprido e estreito, paralelo à posição até bem perto da estrada, lá onde estava o carro blindado queimado, e a cerca de 3000 metros de distância havia, à direita e à esquerda da estrada, várias fazendas. Lá deveria estar metido o letão. À direita da estrada, em direção ao aterro da ferrovia, descia até as fazendas uma faixa da floresta. À esquerda da estrada, a área estava coberta de arbustos como um tapete destruído. (...) Os segundos seguintes, apesar da confusão indescritível, mostraram que os letões já haviam passado pelo lugar que devíamos ocupar e agora eram tinham que ficar deitados, bem espremidos, no bosque do desnível estreito. (...) Eis que atrás da colina ganhou vida. Ouvimos uma série de disparos escuros das minas e nossa bateria estabeleceu-se uma posição exatamente 30 metros à nossa frente.¹⁴⁶

Em suas cartas, Salomon fala da preparação para escrever um novo livro (*Nahe Geschichte*, sobre a história dos *Freikorps*), na qual realiza extensa pesquisa, coleta dados, conversa com pessoas envolvidas, para então compor seus textos:

¹⁴³ “Niemals werde ich vergessen, wie die Schatten dieses sinkenden Tages unserem Auszuge alle Schrofheit nahmen.” (*Die Geächteten*, p. 114)

¹⁴⁴ “Nie werden wir vergessen, wie uns das Schicksal fallen ließ, weil wir uns nicht zu ihm bekennen konnten. Nie werden wir vergessen (...). Nie werden wir vergessen (...).” (*Die Geächteten*, p. 157)

¹⁴⁵ “Ich rief mir jedes Wort [von Kern], das ich von ihm gehört, ins Gedächtnis zurück. Ich erinnerte mich an jede Tat, die mich mit ihm verband.” (*Die Geächteten*, p. 226)

¹⁴⁶ “Etwa 500 Meter vor dem Friedhof erstreckte sich ein langer, schmaler See parallel der Stellung bis dicht an die Straße, da, wo das ausgebrannte Panzerauto stand, in etwa 3000 Meter Entfernung lagen rechts und links der Straße einige Gehöfte. Dort mußte der Lette stecken. Rechts der Straße bis zum Bahndamm zog sich bis zu den Gehöften ein Waldstreifen hin. Links der Straße war das Gelände mit Gebüsch bedeckt wie ein zerrupfter Teppich. (...) Die folgenden Sekunden ließen, trotz unbeschreiblicher Verwirrung erkennen, daß die Letten schon über den Punkt, den wir besetzen sollten hinausgedrungen waren und nun dichtgedrängt im Busch der schmalen Senke liegen mußten. (...) Nun wurde hinten der Hügel auch lebendig. Wir hörten eine Reihe der dunklen Minenabschüsse, und unsere Batterie setzte eine Lage haargenau 30 Meter vor uns hin.” (*Die Geächteten*, p. 96)

(...) o trabalho no arquivo não me larga, um trabalho poeirento que progride arduamente e, porém, precisa ser feito. Mesmo entre as pastas de arquivo, a intriga se enfiou, e embora tenha sido divertido ler como cada um foi um grande herói, e o outro querido camarada, um ignorante vaidoso, continua sendo uma tarefa desagradável ponderar e esclarecer aqui, para que também entre na história “como realmente aconteceu” e, porém, com a interpretação correta do sentido.¹⁴⁷

Nesse caso, trata-se do trabalho de um historiógrafo, que procura reconstituir os acontecimentos e relações de um determinado grupo num momento histórico, e não apenas o registro de suas próprias experiências. Por isso a pesquisa se faz necessária, mesmo que ele estivesse já envolvido pessoalmente nesse processo histórico. Ainda assim, o exemplo demonstra sua meticulosidade na preparação do material para seus livros. Numa outra carta, indagado sobre sua intencionalidade quanto ao ritmo e à sonoridade de algumas frases de *Die Geächteten*, ele explica o processo de composição estética do texto:

Não escrevo nenhuma frase até que eu tenha, por uns quinze minutos, girado e virado para cima e para baixo, falado pra mim mesmo e me escutado, para então eu me lançar como um leão à máquina e começar a percutir. O peculiar é que, por fim, mesmo a frase mais distorcida não é mais alterável sem destruir o ritmo da coisa toda, ou mesmo sem destruir seu próprio som harmonioso. Recentemente, peguei uma frase de *Die Geächteten* para uma dedicatória. Como ela estava isolada, tive que corrigi-la reformulado, mas com isso ela já estava também destruída em seu suspense.¹⁴⁸

Existe, portanto uma reflexão cuidadosa sobre a construção de cada frase do texto. Salomon não redige através de um fluxo mental solto: todo o texto é planejado, nada está ali por acaso.

¹⁴⁷ “(...) die Arbeit im Archiv lässt mich nicht los, eine staubige Arbeit, die mühsam voranschreitet und doch getan werden muss. Selbst zwischen die Aktendeckel hat sich die Intrige geschoben, und wenn es auch ergötzlich zu lesen, wie jeder einzelne ein gar großer Held gewesen, und der andere, liebe Kamerad ein eitler Ignorant, es bleibt eine unerquickliche Aufgabe, hier abzuwägen und klarzustellen, damit es auch so in die Geschichte kommt, „wie es eigentlich gewesen ist“, und doch mit der rechten Deutung des Sinnes.” (Carta de Salomon a Hans Grimm, 20.9.34, DLA)

¹⁴⁸ “Ich schreibe keinen Satz, bevor ich ihn nicht fast eine Viertelstunde lang im Auf- und Abgehen gedreht und gewendet, vor mich hingeprochen und abgehört habe, um mich dann wie ein Löwe auf die Maschine zu stürzen und loszuklappern. Das Eigenartige ist nun, dass schliesslich selbst der verdrehteste Satz nicht mehr abänderlich ist, ohne den Rhythmus des Ganzen zu zerstören, ja selbst, ohne den eigenen Wohlklang zu zerstören. Neulich habe ich für eine Widmung einen Satz aus den *Die Geächteten* genommen. Ich musste ihn, da er nun allein stand, umsetzen, richtigstellen, aber damit war er auch in seiner Spannung zerstört.” (Carta de Salomon a Hans Grimm, 18.1.35, DLA)

Em alguns raros momentos, já na prisão, que é a única parte do livro em que ele realmente demonstra sofrimento, há registros de incertezas quanto à exatidão da memória. Esses casos, porém, fazem referência a pormenores da constituição do ambiente descrito:

(...) eu procurava imaginar como era antes. Mas tudo isso era desbotado e indefinido e as imagens mostravam-se logo sonhos irregulares.¹⁴⁹

Não brilhava o sol? Acho que brilhava. Não cheirava a ervas e frescor e não mais abafadiço? Acho que era assim. Não sorria amigavelmente a camponesa com a saia larga? Talvez, mas talvez ela reconhecesse também o prisioneiro liberto e o olhar foi examinador e desconfiado. Eu não sabia.¹⁵⁰

A passagem mais expressiva a respeito da memória, ou melhor, sobre a vontade de rememoração, acontece na prisão. Salomon passa ali os piores anos de sua vida, segundo ele mesmo. Em breve será noite de Natal, mas funcionários e prisioneiros evitam falar da ocasião festiva:

De fato, o diretor se esforçava. Ele queria ajudar os prisioneiros a esquecer nesse único dia. Eu, porém, não quero esquecer nunca. Eu quero ser amaldiçoado, se eu esquecer. Eu quero manter para mim constantemente e sempre, todo dia e cada segundo diante dos olhos. Isso me dá um ódio poderoso. Eu não quero esquecer nenhuma ofensa, nenhum olhar torto, cada gesto soberbo... Eu quero manter cada rosto na memória e cada vivência e cada nome. Eu quero me atormentar minha vida inteira com toda a sujeira repugnante, com essa massa empilhada de experiência nojenta. Eu não quero esquecer; o pouco de bom, porém, que me aconteceu, eu quero esquecer.¹⁵¹

Não se trata, obviamente, do exercício de memória, mas sim do desejo de memória. Quando se “esquece” algum fato desagradável tende-se a não querer repeti-lo na memória. Salomon, com seu ímpeto de ação, prefere não esquecer, para que possa manter essa força vital que o impulsiona às atividades da vida. Principalmente quando se enfrenta um sistema político, é necessário bastante energia para enfrentar as adversidades.

¹⁴⁹ “(...) *ich versuchte mir vorzustellen, wie es denn früher war. Aber das war alles blaß und verschwommen, und die Bilder zeigten sich gleich regellosen Träumen ...*” (*Die Geächteten*, p. 306)

¹⁵⁰ “*Schien die Sonne nicht? Ich glaube, sie schien. Duftete es nicht herb und frisch und gar nicht mehr muffig? Ich glaube, es war so. Lächelte die Bauersfrau mit den breiten Röcken nicht freundlich? Vielleicht, aber vielleicht erkannte sie auch den entlassenen Strafgefangenen, und der Blick war prüfend und mißtrauisch. Ich wußte es nicht.*” (*Die Geächteten*, p. 328-329)

¹⁵¹ “*Gewiß, der Direktor gab sich Mühe. Er wollte den Gefangenen an diesem einen Tage helfen zu vergessen. Ich aber, ich will nie vergessen. Ich will verdammt sein, wenn ich vergesse. Ich will mir stets und immer jeden Tag und jede Stunde vor Augen halten. Das gibt einen kräftigen Haß. Ich will keine Kränkung vergessen, keinen schiefen Blick, keine hochmütige Gebärde ... Ich will mir jedes Gesicht im Gedächtnis halten und jedes Erlebnis und jeden Namen. Ich will mich mein Leben lang belasten mit dem ganzen, widerwärtigen Schmutz, mit dieser aufgetürmten Masse ekelhafter Erfahrung. Ich will nicht vergessen; doch, das geringe Gute, das mir geschah, das will ich vergessen.*” (*Die Geächteten*, p. 280)

Curiosamente, os poucos bons momentos ele prefere esquecer, mesmo porque o bom momento numa prisão é provavelmente um momento menos ruim. Uma experiência como a clausura, por vários anos, junto à tortura psíquica lá vivenciada, dificilmente seria classificada na memória como agradável.

O narrador procura, portanto, demonstrar controle sobre a sua memória. É provável que, na composição de *Die Geächteten*, ele não se baseie apenas em sua memória individual. No entanto, ele não deixa isso transparecer no texto; pelo contrário, temos a impressão de estarmos lendo um relatório impressionantemente minucioso, com informações precisas (conforme uma das condições de Cru) que dificilmente viriam à mente através do mero exercício da anamnese. Com isso, o narrador parece tentar produzir um efeito de confiabilidade naquilo que está sendo narrado: se ele lembra de tantos detalhes, certamente sabe do que está falando. Essa é uma sutil estratégia de convencimento da sua apresentação dos fatos.

Somente na última parte, “*Die Verbrecher*” é que a memória dá evidências de falha: “Eu estava livre e cinco anos estavam afundados e esquecidos.”¹⁵² Esta é a última frase do livro. Certamente há uma questão da percepção do tempo na memória. Tendemos a lembrar com mais vivacidade os momentos de maior ação. A monotonia dissolve os acontecimentos no tempo, como se ele tivesse passado mais devagar, mas, ao recordar, temos a impressão de que pouco foi feito. Desse período, o narrador descreve com bastante precisão sua cela, onde passou boa parte dos dias. A repetição diária das imagens faz com que elas se gravem na memória como em um filme de fotografia e por isso é mais facilmente revelado. Os demais acontecimentos que não tenham tido grande importância, sem produção de afetos, passam quase que despercebidos e, após algum tempo, desaparecem da memória.

3.2. A presença constante da morte

Boa parte do volume de *Die Geächteten* descreve as violentas batalhas de guerra. São muitos os exemplos de cenas em que combatentes lúcidos e até bem-humorados caem

¹⁵² “*Ich war frei, und fünf Jahre waren versunken und vergessen.*” (*Die Geächteten*, p. 333)

repentinamente mortos ao lado de Salomon. Na maioria dos casos, o narrador interage de modo mais intenso com soldados que em breve perecerão, reforçando ao leitor que cada um deles carregava uma personalidade e uma história de vida, que subitamente se interrompe.

3.2.1. A morte à espreita

Durante a *Vormarsch*, como os soldados chamam o avanço das tropas de *Freikorps* à região do Báltico, ainda sem terem confrontado tropas inimigas, Salomon e o sargento hamburguês Ebelt entram na vila de Neuguth (hoje Nejdski, no norte da Polônia) para averiguar se há bolcheviques no local, enquanto os demais aguardam por perto. Poucas pessoas estão na rua. Um morador, quando os vê, refugia-se assustado dentro de casa. Interpelam uma mulher à janela, capaz de falar alemão, sobre a presença de guardas vermelhos; ela afirma terem atacado o lugar, mas já partido. Outros moradores apenas respondem, em alemão quebrado: “Bolchevique nada”¹⁵³. Ebelt manda Salomon esperá-lo numa farmácia, enquanto vai verificar a igreja. “Senhor Deus, o mundo é realmente belo!”¹⁵⁴ – pensa Salomon, diante de tamanha tranquilidade, levando a sua carroça até o ponto de encontro. De repente, há um estouro, o cavalo empina e derruba Salomon no chão, que se vê então rodeado de guardas vermelhos (*Rotgardisten*) armados, que o rendem e espancam.

Eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Um bateu-me com um chicote ou uma vara cruzada sobre o rosto e perguntou-me qualquer coisa. Eu não o compreendi, eu não compreendia absolutamente nada, só me atravessava a mente: “Fui capturado, isso é impossível, fui capturado.” Eles berravam para cima de mim; fui empurrado de lá pra cá e de repente eu estava encostado em um muro. Era branco e o sol reluzia sobre ele. “O que querem comigo no muro?” pensei, eu não entendia de forma alguma o que eu devia fazer no muro. Virei-me e vi os canos dos fuzis. Ali eu soube o que eu devia fazer no muro.

155

¹⁵³ “*Bolschewik nix.*” (*Die Geächteten*, p. 61)

¹⁵⁴ “*Herrgott, die Welt ist wirklich schön!*” (*Die Geächteten*, p. 62)

¹⁵⁵ “*Ich wußte kaum, was geschehen war. Einer hieb mir mit einer Peitsche oder einem Stock quer übers Gesicht und fragte mich was. Ich verstand ihn nicht, ich verstand überhaupt nichts, es sauste mir nur durch das Hirn: “Ich bin gefangen, das ist unmöglich, ich bin gefangen.” Sie brüllten auf mich ein; ich wurde hin- und hergezerrt, und auf einmal stand ich an einer Mauer. Sie war weiß und die Sonne flimmerte auf ihr. “Was soll ich an der Mauer?” dachte ich, ich verstand gar nicht, was ich an der Mauer sollte. Ich*

Como toda a cena acontece de modo rápido e inesperado, o personagem Salomon tem dificuldades em compreender a situação. Aqueles são inimigos e pretendem executá-lo. Em situações de batalha, deve-se manter alerta e atento o tempo todo; ele, pelo contrário, após dias de deslocamento sem ação, desfrutava de um momento de contemplação, em que o pensamento suspende a percepção cronológica e assume um aspecto atemporal, desprendido da realidade. Assim, desprevenido, despreparado para aquela luta e sem escapatória, percebe que sua morte é certa. Seu espírito se desprende do corpo e do restante do mundo e foca nos elementos ao redor – as armas de onde sairão os tiros que colocarão fim à sua vida – e em si mesmo:

As bocas dos canos estão diante de mim, buracos pequenos, redondos, negros. Não há nada no mundo além dessas bocas. Ah, bobagem. Não há nada no mundo além de mim. Mas os buracos negros tornam-se maiores, cada vez maiores, agora começam a girar, tornam-se discos redondos e negros. Os discos, porém, ficam vermelhos, não, amarelos, e brancos e azuis e verdes. Eles se separam de repente e tudo começa a rodar. Isso se ergue de um lado e embaixo não há nada e então o mundo inteiro vira do avesso, com um único gesto, grande e benévolo.¹⁵⁶

A iminência da morte gera uma espécie de transe: as cores e formas se transformam, crescem e giram, como sintomas de uma síncope. Esse conjunto de elementos em movimento, uma espécie de móbil sensorial, fica suspenso no espaço e no tempo. Esse é um gesto “grande e benévolo”, uma vez que não há mais nada que possa ser feito, todo o peso da vida, as preocupações, as angústias, as ambições, tudo se esvai.

Salomon, por outro lado, relaciona essa suspensão, esse desprendimento do mundo, também com o isolamento e a solidão:

E eu estou terrivelmente sozinho. Está tão frio à minha volta. Estou realmente bastante sozinho. Nunca algo aconteceu sem mim, eu deveria mesmo ter visto, se algo tivesse alguma vez acontecido sem mim. Eu quero abrir os olhos, mas aí percebo que eu nem cheguei a fechá-los. Minha barriga é simplesmente uma

drehte mich um und sah in die Mündungen der Gewehre. Da wußte ich, was ich an der Mauer sollte.” (Die Geächteten, p. 62)

¹⁵⁶ “*Die Mündungen stehen von mir, kleine runde, schwarze Löcher. Es gibt nichts auf der Welt als diese Mündungen. Ach, Unsinn. Es gibt nichts auf der Welt außer mir. Die schwarzen Löcher aber werden größer, immer größer, jetzt fangen sie an zu kreisen, werden runde, schwarze Scheiben. Die Scheiben aber werden rot, nein gelb, und weiß und blau und grün. Sie teilen sich plötzlich und alles fängt an, sich langsam zu drehen. Das hebt sich auf der einen Seite und darunter ist nichts und dann schwenkt die ganze Welt einfach um, mit einer einzigen großen, gütigen Gebärde” (Die Geächteten, p. 62).* A expressão “buraco negro” (*schwarzer Löcher*), apesar da coincidência que pode alimentar a criatividade de um leitor contemporâneo num trecho mencionando que “um mundo inteiro vira do avesso”, nada tem a ver com o conceito da Astrofísica, que só surgiu posteriormente.

esfera de vidro. Se tocarem nela, é o fim do mundo. Então a barriga deve estourar, como uma bolha de sabão. E isso é impossível.¹⁵⁷

Ao mesmo tempo em que ele está sem o mundo, o mundo está sem ele: é a primeira vez que imagina a existência do mundo sem sua própria existência. Até então, a história do mundo se imiscui à sua história pessoal; a qualquer momento, porém, sua história termina e o mundo continuará. Ao tentar abrir os olhos, isto é, recuperar a consciência de situações normais, percebe que não os fechou: sua consciência, naquele instante, é mesmo sobre o evento extraordinário de encerrar a vida. A barriga é uma “esfera de vidro”, fria e frágil, que pode estourar ao toque como uma “bolha de sabão”, flexível, flutuante, efêmera. A bolha de sabão estoura e desaparece no ar sem deixar resquícios, talvez gotículas d’água no chão; o vidro, ao quebrar-se, forma cacos cortantes, deixa traços marcantes. O delírio inicial toma uma forma racional de questionamento da própria existência e do sentido da vida:

Eu não entendo, de forma alguma, que eu tenha mesmo vivido. Isso tudo era mesmo tolice. Com certeza eu só inventei isso pra mim, que vivi. Viver é tolice. E morte obviamente não existe. Se dentro pelo menos não fosse tão ruidosamente quente e fora tão frio. Em algum lugar deve ter água em mim. Ou gelo. Não sei. Também, dá na mesma. Na verdade, é bem bonito saber que a gente está completamente sozinho no mundo e que basicamente não existe mundo algum.¹⁵⁸

Ao supor que sua vida pode ter sido uma mera invenção, Salomon indica a possibilidade, ele que viveu sua própria vida, de tê-la inventado para si, como uma ficção. Assim, ele continua a pintar as cores dos instantes que antecedem sua morte:

Agora eu também sei que cor tudo tem. Lilás. Simplesmente lilás. Só é estúpido que a gente não consiga mexer nenhum membro. Eu acho, ah, claro, eu não tenho mesmo membro algum.
Agora chegou ao fim. O que chegou ao fim? O que? –

¹⁵⁷ “Und ich bin entsetzlich einsam. Das ist so kalt um mich. Ich bin wirklich ganz allein. Es ist ja niemals etwas gewesen außer mir, ich müßte es ja doch sehen, wenn irgend etwas außer mir jemals gewesen wäre. Ich will doch die Augen aufmachen, aber da merke ich, daß ich sie gar nicht zugemacht habe. Bloß mein Bauch ist eine gläserne Kugel. Wenn daran getippt wird, dann ist Weltuntergang. Dann muß der Bauch ja platzen, wie eine Seifenblase. Und das ist unmöglich.” (Die Geächteten, pp. 62-63)

¹⁵⁸ “Ich verstehe gar nicht, daß ich je gelebt habe. Das war ja alles Unsinn. Sicher habe ich das mir nur eingebildet, daß ich gelebt habe. Leben ist Unsinn. Und Tod gibt es natürlich nicht. Wenn es nur drinnen nicht so brüllend heiß wäre und draußen so kalt. Irgendwo muß an mir Wasser sein. Oder Eis. Ich weiß nicht. Es ist ja auch ganz gleich. Eigentlich ist es ganz schön, zu wissen, daß man ganz allein auf der Welt ist und daß es im Grunde gar keine Welt gibt.” (Die Geächteten, p. 63)

Isso? – ¹⁵⁹

Muitos tiros atravessam o ar, mas em vez de acabarem com sua vida, trazem-na de volta: “De uma vez, acelera o fluxo em minhas veias, agarra-me, chacoalha, abre todos os poros.”¹⁶⁰ Ebelt e outros companheiros surgem como *deus ex-machina*, disparando contra os algozes de Salomon e salvando-o. Enquanto isso, ainda sem entender o que aconteceu, Salomon é subitamente retirado da suspensão da vida, mas a “sensação de leveza” ainda continua. Nesse sentido, ao cair imóvel, não consegue senão observar detalhes minúsculos do mundo à sua volta:

Eu me deito suavemente no chão. Um pequeno besouro, marrom-dourado, escala diligente sobre migalhas secas engraçadas, desaparece em uma fenda do muro branco. E uma pequena frutinha azul está lá. A frutinha redonda está polida e eu vejo em seu pequenino brilho o mundo inteiro a se pintar.¹⁶¹

Tudo nessa cena trivial é diminuto, pelo menos da perspectiva de quem acabou de ressuscitar: um “pequeno besouro” que escala “migalhas secas engraçadas” e desaparece por uma “fenda do muro”. No entanto, da perspectiva do besouro, a escalada sobre a migalha pode requerer um grande esforço, enquanto a fenda pode ser o refúgio para sua segurança e garantia de vida. Para quem esteve prestes a morrer, sentiu sua vida também insignificante: “Viver é tolice”, disse Salomon enquanto tinha a vida por um fio. Nesse sentido, o narrador parece se identificar com aquele ser minúsculo que ultrapassa um obstáculo inusitado e procura abrigo.

A sensação do corpo paralisado e a agitação mental das imagens ajudam a dar mais vivacidade, na medida em que o leitor pode imaginar a sensação de desprendimento quando se sabe que vai morrer. O desfecho alegórico do besouro que se esconde e da frutinha que reflete o mundo funcionam como metáfora de sua momentânea insignificância.

¹⁵⁹ “Nun weiß ich auch, welche Farbe alles hat. Lila. Einfach Lila. Es ist dumm, daß man gar kein Glied bewegen kann. Ich glaube. Ach natürlich, ich habe ja auch gar keine Glieder. Das ist jetzt zu Ende. Was ist zu Ende? Was? – Das? –” (*Die Geächteten*, p. 63)

¹⁶⁰ “Auf einmal stürzt der Strom in meine Adern, packt mich, rüttelt, öffnet alle Poren.” (*Die Geächteten*, p. 63)

¹⁶¹ “Ich lege mich ganz sanft zu Boden. Ein kleiner Käfer, goldbraun, klettert eifrig über ulkige trockene Krümel, verschwindet in einer Ritze der weißen Mauer. Und eine kleine blaue Beere ist da. Blank ist die runde Beere, und ich sehe in ihrem winzigen Scheine die ganze Welt sich malen.” (*Die Geächteten*, p. 63)

Por outro lado, a descrição do narrador é dominada pela objetividade. As sensações de solidão, insignificância, fragilidade, ardor interno, frio, delírio e perda de sentido da vida são indicadas por alegorias de cores, materiais e formas geométricas. Ainda assim, não temos acesso a suas emoções de fato; em momento algum ele fala em medo, dor ou sofrimento. No máximo lamenta racionalmente ter sido capturado.

3.2.2. *O instante da morte*

Essa situação de iminência da morte foi análoga à descrita por Maurice Blanchot, no conto *L'instant de ma mort* (O instante de minha morte), de teor autobiográfico¹⁶², que narra em terceira pessoa a história de um jovem soldado francês, durante a ocupação alemã na Segunda Guerra, condenado por um comandante nazista à execução imediata por fuzilamento. Quando as armas já lhe estão apontadas, ele também vivencia a própria morte dada como certa:

Eu sei – isso eu sei – que aquele a quem os alemães já visavam, aguardando nada mais que a ordem final, experimentou então um sentimento de leveza extraordinária, uma espécie de beatitude (embora nada feliz), alegria soberana? O encontro da morte com a morte?

Em seu lugar, eu não procurarei analisar esse sentimento de leveza. Ele era talvez invencível de imediato. Morto – imortal. Talvez o êxtase. Antes, o sentimento de compaixão pela humanidade sofredora, a felicidade de não ser mais imortal nem eterno. Desde então, ele foi ligado à morte, por uma amizade sub-reptícia. (BLANCHOT, 2002, p. 11)¹⁶³

Aqui, de modo análogo à cena de *Die Geächteten*, a certeza da morte gera um “sentimento de leveza”, extático, que abandona os sofrimentos humanos. Também este soldado Blanchot é salvo por um agente externo, mas, nesse caso, um estrondo nas redondezas: o comandante alemão suspende a execução para averiguar o barulho; os

¹⁶² Ainda que o autor não haja declarado este texto específico como autobiográfico, Jacques Derrida, no ensaio *Demeure*, informa que Blanchot, “através de testemunhos diversos e variáveis” publicados, já havia relatado este acontecimento; também havia contado a Derrida, numa carta pessoal: “20 de julho. Há cinquenta anos, conheci a felicidade de ser quase fuzilado.” (DERRIDA, 1998, pp. 63-64). No original: “20 juillet. Il y a cinquante ans, je connus le bonheur d’être presque fusillé.”

¹⁶³ “Je sais – le sais-je – que celui que visaient déjà les Allemands, n’attendant plus que l’ordre final, éprouva alors un sentiment de légèreté extraordinaire, une sorte de béatitude (rien d’heureux cependant), allégresse souveraine ? La rencontre de la mort et de la mort ? À sa place, je ne chercherai pas à analyser ce sentiment de légèreté. Il était peut-être tout à coup invincible. Mort - immortel. Peut-être l’extase. Plutôt le sentiment de compassion pour l’humanité souffrante, le bonheur de n’être pas immortel ni éternel. Désormais, il fut lié à la mort, par une amitié subreptice.” (BLANCHOT, 2002, p. 11).

soldados-carrascos revelam que são russos e, notando a fidalguia do francês, mandam-no fugir, salvando sua vida. Ou seja, nos dois casos, os jovens prestes a serem executados, vivenciam a experiência da morte que, no entanto, não se realiza, sendo repentinamente chamados de volta à vida.

Permaneceu, no entanto, no momento em que o fuzilamento era apenas uma espera, a sensação de leveza que eu não saberia traduzir: liberto da vida? O infinito que se abre? Nem sorte, nem azar. Nem a ausência de medo e, talvez, já o passo além. Eu sei, eu imagino que essa sensação não analisável mudou o que lhe restava de existência. Como se a morte fora dele não pudesse, a partir desse momento, enfrentar a morte dentro dele. “Eu estou vivo. Não, você está morto.” (BLANCHOT, 2002, p. 15) ¹⁶⁴

Derrida analisa esse conto de Blanchot a partir da perspectiva do testemunho: “do ponto de vista do bom senso, é certo que minha morte eu não posso testemunhar – por definição”, “a não ser e somente a iminência de minha morte” (DERRIDA, 1998, p. 55) ¹⁶⁵. No entanto, nas circunstâncias do soldado francês do conto de Blanchot, “a morte já ocorreu. Eu posso testemunhá-la, porque ela já ocorreu. No entanto, esse passado, que eu testemunho, a saber, minha própria morte, nunca esteve presente” (DERRIDA, 1998, pp. 60-61) ¹⁶⁶. Dessa maneira, Derrida apresenta como paradoxo o testemunho da própria morte: o soldado é *superstes* dessa morte que já está determinada e *testis* da morte dada como certa, mas que não chega; uma morte que está no passado, mas nunca esteve presente.

A situação do personagem Salomon, nesse sentido, é análoga à da cena de quase-morte de Blanchot: prestes a ser fuzilado, mas salvo na última hora, como que por um milagre. Da mesma forma, ele testemunhou a iminência de sua própria morte. Por outro lado, o soldado do conto de Blanchot permaneceu carregando a morte dentro de si. Ele não conseguia superar o fato de ter sido salvo por uma mera casualidade: sua origem social.

¹⁶⁴ “*Demeurait cependant, au moment où la fusillade n'était plus qu'en attente, le sentiment de légèreté que je ne saurais traduire: libéré de la vie? l'infini qui s'ouvre? Ni bonheur, ni malheur. Ni l'absence de crainte et peut-être déjà le pas au-delà. Je sais, j'imagine que ce sentiment inanalysable changea ce qui lui restait d'existence. Comme si la mort hors de lui ne pouvait désormais que se heurter à la mort en lui. 'Je suis vivant. Non, tu es mort.'*” (BLANCHOT, 2002, p. 15)

¹⁶⁵ “(...) du point de vue du bon sens, il est sûr que de ma mort je ne peux pas témoigner – par définition. (...) sauf et seulement de l'imminence de ma mort (...).” (DERRIDA, 1998, pp. 55)

¹⁶⁶ “(...) la mort a déjà eu lieu. Je peux en témoigner, puisque cela a déjà eu lieu. Pourtant ce passé dont je témoigne, à savoir ma mort même, n'a encore jamais été présent.” (DERRIDA, 1998, pp. 60-61)

Então, sem dúvidas, começou para o jovem homem o tormento da injustiça. Mais que êxtase; a sensação de que ele só estava vivo porque, mesmo aos olhos dos russos, ele pertencia a uma classe nobre. Era isso, a guerra: a vida para alguns, para os outros, a crueldade do assassinato. (BLANCHOT, 2002, p. 14-15)¹⁶⁷

Conforme observa Derrida,

qualquer testemunho testemunha em essência o milagroso e o extraordinário a partir do momento que precisa, por definição, apelar para o ato de fé para além de qualquer prova. Quando testemunhamos, seja sobre o assunto mais comum e mais ‘normal’, pede-se ao outro que acredite em nossa palavra como se tratasse de um milagre. A testemunhalidade, ali onde ela compartilha sua condição com a ficção literária, pertence *a priori* à ordem de milagroso. É por isso que a reflexão sobre o testemunho sempre privilegiou na história os exemplos de milagre. O milagre é o traço de união essencial entre testemunho e ficção. (DERRIDA, 1998, pp. 97-98)¹⁶⁸

Sendo assim, da mesma forma, ao narrar seu milagre, sua sentença de morte, da qual se salvou de um modo inacreditável, o narrador-autor Salomon reivindica a condição de testemunha-sobrevivente dos acontecimentos extraordinários que viveu e roga a atenção do leitor para a apresentação que faz das circunstâncias históricas de que participou. Com efeito, ficamos assombrados e compadecidos com a experiência narrada. Entretanto, à medida que a história continua, há algo que nos impede de aceitarmos a “verdade” deste livro: é difícil a manutenção da relação de empatia, criada nesta e em outras cenas, pelo narrador-personagem, como veremos mais adiante.

3.2.3. *O sublime*

Como vimos, nessa cena o personagem Salomon é subitamente retirado de um momento de contemplação da beleza do mundo para ser submetido à violência em seu corpo e sente a imensa ameaça da morte; não consegue raciocinar, apenas observa

¹⁶⁷ “Alors commença sans doute pour le jeune homme le tourment de l’injustice. Plus d’extase; le sentiment qu’il n’était vivant que parce que, même aux yeux des Russes, il appartenait à une classe noble. C’était cela, la guerre : la vie pour les uns, pour les autres, la cruauté de l’assassinat.” (BLANCHOT, 2002, p. 14-15)

¹⁶⁸ “(...) tout témoignage témoigne par essence du miraculeux et de l’extraordinaire dès lors qu’il doit, par définition, en appeler à l’acte de foi au-delà de toute preuve. Quand on témoigne, fût-ce au sujet de l’événement le plus ordinaire et le plus ‘normal’, on demande à l’autre de nous croire sur parole comme s’il s’agissait d’un miracle. La testimonialité, et là où elle partage sa condition avec la fiction littéraire, appartient *a priori* à l’ordre du miraculeux. C’est pourquoi la réflexion sur le témoignage a toujours dans l’histoire privilégié les exemples du miracle. Le miracle est le trait d’union essentiel entre témoignage et fiction.” (DERRIDA, 1998, pp. 97-98)

imobilizado; o sentimento de desamparo se desdobra em insignificância e solidão. É salvo no último instante e permanece absorto algum tempo, ainda sem controle do corpo, enquanto sente o alívio da salvação.

Essa cena de extrema ameaça pode ser entendida como um exemplo literário do sublime, uma noção essencial dentro da teoria estética e bastante discutida ao longo da história. O fenômeno do sublime, num sentido abrangente de “elevação”, já havia sido identificado por estudiosos da poética e da retórica desde a antiguidade. Mas foi um autor de identidade incerta, a quem se nomeia Longino¹⁶⁹ que, provavelmente no século I d.C., escreveu o texto *Do sublime*. Ele se tornaria a base da teoria estética desenvolvida muito posteriormente por Edmund Burke, já no séc. XVIII, em *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*, trabalho esse que deu um novo fôlego no debate e se tornou referência para diversos filósofos interessados no fenômeno do sublime nas artes.

O gérmen da ideia de sublime pode ser encontrado já na Poética de Aristóteles, que menciona nas artes um certo prazer derivado de situações a princípio desprazerosas, como a imitação de formas repugnantes (cadáveres ou determinados bichos asquerosos, por exemplo) ou a representação da morte em tragédias, que, “suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções” (ARISTÓTELES, 2003, p. 110). Segundo ele, na medida em que a obra produz um certo prazer ao mesmo tempo que purifica as emoções, pode ser-lhe atribuído tanto valor estético quanto utilitário.

Numa época em que as artes plásticas se ocupavam apenas da imitação da natureza, em especial do ser humano, Longino considera o discurso literário lugar por excelência do sublime (*hypsos*).

(...) na arte se admira a correção absoluta mas nas obras da natureza a sublimidade, e o homem é, por natureza, dotado de linguagem. Nas estátuas procura-se a semelhança com os seres humanos, mas na literatura, como eu dizia, o que está acima do humano. (LONGINO, 2015, p. 91)

¹⁶⁹ Conforme explica a tradutora Marta Várzeas na introdução da edição portuguesa (LONGINO, 2015), no séc. XIX foi identificado um detalhe em um manuscrito que levantou dúvidas sobre o verdadeiro nome do autor do texto. Supunha-se que se tratava de Cássio Longino, do séc. III, mas análises mais recentes, considerando os nomes de autores citados como contemporâneos no texto, levam a crer que foi escrito no séc. I d.C.. Assim, a identidade do autor permanece misteriosa.

Na análise de Longino, o sublime se refere especificamente ao discurso elevado através de técnicas retóricas, como o uso de figuras de pensamento e linguagem, que são capazes de expressar determinados sentimentos do autor e provocar sensações intensas nos receptores:

(..) o sublime é, por assim dizer, o cume e a excelência dos discursos e (...) daí e de nenhum outro lado que os maiores poetas e prosadores chegaram ao primeiro lugar e com a sua fama abraçaram a eternidade. O extraordinário não leva os ouvintes à persuasão, mas ao êxtase; e o maravilhoso, quando acompanhado de assombro, prevalece sempre sobre o que se destina a persuadir e a agradar; pois se, em geral, a persuasão depende de nós, o sublime impõe-se com força irresistível e fica acima de qualquer ouvinte. (LONGINO, 2015, p. 36-37)

Uma consequência desse efeito poderoso do texto nos ouvintes é a elevação da alma, através da experiência interna da sublimidade; ela passa a influenciar também seu pensamento, que ficará ocupado com o processamento do assunto:

De facto, o que está de acordo com a natureza é que, sob o efeito do verdadeiro sublime, a nossa alma se eleve e, adquirindo uma espécie de esplêndida altivez, se encha de prazer e de exaltação, como se ela mesma tivesse criado o que ouviu. (...) Verdadeiramente grande é aquilo que suporta reflexão continuada, aquilo a que é difícil, ou melhor, impossível resistir, que permanece e não se apaga da memória. (LONGINO, 2015, p. 45)

Muitas vezes o ouvinte, tomado pelo impacto da forte emoção, perde o próprio controle da racionalidade, “como se uma espécie de loucura e sopro divino inspirassem as palavras e as animassem” (LONGINO, 2015, p. 47), ou seja, como se uma força superior o dominasse, tomando-o até com paixões violentas ou mesmo assombro.

Burke, no século XVIII, retoma essas noções de Longino relacionando-as às sensações de prazer e dor. Para isso, ele faz uma distinção entre o prazer (*pleasure*) simples ou positivo e o deleite (*delight*), uma espécie de prazer relativo, causado pela diminuição da dor física, do perigo e do sofrimento. O belo atua como prazer, enquanto o sublime opera na ordem do deleite. Em contraposição às paixões de prazer positivo causadas pelo belo, que logo se dissipam, estão as paixões ligadas à preservação do indivíduo, mais intensas, que derivam da dor e do perigo.

Tudo que seja de algum modo capaz de incitar as idéias de dor e de perigo, isto é, tudo que seja de alguma maneira terrível ou relacionado a objetos terríveis ou atua de um modo análogo ao terror constitui uma fonte do sublime, isto é, produz a mais forte emoção de que o espírito é capaz. (BURKE, 1993, p. 48)

O sublime é um sentimento que nasce da dor e do perigo, despertado por fatos reais ou que sejam representados de modo extremamente realistas. Desse modo, o sublime é o real enquanto manifestação da morte, e por isso nos arrebatava com uma força irresistível e impede nossa mente de raciocinar (SELIGMANN, 2005, p. 34). A realidade como morte causa uma sensação de privação extrema e de insignificância diante de um poder maior.

Nenhuma paixão despoja tão completamente o espírito de toda a sua faculdade de agir e de raciocinar quanto o medo. Pois este, sendo um pressentimento de dor ou de morte, atua de maneira semelhante à dor real. Portanto, tudo que é terrível à visão é igualmente sublime, quer essa causa de terror seja dotada de grandes dimensões ou não, pois é impossível considerar algo que possa ser perigoso como insignificante ou desprezível. (BURKE, 1993, p. 65-66)

Também Immanuel Kant faz uma caracterização semelhante do sublime. Na *Crítica da faculdade de juízo*, ele define como gerador do sublime o “objeto de medo”¹⁷⁰ (*Gegenstand der Furcht*):

Pode-se (...) considerar um objeto como temível (*furchtbar*) sem se temer diante dele, a saber: quando ajuizamos imaginando simplesmente o caso em que porventura quiséssemos opor-lhe resistência e que em tal caso toda resistência seria de longe vã. (...) Mas o seu espetáculo só se torna tanto mais atraente quanto mais terrível (*furchtbarer*) ele é, contanto que, somente, nos encontremos em segurança; e de bom grado denominamos estes objetos sublimes, porque eles elevam a fortaleza da alma acima de seu nível médio e permitem descobrir em nós uma faculdade de resistência de espécie totalmente diversa, a qual nos encoraja a medir-nos com a aparente onipotência da natureza. (KANT, 1993, 107)

Outro grande pensador sobre esse tema, Friedrich Schiller, nos ensaios “Do sublime” e “Sobre o sublime”, sugere que a dor surge quando a natureza ameaça nosso estado físico; assim, ela é um impulso de alerta que nos avisa do perigo e nos força a resistir.

Se o perigo pertence àquela espécie que torna inútil a nossa resistência, então tem de nascer o pavor. Logo, um objecto cuja existência contradiz as condições da nossa, é se não nos sentimos à sua medida em questões de poder, um objeto de pavor, pavoroso. (SCHILLER, 1997, p. 144)

¹⁷⁰ Como as traduções aqui utilizadas aplicam diferentes termos em português para as mesmas palavras em alemão, procurarei apresentar os termos originais em alemão. Rohden e Marques (KANT, 1993), por exemplo, usam “medo” para traduzir *Furcht*; “temível” e “terrível” para *furchtbar*, “temer” para *fürchten*. Como tais palavras, em alemão, possuem o mesmo radical, eles poderiam ter adotado um só par análogo em português como “temor/temível” ou “medo/medonho”, para dar mais consistência à tradução do texto. Mais adiante, Cadete traduz, de Schiller, o mesmo adjetivo *furchtbar* como “pavoroso”.

Se observarmos a cena em que o soldado Salomon esteve prestes a morrer, percebemos algo interessante: por sua descrição, sentimos a gigante ameaça e tememos por sua vida, pois entendemos que houve violência e que situação representava um grande risco à sua vida; por isso, sentimos algo como medo e uma dor compassiva. No entanto, o narrador não descreve medo ou dor, isso é uma lacuna preenchida pelo leitor, a partir de seu próprio julgamento. O narrador, cuja identidade é a mesma do personagem ameaçado, parece querer isentá-lo desse sentimento de vulnerabilidade, apesar da situação vulnerável. Dessa forma, reivindica o respeito pelo conhecimento de uma verdade – a sensação de vida perdida – ao mesmo tempo que insinua a ausência de medo. Compreendemos sua atitude passiva perante as circunstâncias, mas não podemos dizer que algo mudou diante dessa experiência, pois isso o narrador não nos conta e não se nota nenhuma mudança de comportamento ou de visão de mundo depois disso, na narrativa. Nesse sentido, o caso parece apenas anedótico, ou melhor, apenas um dentre tantas outras situações diante da morte, como veremos a seguir, no campo de batalha. A partir delas, continuaremos também a verificar outros aspectos na representação do sublime.

3.2.4. *Trauma múltiplo*

Pouco depois da narração da vida por um fio, em *Die Geächteten*, aparece outra cena de impacto, durante uma batalha contra os bolcheviques na região do Báltico. Após dias de luta permeados com períodos de inatividade alerta, a tropa de Salomon sofre um ataque intenso e tenta se proteger dos tiros de inimigos escondidos na área. Sob fogo cruzado, o veterano Bestmann, que se tornou espontaneamente uma espécie de mentor do ainda inexperiente soldado Salomon, se refugia em alguma cavidade e grita a ele que se proteja. O calouro, a fim de demonstrar coragem, porém displicente, levanta a cabeça para verificar se os tiros vinham de um certo trecho de mata, ao que Bestmann vigorosamente repreende:

“Esconda a cabeça, homem”, berrou Bestmann, “você enlouqueceu de vez? Acha que todos nós queremos levar tiro?” E essa foi sua última palavra. Sim, pois de repente a terra subiu, rompeu-se diante de nós com um solavanco brutal, que me arremessou para o lado, as labaredas da explosão estalavam ensurdecidamente altas, ferro, estouro e gritaria e estrondo de todos os tipos,

uma martelada do céu em desintegração, fumaça fedorenta, pedra, aço e brasa. Minha cabeça bateu contra o chão e tudo ficou preto e vermelho.¹⁷¹

Ao levantar a cabeça, o soldado Salomon não só colocou sua própria vida em risco, pois poderia ser alvejado diretamente, mas também a dos seus companheiros, pois assim os soldados inimigos tinham a chance de identificar a posição exata e realizar um ataque mais efetivo, com uma bomba ou granada, como aconteceu. O choque múltiplo – da explosão, do golpe na cabeça, da morte repentina do amigo – refletem na narrativa através de uma brusca ruptura do ritmo: a cena de ação, com alta carga de tensão, é sutil e brevemente interrompida pela curta oração “E essa foi sua última palavra”, que expressa eufemisticamente o morte de Bestmann, voltando a seguir à descrição da explosão e da destruição resultante. É como se a percepção temporal do narrador durante a batalha também sofresse uma interrupção na dinâmica da ação e reivindicasse – em vão – um tempo de assimilação de toda a carga de choque sofrida concomitantemente, tanto o choque físico (o golpe, o barulho, a luz intensa), quanto o emocional (a perda repentina do amigo). As palavras escolhidas na descrição – “de repente” (*plötzlich*), “rompeu-se” (*tat sich... auf*), “solavanco brutal” (*brutalen Ruck*), “explosão” (*Sprengung*), “estouro” (*Knall*), “estrondo” (*Platzen*), “martelada” (*Hammerschlag*) – reforçam a ideia de impacto não apenas semanticamente, mas também sonoramente, através da acumulação de fonemas plosivos – [p, b, k, g, t, d] – ao longo do parágrafo, criando um efeito estético condizente com o evento narrado. Mistura-se uma descrição literal dos acontecimentos (a terra se abre com uma explosão, há fogo e barulho intensos, ele bate a cabeça no chão) com certa elaboração por meio de figuras de linguagem: a “terra”, como sujeito de algumas orações, é personificada e atua como um soldado inimigo que agride fisicamente Salomon e seu grupo; o céu, agido como um deus nórdico, dá a martelada que gera o impacto no solo, ao mesmo tempo em que, servindo de estrutura do cosmo, o firmamento, naquele momento se desintegra, porque todo o mundo parece ruir sobre o narrador. Após orações completas (com sujeito, verbo e predicado), aparecem expressões compondo trechos sintaticamente isolados (“ferro, estouro e gritaria e estrondo de todos os tipos,

¹⁷¹ “‘Kopp weg, Mensch’, brüllte Bestmann, ‘biste denn total verrückt? Meinste, wir wollten allen Dunst abkriegen?’ Und dies war sein letztes Wort. Ja, denn plötzlich tat sich die Erde auf, sie riß vor uns auseinander mit einem brutalen Ruck, der mich beiseitescheuderte, die Stichflamme der Sprengung krachte betäubend hoch, Eisen, Knall und Geheul und Platzen aller Adern, ein Hammerschlag aus zerflatterndem Himmel, stinkender Qualm, Stein, Stahl und Glut. Mein Kopfhieb in den Boden, und alles war schwarz und rot.” (*Die Geächteten*, p. 66)

uma martelada do céu que se desintegrava, fumaça fedorenta, pedra, aço e brasa”), isto é, sem formar orações completas, como fragmentos de metais e rochas incandescentes que se espalham após o rompimento de uma bomba, golpeando violentamente e poluindo o ambiente com fumaça e ruídos intensos. Finalmente, cai com a cabeça contra o chão e perde a consciência. A seguir, é resgatado por outro colega e protegido por alguns instantes até recobrar a consciência.

Alguém me sacudiu. Porém, todos os meus ossos pareciam pular das articulações. Eu levantei minha cabeça inerte do meu ombro pressionado e me toquei. A terra diante de mim estava forrada com um brilho esverdeado estranho, a metralhadora estava derrubada e revestida com sujeira, o chão inteiro estava devastado. Ali se movia um e outro estava deitado sobre as costas.¹⁷²

Nessa espécie de duplo limbo – o personagem Salomon paralisado e Bestmann moribundo, em seus últimos suspiros – surge Gohlke, como consciência de vida, retomando a ação, resgatando Salomon da antessala do mundo dos mortos e fazendo-o reagir em busca da sobrevivência. Nesse cenário de destruição, Salomon, ainda atordoado, observa o corpo de Bestmann estirado no chão, aparentemente ainda se movendo:

Gohlke, semierguido, passou apalpando com os dedos os corpos deitados. Lá jazia Bestmann. De seu peito jorrava vermelho; ele levantou, fraco, a mão. O rosto sujo estava pálido esverdeado e sobre os lábios finos azulados acumulava-se uma espuma vermelha borbulhante. A mão caiu de volta e eu, cansado, deitei minha cabeça sobre a terra e me envergonhei de imediato, mas Gohlke tentou alcançar de novo o fuzil e eu tive que ajudá-lo.¹⁷³

Assim como em outros trechos, o narrador faz bastante uso de cores em suas descrições. Nesse caso, o vermelho vivo do sangue que sai do peito ferido de Bestmann se mistura com a saliva e o ar remanescente de seus pulmões para formar uma espuma avermelhada na boca, como último sopro de vida, contrastando com os tons pálidos de

¹⁷² “Jemand rüttelte mich. Doch schienen alle meine Knochen aus den Gelenken gesprungen. Ich hob den dumpfen Kopf aus gepreßter Schulter und betastete mich. Die Erde vor mir war überzogen mit einem sonderbaren, grünlichen Schimmer, das Maschinengewehr lag umgestürzt und mit Dreck beworfen, der ganze Boden war zerwühlt. Da bewegte sich einer, und einer lag auf dem Rücken.” (Die Geächteten, p. 66)

¹⁷³ “Gohlke fingerte an dem Liegenden herum, halb aufgerichtet. Da lag Bestmann. Aus seiner Brust quoll es rot, er hob schwach die Hand. Das beschmutzte Gesicht war grünlich bleich, und über die blauen, schmalen Lippen drängte sich blasiger, roter Schaum. Die Hand fiel wieder zurück, und ich legte müde den Kopf auf die Erde und schämte mich sogleich, aber Gohlke versuchte schweigend das Gewehr wieder aufzurichten, und ich mußte ihm dabei wohl helfen.” (Die Geächteten, p. 66)

verde no rosto e azul nos lábios do moribundo. Chama a atenção, dada a intensidade dos eventos, a ausência da descrição de suas emoções, que ficam apenas subentendidas pelo adjetivo “cansado” (*müde*) e pelo verbo “envergonhei” (*schämte mich*), que poderia denotar desde vergonha pela atitude inconsequente que levou à morte do colega até revolta pelo desdobramento fatal. De todo modo, o narrador não compartilha com o leitor os seus sentimentos; ele apenas apresenta alguns elementos da cena assombrosa para que o leitor construa a sensação de desespero do perigo desmedido. À moda naturalista, com descrições extensas de detalhes repugnantes, Salomon realiza uma composição visual, sonora e olfativa do momento traumático, descrevendo objetivamente a cena, porém sem refletir sobre o trauma em si, sem elaborar verbalmente os sentimentos ou pensamentos que passaram pela sua mente naquela experiência.

O ataque segue pesado sobre a tropa, ampliando a devastação:

Mas agora vinha por trás uma série de explosões abafadas. Deitou vapor e gargarejou sobre nós, fazendo o ar retumbar furiosamente e se socou então à frente no canto da floresta. Seis tulipas se ergueram com disparos abafados, misturando sua fumaça com uma enorme nuvem escura, que se estendeu rolando lenta e pesada sobre o chão. Gohlke gritou pelo paramédico. À direita e à esquerda nossas metralhadoras começaram a trepidar e nossa artilharia mandava tiro sobre tiro para dentro da floresta que ficava à frente do outro lado.¹⁷⁴

Em meio ao fogo cruzado, o soldado olha uma última vez para o veterano:

Então Bestmann estava morto? Olhei tímido em direção a ele. A chuva tinha gradualmente penetrado até a pele, as roupas pendiam como trapos molhados em volta do meu corpo. Mas também minha pele também parecia repugnantemente enrugada e macia, e certamente era apenas a umidade que me fazia os dentes tremerem. Gohlke cobriu uma lona de barraca sobre o morto e eu me deitei atrás do fuzil. Rapidamente baixei a cabeça, já que do outro lado novamente retumbavam disparos, porém o estoniano agora atirava em direção de nossa bateria e os projéteis zuniam passando por sobre nós.¹⁷⁵

¹⁷⁴ “Nun aber kam von hinten eine Kette dumpfer Explosionen. Es fauchte und gurgelte über uns, ließ die Luft wütend erdröhnen und hieb dann vorne an der Waldecke ein. Sechs Tulpen stiegen mit dumpfem Ballern hoch, vermischten ihren Qualm zu einer riesigen dunklen Wolke, die langsam und schwer sich am Boden rollend hinzog. Gohlke schrie nach dem Sanitäter. Rechts und links begannen unsere Maschinengewehre zu rattern, und unsere Artillerie sandte nun Schuß auf Schuß in den gegenüberliegenden Wald.” (*Die Geächteten*, p. 66)

¹⁷⁵ “Also Bestmann war tot? Ich sah scheu zu ihm hin. Der Regen war allmählich bis auf die Haut gedrun-gen, die Kleider hingen wie nasse Lappen um meinen Körper. Doch auch meine Haut schien mir ekelereg-faltig und weich, und sicherlich war es nur die Feuchtigkeit, die mir plötzlich die Zähne klappern ließ. Gohlke deckte eine Zeltbahn über den Toten, und ich legte mich hinter das Gewehr. Schnell duckte ich den

As últimas palavras de Bestmann antes de morrer foram uma reprimenda à atitude negligente do soldado Salomon, que de fato resultou na perda de mais componentes de seu pelotão. O narrador deixa subentendido, pela fala final e acusatória de Bestmann, pelo enrubescimento instantâneo do personagem Salomon e por sua relutante insistência em observar o cadáver, que sente culpa e que lamenta a queda do companheiro. Sua atitude inconsequente pode ter causado as baixas em sua tropa naquele momento. Contudo, esse pensamento não pode ocupar a mente do personagem, que segue em batalha – afinal de contas, diante do perigo real, o instinto de autoconservação exige a fuga ou a resistência, as reações são automáticas, enquanto o raciocínio fica muito reduzido ou cessa completamente. Por outro lado, o narrador, que nos apresenta a cena, mantém silêncio a respeito desse acontecimento traumático na sequência narrativa.

A batalha continua nesse ritmo até o fim do dia, sem avanços de qualquer lado. O pequeno grupo de soldados sobreviventes se reúne e discute a situação crítica, mas não há qualquer reflexão sobre as perdas humanas. O único lamento sobre o absurdo de sua situação como soldados de uma nação que lutam à revelia das decisões oficiais dessa nação: “Nós somos soldados alemães, que oficialmente não são soldados alemães, e protegemos uma cidade alemã, que oficialmente não é uma cidade alemã”¹⁷⁶. Mas não refletem sobre o absurdo de suas ações voluntárias, numa campanha voluntária, de soldados voluntários – eles é que criaram a situação absurda em que se encontram. Mais alguns dias dia lutam se passam e um ou outro se pergunta retoricamente o que faz ali, para se convencer novamente que é necessário lutar até a vitória – em uma guerra que já estava oficialmente encerrada, em nome de um império que já não existia formalmente – ou a morte.

Depois que Gohlke cobre o cadáver e tapa a visão da morte, o personagem Salomon segue a luta e a campanha nos *Freikorps* sem, contudo, revisitar esse episódio. Tampouco o narrador realiza o exercício de perlaborar narrativamente o evento traumático múltiplo (o impacto no próprio corpo, a morte repentina do amigo, a culpabilidade) que sofreu concomitantemente. Ou, pelo menos, é algo que ele não divide com o leitor.

Kopf, als drüben wieder Abschüsse erdröhnten, doch der Este tastete nun nach unserer Batterie, und die Geschosse jaulten über uns hinweg.” (Die Geächteten, p. 67)

¹⁷⁶ “Wir sind deutsche Soldaten, die nominell keine deutschen Soldaten sind, und schützen eine deutsche Stadt, die nominell keine deutsche Stadt ist.” (Die Geächteten, p. 67)

3.2.5. *A operação do sublime*

A impressionante descrição da cena catastrófica provoca, no leitor, o horror: de todos os lados, o ambiente – terra, fogo, céu – se mostra como uma gigantesca ameaça, um imenso e amedrontador abalo que põe o narrador diante da morte. Esse poder bélico colossal é um exemplo da radical experiência da guerra, que marcou uma verdadeira cisão na história, pois extrapolou a medida de toda a experiência passada e, por isso, para além de qualquer capacidade de entendimento. O sublime se manifesta na representação do assombro que a intensidade da cena extraordinária provoca, conforme Longino o caracteriza:

E não ficamos assombrados com a pequena chama que acendemos, ainda que a sua luz se mantenha pura, mas com as do céu, embora muitas vezes escureçam; nem a achamos mais digna de espanto do que as crateras do Etna, cuja erupção faz subir das profundezas rochas e montanhas inteiras, e algumas vezes derramam rios daquele fogo espontâneo que vem das entranhas da terra. Em suma, direi que o útil e necessário está ao alcance dos homens, mas o extraordinário é que espanta sempre. (LONGINO, 2015, p. 90)

Burke, igualmente, identifica no assombro, que impede tanto a reação quanto o raciocínio, uma fonte essencial do sublime.

A paixão a que o grandioso e sublime na natureza dão origem, quando essas causas atuam de maneira mais intensa, é o assombro, que consiste no estado de alma no qual todos os seus movimentos são sustados por um certo grau de horror. Nesse caso, o espírito sente-se tão pleno de seu objeto que não pode admitir nenhum outro nem, conseqüentemente, raciocinar sobre aquele objeto que é alvo de sua atenção. Essa é a origem do poder do sublime, que, longe de resultar de nossos raciocínios, antecede-os e nos arrebatava com uma força irresistível. (BURKE, 19993, p. 65)

Na cena contra o muro, o narrador foi agredido fisicamente por outros homens e percebeu uma ameaça ao ver os fuzis apontados para si, que era da ordem lógica: ele sabe que dos canos dos fuzis seriam disparadas, a qualquer momento, as balas que tinham o poder de matá-lo; ou ainda, sabia que os inimigos tinham o poder de matá-lo conforme quisessem – trata-se, portanto, de uma relação de poder desproporcional. Ainda que não haja dor ou sofrimento explícitos pelo narrador, percebemos o seu assombro através dos sintomas, em seu corpo, descritos. Na cena do bombardeio, tudo ganha uma intensidade

desmedida em diversos sentidos que o ser humano pode perceber: as imagens, sons, odores e vibrações eram de uma dimensão muito maior que o indivíduo fragilizado, naquela situação.

Burke especifica, ainda, que o “medo [*fear*] ou terror [*terror*], que é uma percepção da dor ou da morte, manifesta-se exatamente pelos mesmos efeitos [no corpo], com uma violência proporcional à proximidade da causa e à fragilidade do indivíduo. (BURKE, 1993, p. 137). Portanto, as sensações do corpo e o terror do espírito se misturam e se incrementam. Enquanto narrador, nos termos de Burke, Salomon procura representar o “assombro”, o grau mais elevado do “terror” real do momento de sua “destruição iminente”. Nesse sentido, sua narrativa literária é capaz de provocar “deleite” no leitor.

(...) se a dor e o terror estão moderados a ponto de não serem realmente nocivos, se a dor não é levada a uma intensidade muito grande e se o terror não está relacionado à destruição iminente da pessoa, dado que essas emoções livram as partes, quer as mais delicadas, quer as grosseiras, de um obstáculo perigoso e perturbador, elas têm a faculdade de produzir deleite; não prazer, mas uma espécie de horror deleitoso, de calma mesclada de terror, o qual, visto que pertence à autopreservação, é uma das paixões mais intensas que existem. Seu objeto é o sublime. Chamo de assombro seu grau mais elevado, ao passo que os inferiores são a admiração, a reverência e o respeito (...) (BURKE, 1993, 141)

Para Burke, o sublime coage o espectador (no caso, o leitor), através da empatia com os personagens, a participar dos sentimentos de perda de controle e de confronto com a morte. Kant, por sua vez, procura explicar o mecanismo interno de funcionamento do sublime através de uma disposição de ânimo (*Gemüt*) do observador na avaliação do objeto. O sublime é observável no ânimo daquele que julga e não no objeto em si, uma vez que a dimensão desse objeto é igual a si mesma e seu caráter grandioso é em relação ao observador. Nesse sentido, não seria sublime um objeto qualquer ou da natureza, como, por exemplo, um vasto e revoltoso oceano, mas sim a percepção da imensidão do oceano naquele que o observa. A desmedida entre a nossa capacidade de imaginação e nosso desejo racional de totalidade como algo real é o que caracteriza o sublime:

(...) precisamente pelo fato de que em nossa faculdade da imaginação encontra-se uma aspiração ao progresso até o infinito, e em nossa razão, porém, uma pretensão à totalidade absoluta como a uma ideia real, mesmo aquela inadequação das coisas do mundo dos sentidos desperta o sentimento de uma faculdade suprassensível em nós. (...) sublime é o que somente pelo fato de poder também pensá-lo prova uma faculdade do ânimo que ultrapassa todo padrão de medida dos sentidos (KANT, 1993, p. 96).

O sentimento do sublime teria uma componente de desprazer (a inadequação da faculdade da imaginação em avaliar racionalmente, de modo análogo ao que propôs Longino) e uma de prazer (quando se estabelece racionalmente o juízo desta inequação da máxima faculdade sensível). Kant classifica o sublime como “matemático”, quando a apreensão (*Auffassung*) de uma grandeza absoluta ultrapassa a capacidade das faculdades de compreensão (*Zusammenfassung*); ou “dinâmico”, quando constituir um poder terrível capaz de causar medo nessas mesmas faculdades, conforme mencionado anteriormente. Nesse caso, ao sucumbirmos resistindo ao poder da natureza externa, nos sentimos moralmente superiores à natureza dentro de nós e, por conseguinte, também à natureza fora de nós. A faculdade do juízo é então capaz de identificar no sublime um desafio a ser superado pela força do homem; o sublime fomenta respeito em nós por meio de seu poder e também através da capacidade de ajuizar esse poder e de considerar nossa finalidade como sublime para além dele.¹⁷⁷

A disposição de ânimo para o sentimento do sublime exige uma receptividade do mesmo para idéias; O terrificante para a sensibilidade consiste na inadequação da natureza às ideias e é atraente, pois é uma violência [*Gewalt*] que a razão exerce sobre a faculdade da imaginação somente para ampliá-la convenientemente para o seu domínio próprio (o prático) e propiciar-lhe uma perspectiva para o infinito (KANT, 1993, p. 111)

Schiller procurou explicar e desenvolver as ideias kantianas e ressalta dependência física do homem diante do objeto sublime em paralelo à sua independência moral, através das ideias. Assim define de partida:

Sublime é como chamamos a um objeto cuja representação leva a nossa natureza sensível a sentir os seus limites, levando porém a nossa natureza racional a sentir a sua superioridade, a sua liberdade em relação a limites; perante o qual portanto ficamos fisicamente a perder, mas acima do qual nos elevamos moralmente, i.e., através de ideias. (SCHILLER, 1997, p. 143)

Em sua visão, a natureza domina a existência do corpo e o limita; entretanto, é possível transcender a limitação física através da razão, no campo das ideias. A experiência sublime seria uma condição para o exercício da liberdade. Existe no homem,

¹⁷⁷ Há que se ponderar que, para Kant, essa faculdade de juízo não é universal: somente o homem culto reconhece o sublime para superá-lo, ao passo que o inculto apenas encara como terrificante (*abschreckend*) e por isso verá apenas sofrimento, perigo e privação. (KANT, 1993, p. 111)

portanto, uma cisão entre o ser sensível e o ser pensante. Este ser racional luta por sua emancipação contra as leis da natureza que lhe impõem a fronteira, a finitude. O sublime se localiza nessa fronteira entre a dependência sensível e a liberdade racional, quando nossa expectativa racional interior entra em confronto com a condição natural externa.

Schiller classifica o sublime em categorias: o “sublime teórico” se apresenta na capacidade de pensar para além do que conhecemos, portanto é um “objeto de conhecimento” que contradiz o “impulso de representação”, enquanto o “sublime prático” se mostra no controle da avidez pela vontade, por isso é um “objeto de sensação” que contradiz o “impulso de autoconservação” – e, portanto, equivalente ao sublime “dinâmico” de Kant. O domínio da natureza sobre nosso ser sensível não atua sobre nossa vontade. O sublime teórico representa a incomensurabilidade, de modo que o pensamento se sobrepõe aos sentidos; o prático representa um perigo que se mostra superior à nossa força, sem interferir, porém, na nossa independência moral.

Existe um desprazer na tentativa (impulso ativo) falha de alcançar o conhecimento, mas isso não caracteriza dor, pois a própria existência do ser não está ameaçada.

Um objeto que porém se oponha às condições da nossa existência, que suscitasse dor ao ser diretamente sentido, desperta uma representação de horror; pois a natureza teve de tomar, para conservar a faculdade, disposições totalmente diferentes do que achou necessárias para manter a atividade. A nossa sensibilidade está interessada de uma maneira inteiramente distinta face ao objeto pavoroso do que face ao objeto infinito; pois o impulso de autoconservação levanta uma voz muito mais forte do que o impulso de representação. (SCHILLER, 1997, p. 146)

Devido a essa força maior do instinto de autoconservação sobre o de representação, o sublime prático tem prioridade sobre o sublime teórico. No entanto, só o teórico nos permite “experimentar a nossa verdadeira e perfeita independência em relação à natureza” (SCHILLER, 1997, p. 146). Como a preocupação com a própria existência é uma característica intrínseca ao ser humano e justamente essa submissão ao poder da natureza lhe é opressiva, temos que o sublime prático acaba por nos liberar dessa submissão, permitindo, assim, o sublime teórico. Portanto, da nossa perspectiva enquanto seres sensíveis, o poder da natureza, ao evidenciar nossa impotência, nos permite perceber nossa independência e superioridade sobre a natureza, que se dá através da cultura e que

permite a autoconservação da espécie humana. Daí temos que o ser humano, individualmente, é vulnerável; já a humanidade, como espécie fundada na cultura, não.

Desse modo (...) o pavoroso (*furchtbare*) poder da natureza é esteticamente julgado por nós como sublime porque convoca em nós a nossa força que não é natureza, a fim de encarar como pequeno tudo aquilo com que nos preocupamos enquanto entes sensíveis, bens, saúde e vida, e para considerar também por isso aquele poder da natureza (...) como sendo porém para nós e para a nossa personalidade um pequeno poder sob o qual teríamos de curvar-nos se estivessem em causa os nossos princípios mais elevados e a sua afirmação ou o seu abandono. Portanto, a natureza aqui chama-se sublime porque eleva a faculdade de imaginação à apresentação daqueles casos nos quais o ânimo pode tornar sensível para si a sublimidade própria da sua determinação. (SCHILLER, 1997, p. 146-147)

Schiller destaca que qualquer forma de superação da natureza na prática eliminaria o caráter sublime do objeto, pois, segundo a própria definição inicial, não sucumbimos a ele:

Para alcançar o sentimento do sublime exige-se portanto simplesmente que nos vejamos completamente abandonados por qualquer meio de resistência física e que procuremos ajuda, em contrapartida, na nossa própria essência não física. Pavoroso (*furchtbar*) é o que tem de ser semelhante objeto à sua altura por meio das forças naturais. (SCHILLER, 1997, p. 148)

Nesse sentido, domar a natureza caracterizaria um prazer lógico (intelectual), não estético (representacional). Tampouco seria sublime aquilo que fosse apenas pavoroso, sem que nos sintamos superiores, pois isso suprimiria a liberdade de ânimo. Por esse mesmo motivo, esse objeto não pode suscitar pavor real, que se daria através do sofrimento e da violência, mas aquele se processa apenas na imaginação.

Portanto, ou o objecto pavoroso não pode exercer sobre nós o seu poder ou, caso isso aconteça, o espírito tem de permanecer livre enquanto a nossa sensibilidade é dominada. Este último caso é porém extremamente raro e exige à natureza humana que se eleve um ponto que dificilmente pode ser considerado possível num sujeito. Pois aí onde nos encontramos realmente em perigo, onde somos nós próprios o objeto de um poder natural hostil, vê-se anulado o juízo estético. (SCHILLER, 1997, p. 149)

Aquilo que é terrível na mera representação do perigo precisa necessariamente ser levado a sério para configurar o sublime, afim de que seja acionado o impulso de conservação, através de sintomas de pavor como se ele fosse real, ainda que o espectador se encontre em segurança física.

Schiller faz uma distinção entre o sublime prático “contemplativo”, no qual é representado o objeto de poder, que se torna objeto de pavor sensível ou sublime moral, e o “patético”, que se dá pela representação do caráter pavoroso, ou seja, o sofrimento. Constituem o sublime contemplativo aqueles objetos que mostram um poder muito superior da natureza, que entretanto estão sujeitas à recepção pelo espectador para atingir seu estado físico ou sua identidade moral. Depende de sua capacidade de imaginação e de seu ânimo voluntário para atribuir a eles um potencial perigo (SCHILLER, 1997, p. 155). Pode-se deduzir que a simbolização desses objetos varia de acordo com a experiência individual ou influências culturais que definiriam a possibilidade de identificação e empatia por parte do sujeito. Tais objetos da natureza são pavorosos porque a faculdade de imaginação os relaciona com o impulso de conservação.

Já o sublime patético se encontra na própria destruição do ser humano e não o objeto da natureza que o destrói; a violência é exposta e não apenas sugerida, de modo que não cabe à faculdade de imaginação acionar o impulso de conservação. Como vimos, o sofrimento real não permite um juízo estético, já que nessas condições a liberdade de espírito é suprimida. Ainda que esse sofrimento se dê por “simpatia” ou “compaixão”, ou seja, uma participação na dor que é externa ao corpo, ele pode muitas vezes ser agressivo demais para gerar fruição, como ao presenciar cenas de violência explícita que apenas chocam. Disso deriva que a apresentação do puro sofrimento nunca deve ser, para Schiller, objetivo da arte, pois não há espaço para deleitar o espírito e agradar à liberdade. Afinal, quem está sujeito à dor por inteiro, como um animal maltratado (cuja vida é uma *zoé*), perde sua resistência moral contra o sofrimento e fica incapacitado de reconhecer o princípio moral da liberdade, que define o ser humano (*Mensch*). O sublime patético, portanto, só pode ser provocado a partir de uma “representação viva do sofrimento” (que pode ser ilusão ou ficção, ou mesmo real e indireta, que desperta o afeto compassivo – o patético, próprio da natureza sensível) e desde que haja também a representação da resistência a esse sofrimento (que desperta, por sua vez, a consciência da liberdade interior do ânimo – o sublime) (SCHILLER, 1997, p. 159-160).

Isso nos revela algo essencial sobre o efeito do sublime em *Die Geächteten*: no relato de Salomon, encontramos amiúde exemplos do sublime contemplativo, mas raramente do patético. O narrador constrói cenas em que esteve face-a-face com a morte e nos dá elementos que mostram uma natureza a ponto de destruí-lo. Como seres

humanos, tememos instintivamente a morte e, por consequência, todos os sinais de perigo que lhe são indício, por isso essas cenas no causam comoção. Nossa capacidade de imaginação e nosso ânimo voluntário operam no sentido de lhe atribuir o potencial perigo. Para além disso, nossa moral é construída culturalmente de modo a termos compaixão por aquele que sofre, pois não desejamos que isso aconteça com nós mesmos. Todavia, a narração não apresenta o sofrimento do personagem, isto é, sua destruição, e não expõe de que forma aquela violência lhe atingiu; por isso, ela não chega a caracterizar o efeito do sublime patético. Além disso, a resistência do personagem é em favor da violência e não contra o domínio da violência. Ele não manifesta seu sofrimento, por isso não podemos saber se ele realmente sofre; também por isso, ele não pode apresentar uma resistência moral contra um sofrimento que não apresenta. Nós, como leitores que compartilham de uma certa moral, por assim dizer, burguesa, é que supomos um sofrimento a partir de nossa noção de dor numa situação extrema e sublimamente contemplativa como essa. Talvez um leitor de moral guerreira possa notar o sofrimento que é ver seu império ruir e uma guerra ser encerrada antes que se esgotassem todos os recursos, tanto humanos quanto materiais, e compreender a resistência na guerra e pela guerra como uma resistência moral contra aquele sofrimento. Mas essas são suposições que contrariam as “virtudes da paz, mansidão e compaixão” mencionadas por Kant e que por isso fogem ao escopo de nosso empreendimento.

3.2.6. *Mortes súbitas*

A partir desse ponto do livro, as mortes nas batalhas se incrementam; às vezes em ataques repentinos, às vezes em massa, com muitos mortos ao mesmo tempo. A presença constante de mortos por todos os lados produz, como efeito, a diminuição da sensibilidade do narrador e o devido respeito que se deve guardar ao morto, segundo a tradição judaico-cristã (ou, de modo mais amplo, a tradição greco-romana): “Nós tropeçávamos em cadáveres. Eu pisei na cabeça de um deles”¹⁷⁸.

Soldados em ação na guerra correm risco constante. No fogo cruzado, um tiro certo ou um projétil com alto poder de destruição pode pôr fim às suas vidas a qualquer

¹⁷⁸ “Wir stolperten über Leichen. Einer trat ich auf den Kopf.” (*Die Geächteten*, p. 89).

momento. Em verdade, não existem momentos seguros, pois são comuns ataques-surpresa ou mesmo acidentes com munições e veículos próprios ou num terreno de natureza mais hostil. Além disso, as condições no campo de batalha são terrivelmente insalubres e o estado de guerra em si produz alta carga de estresse contínuo nos indivíduos, fatores que podem deteriorar a saúde, trazer doenças ou complicações e mesmo levar ao óbito. A cada fim de batalha, Salomon cita a contagem dos mortos, feridos e desaparecidos, uma quantidade sempre impressionante, mas que não diz muito sobre a vida e o fim de cada indivíduo. Por outro lado, Salomon testemunha algumas dessas mortes abruptas de seus companheiros, de modo que, ao longo do romance, isso se torna uma situação rotineira. Eis alguns exemplos para observarmos de que modo ele reconstrói narrativamente cenas desse tipo.

Em sua campanha pela região do Báltico, região habitada na época imperial por muitos alemães, os *Freikorps* expulsaram os russos bolcheviques que dominavam Riga (capital da Letônia) e avançaram até o norte do país, com a intenção de submeter a região ao domínio alemão. A partir daí, sob ataques das tropas locais, com a ajuda dos ingleses, recuaram novamente até os arredores de Riga. No capítulo “*Endkampf*” (batalha final), os *Freikorps* insistem na retomada da cidade, que, no entanto, se reforça para se defender de todos os invasores.

O soldado raso (*Schütze*) Murawski é um jovem soldado que Salomon conheceu nas batalhas no Báltico. Não chegamos a saber sua origem, mas ele aparece frequentemente dando cobertura e apoio aos demais, buscando munição ou mantimentos. Em determinado momento, Murawski acompanha Salomon em uma troca de tiros nos limites da capital letã.

Ao meu lado estava deitado o atirador Murawski, mas ele não atirava, o rapaz; ele tinha seu fuzil estendido ao lado, a cabeça espremida no chão de terra e não atirava. Cutuquei-o, ele olhou para cima. “O que é, que você não atira?” gritei-lhe. Ele gritou pálido de volta – eu fazia esforço para entendê-lo –: “Eu devo ter comido algo estragado!” e olhou-me repreensivo. Eu precisei rir e acalmei-me um pouco rindo e pedi seu fuzil e cartuchos. Então atirei, descansei e, quando olhei para Murawski depois de poucos minutos, ele estava morto.¹⁷⁹

¹⁷⁹ “*Ich hatte keine Schußwaffe mitgenommen. Nichts ist zermürend, als in solcher Lage untätig zu sein. Neben mir lag der Schütze Murawski, aber er schoß nicht, der Bursche; er hatte sein Gewehr neben sich liegen, den Kopf in den Erdboden gepreßt und schoß nicht. Ich knuffte ihn, er sah hoch. ‘Was schießt du nicht?’ schrie ich ihn an. Er schrie bleich zurück – ich hatte Mühe, ihn zu verstehen –: ‘Ich muß was*

Apesar do fogo-cruzado, o personagem Salomon aparenta tranquilidade. O estado de saúde do colega não lhe gera preocupação, pois parece ser apenas uma dor de barriga. Pelo contrário, até acha graça: na guerra, a vida está sempre por um fio, por isso uma indisposição intestinal seria o menor dos problemas. Entretanto, Murawski sofre alguma intoxicação aguda e falece ali mesmo. O narrador não explicita nenhum lamento pela perda do colega. Na sequência, muda o foco do assunto, retoma o relato geral da batalha e não volta mais a falar dele.

Mais adiante, já no fim do outono, acumulando baixas e sofrendo com fome, frio e falta de mantimentos, os sobreviventes, ainda resistindo nos arredores de Riga, procuram uma forma de fugir dos ataques de vários lados. Salomon havia acabado de lançar granadas em algumas linhas de soldados letões que os encurralavam e voltou para se proteger junto com o sargento (*Unteroffizier*) Ebelt, com quem Salomon frequentemente conversava desde que começaram a marcha em Riga:

Eu estava com Ebelt atrás da cozinha de campo e rasgava a greva perfurada e ensanguentada da perna direita para ver a ferida, quando aconteceu esse segundo ataque surpresa. Ebelt disse, de repente: “Eu levei um!”, me olhou atônito, virou-se, deixou seu fuzil cair, caiu vagarosamente de joelhos, apoiou-se mais uma vez com as mãos e olhou triste para o chão. Depois deitou-se.¹⁸⁰

Aqui a ação frenética de ataque e defesa pela sobrevivência dá lugar a uma pausa para a narração do momento dramático da morte de Ebelt, visualmente descrita como em cenas tradicionais de filmes, nos quais a pessoa que sofreu o tiro lentamente vai ao chão, com um olhar melancólico.

Quando voltei, o médico do batalhão estava ajoelhado junto a Ebelt e diagnosticou um tiro certeiro no coração. Eu disse que isso era impossível e contei o que eu vi. O médico, porém, sacudiu os ombros e disse que eu estava delirando, e examinou o ferimento na minha canela.¹⁸¹

Schädliches gegessen haben!’ und sah mich vorwurfsvoll an. Ich mußte lachen und beruhigte mich im Lachen etwas und forderte sein Gewehr und Patronen. Ich schoß nun; entspannte mich, und als ich nach wenigen Minuten zu Murawski hinsah, war er tot.” (Die Geächteten, p. 97)

¹⁸⁰ *“Ich stand gerade mit Ebelt hinter der Feldküche und zerschnitt die durchschossene und blutende Wickelgamasche des rechten Beines, um nach der Wunde zu sehen, als dieser zweite Feuerüberfall geschah. Ebelt sagte auf einmal: ‘Ich hab eine weg!’, sah mich fassungslos an, drehte sich um, ließ sein Gewehr fallen, fiel langsam auf die Knie, stütze sich noch einmal mit den Händen und blickte traurig zu Boden. Dann legte er sich hin.” (Die Geächteten, p. 100)*

¹⁸¹ *“Als ich zurückkam, kniete der Bataillonsarzt bei Ebelt und stellte glatten Herzschoß fest. Ich sagte, daß sei unmöglich, und erzählte, was ich gesehen hatte. Doch der Doktor zuckte die Achseln und meinte, ich phantasiere, und untersuchte meine Schienbeinwunde.” (Die Geächteten, p. 100)*

Normalmente, a vítima de um tiro no coração deveria cair imediatamente; por isso a morte vagarosa e comovente descrita por Salomon seria uma fantasia, segundo o médico. O narrador, ao afirmar que “contou o que viu”, reivindica, como testemunha (*testis*), a veracidade dessa versão, descreditada pelo médico. Pouco depois, no texto, Ebelt volta a ser citado, porém apenas contabilizado num novo lote de baixas:

Com Ebelt começou uma nova fileira de sepulturas. Mais três vezes precisamos, nas semanas seguintes, começar uma nova fileira de sepulturas.¹⁸²

De modo geral, a campanha dos *Freikorps* no Báltico teve uma mortalidade altíssima. A companhia *Hamburg* era uma tropa de 600 homens provenientes do *Freikorps* “von Liebermann” de diversas frentes, à qual Salomon e outros soldados de Weimar se juntaram. Quando, no fim dos combates no Báltico, finalmente conseguiram escapar de Mitau¹⁸³, “éramos com Kay ainda cinco combatentes intactos”¹⁸⁴ (105). Ao retornar, foram encaminhados pelo governo do *Reich* na região de Kehdingen, próximo a Stade e Hamburg, com a intenção de que se dissolvesse a companhia. “Quando eles entraram em Kehdingen restavam na companhia um tenente e vinte e quatro homens. Dos vinte e quatro, no entanto, havia ainda três que por sua vez foram de Weimar para o Báltico, Schmitz, Hoffmann e eu”¹⁸⁵. Dos vinte e oito soldados que saíram de Weimar¹⁸⁶ com Salomon, apenas três sobreviveram, entre os quais o cabo Hoffmann.

Hoffmann e Salomon se conheceram ainda em Berlim, quando cuidavam da manutenção da ordem na cidade durante as manifestações socialistas. O próprio Hoffmann se considerava um socialista, para espanto do novato. Lutavam normalmente juntos e conversavam bastante nas horas de descanso, especialmente sobre a situação

¹⁸² “Mit Ebelt begann eine neue Gräberreihe. Noch dreimal mußten wir in den folgenden Wochen eine neue Gräberreihe beginnen lassen.” (*Die Geächteten*, p. 100)

¹⁸³ Hoje Jelgava, na região da Curlândia, Letônia. Os alemães que viviam na cidade estavam sendo atacados e perseguidos pelos russos bolcheviques, gerando um pretexto para que os *Freikorps* fossem enviados à região.

¹⁸⁴ “Wir waren mit Kay noch fünf intakte Kämpfer.” (*Die Geächteten*, p. 105)

¹⁸⁵ “Als sie in Kehdingen einmarschierten war der Bestand der Kompanie ein Leutnant und vierundzwanzig Mann. Von den vierundzwanzig Mann aber waren noch drei, die seinerzeit von Weimar ins Baltikum gingen, Schmitz, Hoffmann und ich.” (*Die Geächteten*, p. 108).

¹⁸⁶ “Em 1º de abril de 1919, no aniversário de Bismarck – os partidos de direita celebravam festas patrióticas –, nós, vinte e oito homens, o tenente Kay à frente, deixamos Weimar e a tropa, sem rescisão ou comando, e fomos para o Báltico.” No original: *Am 1. April 1919, dem Geburtstage Bismarcks – die Rechtsparteien hielten patriotische Feiern ab –, verließen wir, achtundzwanzig Mann, Leutnant Kay an der Spitze, Weimar und die Truppe, ohne Kündigung und Befehl, und fuhren nach dem Baltikum.* (*Die Geächteten*, p. 49)

política e sobre a identidade alemã. Depois de retornarem do Báltico e passarem alguns meses em Kehdingen e Stade, numa rotina desregrada entre amigos, bebidas e mulheres, decidem se juntar novamente à companhia Hamburg, que apoiaria o fracassado golpe de estado que ficou posteriormente conhecido como *Kapp-Putsch*. A tropa de aproximadamente 400 homens caminhou até a cidade de Harburg, de onde tomariam um trem até Berlim, onde o golpe seria declarado. No entanto, os trabalhadores locais organizaram-se para sabotar o comboio, alojando o grupo numa escola e atacando-os de surpresa na manhã seguinte. Durante a defesa improvisada, mais uma vez os amigos estavam juntos.

Posicionamo-nos, Hoffmann e eu, à janela. Embaixo, chamaram: “Munição!” – “Já vamos!” gritei eu. Então houve um estrondo ensurdecedor e estilhaços, dois braços agarraram o ar, o fuzil caiu com estrondo escada abaixo. Algo pesado bateu no meu peito, meus joelhos dobraram, eu caí – e vi sobre meu peito a cabeça gargarejando, a ferida, a fenda demoníaca de sangue, cabelo e cérebro – Hoffmann – Hoffmann! –¹⁸⁷

Dessa vez, o narrador se prolonga no desenlace da morte de um companheiro:

Hoffman estava morto. Médi... sim, ele estava morto. Deitei-o delicadamente. Depois agachei-me no patamar da escada e olhei apático no precipício.¹⁸⁸

Como o morto era alguém por quem sentia maior afeto, Salomon não deixa que ele saia bruscamente da história e seu nome retorna mais adiante.

Na escada diante de nós estava uma SMG [submetralhadora] deslocada, totalmente destruída pelos tiros, ao lado dois mortos caídos, ambos com tiros horríveis na cabeça, parecidos com os de Hoffmann.¹⁸⁹

O narrador se mostra relutante à perda e retorna ao companheiro para se certificar do fato. Também aqui aparece um pouco de descrição de detalhes abjetos dos graves

¹⁸⁷ “Wir traten, Hoffmann und ich, ans Fenster. Unten riefen sie: “Munition!” – “Wir kommen gleich!” schrie ich. Da krachte es ohrenbetäubend und splitterte, zwei Arme griffen in die Luft, das Gewehr polterte die Treppe hinunter. Etwas Schweres schlug mir an die Brust, meine Knie knickten ein, ich fiel – und sah auf meiner Brust den gurgelnden Kopf, die Wunde, den höllischen Spalt aus Blut, Haar und Hirn – Hoffmann – Hoffmann! –” (Die Geächteten, p. 123)

¹⁸⁸ “Hoffmann war tot. Sanitä... ja, er war tot. Ich legte ihn sanft hin. Dann hockte ich mich auf den Treppeabsatz und sah stumpf in den Abgrund.” (Die Geächteten, p. 123)

¹⁸⁹ “Auf der Treppe vor uns lag ein umgesetztes SMG total zerschossen, daneben lagen zwei Tote, beide mit gräßlichen Kopfschüssen, ähnlich wie Hoffmann.” (Die Geächteten, p. 123)

ferimentos em sua cabeça, do som produzido pelo corpo sem vida e do efeito que isso causa no protagonista.

Fui até o Hoffmann morto. Ele estava deitado sobre as costas, o corpo pacificamente estendido. Como, ele está se mexendo? Está estertorando mesmo? Hoffmann? Não, ah não, o sangue gotejava de sua testa e nariz na garganta e seguia gargarejando seu caminho. Assim roncou o morto ainda por muito tempo e toda vez eu tinha um sobressalto. Eu não podia ficar assim sentado, eu tinha que continuar; encostei tímido na mão de Hoffmann e fui.¹⁹⁰

Interessante notar que o personagem Salomon só sai do local após um gesto de carinho na mão do defunto, como se fosse necessário demonstrar que se importa por ele, antes de abandoná-lo. Mais adiante, antes de se renderem, Salomon volta até Hoffmann para se despedir. E mais uma vez faz comentários mórbidos sobre as características que o corpo morto toma:

Encontro-me novamente próximo ao cadáver de Hoffmann. Está ficando escuro muito rápido. (...) Hoffmann ronca periodicamente.¹⁹¹

Em contraposição a esse cuidado demonstrado por Hoffmann, Salomon narra com bastante ironia o fim banal de um soldado que mal conhecia e que brincava com a sorte:

Chegamos a um corredor, no qual tiros ainda estouravam repetidamente através das portas. O bávaro se diverte como um idiota ao passar pulando reto; e ao mesmo tempo ri e olha triunfante para seus camaradas ao redor. Novamente ele pula, mas no meio do pulo salta para o lado, subitamente propelido de modo peculiar e cai como um pedaço de pau, o fuzil varre por todo o corredor estalando. Morto.¹⁹²

Por fim, anos depois, após as batalhas e atuando na clandestinidade, o personagem Salomon e outros comparsas saem em ação para resgatar dois companheiros capturados pelas tropas de ocupação francesas, quando eles adquiriam armas contrabandeadas para

¹⁹⁰ “*Ich ging zum toten Hoffmann. Er lag auf dem Rücken, den Körper friedlich ausgestreckt. Wie, bewegt er sich? Er röchelt doch eben? Hoffmann? Nein, ach nein, das Blut tropfte ihm aus Stirn und Nase in die Kehle und bahnte sich gurgelnd seinen Weg. So schnarchte der Tote noch lange, und jedesmal fuhr ich doch wieder zusammen. Ich konnte nicht so sitzen bleiben, ich mußte weiter; ich streifte scheu an Hoffmanns Hand und ging.*” (Die Geächteten, p. 124)

¹⁹¹ “*Ich finde mich bei der Leiche Hoffmanns wieder. Es wird rasch dunkel. (...) Hoffmann schnarcht periodisch.*” (Die Geächteten, p. 126)

¹⁹² “*Wir kommen an einen Gang, in den durch die Türen immer wieder Schüsse knallen. Der Bayer macht sich den blödsinnigen Spaß, aufrecht vorbeizuspringen, und lacht dabei und sieht sich triumphierend nach seinen Kameraden um. Wieder springt er los, schnell aber, plötzlich eigentümlich gefedert, mitten im Sprung zur Seite und fällt wie ein Klotz, das Gewehr fegt krachend den Gang entlang. Tot.*” (Die Geächteten, p. 125)

um ataque. O arriscado resgate foi feito com sucesso e o grupo fugia de carro de Mainz em direção a Frankfurt, perseguidos pela polícia da ocupação.

Nós abanamos a cabeça e ficamos em silêncio. A floresta passa. Mahrenholz olha para mim rindo, pisca, estica os braços. Eu entendo, ele quer dizer: o mundo é belo. (...)
E passamos, passamos!
Mahrenholz inclina-se para a frente. O que ele tem? Sangue na sua bochecha?
Mahrenholz está morto.
Muitos ainda o seguirão.¹⁹³

A narrativa passa subitamente da euforia da fuga realizada com sucesso para a descrição seca da percepção da morte brusca e inicialmente inexplicável de Mahrenholz, ao mesmo tempo que indica que ele deve ter levado um tiro nos últimos instantes, após demonstrar com movimentos do corpo seu estado de alegria. Concomitantemente, menciona a natureza de suas atividades arriscadas: muitos já foram, subitamente, muitos ainda seguirão.

Esses exemplos mostram diferentes reações à presença da morte, ao mesmo tempo em que possuem características narrativas semelhantes. O narrador transmite a sensação de resistência, força e autocontrole através do personagem, de acordo com a fantasia masculina que despreza a sensibilidade, como sintoma feminino de fraqueza. O horror das cenas pode comover o leitor pelo contato pela apresentação do contato com a morte. No entanto, o leitor acolhe com estranhamento a frieza dessas cenas. Talvez seja possível uma empatia com o leitor que valorize essas características masculinas, por identificação (como os críticos do círculo nacional-conservador), na medida em que o personagem suporta tal sofrimento contínuo sem que o narrador expresse suas emoções, se é que elas realmente existem.

Salomon testemunha, nesses casos, como um *testis*, alguém que viu, como terceiro, a morte de seus companheiros, algumas vezes bem de perto. Entretanto, ele não tem a mesma relação com os mortos que se nota na abordagem da teoria do testemunho

¹⁹³ “Wir nicken und schweigen. Der Wald streicht vorbei. Mahrenholz sieht mich lachend an, nickt, breitet die Arme. Ich verstehe, er will sagen: schön ist die Welt. (...)
Und wir sind durch, wir sind durch!
Mahrenholz bückt sich vornüber. Was hat er? Blut auf seiner Backe? Mahrenholz ist tot.
Viele noch werden ihm folgen.” (Die Geächteten, p. 165)

na literatura, isto é, ele não sente, ou pelo menos não manifesta, nenhum sentimento de culpa:

Esta é uma questão central, que assombra o testemunho do sobrevivente em mais de um sentido. Em primeiro lugar, porque o sobrevivente vive o sentimento paradoxal da culpa da sobrevivência. A situação radicalmente outra, na qual todos deveriam morrer, constitui sua origem negativa. A indizibilidade do testemunho ganha com este aspecto um peso inaudito. (...) O teor de irrealidade é sabidamente característico quando se trata da percepção da memória do trauma. Mas, para o sobrevivente, esta “irrealidade” da cena encriptada desconstrói o próprio teor de realidade do restante do mundo. (SELIGMANN, 2010, p. 10)

Além disso, não percebemos no texto nenhuma das duas características centrais do testemunho, a saber, a literalização e a fragmentação. O narrador consegue simbolizar, ou melhor, criar imagens que vão além da literalidade, utilizando tropos como a metáfora e a prosopopeia em cenas de horror sublime, que normalmente estariam relacionadas a uma referencial real traumático – lembremos que tanto o sublime quanto o evento traumático vão além de nossa capacidade de apreensão (SELIGMANN, 2005a, p. 84). A linguagem que o narrador usa está longe de ser fragmentada: o narrador constrói as cenas com riqueza de detalhes, com ritmo contínuo do início ao fim; quando há saltos na narrativa, são para efeito estético; é, enfim, uma narrativa controlada, calculada. Ela procura restaurar a coerência do autor, extra-texto, que é o referencial daquele personagem cuja história é contada pelo narrador. Mas isso não quer dizer que seja uma “tentativa de reunir os fragmentos dando um nexos e um contexto” (SELIGMANN, 2005a, p. 85), pois a memória do autor que produz o texto via narrador não é fragmentada.

3.2.7. *A apoteose do abjeto*

Nos últimos dias de batalha na região báltica, o soldado Salomon se perde de seu batalhão original, encontra uma tropa de soldados da Bavária e decide acompanhá-los até a zona de confronto. No caminho, passam por uma casa que devem ocupar para a defesa da posição contra o inimigo. À porta, ouvem um pedido de socorro por parte de um soldado alemão e arrombam para entrar:

A casa toda aparentava estar preenchida de ruídos surdos e trepidantes. De súbito, fiquei morto de cansaço e percebi com uma clareza glacial que nesse local deveria ter ocorrido algo horrível. Senti uma exalação debilitante e

anestesiante bastante forte, que no começo do dia me parecera o bafejo dessa paisagem e dessa guerra. Mas agora ele estava misturado com cheiro pútrido-adocicado de sangue. ¹⁹⁴

O ar pesado estava certamente composto de gases (metano e gás carbônico), resultantes da decomposição de cadáveres presentes no interior da casa, que em alta concentração provocam no ser humano a sensação de sono e cansaço que Salomon descreve. Ao averiguarem a residência, um dos bávaros sai correndo transtornado e cambaleante em direção à saída, gritando com uma fúria imensa: “*Schweine!*”¹⁹⁵ Salomon e os demais vão até o cômodo onde presenciam um cenário atroz.

Disparamos pela porta, uma exalação repulsiva de gás entranhou-nos e envolveu os pulmões como em um pano úmido. Foi como se um punho empurrado pela boca escancarada me rasgasse o estômago até a garganta. No corredor havia um cadáver, tropecei em um par de botas e despenquei com meus joelhos sobre seu corpo. Então encostei a mão precipitada numa víscera de intestino úmido, pegajoso e escorregadio. Horrorizado, recuei. Mas o sobressalto retumbante do sangue que então molhava minha mão, engolfou-me como uma onda e apagou toda inibição. Precipitei-me ao súbito clarão. Lá estavam – sim, lá eu vi o que eu sabia, lá estavam, sobre palhas fedidas e respingadas de sangue, com crânios retalhados, dos quais miravam olhos vítreos revirados, com roupas esfarrapadas de cores vermelha e quase preta, com barrigas dilaceradas, membros deslocados e retorcidos – aqui estava caída uma cabeça, de cuja única ferida discoidal um fluxo negro formava uma massa escarpada e espumosa, ali estava grudado um cérebro cinza entranhado de pequenas veias finas em grossos chapas nas paredes. Da goela aberta pingava o sangue na faringe e isso conferia um tom ressonante ao silêncio, ao silêncio mortal, no qual estávamos paralisados. Nós permanecemos de pé e vimos, olhamos com olhos rígidos assombrados para os cadáveres, de cada qual florescia uma ferida abominável – ali, do pandemônio de vestimentas e roupas de baixo estiradas, no centro de cada corpo, entre cintura e coxa. ¹⁹⁶

¹⁹⁴ “*Das ganze Haus schien von dumpfen, bebenden Geräuschen erfüllt zu sein. Ich wurde auf einmal todmüde und wußte mit eisiger Klarheit, daß an dieser Stätte Entsetzliches vorgefallen sein mußte. Ganz stark spürte ich den lähmenden und betäubenden Dunst, der mir bei Beginn des Tages als der Atem dieser Landschaft und dieses Krieges erschienen war. Aber jetzt war er mit süßlich-fauligem Blutgeruch untermischt.*” (Die Geächteten, p. 94)

¹⁹⁵ “Porcos!”

¹⁹⁶ “*Wir stürmten in die Tür, ein widerlicher Gasdunst schlug uns entgegen und hüllte die Lunge wie in einen feuchten Lappen. Es war, als risse mir eine in den weitgeöffneten Mund gestoßene Faust den Magen zur Kehle. Im Flur lag eine Leiche, ich stolperte über ein Paar Stiefel und sank mit den Knien auf ihren Leib. Da tastete die vorgeschnellte Hand in ein Geschling feuchter, klebriger, glitschiger Gedärme. Entsetzt fuhr ich zurück. Aber der brandende Ruck des Blutes, das nun meine Hand netzte, schlug wie eine Welle über mir zusammen und wischte alle Hemmung weg. Ich raste auf plötzlichen Lichtschein zu. Da lagen sie – ja, da sah ich, was ich wußte, da lagen sie, auf stinkenden, blutbespritztem Stroh, mit zerhauenen Schädeln, aus denen glasig verdrehte Augen stierten, mit verletzten, schwärzlich-roten Kleidern, mit zerschlitzten Bäuchen, verrenkten, abgedrehten Gliedern, – hier lag allein ein Kopf, aus dessen einziger, scheibenförmiger Wunde schwarzes Rinnsal eine zerschluchtete, schwammige Masse schuf, dort klebte graues, von feinen Äderchen durchzogenes Hirn in dicken Platschen an den Wänden. Aus offenem Schlund tropfte das Blut in den Rachen, und das gab einen schnarchenden Ton an die Stille ab, an die tödliche Stille, in der wir*

O narrador explora minuciosamente a crueldade da composição do ambiente, desde o odor nauseabundo da putrefação dos corpos e a sensação que sentiu, até as diferentes formas de violência física a que aquelas pessoas foram submetidas: o esquartejamento, as fraturas, as incisões, a castração. A descrição cita detalhes que poderiam ser dispensados para a imaginação geral da situação pelo leitor, mas que aumentam o efeito de repulsa: a aparência dos órgãos internos expostos, a forma adquirida pelo sangue e outros fluidos corporais espalhados por paredes e chão e mesmo os ruídos que saem das entranhas dos corpos sem vida. No entanto, ele usa alguns termos destoantes da atmosfera mórbida: o sangue impregnado em sua mão “apagou toda inibição” (*wischte alle Hemmung*), como se a paralisação, o constrangimento, perante aquela visão fosse uma mácula a ser removida de seu comportamento e o sangue trouxesse a reação mais pura que a situação exige. A forma como a massa cerebral que ficou aderida à parede foi descrita por uma onomatopeia (*Platschen*) normalmente usada para se referir ao som do choque de algum material contra água (ou outro líquido), dando uma ideia de banalização do tiro ou pancada forte na cabeça, tratando a massa cinzenta como um fluido qualquer. As genitálias castradas são descritas como um “florescer” (*eine furchtbarer Wunde blühte*), como se a ferida aberta se assemelhasse a uma flor desabrochando e como se isso restituísse uma pureza àqueles corpos brutalmente violados; a castração, porém, tem um valor simbólico muito forte de destituição da honra (vinculada na cultura tradicional, fálica, com a virilidade) e da possibilidade de descendência (imortalidade através da prole). Esses elementos destoantes, porém, de modo algum operam amenizando o efeito de repugnância; elas geram um desconcerto que aumenta ainda mais a aversão a tudo o que se apresenta na cena.

Julia Kristeva, em seu ensaio *Pouvoirs de l'horreur: Essai sur l'abjection* (Poderes do horror: ensaio sobre a abjeção), apresenta logo na abertura – causando espanto no leitor despreparado – uma descrição marcante da sensação diante do abjeto:

Há, na abjeção, uma dessas violentas e obscuras revoltas do ser contra aquilo que o ameaça e que lhe parece vir de um fora ou de um dentro exorbitante, jogado ao lado do possível, do tolerável, do pensável. Está lá, bem perto, mas inassimilável. Isso solicita, inquieta, fascina o desejo que, no entanto, não se deixa seduzir. Assustado, ele se desvia. Enojado, ele rejeita. Um absoluto o

erstarrt standen. Wir standen und sahen, schauten mit harten, gebannten Augen auf die Leichen, aus deren jeder eine furchtbare Wunde blühte – dort, aus dem Wust und Schwulst herabgezerrter Kleider und Wäsche, im Zentrum jedes Leibes, zwischen Lende und Schenkel.” (Die Geächteten, pp. 94-95)

protege do opróbrio, com orgulho a ele se fia e o guarda. Mas, ao mesmo tempo, mesmo assim, esse elã, esse espasmo, esse salto é lançado em direção de um outro lugar tão tentador quanto condenado. Incansavelmente, como um bumerangue indomável, um polo de atração e de repulsão coloca aquele no qual habita literalmente fora de si. (KRISTEVA, p. 1)¹⁹⁷

A contradição de sentimentos ao se deparar com o abjeto, principalmente de modo inesperado gera um “emaranhado de afetos” que não encontra um objeto referencial definível, por isso seu caráter “inassimilável”. Há um choque direto do real sem mediação, sem significação prévia ou imediatamente possível. Dentre as formas abjetas, o corpo humano morto representa seu extremo:

O cadáver (*cadere*, cair), aquilo que irremediavelmente caiu, [que é] cloaca e morte, perturba mais violentamente ainda a identidade daquele que se confronta como um acaso frágil e falacioso. Uma ferida com sangue e pus, ou o odor adocicado e acre de um suor, de uma putrefação, não significa morte. Diante da morte significada – por exemplo, um encefalograma plano – eu compreenderia, reagiria ou aceitaria. Não, como um teatro da verdade, sem disfarce e sem máscara, tanto o dejetivo como o cadáver me indicam aquilo que eu descarto permanentemente para viver. Esses humores, essa imundície, essa merda são aquilo que a vida suporta com muito custo e ao custo da morte. (KRISTEVA, p. 3)

Por mais os soldados sejam treinados para conviverem com a morte por perto – até que chegue sua própria morte – e estejam, no ambiente de guerra, habituados à presença frequente de cadáveres ao redor, como vimos na parte anterior, o espetáculo macabro que presenciam ultrapassa qualquer limite de significação: aqueles não são apenas cadáveres, são cadáveres dilacerados, esquartejados, decapitados e mutilados. Se uma pessoa comum “com muito custo” é capaz de suportar tal visão, aquele cenário é insuportável. Esse momento de extrapolação dos limites possíveis de simbolização que gera a ruptura psíquica e não encontra um objeto de referência forjou-se como imagem impregnada na memória de Salomon:

Tudo isso, isso e infinitamente muito mais aglomerou-se em uma única imagem, forçou-se em um segundo, martelou-se com uma pancada para toda a eternidade em meu cérebro.¹⁹⁸

¹⁹⁷ Utilizo aqui a tradução feita pelo colega Allan Davy Santos Sena, disponível online (endereço indicado nas referências), porém sem edição impressa e sem data de publicação. Por isso, deixarei indicada apenas o número da página, sem o ano de publicação.

¹⁹⁸ “*Dies alles, dies und noch unendlich viel mehr ballte sich in einem einzigen Bild, zwang sich in eine Sekunde, hämmerte sich mit einem Schlage für alle Ewigkeit in mein Hirn.*” (*Die Geächteten*, p. 95)

O emaranhado de afetos – “tudo isso, isso e infinitamente muito mais aglomerou-se” – o real inassimilável em forma de uma imagem pesada e densa. “Forçou” (*zwang*), “martelou” (*hämmerte*), “pancada” (*Schlage*) – todas as palavras indicam impacto, violência contra o cérebro: um trauma, causado pela incapacidade de significação, impregnado, cunhado para sempre na memória de Salomon.

Ao detalhar minuciosamente o resultado da violência extrema naqueles corpos, adicionando elementos discrepantes e encerrando com essa particularidade hedionda, o narrador elabora, “em uma única imagem”, uma apoteose do abjeto para representar verbalmente, com um mínimo de mediação simbólica (usando expressões majoritariamente denotativas, poucas metáforas), a repulsa que sentiu diante do resultado da extrema barbaridade e que ficou marcado como trauma.

Ali eu estou nos limites de minha condição de viva. Desses limites se livra o meu corpo como [corpo] vivo. Esses dejetos caem para que eu viva, até que, de perda em perda, nada mais me reste, e que meu corpo caia por inteiro para além do limite, *cadere*, cadáver. Se o lixo significa o outro lado do limite, onde eu não sou e que me permite ser, o cadáver, o mais repugnante dos dejetos, é um limite que a tudo invade. Já não sou mais eu que expulso, “eu” sou expulsa. O limite se tornou um objeto. Como posso eu ser sem limite? (KRISTEVA, p. 3)

A visão do cadáver, que está “além do limite”, “onde eu não sou”, expulsa o “eu”. Seligmann-Silva sintetiza essa ideia elaborada por Kristeva nos seguintes termos:

O abjeto, como manifestação do que há de mais primitivo na nossa economia psíquica, origina-se para ela [Kristeva] de um recalque originário, anterior ao surgimento do eu: o abjeto não é o objeto, é uma espécie de primeiro não-eu, uma negação violenta que instaura o eu; trata-se, em suma, de uma “fronteira”. (SELIGMANN, 2005a, p. 39)

O abjeto representa, portanto, a negação do eu, ou, ainda, a “negação violenta que instaura o eu”. O soldado que se deparou com a cena abjeta quer expulsar aquela visão, mas ela já está impregnada na memória e se impõe. Isso gera nele uma fúria imensa e, com isso, o narrador prepara o leitor para aceitar a revolta imensa que toma conta do personagem e justificar a barbárie que se seguiu.

E então todos nós começamos a gritar. (...) Nós corríamos pelo pátio e arrombávamos cada canto, corríamos por cada cômodo da casa, varriamos pelo

estábulo e pelo celeiro, prontos para matar tudo que nos caísse vivo nos dedos, para estraçalhar tudo o que aparece à nossa vista.¹⁹⁹

Impróprios e impuros, tomados por uma fúria imensa, irrefreáveis, encontram um camponês local (*Panje*) escondido embaixo de uma carroça e o matam com uma marretada na cabeça – pagando pela martelada metafórica no cérebro um traumatismo craniano em troca do trauma psicológico. Nem mesmo animais são poupados: uma vaca no estábulo leva um tiro sem sentido, um pequeno vira-lata é trucidado a coronhadas. É como se a visão da morte exigisse deles mais mortes ou o seu próprio colapso. Reviram e quebram tudo dentro da casa. Saem pela mata, coléricos, em direção ao local de batalha onde os tiros continuam. Só pela manhã, chegando a um cemitério (*Friedhof*), recinto da paz –, se tranquilizam e descansam: “Eu me deitei sobre um túmulo e dormi, até que o alarido do contra-ataque me acordou.”²⁰⁰

Este outro lugar que eu imagino para além do presente, ou que eu alucino para poder, em um presente, vos falar, vos pensar, está aqui agora, jogado, abjetado, no “meu” mundo. Desprovido de mundo, pois, eu *desvaneço*. Nessa coisa insistente, crua, insolente, sob o sol escaldante do necrotério cheio de adolescentes confusos, nessa coisa que não demarca mais e, portanto, não significa mais nada, eu contemplo o desmoronamento de um mundo que apagou seus limites: *desvanecimento*. O cadáver – visto sem Deus e fora da ciência – é o cúmulo da abjeção. É a morte infestando a vida. Abjeto. Ele é um rejeitado do qual não dá para se separar, do qual não dá para se proteger como se faria com um objeto. Estranheza imaginária e ameaça real, ele nos chama e acaba por nos devorar. (KRISTEVA, p. 3)

A morte infesta a vida dos soldados, ela abjeta esse outro lugar em seu mundo e exige mais mortes. Num primeiro momento, a ira toma conta deles, que querem expulsar e expurgar a contaminação pela morte, materializada nos cadáveres, que os invadiu. Depois, ele desvaneceu, justamente num cemitério, como os “adolescentes confusos” que enchem o necrotério. Aquele soldado Salomon, personagem da história, é também um adolescente bastante confuso, que se considera a própria nação, que ataca o que é diferente, que não se impõe limites, até que o limite é imposto pela visão abjeta da morte. Os adolescentes mencionados por Kristeva estão confusos, como qualquer outro

¹⁹⁹ “Und nun schrien wir alle los. (...) Wir rannten durch den Hof und stießen in jeden Winkel hinein, durchrasten jede Kammer des Hauses, fegten durch den Stall und die Scheune, bereit, alles zu morden, was uns lebendig in die Finger fiel, alles kaputtzuschlagen, was sich unseren Blicken bot.” (*Die Geächteten*, p. 95)

²⁰⁰ “Ich legte mich auf ein Grab und schlief, bis mich der Lärm des Gegenangriffs weckte.” (*Die Geächteten*, p. 95)

adolescente, passeando, gastando seu tempo no necrotério, “sob o sol escaldante”, à luz do dia; o adolescente Salomon, sob o luar, na escuridão, onde não se reflete, pois não há luz – ele jaz sobre o túmulo onde está velado algum outro cadáver. O túmulo é a cripta que guarda a visão da morte, de onde nunca deveria sair. Da mesma forma, ali ele enterra os novos cadáveres que produziu. Novamente, não há uma culpa pelas mortes violentas que causou, pois aquelas mortes foram produzidas por efeito de um “não-eu”.

O abjeto é a violência do luto por um “objeto” para sempre já perdido. O abjeto derruba o muro da repressão e de seus julgamentos. Ele reconduz o eu [moi] à fonte dos limites abomináveis dos quais, para ser, este se separou – ele o reconduz ao não-eu, à pulsão, à morte. A abjeção é uma ressurreição que passa pela morte (do eu [moi]). É uma alquimia que transforma a pulsão de morte em despertar de vida, de nova significância. (KRISTEVA, p. 14)

É importante notar que Salomon não faz uso de uma linguagem abjeta, como por exemplo Louis-Ferdinand Céline, que Kristeva utiliza como exemplo em seu ensaio. Esse tipo de literatura apresenta o abjeto como forma como forma de purificação, com a função de controlar a sua força violentando os limites, com os tabus: “Não obstante, há um relaxamento do super-eu para o qual esses textos apelam. Escrevê-los supõe a capacidade de imaginar o abjeto, isto é, de se ver em seu lugar e de somente descartá-lo por meio de deslocamentos de jogos de linguagem” (KRISTEVA, p. 15). Salomon, enquanto narrador, por outro lado, parece fazer uso da descrição abjeta de uma cena abjeta para provocar o sentimento de rejeição violenta do leitor contra aqueles que praticaram os assassinatos hediondos e, assim, clamar por sua cumplicidade no crime contra o pobre *panje* (mais uma vida *sacer*). Ou seja, ele lança mão do abjeto para atrair a empatia daqueles leitores que também se indignam com a crueldade “sem limites” para que compreenda a violência “dentro dos limites” do soldado e também o isente de qualquer culpa²⁰¹. Nesse sentido, o abjeto opera de forma semelhante ao sublime, no sentido em que a sensação de horror nos arrebatava gerando afetos enquanto resistimos a essa emoção através da razão.

O abjeto é a manifestação dessa violenta *Urspaltung* (protocisão); é um não-sentido que nos oprime – assim como o sublime é um sobre-sentido que nos

²⁰¹ Da mesma forma funcionam certos programas de televisão que apresentam reportagens sensacionalistas sobre crimes hediondos e usam (ou exageram) a crueldade dos acusados, através de imagens ou descrições abjetas, para comover o telespectador e defender o uso de mais violência por parte da polícia contra potenciais suspeitos. Nesse caso, o abjeto é apontado para o não-eu que habita o Outro (que não é de fato o abjeto) e justifica a eliminação do Outro.

escapa. (...) Ambos conceitos, sublime e abjeto, lidam com o inominável e sem-limites, mas falando esquematicamente o sublime remete ao sublime espiritual – e o abjeto ao nosso corpo. Ambos são conceitos de fronteira marcados pela ambiguidade e que nos abalam (...) (SELIGMANN, 2005a, pp. 39-40)

Mais uma vez o narrador usa um recurso estético para suscitar no leitor a empatia por sua narrativa que procura restaurar a identidade do autor extratexto a que ela se refere, através do personagem que sofre todos esses abalos sem, no entanto, demonstrar amadurecimento. Sua *hybris*, ao provocar a destruição após o choque diante do abjeto, não leva a um erro trágico, pois ele não sofre nenhuma perda ou punição por esse evento. Nesse microcosmo da guerra, os *Freikorps* agem como soberanos contra diversas categorias de *homo sacer* que sejam identificadas como indesejáveis.

3.2.8. *Antiproletariado e misoginia*

Poucas semanas depois de começar a atuar na segurança da capital, o ainda acanhado e inseguro recruta Salomon recebe com sua tropa a missão de revistar, à procura de armas, um conjunto habitacional no norte da capital, região densamente habitada por operários. Recebem a instrução expressa de não provocarem os moradores e evitarem ao máximo a violência, apenas atirando pela janela caso a situação saísse de controle. Chegando ao local, se dividem em grupos para cada bloco. Batem à janela de um apartamento, uma mulher vê os capacetes de aço e recua. Nesse instante, inicia-se um alvoroço no edifício, janelas e portas batem, alguém liga um gramofone, ouvem-se gritos. Eles entram e começam a revistar os apartamentos e sentem a evidente hostilidade do ambiente: “A casa espavorida era profundamente hostil a nós; parecia estar carregada de ódio, de pobreza, de uma centena de perigos desconhecidos e à espreita”²⁰². No primeiro apartamento averiguado, recolhem o revólver de um idoso. A cada corredor em que chegam, as portas se abrem e saem famílias:

Homens, mulheres e muitas crianças, crianças de todos os tamanhos, a maioria seminua e indescritivelmente suja e com membros tão magros que se poderia pensar que deveriam quebrar caso alguém as pegasse, crianças com cabeças extraordinariamente grandes e cabelos loiros emaranhados e eriçados. Eles

²⁰² “Das aufgestörte Haus war uns im tiefsten feindlich; es schien geladen zu sein von Haß, von Armut, von hundert unbekanntem, lauenden Gefahren.” (Die Geächteten, p. 39)

estavam à porta de seus quartos parcos e escuros, e muitos pares de olhos olhavam para nós. (...) Mulheres passavam por mim e riam e cuspiam no chão, e homens, de camisa aberta, de modo que se viam os pelos crespos dos seus peitos, gritavam um ao outro: ‘Tinha que matar a quadrilha!’ (...) Mas eles não fizeram nada comigo (...).²⁰³

A revolta dos moradores é tão evidente quanto sua pobreza, que o narrador detalha através de descrições que atestam seu olhar de superioridade: os homens (que estão em suas próprias casas) andam de camisa aberta exibindo o peito cabeludo, algo deselegante e grosseiro, uma postura impensável para membros de classes mais altas, que veem nisso uma demonstração de incivilidade. A grande quantidade de crianças indica a natalidade “descontrolada” que se atribui aos mais pobres; elas estão sujas e malvestidas, seus cabelos estão despenteados, como se isso indicasse o desmazelo dos pais que os levou à (ou mantem na) miséria. Os membros magros e as cabeças grandes evidenciam a subnutrição e condições insalubres que favorecem a instalação de doenças. O edifício é malcuidado, os quartos pequenos e escuros. Tal descrição poderia servir de denúncia social, mas em momento algum o narrador nem o personagem lamentam a situação dessas pessoas, nem dão indício disso. Além disso, os homens vociferam ameaças, ainda que não tenham condições de resistir ou reagir de fato; as mulheres escarnecem e cospem no chão, uma afronta inconcebível para o sexo feminino, que deveria ser delicado e submisso. Todo o quadro ressalta o que há de socialmente reprovável nessas pessoas. Um olhar socialmente responsável consegue se colocar no lugar delas e entender como justificável a sua hostilidade. Do modo como o narrador coloca, dá a entender uma falta de dignidade inata àquelas pessoas, como se elas fossem responsáveis por sua situação.

A operação continua, os soldados entram em quartos pequenos lotados de camas, outras mulheres riem com deboche, ouvem-se mais gritos e do lado de fora as pessoas começam a cantar o hino da Internacional Comunista. Em um dos apartamentos, encontram uma moça que os interpela indignada.

(...) no súbito silêncio, ela perguntou com uma voz muito suave, mas tensa ao extremo: “Como se atrevem? Como ousam? Vocês já não mataram o

²⁰³ “Männer, Frauen und viele Kinder, Kinder in allen Größen, halbnackt die meisten und unsäglich schmutzig und mit Glieder, so dünn, daß man meinen könnte, sie müßten zerbrechen, packte man sie an, Kinder mit unheimlich großen Köpfen und wirren, stacheligen blonden Haaren, – sie standen an den Schwellen ihrer kargen, düsteren Stuben, und viele Augenpaare starrten uns an. (...) Weiber strichen an mir vorbei und lachten und spuckten dann auf den Boden, und Männer, mit offenen Hemden, daß man die krausen Haare ihrer Brust sah, riefen einander zu: ‘Totschlagen müßte man die Bande!’ (...) Aber sie taten mir nichts.” (Die Geächteten, p. 40)

suficiente? (...) Vocês entram nesta casa como os servos do carrasco. Vocês não têm vergonha? De onde vocês vêm, que não sabem que somos humanos? (...) Estão ouvindo o que eles estão cantando? A que época vocês pertencem? Quem enviou vocês? (...) Queriam martelar seus crânios estúpidos. Vocês protegem a mesma classe de infames que criaram essa miséria! Vocês são explorados, desprezados como nós! E agora vocês aparecem grandes com suas armas, agora faz cócegas o poder que deram para vocês. Larguem suas armas, ou não, deem a esses aí que sabem usá-las por sua causa justa!”²⁰⁴

As palavras, que manifestam uma consciência de classe, com um discurso típico das esquerdas, são sensatas e legítimas; impressiona a coragem da jovem em confrontar os soldados armados. De certo modo, esses moradores sabem que uma eventual matança poderia sujar a imagem pública dos *Freikorps* e jogam com isso (cada classe luta com a coragem e com as armas que têm em mãos). Certamente o comandante, que ordenou a busca sem abuso de violência, tinha isso em mente. No entanto, o narrador não menciona a coragem da menina, apenas a apresenta como uma “jovem moça, pequena e pálida com cabelo preto bagunçado”²⁰⁵; sua voz não é decidida, é “suave e tensa”. Ele coloca o discurso na voz de uma adolescente: segundo a cultura patriarcal, esse é o lugar de fala ingênuo e petulante. Após o sermão, um sargento replica que já ouviu tudo aquilo, que o objetivo é buscar por armas, que ninguém deve fazer bobagem e que de qualquer forma eles continuam a vistoria. Prosseguem até o último apartamento, sem encontrar mais armas, além daquele revólver do idoso.

Esse episódio é carregado de tensão e dá uma boa noção da apreensão do período. Os *Freikorps* são a força opressora do Estado que atua violentamente, com o pretexto de controlar a violência civil, contra o proletariado organizado, potencialmente revolucionário devido à miséria em que se encontra. Isso porque há um receio constante de que os grupos de esquerda se rebelem (poucos dias antes dessa busca, Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht foram executados por *Freikorps*). Eles invadem a moradia popular e

²⁰⁴ “(...) in das plötzliche Schweigen fragte sie mit einer sehr leisen, aber bis aufs äußerste angespannten Stimme: ‘Was erdreistet ihr euch? Was wagt ihr? Habt ihr noch nicht genug gemordet? (...) Ihr dringt hier ein in dieses Haus wie die Henkersknechte. Seid ihr ohne Scham? Woher stammt ihr, daß ihr nicht wißt, daß wir Menschen sind? (...) Hört ihr, was sie singen? Welcher Zeit gehört ihr an? Von wem seid ihr geschickt? (...) Man möchte es euch in eure dumpfen Schädel hämmern. Ihr schützt dieselbe Klasse von Verruchten, die dieses Elend geschaffen haben! Ihr seid Ausgebeutete, Verachtete wie wir! Und nun kommt ihr euch groß vor mit euren Gewehren, nun kitzelt euch die Macht, die man euch gegeben hat. Legt doch eure Gewehre weg, oder nein, gebt sie diesen da, die sie für ihre gerechte Sache anzuwenden wissen!’ ” (Die Geächteten, pp. 41-42)

²⁰⁵ “In diesem Zimmer war nur eine Frau, ein junges Mädchen, klein und bleich und mit wirrem schwarzem Haar.” (Die Geächteten, pp. 41)

não encontram as armas que procuram. O que encontram é a própria miséria, estampada no edifício e nos corpos dos moradores. E o ódio causado tanto pela situação socioeconômica geral quanto por esta operação específica de invasão arbitrária de domicílio. Mesmo com a hostilidade dos moradores, os soldados não têm motivos para temer os inúmeros “perigos desconhecidos à espreita”, pois apesar de serem minoria, eles têm munição suficiente para uma carnificina. As provocações dos moradores eram o grande motivo para sua tensão, que era na verdade uma grande raiva pelo fato de não poderem punir aquelas pessoas “menores” por seu atrevimento:

Pois, se não tivéssemos sido açoitados por nenhuma ordem de nos equilibrar sobre rebarbas angulosas, poderíamos nos opor ao ódio nossa própria paixão, que se tornaria amarga, pois teríamos que absorver do momento o ódio. Mas também poderíamos nos deixar afundar, fugir, não do perigo, apenas do nosso próprio calor.²⁰⁶

A ordem expressa de moderação, pelo comandante, os perturba, pois ele tem de se manter equilibrados, com sangue frio, numa zona de “rebarbas angulosas”, que facilmente podem ferir. Não fosse isso, eles poderiam usar a sua própria paixão, a violência, que seria proporcional ao ódio que irradia daquelas pessoas. Assim, o narrador lamenta que não possa usar a violência no grau que deseja. Eles, os *Freikorps*, são o único motivo possível para o próprio medo.

O desprezo pelo povo, principalmente os manifestantes de esquerda (a “inundação vermelha”) é patente: “(...) isso é o povo – não, massas são isso”²⁰⁷. O povo é recorrentemente descrito como uma massa (*Masse*) de pessoas com rosto cinza, a cor mais neutra, sem personalidade, que não tem um tom, que é apenas uma mescla da luz com a escuridão; de “semblante disforme”²⁰⁸, sem expressão humana, que carregavam o “brilho de uma determinação inepta”²⁰⁹. A caracterização do povo sempre tem um sentido pejorativo, seja pela aparência, pela voz, pelas roupas ou por quaisquer traços de caráter depreciativos que lhes atribua o narrador. Este observa-os de fora, pronto para atacá-los.

²⁰⁶ “Denn wären wir durch keinen Befehl gehetzt, auf scharfkantigen Graten zu balancieren, dann könnten wir dem Hasse unsere eigene Leidenschaft entgegensetzen, die würde bitter, da wir dann den Haß uns aus dem Augenblicke saugen müßten. Wir könnten aber auch uns sinken lassen, flüchten, nicht vor der Gefahr, nur vor der eigenen Wärme.” (*Die Geächteten*, p. 42)

²⁰⁷ “(...) das ist das Volk – nein, Massen sind es.” (*Die Geächteten*, p. 34)

²⁰⁸ “(...) ein gestaltloses Antlitz, das Gesicht der Masse” (*Die Geächteten*, p. 13)

²⁰⁹ “ (...) ein Schimmer dumpfer Entschlossenheit” (*Die Geächteten*, p. 13)

Mas eu não queria cair no turbilhão. Eu me enrijecia e pensava “canalha” e “gentalha” e “ralé” e “povaréu” e esfregava os olhos e contemplava essas formas ineptas e exauridas; são como ratazanas, pensei eu, que carregam nas costas a poeira da sarjeta, andando com passos curtos e cinzas, com olhos rodeados de vermelho.²¹⁰

A comparação com a ratazana resume sua opinião sobre essa massa: seres que vivem dos restos que a sociedade produz, sem orgulho próprio, sem dignidade. A expressão “olhos rodeados de vermelho saindo de rostos cinzas”²¹¹ se torna uma espécie de epíteto desse povo massificado, que ele considera inapto se colocar como agente da transformação social:

Assim passavam eles, os defensores da revolução. Então é daquela turba enegrecida ali que a chama ardente deveria saltar, que o sonho de sangue e barricadas deveria se realizar? Impossível capitular diante daqueles ali. Escárnio de sua reivindicação, que não conhece orgulho, nem certeza da vitória, nem ondas domadoras. Risadas de sua ameaça, pois aqueles ali marchavam de fome, de cansaço, de inveja e sob esses sinais ninguém nunca venceu. Teimosia do perigo, pois ele leva um semblante disforme, o rosto da massa, que se revolve pastosa, pronta para absorver em seu turbilhão viscoso tudo o que não impõe resistência.²¹²

O narrador reconhece diversas dificuldades pelas quais passa esse povo com fome de revolução: a fome e o cansaço de quem trabalha muito por salários míseros ou que não encontra trabalho, são ridicularizadas e colocadas junto à inveja, como se essas pessoas lutassem para ter o que não fizeram por merecer. A massa é uma substância pegajosa, que gruda, incorpora e contamina. A raiva e a violência contra ela se justificam, no romance, pela violência que essa mesma massa pratica sobre soldados isolados, como acontece com o soldado Salomon durante essa mesma manifestação. Ele carrega no uniforme um distintivo de ombro (*Achselklappen*) e algumas pessoas passam a fazer troça da peça, até que se formou uma confusão ao seu redor:

²¹⁰ “*Ich aber wollte nicht dem Strudel verfallen. Ich steifte mich und dachte ‘Kanaille’ und ‘Pack’ und ‘Mob’ und ‘Pöbel’ und kniff die Augen zusammen und besah diese dumpfen, ausgemergelten Gestaltungen; wie Ratten, dachte ich, die den Staub der Gosse auf ihren Rücken trugen, sind sie, trippelnd und grau mit kleinen, rotgeränderten Augen.*” (*Die Geächteten*, p. 13)

²¹¹ “ (...) mit rotgeränderten Augen aus grauem Gesicht” (*Die Geächteten*, p. 13)

²¹² “*So zogen sie, die Streiter der Revolution. Aus diesem schwärzlichen Gewusel da sollte also die glühende Flamme springen, sollte der Traum von Blut und Barrikaden sich verwirklichen? Unmöglich, vor denen da zu kapitulieren. Hohn über ihren Anspruch, der keinen Stolz kennt, keine Siegesicherheit, keine bändigenden Wellen. Gelächter über ihre Drohung, denn diese da marschierten aus Hunger, aus Müdigkeit, aus Neid, und unter diesen Zeichen hat noch niemand gesiegt. Trotz über die Gefahr, denn sie trug ein gestaltloses Antlitz, das Gesicht der Masse, die sich breiig heranwältzt, bereit, alles in ihren seimigen Strudel aufzunehmen, was sich nicht widersetzt.*” (*Die Geächteten*, p. 13)

Tudo pendia no distintivo, minha honra – que ridículo (...), e eu peguei a arma a tiracolo. Aí o soco se plantou no meio da minha cara. No momento, tudo ficou embotado, olhos, nariz e queixo, e o sangue correu quente. Dá um golpe, pensei, agora só há um: dá um golpe! Eu dei, mas o artilheiro cuspiu em mim e riu, e eu tinha a saliva no rosto e uma mulher gritou: ‘Seu macaco, seu janota, sua almofadinha’ e um pau voou no meu pescoço e eu caí. Um me chutou, muitos chutaram e bateram, eu deitei e chutei meu pé, soquei ao redor e percebi que era em vão, mas eu era um cadete e o distintivo eles não tinham. Todos riam e berravam e batiam, e o sangue escorreu pelos meus olhos, pelo meu nariz e de repente ficou quieto.²¹³

Um motivo tolo: zombaram de seu distintivo, do qual ele se orgulhava por ser um cadete recém-formado. O distintivo exatamente o distinguia da massa, que o identificou como soldado. Por ser muito novo e franzino, não inspirava medo. Mas ele, naquele momento, teve medo, tentou pegar a arma e então o atacaram. Ele, soldado, um símbolo do poder repressor, foi atacado por uma multidão revoltada também com a repressão constante. No livro, essa cena marca o ódio rancoroso da massa, como um bando de covardes traiçoeiros e sem honra.

Da massa, as mulheres são especialmente menosprezadas: “Mulheres marchavam na ponta. Elas se moviam adiante com largas saias, a pele cinza do rosto caía em rugas sobre ossos pontudos. A fome parecia tê-las escavado”.²¹⁴ Na véspera de Natal de 1918 (*Weihnachtskampf*), os marujos ocupam o castelo da cidade. Salomon é incumbido de bloquear a passagem de pedestres pela praça, pois há uma multidão em apoio aos rebeldes:

Diante de mim está uma mulher e ri. Larga, ela está lá e ri na minha cara, bem perto. Ela é gorda, ela é cinza e tem uma blusa cinza e grossa e apenas poucos dentes e uma verruga bem perto do nariz. Por que ela ri? Ela ri de mim, ela bate os braços sobre o corpo imponente e bufá na minha cara. Maldita, essa

²¹³ “Alles hing an den Achselklappen, meine Ehre – wie lächerlich (...), und ich griff zum Seitengewehr. Da pflanzte sich die Faust mir mitten ins Gesicht. Im Augenblick war alles dumpf, Auge, Nase und Kinn, und warm rann das Blut. Stoß zu, dachte ich, jetzt gibt es nur eins: stoß zu! Ich stieß, aber der Artillerist spie mich an und lachte, und ich hatte den Speichel im Gesicht, und eine Frau schrie: ‘Du Affe, du Zierbengel, du Hosentrompeter’, und ein Stock flog mir ins Genick, und ich fiel. Einer trat mich, viele traten und hieben, ich lag und stieß mit dem Fuß, schlug um mich und wußte, es war umsonst, aber ich war Kadett und die Achselklappen hatten sie nicht. Sie lachten alle und johlten und schlugen, und mir lief das Blut in die Augen, in die Nase, und plötzlich wurde es still.” (*Die Geächteten*, pp. 14-15)

²¹⁴ “Weiber marschierten an der Spitze. Sie schoben sich mit breiten Rücken voran, die graue Haut der Gesichter hing in Falten über spitzen Knochen. Der Hunger schien sie ausgehöhlt zu haben.” (*Die Geächteten*, p. 13)

mulher, essa bruaca, eu poderia dar uma coronhada na cara dela – mas eu viro a cabeça para o outro lado.²¹⁵

Novamente uma mulher que o provoca e escarnece. Ele a descreve como uma bruxa malvada dos contos de fada: grande, gorda, enrugada, com uma verruga – uma descrição digna de um aluno escolar enfezado com a professora megera. Ela também é cinza, sua roupa é cinza. Ele faz menção de usar a arma contra ela, para devolvê-la ao seu lugar, pois acha que seu comportamento merece tal reação, mas não o faz.

A tentativa de golpe que ficou conhecida como Kapp-Putsch, em 1920, fracassou principalmente devido à resistência pela classe operária que conseguiu bloquear o avanço das tropas golpistas até Berlim. Salomon fazia parte de um desses agrupamentos que iria de trem passando por Harburg (cidade próxima a Hamburgo). Nesta cidade, porém, a população se mobilizou para sabotar a passagem, com a ajuda dos trabalhadores ferroviários, de modo que os soldados foram forçados a passar a noite em uma escola local até que a ferrovia fosse liberada. No caminho escuro entre o vagão e a escola, caminhavam por uma região lúgubre que o narrador descreve como uma cidade abandonada ou mal-assombrada.

Na frente, perto do primeiro grupo, elevou-se uma cantoria fina e rouca. Porém, logo ela se calou, pois uma janela se abriu retinindo e então subiu uma risada aguda e mortal em nossa coluna, uma risada como um grito escarnecedor, como uma flecha envenenada. Era uma mulher que ria assim, não, era a própria cidade ou a demônia dessa cidade... Essa risada tinha que ser fulminada, era insuportável continuar ouvindo-a.²¹⁶

Mais uma vez, uma figura feminina odiosa se impõe durante a ação em que o soldado se encontra. Dessa vez, a mulher não é vista, mas sua risada demoníaca surge como “uma flecha envenenada”, que perfura os ouvidos e contamina o corpo do personagem. Não só isso, essa figura se mistura à cidade e juntas se tornam um grande sinal de mau agouro. A cidade está amaldiçoada desde o momento em que lá chegaram,

²¹⁵ “Vor mir steht eine Frau und lacht. Breit steht sie da und lacht mir mitten ins Gesicht, ganz nah. Dick ist sie, grau ist sie und hat eine graue, grobe Bluse und nur wenige Zähne und eine Warze dicht neben der Nase. Warum lacht sie? Sie lacht mich an, sie schlägt die Arme über den mächtigen Leib und prustet mir ins Gesicht. Verflucht, dies Weib, diese Vettel, ich könnte ihr den Kolben ins Gesicht rennen – aber ich drehe den Kopf weg.” (Die Geächteten, p. 30)

²¹⁶ “Vorne bei den ersten Gruppen erhob sich ein dünner, heiserer Gesang. Doch gleich verstummte er wieder, denn ein Fenster schepperte auf, und dann hieb ein grelles, tödliches Lachen in unsere Kolonne, ein Lachen, wie ein höhnischer Schrei, wie ein spitz vergifteter Pfeil. Das war eine Frau, die so lachte, nein, das war die Stadt selbst oder die Dämonin dieser Stadt... Dies Lachen mußte erschlagen werden, es war unerträglich, es fernerhin zu hören.” (Die Geächteten, p. 115-116)

prelucindo o tormento das horas seguintes para a tropa. Eles continuam o caminho até a escola preparada como armadilha para sua estadia. Durante a manhã, percebem a movimentação da população local, fortemente armada, cercando a escola. Depois de horas de tiroteio, com uma alta mortalidade dos soldados, eles finalmente se entregam. A seguir, devem deixar a escola em direção à prisão local, passando pelo meio de uma multidão furiosa. A massa mais uma vez se apresenta como um grande inimigo; novamente são as mulheres, agora com o semblante demoníaco, que mais transtornam o narrador:

Wuth dá socos, encurvado, três passos à minha frente. Mulheres avançam sobre ele. As mulheres, largas, em testemunha azul, com aventais molhados e saias molambentas, os rostos enrugados, vermelhos de bufar, sob o cabelo desgrenhado, com paus, pedras, mangueiras e louças, começam a bater em nós. Elas cospem, berram, guincham (...). De uma rua lateral, porém, irrompe uma nova tropa, principalmente mulheres. As mulheres são as piores. Homens batem, mulheres cospem também e berram, e não se pode simplesmente plantar um soco em suas caretas. Ali está uma velha de pé, idílio na confusão, e se apoia no guarda-chuva. Os bons e velhos olhos, ah, sob a toquinha bordada com linhito! Mal consegue ficar de pé, ela olha seriamente em nossa direção e ergue – ergue com braço trêmulo o velho guarda-chuva e me bate, me bate! Cristo Redentor!²¹⁷

Essas mulheres aparecem como seres demoníacos e incompreensíveis: por um lado, sua ética prussiana não permite que as agrida como se agride um homem, já que elas são mais frágeis e não tem iguais condições de se defender; por outro, suas estratégias de ataque, com gritos, mordidas e cusparadas são desconcertantes. Ele não sabe como agir diante delas para atacar, nem para se defender. Tampouco para o amor.

Depois que retorna das batalhas no Báltico, o protagonista está desapontado por ver o país pacato, sem agitações. Ele sai à noite na cidade de Stade para ver o movimento e conversa com uma mulher:

(...) conversamos sobre isso e aquilo, mas sempre os segredos sussurrados terminavam em guerra e revolução, e finalmente ela se sacudiu e disse: ‘Ei,

²¹⁷ “Wuth boxt gekrümmt, drei Schritte vor mir. Weiber dringen auf ihn ein. Die Weiber, breit, in blauem Zeuge, mit nassen Schürzen und zerschlampten Röcken, fauchrot die faltigen Gesichter unter wirrzerzaustem Haar, mit Stöcken, Steinen, Schläuchen und Geschirren, sie hämmern auf uns los. Sie spucken, keifen, kreischen, – wir sind heran, nun durch. (...) Doch aus einer Seitenstraße bricht ein neuer Trupp, vornehmlich Weiber. Die Weiber sind die schlimmsten. Männer prügeln, Weiber spucken auch und keifen, und man kann so ohne weiteres nicht die Faust in ihre Fratzen pflanzen. Da steht, Idylle im Gewirr, ein altes Weib und stützt sich auf den Schirm. Die guten alten Augen, ach, unter jettbesticktem Häubchen. Kaum stehen kann sie, ernsthaft blickt sie uns entgegen und hebt – und hebt mit zitterigem Arm den alten Schirm, und schlägt mich, schlägt mich! Heiland!” (Die Geächteten, p. 132)

você, estou com frio, venha, temos que ir para casa'. E fiquei irritado por ter conversado o tempo todo com a moça sobre essas coisas, mas assim foi desta vez e quase todas as vezes.²¹⁸

O contato com a mulher lhe traz de volta ao mundo dos civis e da normalidade, mas o assunto sempre volta à guerra. Há um estranhamento nesse contato, pois parece impossível se livrar do sentimento da guerra e da vontade de estar na batalha. Logo ele e seus amigos começam a planejar ações para interromper essa paz indesejada.

Pouco tempo depois, o combatente começa a fazer aulas de dança de salão, de graça, a convite da proprietária, que o convidou devido à escassez de homens na região. Subitamente, o personagem se apaixona:

Eu me apaixonei. Caí no barranco mais profundo do anseio selvagem da morte e, no mesmo momento, fui arremessado ao sol escaldante da afirmação mais extrema da vida. Com um aceno *dela*, eu estava pronto para explodir a mim, a casa, a cidade e o mundo. Então comprei o livrinho no formato de caixa de fósforos 'Mozart na viagem para Praga' e o embrulhei em doze páginas de um poema escrito em letras apertadas de mim para *ela*. Considerei que em breve teria uma família numerosa para alimentar e decidi fazer horas extras escrevendo recibos de gratificações – e só Deus sabe o quão difícil foi para mim. Os colegas no escritório ficaram surpresos que eu estivesse de barba feita todos os dias. Dei a *ela* uma corrente de ouro desde o primeiro dinheiro de hora extra; então mandei fazer uma maravilha de terno. A propósito, *ela* se tornou minha esposa dez anos depois.²¹⁹

Se por um lado surpreende o arrebatamento da paixão no bruto soldado, por outro isso é tudo o que o narrador fala sobre a namorada que se tornaria, mais tarde, sua esposa. Seu nome não é citado. A maior homenagem que o narrador faz à futura esposa é colocar em itálico os pronomes que se referem a *ela*. Além disso, na sequência a narrativa, que até esse momento se apresentava monótona como seu tédio na vida sem guerra, logo a seguir volta a ficar agitada: os conspiradores começam a colocar em prática os planos de

²¹⁸ "(...) wir sprachen von diesem und jenem, doch immer endeten die geflüsterten Heimlichkeiten bei Krieg und Revolution, und schließlich schüttelte sie sich und sagte: 'Ach du, mich friert, komm, wir müssen heim.' Und ich war ärgerlich, daß ich nun die ganze Zeit mit dem Mädchen von diesen Dingen gesprochen hatte, aber es war diesmal so und fast jedesmal." (*Die Geächteten*, p. 107)

²¹⁹ "Ich fiel in Liebe. Ich fiel in die tiefste Schlucht wilder Todessehnsucht und wurde im gleichen Augenblick an die glühende Sonne der äußersten Lebensbejahung geschleudert. Auf einen Wink von ihr war ich bereit, mich, das Haus, die Stadt, die Welt in die Luft zu sprengen. Dann kaufte ich das Büchlein in Streichholzschachtelformat 'Mozart auf der Reise nach Prag' und wickelte es in zwölf Folioseiten enggeschriebenen Gedichts von mir an sie. Ich erwog, daß ich bald eine zahlreiche Familie zu ernähren haben werde, und beschloß, Überstunden im Prämienquittungenschreiben zu machen – und Gott allein weiß, wie schwer mir das fiel. Die Kollegen auf dem Büro wunderten sich, daß ich nun jeden Tag rasiert war. Ihr schenkte ich vom ersten Überstundengeld ein goldenes Kettchen; dann ließ ich mir ein Wunderwerk von Anzug bauen. Übrigens wurde sie zehn Jahre später meine Frau." (*Die Geächteten*, p. 155)

coletar armas dos moradores para suas ações terroristas. Temos a impressão de que o fogo do amor deu ao combatente a fagulha e a energia que ele precisava para voltar à atividade contra o poder instituído. Somente no final do livro ela é novamente mencionada, nos pensamentos do protagonista que lembra da última vez em que se encontraram, um ano antes:

Acaricieei sua mão com dedos falsos e menti, menti. Ela olhou para mim duvidosamente. Em minutos de silêncio, a palavra suave caiu: “Por que você não me diz a verdade?” Eu olhei desesperadamente para o oficial, que estava sentado largo e aparentemente indiferente. ‘Estou dizendo a verdade’, menti, tentando acalmar palavras falsas com uma torrente. Se ela soubesse! Assim eu fico aviltado! Assim eu fico humilhado! Ela não deveria saber, eu vou mentir!

220

A narrativa, nesse momento, deixa de ser linear. Fica incerto se a cena aconteceu no ano anterior, se o personagem está lembrando o passado ou adiantando o futuro, ou apenas imaginando. Tampouco fica claro qual é a mentira, o narrador não a menciona. É certo que o personagem mente e que a situação é estranha e desconfortável. Novamente, há uma dificuldade no contato com a mulher, mesmo sendo o amor de sua vida (Ile, a namorada anônima da narrativa, permaneceu casada com o escritor Salomon até o fim de sua vida).

Na terceira parte do romance, em que o personagem Salomon está preso, o narrador conta que os demais encarcerados conversam bastante sobre mulheres (“O tema mulher é inesgotável”²²¹). Ele sonha com a vida em liberdade:

Eu sempre me perguntava se isso era acaso então possível, se era imaginável, que um dia chegasse, e chegasse logo, pudesse chegar já amanhã, em que eu não desdobraria minha cama à noite, para, cansado e mal-humorado, ansiar a chegada do sono, um dia, em que o mundo se abrisse para mim, um improvável, um inaudito mundo de muitas formas, com mulheres e ideias e movimento e exigência, um mundo, que devesse ser angustiante em sua plenitude, cheio de cores fortes, com árvores e casas e ferrovias, com montanhas e rios e homens que usassem um verdadeiro colarinho branco, nenhum uniforme e nenhum precipício marrom, pessoas com rostos, não com

²²⁰ “*Ich hatte mit irren Fingern ihre Hand gestreichelt, und gelogen, gelogen. Sie sah mich zweifelnd an. In minutenlange Stille fiel das leise Wort: ‘Warum sagst du mir nicht die Wahrheit?’ Ich sah verzweifelt auf den Beamten, der breit und anscheinend unbeteiligt dasaß. ‘Ich sage die Wahrheit’, log ich und versuchte unter einem Schwall unwahrer Worte zu beruhigen. Wenn sie wüßte! So bin ich erniedrigt! So bin ich gedemütigt! Sie soll es nicht wissen, ich werde lügen!’*” (*Die Geächteten*, pp. 282-283)

²²¹ “*Das Thema Weib ist unerschöpflich.*” (*Die Geächteten*, p. 316)

caretas, e animais e um ar que à distância fica azulado e tudo, tudo e, em todo caso, nada do que me cercava agora.²²²

É curioso notar que o narrador só passa a dar valor a elementos triviais da natureza (como árvores, montanhas e rios) depois que o personagem vai preso. Nas duas primeiras partes, seu interesse é focado nas batalhas, na revolução e na conspiração. Parece um caso em que só a prisão liberta. Porém, ao sair da prisão, o mundo que encontra não é aquele que imaginava. Várias coisas estão diferentes, principalmente as mulheres: “Mas o mais estranho eram as mulheres. Elas não tinham nada em comum com as mulheres dos sonhos da cela. Seus rostos pareciam monótonos e nus e eram da mesma monotonia que as pernas altas e chatas.”²²³

Em seu sonho, ele imaginava a mulher de acordo com seu mundo interno. Essa mulher é obviamente idealizada, mesmo porque o personagem passou muitos anos separado do convívio com as mulheres. Provavelmente as mulheres da vida real eram diferentes do que ele imaginava porque nunca chegou, de fato, a conhecer alguma intimamente. Até mesmo nos maneirismos essas mulheres são diferentes: “Pois muitas mulheres ganharam uma expressão nervosa, agitada e ansiosa no rosto nu e sacudiam as pernas e as omoplatas.”²²⁴ A mulher idealizada tinha um semblante tranquilo e sereno.

Percebemos, portanto, três tipos principais de personagens femininas apresentadas na história: as mulheres-monstro, representadas pelas mulheres do povo, ou do movimento proletário, que são agressivas, dominadoras, escarninhas e demoníacas; as mulheres-afeto, por quem ele sente atração ou mesmo amor, mas com quem o contato direto é penoso; e aquelas que encontra depois da prisão, que não lhe são atraentes, seja pela monotonia ou pelo nervosismo. Esse estranhamento, suponho, tem relação com a

²²² “Immer wieder fragte ich mich, ob denn dies überhaupt möglich sei, ob es denkbar sei, daß ein Tag käme, und bald käme, morgen schon kommen könne, an dem ich nicht des Abends mein Bett herunterklappen würde, um müde und unlustig den Schlaf herbeizusehnen, ein Tag, an dem sich mir die Welt auftun würde, eine unwahrscheinliche, eine unerhört vielgestaltige Welt mit Frauen und Ideen und Bewegung und Forderung, eine Welt, die beklemmend sein mußte in ihrer Fülle, voll starker Farben, mit Bäumen und Häusern und Eisenbahnen, mit Bergen und Flüssen und Männern, die einen richtigen weißen Stehkragen trugen, keine Uniform und keine braune Kluft, Menschen mit Gesichtern, nicht mit Fratzen, und Tiere und eine Luft, die in der Ferne bläulich wird, und alles, alles, und jedenfalls nichts von dem, was mich jetzt umgab.” (Die Geächteten, 306)

²²³ “Das merkwürdigste aber waren die Frauen. Sie hatten nichts gemein mit den Frauen aus den Träumen der Zelle. Ihre Gesichter schienen eintönig und nackt und waren von derselbe Monotonie wie die hohen langweiligen Beine.” (Die Geächteten, p. 330)

²²⁴ “Denn viele Frauen bekamen einen nervösen, bewegten, lechzenden Ausdruck im nackten Gesicht und zuckten mit Beinen und Schulterblättern. Dann sang ein Neger, alle Gesichter wendeten sich ihm zu.” (Die Geächteten, p. 332)

formação da armadura através da separação dos sexos ao longa da história, como veremos mais adiante. Os guerreiros modernos são produto desse processo histórico-social. A mulher se tornou, para eles, algo estranho, misterioso, inacessível e, ao mesmo tempo, ameaçador.

3.3. Na prisão

O período em que Salomon passa na prisão cumprindo pena pela cumplicidade no assassinato de Rathenau forneceu as passagens do livro em que o narrador se mostrar mais sensível, dado o estado de vulnerabilidade em que o protagonista se encontra. No livro de regulamentos da prisão estão estampados os dizeres: “Todo castigo, quando existe, não nos parece alegria, mas tristeza. Mas depois disso, ela dará um medo pacífico da justiça àqueles que a praticam. – Deus conceda!”²²⁵

Após narrar suas peripécias e cenas de ação com muito fôlego, o relato da prisão ganha um tom bem diferente, mais sombrio e resignado.

Eu não posso pensar, está muito frio para pensar, está muito quieto para pensar. Não há nada vivo na sala. E eu, estou vivo? Olho minha para mão, que está sobre os joelhos, branca e ossuda. É uma mão de morto. As listras pretas na unha azulada! Eu acho que cheiro a putrefação.²²⁶

Entra em cena o sublime das privações: “Todas as privações em geral são grandiosas, porque são todas terríveis: vazio, trevas, solidão e silêncio” (BURKE, 1993, p. 76). Salomon cumpriu cinco anos na penitenciária, passando por diversas situações extremas e degradantes: o isolamento na solitária; o frio intenso ou o calor insuportável de sua cela; o trabalho pesado, a péssima relação com os *Kalfakter* (presos que exercem determinadas funções, das quais os demais encarcerados dependem, como a distribuição de pão, roupas e cobertores); a falta de momentos de diversão; um período mais isolamento total na solitária, sem contato com outras pessoas e apenas um pão por dia,

²²⁵ “*Alle Züchtigung, wenn sie da ist, dünkt uns nicht Freude, sondern Traurigkeit zu sein. Darnach aber wird sie geben eine friedsame Furcht der Gerechtigkeit denen, die dadurch geübet sind. – Das walte Gott!*” (Die Geächteten, p. 248)

²²⁶ “*Ich kann nicht denken, es ist zu kalt zum Denken, es ist zu still zum Denken. Es ist nichts lebendiges, im Raum. Und ich, bin ich lebendig? Ich sehe auf meine Hand, die weiß und knöchern auf den Knien liegt. Es ist eine Totenhand. Die schwarzen Streifen auf den bläulichen Nagel! Ich glaube, ich rieche Verwesung.*” (Die Geächteten, p. 276)

bem como a tortura psicológica e o colapso nervoso que o levou ao hospital; a cogitação de suicídio, a falta de sentido do encarceramento enquanto processo de correção ou de enquadramento na sociedade, a saudade imensa do melhor amigo, Kern, assassino de Rathenau e que acabou sendo morto pela polícia. Por outro lado, houve situações mais amenas, como o período de trabalho no hospital penitenciário, auxiliando na limpeza e no tratamento a outros presos, e onde as condições de vida eram bem melhores que nos outros ambientes, e uma cômica – e bonita – amizade construída com o comunista Edí.

Edí participou da luta do exército vermelho na região do Ruhr e era chefe de um ajuntamento. Quando o exército imperial os atacou, roubou um cavalo de um fazendeiro para chegar mais rapidamente ao quartel general, afim de avisar os companheiros. Depois, vendeu o cavalo e por isso foi preso e condenado a seis anos de cadeia. Mesmo que as conversas fossem proibidas e eles sofressem punições por isso, Edí e Salomon debatiam bastante, divergindo em suas perspectivas políticas, mas com bom humor:

Nós discutíamos, boca e ouvido pressionados contra as portas de ferro, sobre Marx e Bismarck, sobre a massa e a personalidade, sobre a distribuição e formação, sobre revolução mundial e insurreição das nações. Berrávamos insultos um ao outro com vozes roucas, meio rindo, meio zangados, e finalmente ele cantava com força a Internacional e eu cantava de volta a canção da [brigada] Ehrhardt – até que os carcereiros davam coronhadas às portas e gritavam alguma coisa sobre notificação e esconjuravam sobre detenção e perrengue. Então dizíamos boa noite sobriamente e eu corri para cima e para baixo ainda por um longo tempo.²²⁷

Parece uma amizade de velhos amigos ranzinzas que torcem para times de futebol arquirrivais e se atacam, mas ao mesmo se divertem, pois nas suas diferenças há um respeito: ambos eram indignados com o poder do capital e agiram com coragem na luta por seus ideais. Tinham inimigos em comum: a burguesia, a política liberal e os carcereiros. Com Edí, Salomon entendeu a combatividade daquela massa cinza de olhos rodeados de vermelho e aprendeu a respeitá-la:

E aprendi a entender a amargura desmedida, o orgulho desafiador, a combatividade tenaz e resiliente contra tudo o que não era trabalhador. E eu disse a ele por que eu, o soldado, me sentia ligado a ele, por que minha luta era

²²⁷ “*Wir stritten uns, Mund und Ohr an die eisernen Türen gepreßt, über Marx und Bismarck, über die Masse und Persönlichkeit, über Verteilung und Gestaltung, über Weltrevolution und Aufstand der Nationen. Wir brüllten uns mit heiseren Stimmen, halb lachend, halb zornig, Beleidigungen zu und schließlich schmetterte er die Internationale heraus und ich sang das Ehrhardtlied gegenan – bis die Beamten mit den Kolben an die Türen ramnten und etwas von Meldung schrien und von Arrest und von Nucken austreiben. Da sagten wir uns ernüchert gute Nacht, und ich rannte noch lange auf und ab.*” (*Die Geächteten*, p. 261)

a mesma; como ele colocou um sim atrás da sua vida na comunidade com aqueles que estavam com ele no local, que lutaram contra a pedra negra e contra a camada pastosa e inconcebível que estrangula tudo, e por ordem da qual ele não via o sol, então eu coloquei um sim atrás do meu destino e na minha comunhão com a massa cinzenta dos sem nome.²²⁸

Edi, junto com a massa, lutava contra tudo o que não era “trabalhador”: tanto a camada burguesa, “pastosa e inconcebível”, que adere a todas as coisas do mundo querendo incorporá-las como propriedade sua, que pune seus opositores isolando-os na prisão, “que estrangula tudo” e explora para tirar seu lucro. Eles colocam um “sim” atrás em suas respectivas experiências revolucionárias, como um ponto final para virar a página do passado e começar uma nova, possivelmente com a mesma ideologia de antes, mas por meios diferentes.

A cela me ensinou o nojo das coisas que foram feitas, que não estavam à altura, me ensinou a compreender o ódio que obrigava os oprimidos a colocar tudo, qualquer valor, na libertação do trabalho servil, a pensar materialmente onde deveriam pensar metafisicamente, em sonhar com felicidade, onde teriam que sonhar com destino.²²⁹

O narrador dá a entender ter percebido que seu verdadeiro inimigo não é aquela massa de operários que antes desprezava, mas o poder econômico opressor, que usava a política como meio para impor suas artimanhas. Percebe que os trabalhadores miseráveis, antes de “pensar metafisicamente” sobre assuntos como valores da tradição, honra militar ou decoro social, têm uma urgência que os obriga a “pensar materialmente” sobre a própria sobrevivência biológica e cultural. Por isso sua luta não pode ser simplesmente ignorada ou repudiada.

²²⁸ “Und ich lernte verstehen die maßlose Verbitterung, den trotzigen Stolz, die zähe, federnde Kampfbereitschaft gegen alles, was nicht Arbeiter war. Und ich sagte ihm, warum ich, der Soldat, mich ihm verbunden fühlte, warum mein Kampf derselbe war; wie er ein Ja setzte hinter sein Leben in der Gemeinschaft mit jenen, die mit ihm standen vor Ort, die mit ihm rangen gegen den schwarzen Stein und gegen die breiige, unfäßbare, alles abwürgende Schicht, auf deren Befehl er die Sonne nicht sah, so setzte ich ein Ja hinter mein Schicksal und hinter meine Gemeinschaft mit der grauen Masse Namenloser.” (Die Geächteten, p. 255)

²²⁹ “Die Zelle lehrte mich den Abscheu vor den Dingen, die gemacht wurden, die nicht gewachsen waren, lehrte mich den Haß begreifen, der die Unterdrückten zwang, alles, jeden Wert an die Befreiung von der Fron zu setzen, materiell zu denken, wo sie metaphysisch denken sollten, Glück zu träumen, wo sie Schicksal träumen müßten.” (Die Geächteten, p. 251)

A mesma reclusão que o impede de realizar ações se torna um lugar de reflexão e ponderação, um tratamento não de choque, mas de marasmo e monotonia, de “aprimoramento da experiência”:

E isso, especialmente a ressonância de todas as cordas internas, que aconteceu tão distante dos focos e independente do ímpeto dos fatos, transmitiu o alto grau da satisfação que me fez sentir a cela como uma ferramenta de aprimoramento da experiência.²³⁰

O homem que vive na ação contínua, o *homo faber*, é agente do progresso incessante e desenfreado que pode levar a sua autoaniquilação; ele não reserva espaço para a contemplação, por isso não pode se transformar. No extremo, ele se torna uma máquina obcecada pelo aniquilamento daquilo que é diferente, contra o que é não-eu: torna-se um *homo delens*, o homem destruidor, como é o caso do combatente Salomon e seu bando. Pelo que conta o narrador, as conversas e as trocas de experiências na prisão favorecem a compreensão do não-eu e possibilitam a transformação interna e a capacidade de empatia.

É nesse momento que o protagonista inicia a transição para um novo tipo de comportamento, quando começa a ler com mais frequência e a escrever, por incentivo do diretor da instituição, que percebe nele um dom para a literatura. Salomon entende que o embate ideológico pode ser mais justo e profícuo no plano intelectual, mas para isso lhe faltam conhecimento de mundo para além e sua formação militar. Mas essa transformação não foi tão drástica: se por um lado modificou seu *modus operandi*, continuava acreditando que seus esforços deveriam ter algum sentido e que a transformação contra a modernização, rumo a um passado místico idealizado, ainda era possível:

A unidade, à qual me declarei, ainda não havia me liberado de seu serviço, e, sem dúvida, nenhum pensamento, nenhum sentimento e nenhuma experiência, nada que agora se formava à parte e sob tanta pressão, podia ser sem sentido e sem validade. E porque eu seguia passo a passo com os camaradas do passado recente, porque a mesma força que os impeliu à investida e agora me deixava seguir o mesmo caminho em outros níveis, não podia, como sempre aconteceu, ter sido o resultado de um bando de possessos, nada que uma vez teve efeito podia se perder, nada podia acontecer, que não tivesse sido preparado segundo leis incompreensíveis. Porém, era amargo experienciar uma situação singular

²³⁰ “Und dies, gerade dies Mitschwingen aller inneren Saiten, das so fern von den Brennpunkten und unabhängig von der Wucht der Tatsachen geschah, vermittelte den hohen Grad der Genugtuung, der mich die Zelle als ein Werkzeug der Erlebnissteigerung empfinden ließ.” (Die Geächteten, p. 259)

[*Sonderstellung*] e o desejo de participar da ação não podia sufocar nada que aparecesse no meu caminho.²³¹

Permanece, portanto, no narrador, a concepção de “leis incompreensíveis” que dominaram o “bando de possessos”. Essas leis continuam, de alguma forma, a impeli-lo à ação, mesmo que de outra natureza. O interessante desses trechos é o relevo que o narrador dá ao ato de experienciar. O cárcere foi uma “ferramenta de aprimoramento da experiência” e “era amargo experienciar uma situação singular”. Então o narrador considera que ele não experienciava bem os períodos de batalha e que esse momento específico de experienciar estava sendo amargo, bem diferente dos episódios na guerra, em que ele se sentia em casa. O processo forçado de experienciar, através da reflexão, é doloroso.

Essa não foi a última vez que o homem Salomon esteve preso. Como relata em *Der Fragebogen*, após o fim da Segunda Guerra, quando o país estava ocupado por tropas aliadas, investigando e perseguindo potenciais nazistas, foi levado junto com sua esposa Ille à delegacia para prestar depoimento, por mais que ela insistisse às autoridades em se declarar judia, o que em tese livraria Salomon da acusação. De fato, nunca foi membro do NSDAP ou de qualquer organização relacionada; com a ascensão de Hitler ao poder, passou a tecer publicamente críticas ao novo governo, dado que já gozava de considerável reputação literária após a publicação de suas três primeiras obras autobiográficas – *Die Geächteten*, *Die Kadetten* e *Die Stadt*. No entanto, ao começarem as retaliações, decidiu manter neutralidade. Conseguiu disfarçar a origem judaica de sua esposa, de modo que ela não fosse levada pelas autoridades. Interessado pelo mundo do cinema, passou a trabalhar como roteirista, geralmente de filmes de aventura, mas não de propaganda nazista. De qualquer modo, seu passado nos *Freikorps* e a participação no assassinato de Rathenau levantaram grande suspeitas. O processo de sua prisão e da esposa foi completamente arbitrário: não havia evidência alguma de que fosse nazista, porém não

²³¹ “*Immer noch hatte mich die Einheit, zu der ich mich bekannte, nicht aus ihrem Dienst entlassen, und zweifelsohne konnte kein Gedanke, kein Gefühl und keine Erfahrung, konnte nichts, was sich nun abseits und unter solchem Drucke formte, ohne Sinn und ohne spätere Geltung sein. Und weil ich Schritt für Schritt mit den Genossen der nahen Vergangenheit weiterging, weil die gleiche Kraft, die sie zum Ansprung trieb, nun mich auf anderen Ebenen die gleiche Richtung gehen ließ, konnte, was auch immer je geschah, nicht Ausfluß einer Schar Besessener gewesen sein, konnte nichts verlorengehen, was einmal wirkte, nichts geschehen, was nicht nach unbegreiflichen Gesetzen zu geschehen vorgeordnet war. Doch war es bitter, eine Sonderstellung zu erfahren, und den Wunsch, am Einsatz teilzuhaben, konnte nichts, was mir begegnete, ersticken.*” (*Die Geächteten*, p. 259)

poderia provar que não fosse. Dentro do programa de desnazificação promovido pelos Aliados, recebeu para preencher, durante o primeiro interrogatório, o questionário que serviu de inspiração para *Der Fragebogen*. Dias depois, foram transferidos para um campo de prisioneiros, todos acusados de apoiar o regime. Ali começou a verdadeira tortura: Salomon, contando então 45 anos de idade, foi agredido com crueldade e gratuitamente, como todos os demais homens, independente de sua idade. Pela narrativa do livro, sugere-se que Ille foi estuprada pelos soldados americanos, tanto no momento da chegada, quanto ao longo da permanência no campo. A impressão é que os Aliados queriam punir os alemães pelo assassinato em massa de milhões de pessoas nos campos de concentração. A maior parte dos prisioneiros acabou executada pelas tropas aliadas. Toda essa situação colaborou para que Salomon, nos anos seguintes ao fim da guerra, se recusasse a assumir responsabilidade coletiva na questão da culpa dos alemães sobre os crimes contra a humanidade perpetrados nos campos de concentração, dentro do movimento conhecido como *Vergangenheitsbewältigung* (o acerto de contas com o passado). Em sua concepção, se houvesse qualquer culpa pela qual tivesse que pagar, essa pena já tinha sido cumprida durante sua prisão arbitrária.

4. DOR, AUTOCONTROLE E ANTITESTEMUNHO

4.1. Psique e comportamento do homem fascista

Tietje, incorrigível, afirmou: “Uma surra é sempre bom, mesmo quando a gente mesmo leva uma pancada.”²³²

Ainda durante os desdobramentos da Primeira Guerra Mundial. Sigmund Freud escreve, em 1915, o ensaio “Considerações atuais sobre a guerra e a morte” (FREUD, 2010a), no qual procura compreender o fenômeno da extrema violência bélica no seio da civilização europeia em pleno século XX. Perplexo diante da pouca moralidade dos governos nacionais, que ferem normas éticas e acordos internacionais, e do comportamento brutal de indivíduos provenientes de culturas consideradas “elevadas” Freud especula sobre a composição psíquica do heroísmo dos soldados, que os diferencie da população não combatente, temerosa da morte, a partir do esboço de uma genealogia do tabu da morte na civilização ocidental.

Para Freud, o indivíduo sofre influência não só do meio cultural em que vive, mas também da história cultural de seus antepassados. Isso se dá ao longo de gerações, através da educação contínua dos indivíduos no sentido de renunciar à satisfação do instinto. Assim, a coerção externa, realizada para que os descendentes se ajustem aos costumes e regras sociais vigentes, transforma-se em coerção interna. Uma dessas características internalizadas se manifesta justamente na nossa relação com a morte: tendemos a querer eliminá-la de nossas vidas. No nosso inconsciente, estamos convencidos de nossa imortalidade; quando a morte acontece a nosso redor, sentimos um abalo profundo. Ou seja, preferimos considerar a morte como algo fortuito, em vez de necessário dentro do ciclo biológico. A ocorrência de mortes em massa, então, é extremamente terrível.²³³

²³² “Tietje, unverbesserlich, behauptet: ‘Prügel ist immer fein, auch wenn man selber Hiebe kriegt.’” (*Die Geächteten*, 133)

²³³ Algumas provocações de Freud neste texto chegam a ser perturbadoras, pois levam a crer que nossa postura diante da morte (em tempos de paz) é covarde, na medida em que deixamos de empreender certas aventuras, o que torna a vida desinteressante: “Mas essa nossa atitude para com a morte tem um poderoso efeito em nossa vida. A vida empobrece, perde algo do interesse, quando a mais elevada aposta no jogo da vida, isto é, ela mesma, não pode ser arriscada. Ela fica insossa, insubstancial. (...) Não ousamos considerar muitas empresas que são perigosas mas necessárias” (FREUD, 2010a, p. 232). Como a vida carece de fortes emoções, encontramos na ficção um substituto. A guerra, porém, traz de volta as perdas: “É evidente que a guerra afastará esse tratamento convencional da morte. Não é mais possível negar a morte; temos de crer nela. As pessoas morrem de fato, e não mais isoladamente, mas em grande número, às vezes dezenas de

Nessa perspectiva, a vida é valiosa e não pode ser arriscada. Por isso, procuramos não empreender ousadias perigosas, ainda que necessárias.

Freud supõe que o tabu da morte tenha origem no conflito de sentimentos do homem primevo diante do cadáver de pessoas amadas, que se estendeu também a estranhos e odiados: um misto de satisfação e luto, interpretado como efeito de espíritos, que lhe causavam medo da vingança pelos mortos. A partir disso, surgiu a proibição do assassinato e o respeito pela morte, mesmo a do inimigo. No entanto, Freud nota que o homem civilizado não sente mais luto pelo inimigo, pois perdeu a “sensibilidade ética” de outrora (FREUD, 2010a, p. 240). O soldado moderno, portanto, é destemido, seja para matar ou para morrer. Para explicar esse comportamento “heroico”, Freud sugere uma hipótese de sentimento de imortalidade do inconsciente que supera qualquer justificativa racional de coragem por um motivo maior (poderíamos supor aqui bens caros ao conservadorismo, como família, povo ou nação):

Portanto, nosso inconsciente não crê na própria morte. Faz como se fosse imortal. O que chamamos de nosso “inconsciente”, as camadas mais profundas de nossa alma, constituídas de impulsos instintais, não conhece em absoluto nada negativo, nenhuma negação – nele os opostos coincidem –, e por isso não conhece tampouco a própria morte, a qual só podemos dotar de um conteúdo negativo. Logo, não existe em nós nada instintual que favoreça a crença na morte. Talvez esteja aí o segredo do heroísmo. A fundamentação racional do heroísmo repousa no julgamento de que a própria vida da pessoa não pode ser tão valiosa quanto certos bens abstratos e universais. Mas acho que bem mais frequente deve ser o heroísmo instintivo e impulsivo, que não considera tal motivação e enfrenta os perigos simplesmente (...). Ou tal motivação serve apenas para afastar os escrúpulos que poderiam deter a reação heroica que corresponde ao inconsciente. Já o medo da morte, que com frequência nos domina mais do que pensamos, é algo secundário, e em geral proveniente da consciência de culpa. (FREUD, 2010a, p. 241)

O psicanalista vienense deixa explícito que seria interessante “estudar as modificações na psicologia dos combatentes”, ainda que não soubesse o bastante a respeito. A guerra, porém, fez emergir uma diversidade de narrativas literárias criadas a partir da experiência de soldados que nela lutaram, conforme exposto no item 2.1.1.

Entre as produções que procuram exaltar o heroísmo do soldado alemão, destaca-se a coletânea *Krieg und Krieger* (Guerra e guerreiros), composta por textos de ex-soldados que lutaram na Primeira Guerra Mundial, organizada por Ernst Jünger e

milhares num só dia. Isso já não é acaso. (...) A vida se tornou novamente interessante, recuperou seu pleno conteúdo.” (Ibidem, p. 233).

publicada em 1930. Além do próprio Jünger, aparecem na coletânea Wilhelm von Schramm, Friedrich Georg Jünger, Werner Best e Ernst von Salomon, entre outros. De modo geral, esses textos apresentam depoimentos sobre os campos de batalha da guerra de trincheiras, apoiando teorias de fundo conservador e nacionalista, muitas vezes expressando lealdade ao *Deutsches Reich*.

Ao ensaio de Freud sobre a figura do soldado heroico, feito *in media res*, podemos relacionar uma análise *a posteriori*, de uma perspectiva artístico-cultural, de Walter Benjamin, no ensaio “Teoria do fascismo alemão”, uma crítica direta ao volume organizado por Ernst Jünger. Segundo Benjamin, o pano de fundo desses guerreiros “não é tanto um lugar-comum doutrinário, mas um misticismo enraizado, que, segundo todos os critérios de um pensamento másculo, não pode deixar de ser considerado profundamente corrupto” (BENJAMIN, 64). O principal diagnóstico de Benjamin é que a experiência bélica desses homens não “logrou em absorver as realidades da guerra de 1914”, uma ideia semelhante à que postula em “O Narrador”, a de que os soldados voltaram mais pobres em experiência. Se por um lado demonstram o anseio por um perene estado de guerra e ressaltam a grandiosidade da batalha de material, por outro esquecem muitas vezes que ela não dá espaço para o heroísmo individual, que na era clássica poderia lhes trazer a fama, ou seja, a memória eterna como um grande herói. Esse entusiasmo juvenil, de certo modo irracional e niilista, se transforma em uma espécie de culto da guerra pela guerra. Nesse sentido, a guerra (tanto a abstração da guerra “eterna” quanto a guerra real narrada por esses autores) seria a mais alta expressão da nação alemã:

A essa altura, já deve ter ficado claro que por detrás da guerra eterna há a ideia da guerra ritual e, por detrás da última, a ideia da guerra técnica, e também o quão pouco lograram os autores em esclarecer essas relações. Mas esta última guerra tem uma característica especial. Ela não foi somente a guerra das batalhas de material, foi também a guerra perdida. E, com isso, num sentido muito particular, a guerra alemã. Também outros povos podem afirmar de si que lutaram a guerra a partir de sua substância mais íntima. Mas não que a perderam a partir de sua substância mais íntima. (BENJAMIN, 2012, p. 67)

O sentimento de frustração pela derrota no campo de batalha se transforma em acusação de uma traição por parte de setores da pátria, configurado na *Dolchstoßlegende*. Se a guerra é um caráter essencial da germanidade, a derrota só poderia ser causada por elementos internos que negassem esse caráter. De fato, setores republicanos enxergaram nessa derrota uma vitória interna: o poder imperial inepto, responsável pela derrota em

uma guerra desnecessária, deveria ser reestruturado numa ordem democrática. Depois, procurou-se esquecer a guerra perdida. Por outro lado, conforme nota Benjamin, para esses autores, perder uma guerra implica deixar de se criar monumentos pela vitória, isto é, perder a chance de elaborar uma memória gloriosa dessa guerra e, por isso, perder a própria memória da guerra. Assim, não há outra saída senão continuar lutando, contra inimigos arbitrários, como se a guerra não tivesse terminado. Além disso, esses autores lamentam que a guerra tenha passado a ser administrada politicamente em vez de ser conduzida e disputada pelas tropas em campo de batalha; eles desejam destituir a guerra de seu elemento racional, defendendo um caráter místico, baseados no fascínio militar por um destino bélico protogermânico.

Na coletânea *Krieg und Krieger*, há um texto Wilhelm von Schramm, *Schöpferische Kritik des Krieges. Ein Versuch*. (Crítica produtiva da guerra. Uma tentativa.). Ele lamenta a degeneração da guerra na era da modernidade, uma vez que a sua mecanização intensa através do aperfeiçoamento tecnológico teve o efeito de substituir a arte clássica da guerra, a saber, o caráter heroico, a atitude viril masculina, a tradição militar aristocrata-cavaleiresca, enfim, a própria vivência da guerra como experiência constitutiva. O *ethos* da batalha nobre foi substituído pelo ressentimento, pela automatização e pelos valores burgueses. Schramm identifica seu sofrimento como uma questão da memória:

(...) temos que nos libertar internamente da pressão e da carga da lembrança, tentar limpar a alma de nossa nação e a alma do mundo dos resquícios e da escória do fogo que, como frequentemente sentimos, pode ter sido apenas um fogo impuro e que não é digno do espírito humano.²³⁴

As palavras remetem diretamente à ideia de memória do trauma: a repetição do evento traumático que não cessa de acontecer. Para isso, ele busca um antídoto, uma forma de lidar com esse passado não elaborado, através de uma crítica da guerra para instrumentalizar seus correligionários no sentido de processar a falta de sentido dessa dentro de sua visão de mundo, ordenando-a historicamente, a fim de encontrar um caminho a seguir. Schramm, semelhante a muitos de sua época, esperava da guerra como

²³⁴ “(...) wir müssen innerlich frei werden von Druck und Last der Erinnerung, die Seele unserer Nation und die Seele der Welt zu reinigen versuchen von den Rückständen und Schlacken des Feuers, das, wie wir oft fühlen, nur ein unreines und des menschlichen Geistes nicht würdiges Feuer gewesen sein kann.” (SCHRAMM apud KOSCHORKE, 2000, p. 212)

um empreendimento de limpeza, que promovesse a grande catarse do mundo ocidental, o que não aconteceu. Pelo contrário, permaneceu um sentimento de confusão, de indissociabilidade entre bem e mal, alimentado pela tese da punhalada nas costas e pela caça aos “traidores” da nação. Tal sentimento, portanto, não foi traduzido na linguagem do trauma. Conforme postula Albrecht Koschorke, no artigo “*Der Traumatiker als Faschist*” (O traumatizado como fascista): “A guerra traumatizou permanentemente seus partidários, a República de Weimar recalcou esse trauma na latência, e agora, em seu fim político, o passado não superado [*unaufgearbeitet*] reivindica finalmente seu direito.”²³⁵

Nos ensaios programáticos *Die totale Mobilmachung*, *Der Arbeiter* e *Über den Schmerz*, Ernst Jünger abandona esse tom nostálgico e passa a defender a ação, a total mobilização do corpo do soldado com ajuda da técnica.

4.2. A dor como medida ética

Com a derrocada do *Deutsches Reich*, a Polônia se reconstituía enquanto nação. Em 1917 foi refundado o reino polonês; em 1918, foi instituída a república. A revolta proletária ganhou um caráter nacionalista e, em 1919, os poloneses ocuparam territórios da fronteira alemã, sancionados por Versailles, além da cidade livre de Danzig (hoje Gdansk) e outro territórios, como a Oberschlesien (Alta Silésia), região hoje localizada entre o sul da Polônia e o leste da República Tcheca, onde habitavam muitos alemães, à época. Vários levantes poloneses foram empreendidos para tomar o território, contudo, reprimidos por Freikorps e tropas de fronteira. Em 1921, foi organizado pelos aliados um plebiscito, a fim de definir a que nação a região pertenceria. A maioria dos eleitores optou pela Alemanha, mas os levantes poloneses continuaram. Voluntariamente e sem convocações, muitos ex-soldados, Salomon inclusive, tomaram o trem e partiram de diversas cidades em direção a Oberschlesien. Movia-lhes o sentimento nacionalista de solidariedade ao seu povo, que necessitava de reforços, a despeito das críticas da imprensa e das ameaças de prisão ou multa pelas autoridades alemãs. (KLEIN, 1994, pp. 99-102)

²³⁵ “*Der Krieg hat auch und gerade seine Parteigänger nachhaltig traumatisiert, die Weimarer Republik hat dieses Trauma in die Latenz abgedrängt, und nun, an deren politischem Ende, fordert endlich die unaufgearbeitete Vergangenheit ihr Recht.*” (KOSCHORKE, 2000, p. 212)

Após algumas batalhas vitoriosas, pulsava em Salomon novamente a euforia da guerra. Assim ele descreve, em *Die Geächteten*, essa sensação:

Felizes éramos nós, que quase ninguém no reino entendia, felizes éramos nós na desordem, pois nos sentíamos de acordo com o tempo. Felizes éramos nós sob o fardo e felizes na dor; pois sabíamos que éramos dignos de experimentar, assim, todos os elementos da vida em nossos corações. Sabíamos que nos era concedido viver mais resolutos e assim também as transformações da vida se anunciavam mais resolutas a nós. Compartilhávamos das energias mais profundas que agora impeliam à ruptura e nos sentíamos impulsionados por seus turbilhões e, assim, nos tornamos para a morte ainda mais maduros que para a vida.²³⁶ (*Geächteten*, p. 176)

O narrador expressa felicidade na desordem, sob o fardo e na dor, pois assim conseguem de fato sentir na pele e no coração por todos os tipos de sensações, mesmo essas que são repudiadas pela ética burguesa. Ele parte do princípio de que a dor é um elemento dado da vida e que, por isso, é preciso saber lidar com ela. E confere uma melhoria no saber-viver a partir da experiência dolorosa: através dela, se torna mais resoluto, adquire mais firmeza e determinação. A consequência, no entanto, é uma “pulsão de morte”, um impulso para o turbilhão revolucionário que os deixa mais maduros para a morte do que para a vida. Ou seja, ele se sente atraído pelo que é violento e destruidor. Uma vida normal, de trabalho, prazer e descanso, sem ação violenta não lhe satisfaz, ou ainda: ele não está preparado, não é capaz de viver fora da violência. Mais adiante, no relato final do período no cárcere, reavaliando seu passado revolucionário, ele reafirma essa ideia: “Nós estávamos obcecados por essa época, obcecados pela sua destruição, e obcecados também pela dor, que a destruição fez prenhe em primeiro lugar.”²³⁷ (*Geächteten*, 324).

No ensaio “*Über den Schmerz*” (Sobre a dor), de 1934, Ernst Jünger²³⁸ defende uma ética baseada na relação do indivíduo com a dor, “o exame mais duro da vida”.

²³⁶ “*Glücklich waren wir, die im Reiche kaum einer verstand, glücklich waren wir in der Wirre, denn wir fühlten uns eins mit der Zeit. Glücklich waren wir unter der Last und glücklich im Schmerz; denn wir wußten, daß wir wert befunden wurden, so alle Elemente des Lebens in unseren Herzen zu erfahren. Wir wußten, daß es uns vergönnt war, entschiedener zu leben, und so zeigten sich uns auch die Verwandlungen des Lebens entschiedener an. Wir hatten teil an den tiefsten Energien, die nun zum Durchbruch drängten, und fühlten uns durchbraust von ihren Wirbeln, und wurden so zum Tode mehr noch als zum eben reif. und wurden so zum Tode mehr noch als zum Leben reif.*” (*Die Geächteten*, p. 176)

²³⁷ “*Wir waren besessen von dieser Zeit, besessen von ihrer Zerstörung, und besessen auch von Schmerz, der die Zerstörung erst fruchtbar macht.*” (*Die Geächteten*, 324)

²³⁸ Carpeaux, grande admirador da obra de Jünger, traça com precisão seu perfil sempre ambíguo (e que se parece, de certa forma, com o de seu amigo Salomon): “Juenger é um dos maiores prosadores da língua alemã. Seu estilo é inteiramente ‘objetivo’, sóbrio, sêco, mas luminoso (...). É um estilo de precisão técnica.

Partindo do princípio de que a dor é uma componente inevitável da existência humana, ou seja, algo que não pode ser prevenida nem combatida, ele determina como virtude a capacidade de se resistir a ela. Com isso, o autor pretende renovar a força vital que vinha diminuindo com a crescente eliminação da dor na civilização. E para esse fim, prepara o leitor para a dor que o impacto do texto irá causar: “No que diz respeito à forma interna desta análise, intencionamos o efeito de um projétil com atraso, e prometemos ao leitor, que nos segue atento, que ele não será poupado”²³⁹. Desse modo, Jünger promete traumatizar o leitor de modo permanente, conforme nota Albrecht Koschorke (2000).

Jünger reconhece o caráter extraordinariamente destrutivo da Primeira Guerra, em consequência do intenso desenvolvimento técnico promovido pela industrialização. Tal fator desencadeou nas artes uma safra de produções²⁴⁰ que tematizavam catástrofes, principalmente quando observado em oposição à era de relativa prosperidade ao longo do século XIX, quando havia, pelo menos para a burguesia, maior liberdade de movimento da vida. Tal sentimento de ameaça à vida, segundo ele, aumenta nas pessoas a vontade de subtrair o domínio da dor. O homem burguês, que busca o bem-estar indolor e vive no tédio, através da dissolução da dor no tempo, seria o equivalente da figura do “último homem” (*letzter Mensch*) de Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra*: o homem civilizado, que (presumivelmente) alcançou a felicidade e por isso está satisfeito, que só trabalha

Mas é extremamente difícil definir a ideologia de Juenger, essa combinação incoerente de nacionalismo e cosmopolitismo estético, heroísmo e tecnocracia, violência física e nobreza da alma, aristocratismo e neo-barbarismo. Todos esses elementos estão apenas reunidos e mantidos em equilíbrio precário pela personalidade de Juenger, pela ‘existência’ de sua pessoa. (...) É um homem decidido, embora o objetivo de sua decisão não esteja exatamente definido. (...) Tinha começado como líder de outros e acabou sozinho. É uma figura isolada.” (CARPEAUX, 1964, P. 244)

²³⁹ “Was die innere Form dieser Untersuchung betrifft, so beabsichtigen wir die Wirkung eines Geschosses mit Verzögerung, und wir versprechen dem Leser, der uns aufmerksam folgt, daß er nicht geschont werden soll.” (JÜNGER, 2012, p. 146)

²⁴⁰ “O peculiar dessa literatura está no papel que nela desempenha a destruição total; o ser humano está se familiarizando com a visão de futuros campos de ruínas nos quais a morte mecânica triunfa em domínio absoluto. Reconhecemos, a partir das efetivas medidas preventivas que já estão em plena marcha, que aqui se trata de algo mais que de mera tendência literária.” No original: “Das eigentümliche dieser Literatur liegt in der Rolle, die die totale Zerstörung in ihr spielt; der Mensch macht sich mit dem Anblick künftiger Trümmerfelder vertraut, auf denen der mechanische Tod in unumschränkter Herrschaft triumphiert. Daß es sich hier um mehr als um literarische Stimmungen handelt, erkennen wir aus den tatsächlichen Vorsichtsmaßnahmen, die bereits in vollem Gange sind.” (JÜNGER, 2012, p. 151) É possível reconhecer nessa descrição obras como *Nós* (1924), de Yevgeny Zamyatin, e alguns contos de Franz Kafka, em especial “Na colônia penal” (1914), no qual a uma máquina de avançada tecnologia é responsável pela tortura e pela pena de morte como punições a crimes.

para ter uma distração (NIETZSCHE, 2005, p. 10-12), em suma, um mediano pacífico, a antítese do *Übermensch*.²⁴¹

Para Jünger, a dor anímica (*Seelenschmerzen*), em oposição à dor corpórea, seria uma espécie inferior de dor, uma patologia gerada pela omissão do sacrifício. A psicologia teria evoluído justamente nesse contexto de supressão da dor e aumento da sensibilidade. No entanto, em sua visão existe uma espécie de economia álgica, análoga às leis físicas, de modo que as dores suprimidas de um lado seriam cobradas por outro, tanto na dimensão espacial (a segurança da burguesia empurra a dor para as periferias), quanto na temporal (as dores não reclamadas se acumulam a ponto de se rebentarem)²⁴². Nessa analogia econômica, Jünger equipara as dores acumuladas a “um capital invisível, que aumenta com juros e juros sobre juros”. Evitar a dor, assim como tomar um empréstimo do banco a juros altos em épocas de crise, seria um péssimo negócio.

Koschorke nota alguns efeitos paradoxais dessa lógica. Primeiro, na medida em que compara a dor a uma moeda (equivalente à experiência evitada no mundo “civilista”), ele emprega as regras econômicas burguesas da contraparte metonímica da dor, ou seja, do dinheiro, responsável, segundo Jünger, por quebrar todas as ligações sociais tradicionais. Com isso, permite a mesma lógica do lado oposto: “Inesperadamente, as antíteses dor/objetividade/vida versus conforto/abstração/segurança, pelo menos segundo sua estrutura, tornaram-se idênticas”²⁴³. Além disso, as consequências de ação resultam da capacidade de acumulação de forças elementares, já que o crescente perigo causado pelo adiamento cultural da experiência de dor só pode ser combatido através do gesto de

²⁴¹ Steven Aschheim faz um levantamento da influência de Nietzsche em diversos contextos alemães. Ele menciona o sucesso que *Zarathustra* fez entre os soldados, com cerca de 150.000 cópias do livro distribuídas (mesmo que a maioria provavelmente não o tenha lido, andavam com o livro a tiracolo): “Na Alemanha, Nietzsche foi relacionado ao esforço de guerra e comemorado como inspiração nacional, a encarnação do melhor dentro da cultura alemã. Algumas vozes contestaram essa tendência – por respeito a Nietzsche ou porque continuavam a desprezá-lo – mas no forte barulho da batalha elas foram cada vez mais abafadas.” No original: “*In Germany Nietzsche was linked to the war effort and celebrated as a national inspiration, the incarnation of the best within German culture. Some voices did contest this tendency - out of respect for Nietzsche or because they continued to despise him - but in the din of battle they were increasingly muffled.*” (ASCHHEIM, 14992, p. 135)

²⁴² “*Die Natur dieser Sicherheit beruht also darin, daß der Schmerz zugunsten eines durchschnittlichen Behagens nach den Rändern abgeschoben wird. Neben dieser räumlichen Ökonomie, gibt es noch eine zeitliche, die darin besteht, daß die Summe des nicht in Anspruch genommenen Schmerzes anhäuft sich zu einem unsichtbaren Kapital anhäuft, das sich um Zins und Zinseszins vermehrt. Mit jeder künstlichen Erhöhung des Damms, der den Menschen von den Elementarkräften trennt, nimmt die Bedrohung zu.*” (JÜNGER, 2012, p. 158)

²⁴³ “*Unversehens sind die Antithesen Schmerz/Gegenständlichkeit/Leben versus Komfort/Abstraktheit/Sekurität, zumindest der Struktur nach, identisch geworden.*” (JÜNGER, 2012, p. 215)

romper com as próprias mãos a barragem que dela deve proteger. Por fim, Jünger reivindica ações político-militares ao mesmo tempo em que afirma que os processos elementares transcorrerem segundo leis próprias e inabaláveis. Assim, o gesto ativista (de romper a barragem) se desdobra no gesto escatológico (de romper com as leis naturais e que leva ao fim do mundo) e vice-versa (o apocalipse leva ao rompimento da barragem das dores). Para Koschorke, “Jünger lê o estado pacificado da sociedade como um medo-suspense masoquista: é melhor que se provoque o rompimento da dor, a suportar ainda mais tempo a sua ameaça latente, a tensão pelo que está por vir”²⁴⁴.

Na concepção de Jünger, o corpo, que é o espaço através do qual o indivíduo recebe sua parcela da dor, deve ser tratado como um objeto, o qual pode ser “colocado em ação e sacrificado”, como se fosse, da perspectiva de um “alto comando” (*Kommandohöhe*) um “posto avançado” (*Vorposten*)²⁴⁵.

Então, todas as medidas vão no sentido não de escapar à dor, mas de resistir a ela. Encontramos, assim, tanto no mundo heroico, como no mundo cultural, um comportamento em relação à dor bem diferente que no mundo da sensibilidade. Enquanto lá, a saber, como vimos, depende de repelir a dor e excluí-la da vida, aqui vale incluí-la e equipar [*einrichten*] a vida, de modo que ela esteja armada [*gerüstet*], a qualquer momento, para o encontro com a dor.²⁴⁶

A sentimentalidade moderna, segundo Jünger, corresponde a um mundo em que esse corpo é “idêntico ao próprio valor”, como se a dor golpeasse não a um “posto avançado”, mas ao “poder principal e núcleo essencial da vida mesma”. Para ele, o mundo do individualismo, do “singular que goza por si mesmo e reclama por si mesmo”,

²⁴⁴ “Jünger liest in den befriedeten Gesellschaftszustand eine masochistische Suspense-Angst hinein: lieber führt man das Aufbrechen des Schmerzes selber herbei, als noch länger dessen latente Drohung, die Spannung auf das Bevorstehende hin zu ertragen.” (KOSCHORKE, 2000, p. 214)

²⁴⁵ “Die Abhebung tritt dadurch in Erscheinung, daß der Mensch den Raum, durch den er am Schmerz Anteil hat, das heißt: den Leib, als Gegenstand zu behandeln vermag. Dieses Verfahren setzt freilich eine Kommandohöhe voraus, von der aus der Leib als ein Vorposten betrachtet wird, den der Mensch aus großer Entfernung im Kampf einzusetzen und aufzuopfern vermag.” (JÜNGER, 2012, p. 158)

²⁴⁶ “Dann laufen alle Maßregeln nicht darauf hinaus, Schmerz zu entrinnen, sondern ihn zu bestehen. Wir finden daher sowohl in der heroischen als auch in der kultischen Welt ein ganz anderes Verhältnis zum Schmerz als in der Welt der Empfindsamkeit. Während es dort nämlich, wie wir sahen, darauf ankommt, den Schmerz abzudrängen und das Leben von ihm abzuschließen, gilt es hier, ihn einzuschließen und das Leben so einzurichten, daß es jederzeit auf die Begegnung mit ihm gerüstet ist. Auch hier also spielt der Schmerz eine bedeutende, freilich genau entgegengesetzte Rolle. Denn nichts anderes bedeutet die Disziplin, sei es die priesterlich-asketische, die auf Abtötung, sei es die kriegerisch-heroische, die auf Stählung gerichtet ist. Hier wie dort gilt es, das Leben völlig in der Gewalt zu halten, damit es zu jeder Stunde im Sinn einer höheren Ordnung zum Einsatz gebracht werden kann.” (JÜNGER, 2012, p., 158-159)

mostrava-se insustentável²⁴⁷. Por outro lado, devido a essa generalizada resistência cultural em favor do individualismo, mostrava-se improvável a criação de um mundo guiado por valorações mais fortes em comum, já que se configuraria inviável a obtenção artificial de um “alto comando” que enxergasse o ataque da dor como “puramente tático”. Tampouco bastaria a mera “força de vontade”, pois se trata de uma “superioridade ontológica” (*seinsmäßige Überlegenheit*)²⁴⁸; por isso, uma “visão heroica do mundo” seria inata aos heróis, capazes de suportar a essa dor, porém não cultivável nas pessoas comuns.

Por trás da retórica rebuscada e das metáforas militares, Jünger deixa a entender que existe uma separação entre o corpo – “posto avançado”, objeto material, atingível pela dor, sacrificável – e uma espécie de abstração metafísica superior – alto comando –, algo situado entre a alma e o sistema nervoso central, que não deve se deixar abalar por essa dor corpórea e que aparentemente está vinculada a um núcleo maior, uma força cósmica soberana, uma Ideia totalizante que funciona como um gigantesco organismo composto por indivíduos-membros. A partir dessa divisão, defende que se resista à dor, mas, contraditoriamente, indica que esse controle da recepção da dor não pode ser construído em indivíduos que desenvolveram a sensibilidade. Ele indica, porém, uma mudança: a transformação do “indivíduo” no tipo – o Trabalhador (*der Arbeiter*). Do ponto de vista da dor, essa transformação se apresenta como uma operação através da qual se exclui da vida a zona de sensibilidade (a que pertence a liberdade individual, vinculada às possibilidades de movimento). Para isso, torna-se necessário a restrição da liberdade, através, por exemplo, do serviço militar obrigatório²⁴⁹, de preferência mais

²⁴⁷ “Heute dürfen wir wohl bereits sagen, daß die Welt des sich selbst genießenden und sich selbst beklagenden Einzelnen hinter uns liegt und daß ihre Wertungen, wenn auch noch verbreitet, so doch an allen entscheidenden Punkten geschlagen oder durch ihre eigenen Folgen widerlegt worden sind.” (JÜNGER, 2012, p. 159)

²⁴⁸ “Es fehlt nicht an Anstrengungen, eine Welt zu gewinnen, in der neue und mächtigere Wertungen gültig sind. Wie sehr auch diese Anstrengungen im einzelnen zu begrüßen sind, so dürfte ein wirklicher Durchbruch doch noch keineswegs gelungen sein. Das hängt damit zusammen, daß eine Kommandohöhe, von der aus gesehen der Angriff des Schmerzes eine rein taktische Bedeutung gewinnt, durch künstliche Mittel nicht geschaffen werden kann. Insbesondere reicht die Anstrengung des Willens nicht zu, denn es handelt sich hier um eine seinsmäßige Überlegenheit.” (JÜNGER, 2012, p. 159-160)

²⁴⁹ Em *Der Kampf als inneres Erlebnis*, Jünger considera que a própria guerra pode funcionar como ambiente para educação: “A guerra é uma grande escola e o novo homem será de nosso golpe”. No original: “Dieser Krieg ist nicht das Ende, sondern der Auftakt der Gewalt. Er ist die Hammerschmiede, in der die Welt in neue Grenzen und neue Gemeinschaften zerschlagen wird. Neue Formen wollen mit Blut erfüllt werden, und die Macht will gepackt werden mit harter Faust. Der Krieg ist eine große Schule, und der neue Mensch wird von unserem Schläge sein.” (JÜNGER, 2012a, p. 73)

prolongado²⁵⁰; ataca-se a educação geral (*allgemeine Bildung*), eliminando-se a oferta da escola para todos, bem como o conceito de cultura (*Kulturbegriff*), que para Jünger não passa de “fetiche”²⁵¹. Toda a pesquisa, bem como o sistema de educação, ciência e tecnologia, ficam subordinados aos interesses do Estado, a instituição que representa essa Ideia totalizante. Através da disciplina²⁵², que Jünger designa como “a forma através da qual a pessoa mantém seu contato com a dor”, alcança-se esse ideal representado pela figura do Trabalhador: ele incorpora a técnica e abdica de sua subjetividade em favor da totalidade, característica essa que estaria expressa esteticamente no cotidiano através de uma aparência única – o uniforme, que, por si, já funciona como uma armadura, uma proteção contra a dor:

“Em todas as épocas, porém, o uniforme abarca um caráter de armadura, um anseio [*Anspruch*] de ser blindado [*gepanzert*] de um modo especial contra o ataque da dor. Isso fica claro no fato de que um morto em uniforme pode ser encarado com maior frieza que um civil morto no combate nas ruas.”²⁵³ (JÜNGER, 2012, p. 165-166).

Em *Die Geächteten*, aparece um personagem chamado Gabriel, membro da *Organisation Consul* que representaria bem o tipo do Trabalhador jüngeriano:

Gabriel não descansava. (...) Ele parecia incinerado por dentro. O que ele fazia, tão magro e de olhos vazios, parecia uma máquina fazendo. Seus métodos exatos, que, aplicados sem qualquer paixão, quase sempre garantiam a certeza incondicional do sucesso, não tinham mais nada em comum com a obstinação selvagem e sedenta de vingança de sua primeira época como ativista. Ele se

²⁵⁰ “*Inbesondere reicht die kurze Dienstzeit, die zu den Kennzeichen der Massenausbildung gehört, zur Sicherung der erforderlichen Herrschaft über die Mittel und der persönlichen Stählung nicht zu.*” (JÜNGER, 2012, p.178)

²⁵¹ “Os efeitos desse ataque [à educação geral] destaca-se ainda de modo significativamente menos visível. Isso tem diferentes motivos; principalmente que os conceitos que carregam os princípios da educação geral, principalmente o conceito de cultura, são conservados como uma espécie de fetiche. Isso, contudo, não altera nada nos fatos, pois o ataque contra a liberdade individual abrange necessariamente o ataque à educação geral.” No original: “*Die Wirkungen dieses Angriffes [auf die allgemeine Bildung] treten noch bedeutend weniger sichtbar hervor. Das hat verschiedene Gründe; vor allem den, daß man die den Grundsatz der allgemeinen Bildung tragenden Begriffe, vor allem den Kulturbegriff, als eine Art von Fetisch bewahrt. Das ändert jedoch nichts an den Tatsachen, denn der Angriff gegen die individuelle Freiheit schließt den Angriff auf die allgemeine Bildung notwendig ein.*” 162)

²⁵² “*Als Disziplin bezeichneten wir die Form, durch die der Mensch die Berührung mit dem Schmerze aufrechterhält.*” (JÜNGER, 2015, pp. 164-165)

²⁵³ “*Zu allen Zeiten aber umschließt die Uniform einen Rüstungscharakter, einen Anspruch, gegen den Angriff des Schmerzes in besonderer Weise gepanzert zu sein. Dies wird schon an der Tatsache deutlich, daß man einen Toten in Uniform eine größere Kälte betrachten kann als etwa einen Zivilisten, der im Straßenkampf gefallen ist*” (JÜNGER, 2015, pp. 165-166)

tornou para nós quase insólito [*unheimlich*]. Somente ideias dão coragem. Mas ele renunciou a qualquer ideia por suas ações.²⁵⁴

O mais interessante dessa figura é que ele não teve formação militar e tampouco foi um soldado na guerra ou nas batalhas que se seguiram. Ele soube das atividades clandestinas do grupo, que discretamente recrutava novos ativistas nos círculos nacionalistas, e se aproximou de seus membros. Contou que, durante a ocupação dos aliados após a Primeira Guerra, estava com sua irmã, quando foram abordados por um oficial francês embriagado e seus seguranças. Foram agredidos e o oficial estuprou sua irmã; ela se afogou dias depois. Gabriel identificou o oficial francês em Mainz e pediu ajuda aos conspiradores para se vingar e eles o ajudaram (*Geächteten*, p. 157). Gabriel era bastante perspicaz e rapidamente se tornou um dos mais eficientes do grupo, mas o método prevaleceu sobre a ideia e ele se tornou essa espécie de máquina sem alma.

Wilhelm Michel comenta a respeito desse personagem:

Nesta terrível imagem humana, está reunido tudo o que aponta para a destruição satânica da vida: a desumanização, o decaimento ao nível de máquina, a perda de ideias, o cinismo, o ceticismo devorador e, por fim, o escárnio do próprio objetivo inicial.²⁵⁵

O Trabalhador, proposto por Jünger, é a redução do ser humano à mera função (um *homo faber* “puro”), eliminando tudo aquilo que se considera da alma ou do espírito, como as emoções, os desejos, a capacidade de reflexão e a vontade de realização, isto é, reduzindo a *bíos* à vida nua. O que acontece, na prática, com esses homens, cujo extremo exemplo é Gabriel, é um processo semelhante: sua função tomou conta de seus ideais e de sua existência, ele vive para agir, independentemente de qualquer objetivo. Isso se torna pior à medida que se concede o poder a um membro raso elevado a superior, um soberano, que passa a tomar as decisões para que outros a executem:

Com isso, transformam o inferior em senhor sobre o superior, subjagam-se, subjagam o coração aquecido e a alma viva à “coisa” fria e rígida – assim como o mundo inteiro de hoje se subjugam às “coisas”, à máquina, à organização, à

²⁵⁴ “*Gabriel ließ keine Ruhe. (...) Er schien innerlich ausgebrannt. Was er tat, klapperdürr und hohläugig, das schien eine Maschine zu tun. Seine exakten Methoden, die, ganz ohne Leidenschaft angewandt, die unbedingte Sicherheit des Erfolges fast immer garantierten, hatten nichts mehr gemein mit dem wilden, rachedürstenden Trotz seiner ersten Aktivistenzeit. Er wurde uns beinahe unheimlich. Nur Ideen geben Mut. Aber er lehnte jegliche Idee für sein Handeln ab.*” (*Die Geächteten*, p. 266)

²⁵⁵ “*In diesem grauenvollen Menschenbilde ist wohl Alles beisammen, was auf satanische Lebenszerstörung deutet: die Entmenschung, das Herabsinken zur Maschine, der Ideenschwund, der Zynismus, die fressende Skepsis und schließlich die Verhöhnung des Ausgangszieles selbst.*” (MICHEL, 1930, p. 464)

economia, a tudo o que é extra-humano – e não podem então se surpreender quando o senhor recém-eleito cravar todas as suas exigências com selvageria e introduzir uma escravidão insana, quando ele insistir em sua aparência e espremer até arrancar de seus servos devedores tudo o que só de longe lembra o humano.²⁵⁶

Outro argumento de Jünger para a valorização do uniforme é a impressão grandiosa que ganha um enorme desfile militar, com sua organização geométrica visto de cima, “figuras mágicas, cujo sentido mais interno é dirigido à conjuração [*Beschwörung*] da dor” (JÜNGER, 2012, p. 166). O conceito de uniforme, porém, vai muito além da simples vestimenta: a técnica (que abarca a disciplina) é, também em si, o uniforme do trabalhador. É intrínseco a esse uniforme/técnica/disciplina a elevada prestação da vida que é capaz de distanciar-se de si mesmo, ou seja, de se sacrificar, algo que não ocorre onde a vida é reconhecida como valor normativo e não se contempla como mero “posto avançado”. Ele lamenta, contudo, que a técnica esteja sendo usada com um caráter de conforto, que na verdade não passa de um caráter instrumental de poder, dado que os indivíduos aceitam o conforto como moeda de troca por sua submissão ao controle do poder estabelecido. (JÜNGER, 2012, pp. 173-174).

Faria parte desse uniforme também a “máscara”, conceito que Jünger às vezes apresenta em seu sentido técnico-material de blindagem, como a máscara de gás usada na guerra química ou o capacete de aço do exército alemão, e outras de modo simbólico, no sentido da expressão facial²⁵⁷, que determina a postura disciplinada do rosto:

O que se entendia no mundo liberal como o “bom” rosto, era na verdade o rosto fino, nervoso, móvel, variável e aberto às mais diferentes influências e estímulos. O rosto disciplinado, ao contrário, é fechado; possui um foco fixo e é unilateral, objetivo e rígido. Para todo tipo de treinamento [*Ausbildung*]

²⁵⁶ “Man macht damit das Untere zum Herrn über das Obere, man unterwirft sich, man unterwirft das warme Herz und die lebendige Seele der kalten, starren Sache – so wie sich die ganze heutige Welt den ‘Sachen’, der Maschine, der Organisation, der Wirtschaft, allem Außermenschlichen unterwirft – und darf sich dann nicht wundern, wenn der neuerwählte Herr seine Forderungen mit Wildheit eintreibt, und eine tolle Sklaverei einführt, wenn er auf seinem Schein besteht und seinen Schuldknechten alles herauspreßt, was nur entfernt an Menschliches erinnert.” (MICHEL, 1930, p. 462). O texto é de 1930.

²⁵⁷ Em *Der Arbeiter*, Jünger sugere uma “aparência mascarada” [*Maskenhaftigkeit*] diferente de acordo com o sexo, de modo que devem “nos homens uma impressão metálica e nas mulheres uma impressão cosmética”. No original: “Was zunächst rein physiognomisch auffällt, das ist die maskenhafte Starrheit des Gesichtes, die ebensowohl erworben ist, wie sie durch äußere Mittel, etwa Bartlosigkeit, Haartracht und anliegende Kopfbedeckungen, betont und gesteigert wird. Dass in dieser Maskenhaftigkeit, die bei Männern einen metallischen, bei Frauen einen kosmetischen Eindruck erweckt, ein sehr einschneidender Vorgang zutage tritt, ist schon daraus zu schließen, dass sie selbst die Formen, durch die der Geschlechtscharakter physiognomisch sichtbar wird, abzuschleifen vermag.” (JÜNGER, 1932, p. 124)

dirigido, percebe-se logo como se manifesta no endurecimento do rosto a intervenção de regras e prescrições rígidas e impessoais.²⁵⁸

Lembremos a descrição que o narrador faz dos soldados que marcham retornando da guerra: “(...) esses rostos mortalmente resolutos, esses rostos duros, como que devidamente talhados em madeira, que olhavam alheios através da multidão, alheiamente desconectados, hostis (...)” (*Geächteten*, p. 26). Essa é justamente a máscara do Trabalhador, conforme o narrador as lê. Esse rosto endureceu pela disciplina da dor, através da experiência da guerra:

(...) eram homens que atendiam ao chamado, o chamado secreto do sangue, do espírito, voluntários, de uma forma ou de outra, homens, que passaram por uma dura experiência em comum e as coisas atrás das coisas – e que encontraram na guerra uma pátria. (*Geächteten*, p. 28)

Não à toa Salomon foi elogiado por Jünger por ter compreendido o “elemento heroico” por detrás daqueles rostos, que eram assim duros devido a uma “segurança interior” proporcionada pelo “sentimento de desempenho”, de cumprimento do serviço:

Pois esses jovens, que naqueles anos vivenciaram uma juventude faminta e abandonada, a quem ninguém invejará, talvez fossem os únicos que souberam respeitar e entender os retornados, os únicos que, no meio de uma época sóbria e decepcionada, ainda eram capazes de perceber o elemento heroico. Daí a irritação com a vergonhosa e traiçoeira recepção que saudou o verdadeiro guerreiro na Alemanha, [recepção] muito mais calorosa que a do próprio guerreiro, a quem o sentimento do desempenho conferia segurança interior. (...) Eles também acompanharam aquela maravilhosa procissão dos lansquenetes, os guerreiros em sua essência mais íntima, que, depois de mais de quatro anos de uma das guerras mais difíceis, mais uma vez carregaram a bandeira alemã através das fronteiras e em cujos bandos a consciência de uma nova era já estava inserida em germes invisíveis.²⁵⁹

²⁵⁸ “Was man in der liberalen Welt unter dem "guten" Gesicht verstand, war eigentlich das feine Gesicht, nervös, beweglich, veränderlich und geöffnet den verschiedenartigsten Einflüssen und Anregungen. Das disziplinierte Gesicht dagegen ist geschlossen; es besitzt einen festen Blickpunkt und ist einseitig, gegenständig und starr. Bei jeder Art von gerichteter Ausbildung bemerkt man bald, wie sich der Eingriff fester und unpersönlicher Regeln und Vorschriften in der Härtung des Gesichtes niederschlägt.” (JÜNGER, 2012, p. 165)

²⁵⁹ “Denn diese Jungen, die in jenen Jahren eine verhungerte und verlassene Jugend durchlebt haben, um die sie niemand beneiden wird, waren vielleicht die einzigen, die die Rückkehrenden zu achten und zu verstehen wußten, die einzigen, die inmitten einer nüchternen und enttäuschten Zeit noch das heroische Element zu spüren imstande waren. Daher war ihre Erbitterung über den schmählischen und verräterischen Empfang, der den wirklichen Krieger in Deutschland begrüßte, viel heißer als der des Kriegers selbst, dem das Gefühl der Leistung innere Sicherheit verlieh. (...) Sie begleiteten auch jenen wunderlichen Zug der Landsknechte, der Krieger im innersten Kern, die nach über vier Jahren eines härtesten Krieges die deutsche Fahne noch einmal über die Grenzen trugen, und in deren Scharen das Bewußtsein einer neuen Zeit bereits in unsichtbaren Keimen eingebettet lag.” (JÜNGER, 1930, p. 46)

Nos bandos desses “guerreiros em sua essência mais íntima” estavam os “germes invisíveis” da “consciência de uma nova era”. Jünger assumiu a tarefa de elaborar, através da literatura, a ideologia que compreendia essa nova consciência, além de orientar os demais guerreiros escritores com ideias afins para, juntos, disseminarem os germes. Seu projeto foi realizado com relativo sucesso, mas, conforme Michel advertiu, o sistema produzido assumiu o próprio comando.

Juenger não tirou, dessa experiência [da guerra material, *Materialschlachten*], a conclusão da inutilidade do heroísmo pessoal na guerra moderna. O contrário, exigiu a transformação da nação inteira em heróis da técnica bélica. No seu tratado ideológico *Der Arbeiter* (O Operário) exigiu a militarização total da indústria e economia da Alemanha, a transformação do povo em exército de operários fardados, comandado por um corpo de técnicos fardados, a elite da nação. Pois Juenger é aristocrata por disposição mental e por temperamento. Seus ideais foram quase realizados durante a Segunda Guerra Mundial, pelo nazismo. (CARPEAUX, 1964, p. 243)

A disciplina é, portanto, um processo interno contínuo, através do qual não apenas se educa o corpo a ser resistente contra as mais diversas influências, como ainda permite assimilar com maior eficiência o constante desenvolvimento técnico, o qual favorece recursivamente a intensificação da própria faculdade de se disciplinar. Uma técnica em especial chama a atenção, a saber, a “segunda consciência”, a capacidade de ver friamente a si próprio como objeto. Ela não deve ser confundida, segundo Jünger, com a psicologia, na medida em que o objeto da psicologia é o “homem sentimental”, enquanto na segunda consciência esse objeto é “o homem situado fora da zona de dor”.²⁶⁰ Os exames psicotécnicos seriam uma ramificação da psicologia que poderia servir de transição à segunda consciência, pois procura dar medidas concretas de aspectos internos do homem. O cinema também serve como analogia para explicar o método dessa objetificação, uma vez que poderíamos nos ver na projeção e ouvir nossa própria voz: é como se nos observássemos por fora de nosso corpo. Jünger prevê ainda que haja para a segunda consciência um método equivalente à anestesia na medicina, que nos libera da dor e

²⁶⁰ “Dieses Zweite und kältere Bewußtsein deutet sich an in der sich immer schärfer entwickelnden Fähigkeit, sich selbst als Objekt zu sehen. Sie ist nicht etwa zu verwechseln mit der Selbstbespielung durch eine Psychologie alten Stils. Der Unterschied zwischen der Psychologie und dem Zweiten Bewußtsein beruht darin, daß die Psychologie als den Gegenstand ihrer Betrachtung den empfindsamen Menschen gerichtet ist, der außerhalb der Zone des Schmerzes steht.” (JÜNGER, 2012, pp. 181)

transforma nosso corpo em objeto aberto para intervenção mecânica como se fosse uma matéria sem vida.

Com a progressiva reificação [*Vergegenständlichung*], cresce a medida de dor que pode ser suportada. Quase parece que o ser humano possui um afã de criar um espaço no qual a dor, e isso em um sentido bem diferente de que há pouco tempo, possa ser considerada uma ilusão.²⁶¹

Assim, Jünger verifica no ser humano civilizado um hábito de se criar espaços, como o cinema, para a ilusão da dor. Entretanto, ele deixa a entender que esse hábito não serve para fins de apreciação artística, com efeito reflexivo ou lúdico, mas sim para o suprimento de uma carência do sentimento da dor como componente natural da vida e que precisa, por isso, ser suprida, neste caso através da ficção.

Voltemos a Schiller, que concerne a relação do ser humano com a dor. Para ele, a dor representa, por natureza, um sinal de alerta para o perigo que ameaça o bem-estar físico do ser humano:

Logo que a natureza, exterior a nós, altera a relação determinada que tem conosco e na qual se fundamenta nosso bem-estar físico, vê-se em simultâneo atacada e posta em perigo. A natureza tem portanto o domínio sobre as condições nas quais existimos e, para que tenhamos em consideração essa relação natural, tão indispensável à nossa existência, foi-nos dado um guarda atento com o impulso de autoconservação, e a este impulso um alerta através da *dor*. Por isso, logo que o nosso estado físico sofre uma transformação que ameace determiná-lo no sentido oposto, a dor faz lembrar o perigo e o impulso de autoconservação vê-se exortado por ele a resistir. (SCHILLER, 1997, p. 144)

Jünger sugere que resistamos à dor, mas não por um impulso de autoconservação; muito pelo contrário, para ele a vida individual é, de certa forma, descartável, substituível. Ele propõe essa resistência para que o ser humano supere o medo e realize mais obras. Mas Schiller diz também que há uma parte em nós que não está submetida à natureza e que, por isso, não deve temê-la:

Mas ele [um objeto ameaçador] só é pavoroso para nós enquanto seres sensíveis, pois só nesta qualidade dependemos da natureza. O que em nós não é natureza, o que não está submetido à natureza, nada tem a recear da natureza fora de nós, encarada como poder. A natureza, representada como um poder que, sendo embora capaz de determinar o nosso estado físico, não tem contudo

²⁶¹ “*Mit der fortschreitenden Vergegenständlichung wächst das Maß an Schmerz, das ertragen werden kann. Es scheint fast, als ob der Mensch ein Bestreben besäße, einen Raum zu schaffen, in dem der Schmerz, und zwar in einem ganz anderen Sinne als noch vor kurzem, als Illusion betrachtet werden kann.*” (JÜNGER, 2012, pp. 183-184)

qualquer domínio sobre a nossa vontade, é sublime de modo dinâmico ou prático. (SCHILLER, 1997, p. 145)

Assim, temos que o sublime opera no confronto entre o perigo externo e a vontade interna do ser humano. Portanto, quem vive em situações de constante perigo, que encontra objetos pavorosos a todo instante, de certo modo, está em constante contato com o sublime prático. Então, os soldados em guerra estão como que viciados na sensação sublime, ou melhor, como se eles próprios fossem sublimes: “Grande é quem vence o que é pavoroso. Sublime é quem não o teme, mesmo vencido por ele” (SCHILLER, 1997, p. 153). O sonho de Jünger é criar um enorme exército sublime!

Schiller define, a seguir, como “praticamente sublime”,

qualquer objeto que, embora nos dê a conhecer a nossa impotência enquanto entes naturais – descobre simultaneamente em nós uma capacidade de resistência de espécie totalmente distinta, capacidade essa que, embora não afaste o perigo da nossa existência física, separa porém (o que é infinitamente mais relevante) a nossa própria existência física de nossa personalidade. Trata-se, portanto, não de uma segurança material e que abrange apenas um caso único, mas de uma segurança ideal e que se estende por todos os casos possíveis, essa de que tomamos consciência na representação do sublime. Isso não se fundamenta de todo na superação ou supressão de um perigo que nos ameaça, mas na remoção da última condição sob a qual pode existir, em exclusivo, perigo para nós; tal remoção ocorre ao ser-nos ensinado a encarar a parte sensível do nosso ser, a única a estar submetida ao perigo, como sendo uma coisa natural e exterior, que nada tem a ver com a nossa verdadeira pessoa, o nosso próprio ser moral.” (SCHILLER, 1997, p. 154)

De modo surpreendente, encontramos nesse trecho uma confluência entre o pensamento de Schiller e o projeto macabro de Jünger: o perigo existirá, ele não pode ser sempre eliminado; já a nossa relação sensível com o perigo pode ser controlada. O problema, para Jünger, está na sociedade civilizada que atribui demasiado valor ao corpo sensível:

O segredo da sensibilidade moderna se baseia em que ela corresponde a um mundo no qual o corpo é idêntico ao valor em si. A partir dessa afirmação, se explica a relação desse mundo com a dor como com um poder, sobretudo, a ser evitado, pois aqui a dor toca o corpo não tal como um posto avançado, senão como o poder principal e como o núcleo essencial da própria vida.²⁶²

²⁶² “Das Geheimnis der modernen Empfindsamkeit beruht nun darin, daß sie einer Welt entspricht, in der der Leib mit dem Werte selbst identisch ist. Aus dieser Feststellung erklärt sich das Verhältnis dieser Welt zum Schmerz als zu einer vor allem zu vermeidenden Macht, denn hier trifft der Schmerz den Leib nicht etwa als ein Vorposten, sondern er trifft ihn als die Hauptmacht und als den wesentlichen Kern des Lebens selbst.” (JÜNGER, 2015, p. 159)

A “parte sensível do nosso ser” e a “coisa natural e exterior” de Schiller equivalem ao “corpo” como “posto avançado” de Jünger, enquanto “a nossa verdadeira pessoa” e o “nosso próprio ser moral” podem ser, igualmente, equiparados ao “poder principal” e “núcleo essencial da própria vida”.

No entanto, mesmo que ambos concordem que devemos “encarar a parte sensível do nosso ser”, sabemos que Schiller não defende algo como a eliminação da moralidade ou do senso crítico, ou que se enfrente com frequência e diretamente o perigo real. Além disso, Jünger considera que a dor é uma componente necessária e inevitável da vida, por isso propõe uma alteração na natureza do ser humano, como “melhoria”, que o torne mais resistente à dor. Se isso acontecer, esse alerta diminuirá a percepção do perigo e o impulso de autoconservação será menos acionado, aumentando a possibilidade da ameaça à própria existência. A morte não natural se tornaria ainda mais comum e banal, pois nos tornaríamos todos, no mundo dolorosamente sublime de Jünger, “matáveis” e, também, “insacrificáveis”, pois nessa utopia distópica jüngeriana, mesmo os ritos seriam trocados por procedimentos técnicos destituídos de valores morais ou civis:

No mundo do Trabalhador o rito será substituído pelo decurso técnico preciso, em igual medida amoral e não cavalheiresco. O *ethos* desse processo – e aponta, para tal, justamente o fato de que a dor pode ser suportada em maior medida – é hoje, no entanto, ainda desconhecido.²⁶³

Eliminar os ritos, que reforçam símbolos através da repetição e da rememoração, é eliminar também a memória cultural e coletiva. Eliminar a dor é também, em última instância, eliminar o pavor e, sem um objeto pavoroso, tampouco o sublime prático terá efeito.

Jünger trabalha com uma lógica de afetos cujo objetivo é libertação humana dos sentimentos através do melhoramento técnico da reação a eles. O acúmulo da dor não realizada (e, no entanto, onipresente) fornece a energia potencial (utilizando termos físicos) necessária para desimpedir o acesso ao modo de existência elementar, que havia sido obstruído pelo processo civilizatório. Dessa maneira, conforme coloca Koschorke:

²⁶³ “*In der Welt des Arbeiters wird der Ritus durch den präzisen, in gleichem Maße amoralisch und unritterlichen technischen Ablauf ersetzt. Das Ethos dieses Vorganges – und gerade die Tatsache, daß Schmerz in höherem Maße ertragen werden kann, deutet auf ein solches hin – ist heute allerdings noch unbekannt.*” (JÜNGER, 2012, pp. 184-185)

O caminho à dor leva não a grandes sofrimentos, senão a uma maior frieza. O ímpeto vital não deságua de modo algum em um 'vivenciar' (*Erleben*). Ele produz apenas novas formas de imunização. Surge um corpo que subsiste à dor sem senti-la, que se modela pelos limites da dor e sabe apenas de si quando é lembrado desse limite. Se a *narcose* representa a essência de evitar a dor, então Jünger estabelece o ideal de uma *apatia* masculina.²⁶⁴

Nesse sentido, o texto de Jünger funciona como um panfleto em favor da insensibilidade, da rescisão da conexão entre consciência e corpo e da anulação dessa conexão como instrumento ou como tratamento. Ele menciona armadura e aceramento (*Stählung*, o processo de transformação em aço), formação e disciplina, através de uma noção menos histórica que metafísica. Demonstra uma ética de opressor quando narra com sarcasmo seu ataque de metralhadora, em 1921, contra uma manifestação de milhares de pessoas em Berlim que imediatamente se dissolveu, segundo ele, como “mágica”; também conta que mais tarde, em 1932, viu um carro blindado da polícia atravessar a massa de protestantes, que apenas vaiavam. Exibe um sadismo jocoso ao descrever a fuga da massa de civis pacíficos como covardia, enquanto ignora a violência criminosa que aplicava, equiparando a gratuita demonstração de poder destes à impotência daqueles. Assim, fala dos oprimidos como se estivessem em igualdade de condições de disputa, deslegitimando suas reivindicações por meio de chacotas. Não por menos, despreza a intelectualidade, por exemplo, ao considerar um passeio na rua mais educativo que uma biblioteca inteira de sociologia. Como percebe Koschorke: “Existe uma exatidão do inexato, que na literatura fascista é empregada de modo altamente eficaz, e precisamente nessa característica as publicações de Jünger no início dos anos trinta comunicam-se com a economia simbólica do nacional-socialismo”.²⁶⁵

Muitas expressões utilizadas por Jünger são ambíguas ou utilizadas em sentido metafórico, com explicações detalhadas, porém difíceis de se compreender dentro do uso transsemântico que ele utiliza. É um método que torna vagos certos conceitos concretos e sugere precisão em termos fluidos. Essa “dinâmica de limiar” (*Schwellendynamik*),

²⁶⁴ “*Der Weg in den Schmerz führt nicht etwa zu größeren Leiden, sondern zu größerer Kälte. Der vitalische Impetus mündet also keineswegs in einem 'Erleben'. Er bringt nur neue Formen der Immunisierung hervor. Ein Körper entsteht, der den Schmerz besteht, ohne ihn zu empfinden, der sich von der Schmerzgrenze her modelliert und nur von sich weiß, wenn er an diese Grenze erinnert wird. Wenn die Narkose den Inbegriff der zivilen Schmerzvermeidung darstellt, dann errichtet Jünger das Ideal einer männlichen Apathie.*” (KOSCHORKE, 2000, p. 217)

²⁶⁵ “*Es gibt eine Genauigkeit des Ungenauen, die im faschistischen Schrifttum höchst wirkungsvoll eingesetzt wird, und gerade in dieser Eigenschaft kommunizieren Jüngers Publikationen in den frühen dreißiger Jahren mit der Symbolökonomie des Nationalsozialismus.*” (KOSCHORKE, 2000, p. 223)

tanto na semântica textual, quanto nas funções práticas atribuídas aos diversos elementos da sociedade proposta, simula uma arte poética; entretanto, em vez de criar novas imagens e gerar a reflexão, apenas confunde os referenciais com a realidade. Afinal, a mobilização geral fisiológica apresentada serve não à autonomia do indivíduo, mas a uma necessidade do destino. Por isso, sua performance textual sugere passar da escrita para a ação e, dessa forma, o autor atua como propagandista do ideário fascista (ainda que nunca utilize este termo, contextualmente localizado no tempo e no espaço).

Curiosamente, Jünger utiliza esses recursos linguísticos, que fazem parte da literatura, para lançar um manifesto que, entre outras coisas, prevê uma literatura tão objetiva quanto a fotografia:

A fotografia está fora da zona de sensibilidade. (...) Essa é a forma particular nossa de ver; e a fotografia é nada mais que uma ferramenta dessa particularidade. Notável que essa particularidade seja ainda tão pouco visível em outras áreas, um pouco na da literatura. Mas sem dúvida, se nós aqui como na pintura ainda temos algo a esperar, a descrição dos processos anímicos mais sutis será substituída por um novo tipo de relato preciso e objetivo.²⁶⁶

Uma literatura com um “relato preciso e objetivo”, não passaria de um manual técnico para os cursos disciplinadores direcionados ao Trabalhador. Cru define isso como um dos critérios de veracidade dos testemunhos da guerra com o objetivo historiográfico. Mas sequer Jünger seguiu isso à risca, em seu romance *Tempestades de aço*. Uma literatura desse tipo seria tão interessante quanto a vida irrefletida em busca da morte, como a do Trabalhador.

4.2.1. *Jünger à luz do sublime*

Como base para sua análise sobre o sublime, Burke parte do princípio que tanto dor quanto prazer “são idéias simples, não passíveis de definição” (BURKE, 1993, p. 42). O que ele procura destacar é que existem polos positivos e negativos tanto da dor, quanto

²⁶⁶ “Die Aufnahme steht außerhalb der Zone der Empfindsamkeit. (...) Das ist die uns eigentümliche Weise zu sehen; und die Photographie ist nichts anderes als ein Werkzeug dieser Eigenart. Merkwürdig, daß diese Eigenart auf anderen Gebieten, etwa auf dem der Literatur, noch so wenig sichtbar ist; aber ohne Zweifel wird, wenn hier wie in der Malerei noch etwas zu erwarten haben, die Beschreibung der feinsten seelischen Vorgänge abgelöst werden durch eine neu Art der präzisen, sachlichen Schilderung.” (JÜNGER, 2015, p. 182)

do prazer, a fim de refutar a hipótese comum de que a dor nasceria necessariamente da suspensão do prazer (o que caracterizaria o prazer negativo).

Porém, muitas vezes a dor é sentida depois de um estado de indiferença e não de um estado de prazer: Suponde, por outro lado, que um homem no mencionado estado de indiferença sofra um golpe violento, ou que beba uma poção amarga, ou que seus ouvidos sejam feridos por um som áspero e rangente: aqui não há eliminação do prazer e, no entanto, sente-se em cada sentido atingido uma dor bastante perceptível. (BURKE, 1993, p. 43)

Estes seriam exemplos da dor positiva. Mais adiante, ele discorre sobre as paixões ligadas à autopreservação:

As idéias de dor, doença e de morte enchem o espírito de intensos sentimentos de pavor; mas vida e saúde, não obstante nos proporcionem a sensação de prazer, não produzem tal impressão mediante o mero contentamento. Portanto, as paixões que estão relacionadas à preservação do indivíduo derivam principalmente da dor e do perigo e são as mais intensas de todas. (BURKE, 1993, p. 47)

Compreende-se que o instinto de autopreservação, através do sentimento da dor ou do perigo, causa naturalmente uma reação para evitar ou combater essa dor. No entanto, Burke não está interessado, em sua investigação, em analisar o processo fisiológico da dor em si, mas dos afetos gerados pelos sentimentos do indivíduo diante da representação de ideias de dor, perigo ou morte. Pelos exemplos citados acima e ao longo da obra, subentende-se que Burke não diferencia a dor por sua origem; ela pode ser provocada em uma situação da vida real, seja diretamente no corpo ou na alma, seja consigo mesmo ou em terceiros, ou mesmo na observação de representações.

Jünger, em contrapartida, especifica uma dor anímica (*Seelenschmerz*), depreciando-a em relação à dor num sentido geral. Considerando que a dor é uma força elementar no funcionamento do mundo, sugere que o seu bloqueio artificial, na metáfora da represa, causaria um acúmulo dessa, que por sua vez, traria algumas consequências: “Uma outra forma desse influxo invisível ressalta-se na sensação de estar envenenado. Assim, a dor anímica é uma das espécies mais inferiores de dor; faz parte das doenças que a omissão do sacrifício gera.”²⁶⁷ (JÜNGER, 2015, p. 156)

²⁶⁷ “Eine andere Form dieses unsichtbaren Einflusses tritt in dem Gefühl, vergiftet zu sein, hervor. So ist der Seelenschmerz eine der niederen Arten des Schmerzes; er gehört zu den Krankheiten, die die Unterlassung des Opfers erzeugt.” (JÜNGER, 2015, p. 156)

Não à toa, Jünger escarnece do reconhecimento da psicologia como ciência médica na virada do século, pois considera a psique individual simplesmente como algo fora da realidade. Numa nota de rodapé, faz a ressalva de que leva em conta um conceito de dor cuja marcas encontram a realidade em toda sua extensão, isto é, em termos objetivos e não subjetivos: “Dentro de uma terminologia, na qual alma e realidade são equivalentes, há então apenas a dor anímica, como em Agostinho: ‘Pois sentir dor é característico da alma, não do corpo’”²⁶⁸. Jünger, portanto, não considera que a psicologia faça parte do “real”, dado que é subjetiva; apenas o que é “objetivo” é real.

Dessa maneira, Jünger tem como preceito que a dor poderia ser internamente processada de modo a não causar sofrimento. Esse processamento interno da dor é diferente em cada indivíduo e, deveria servir como parâmetro de medida ético.

A dor como medida é invariável; variável, em contrapartida, é o modo em que o ser humano se coloca nessa medida. Com cada mudança da atmosfera de fundo [*Grundstimmung*] varia também a relação que o ser humano possui com a dor. Essa relação não é de forma alguma fixa; antes pelo contrário, ela se subtrai à consciência e é, porém, a melhor pedra de toque pela qual se reconhece uma raça. Esse fato pode ser bem observado em nossa época, pois já dispomos de uma nova e própria relação com a dor, sem que ultimamente sejam dadas normas compulsórias à nossa vida.²⁶⁹

Parece evidente que as pessoas lidam com a dor de modo diferente. No entanto, para defender a tese de que a relação com a dor é variável, ele apresenta a justificativa de que já existe “uma nova e própria relação com a dor”. Como se percebe ao longo do texto, os exemplares dessa nova “raça” são justamente os soldados que, como ele e Salomon, tiveram uma educação militar, lutaram na guerra e foram treinados para não só resistirem à dor, mas tampouco processá-la como experiência. Por isso ele defende esse mesmo tipo de formação de modo universal.

²⁶⁸ “Insofern nämlich, als es zu den Kennzeichen des Schmerzes gehört, daß er die Wirklichkeit in ihrem vollen Umfang trifft. Innerhalb einer Terminologie, in der die Seele und die Wirklichkeit gleichbedeutend sind, gibt es daher nur den Seelenschmerz, so bei Augustinus: ‘Denn der Seele ist eigentümlich, Schmerz zu empfinden, nicht dem Leib.’ (Gottesstaat, XXI, 3)” (JÜNGER, 2015, p. 156)

²⁶⁹ “Der Schmerz als Maßstab ist unveränderlich; veränderlich dagegen ist die Art und Weise, in der sich der Mensch diesem Maßstab stellt. Mit jedem bedeutenden Wechsel der Grundstimmung ändert sich auch das Verhältnis, das der Mensch zum Schmerze besitzt. Dieses Verhältnis ist keineswegs festgelegt; es entzieht sich vielmehr dem Bewußtsein und doch ist es der beste Prüfstein, an dem man eine Rasse erkennt. Diese Tatsache ist in unserer Zeit gut zu beobachten, denn wir verfügen bereits über ein neuartiges und eigentümliches Verhältnis zum Schmerz, ohne daß unserem Leben letzthin verbindliche Normen gegeben sind.” (JÜNGER, 2015, p. 146).

Jünger, como vimos, defende que o corpo seja considerado como um objeto em vez de núcleo essencial da própria vida; dessa maneira, a zona de sensibilidade, à qual pertence a liberdade individual, poderia ser excluída da vida. Com isso ele deseja eliminar não apenas o sentimentalismo exacerbado, como a própria capacidade de comoção do ser humano.

Em “Sobre o sublime”, Schiller chega a criticar aquelas almas boas e belas, porém fracas, que anseiam pelos ideais morais e emocionam-se dolorosamente pelos obstáculos, criando uma dependência ao acaso; nesses casos, identifica um apreço moral e estético, mas que corresponde a pouco caráter e gosto. Nesse sentido, Schiller pondera que aquilo que é “moralmente deficiente não deve inculcar em nós sofrimento e dor”, pois isso seria um sintoma de uma “carência insatisfeita” (SCHILLER, 1997, p. 221). Em vez disso, tal “exigência incumprida” devido aos obstáculos colocados” deve trazer junto um “afeto robusto” que seja capaz de fortalecer a energia do ânimo, sem desencorajá-lo, o que levaria à infelicidade. Schiller, porém, está falando apenas daquilo que é “moralmente deficiente”; Jünger propõe que isso aconteça em qualquer caso, por maior que seja a violência sofrida, em vez de mera “exigência incumprida”.

Schiller também comenta que o belo pode manter o “espírito autônomo” prisioneiro, como que viciado “à rede que a sensibilidade requintada teceu à sua volta e que o prende com uma firmeza” muito grande (SCHILLER, 1997, p. 224). O sublime, por meio de um abalo súbito, seria capaz de arrancá-lo dessa trama viciosa.

Jünger, por sua vez, quer nos convencer de que a busca pela diminuição da violência no mundo criou uma geração de indivíduos dependentes da ausência da dor e do esforço ou sacrifício mínimo. Encontra a origem desse fenômeno na nostalgia do século XIX, um período de relativa paz entre os grandes impérios europeus, que produziu uma literatura romântica tardia que abarcava a liberdade pessoal e o distanciamento da dor, a paz em questões de fé, a organizações dos estados monárquicos e a aceitação das regras burguesas por aristocratas e plebeus em ascensão social:

“Essa melancolia parece justificada, se for tomada como critério a liberdade pessoal e o grau em que se mantém a dor distanciada do indivíduo. O nível de

segurança é, de fato, extraordinário; isso foi produzido por a uma coincidência de felizes circunstâncias.”²⁷⁰

Os próprios ambientes burgueses, como os cafés e salões luxuosos, seriam o símbolo desse bem-estar, pois expõem a dor ao oferecerem esse constante “belo” superficial: “Aqui se nota o bem-estar onírico, indolor, estranhamente dissolvido, que enche o ar como um narcótico”²⁷¹. Jünger considera que a profecia do “último homem” de Nietzsche tornou-se realidade nessa geração dos grandes impérios. Para Jünger, esse é o “tecido de engano” (usando as palavras de Schiller) que deve ser rasgado. Contudo, enquanto Schiller valoriza a emoção sublime como antídoto para fomentar a simpatia e restituir ao espírito recolhido o dinamismo da vida, mostrando-lhe sua determinação e sua dignidade, Jünger recomenda para estes mesmos fins o retorno do contato direto e constante com a dor, através da restrição da liberdade, da educação e da cultura, reforçada com a prestação de serviço militar obrigatório mais duradouro. A disciplina define a forma pela qual se mantém o contato com a dor²⁷², tendo por objetivo ideal a resistência através da apatia, a ausência de emoções. Se o sublime opera através da dor para ampliação da grandeza moral, a disciplina utiliza a dor como treinamento para estar preparado contra ela.

Outro ponto que Schiller e Jünger elaboram de maneira bastante divergente é a incorporação da técnica. Schiller leva em conta que o ser humano procura fazer uso dela para sobrepor a natureza que lhe domina, como “maneira realista” de suportar sua violência, a fim de exercer sua liberdade e fazer valer a sua vontade:

Rodeado de inúmeras forças que lhe são superiores e que o dominam, ele exige pela sua natureza que nenhuma delas o faça suportar violência. É certo que, através do seu entendimento, ele intensifica as suas forças naturais por meios artificiais, conseguindo na realidade, até certo ponto, dominar fisicamente tudo o que é físico. (SCHILLER, 1997, pp. 219-220)

²⁷⁰ “Diese Wehmut scheint berechtigt, wenn man die persönliche Freiheit und den Grad, in dem dem Einzelnen der Schmerz ferngehalten wird, zum Maßstab nimmt. Das Maß an Sicherheit ist in der Tat außerordentlich; es wird durch ein Zusammentreffen von glücklichen Umständen hervorgebracht.” (JÜNGER, 2015, p.153-154)

²⁷¹ “Auch die Breite der Anteilnahme am Genuß und an den Gütern ist ein Zeichen der Prosperität. Symbolisch sind hier vielleicht vor allem die großen Cafés, in deren Sälen man gern die Stile des Rokoko (sic), des Empire und des Biedermeier wiederholt und die man als die eigentlichen Paläste der Demokratie bezeichnen kann. Hier verspürt man das traumhafte, schmerzlose und seltsam aufgelöste Wohlbehagen, das die Luft narkotisch erfüllt.” (JÜNGER, 2015, p. 155)

²⁷² “Als Disziplin bezeichneten wir die Form, durch die der Mensch die Berührung mit dem Schmerze aufrechterhält.” (JÜNGER, 2015, pp. 164-165)

Jünger, ao contrário, defende a assimilação da técnica para reforçar a prontidão do homem à batalha. Para exemplificar a importância dessa aplicação, Jünger cita com empolgação a notícia do desenvolvimento, pela marinha japonesa, de um torpedo controlado não por força mecânica, mas humana: dentro de uma pequena cela ele é, ao mesmo tempo, um membro técnico e a inteligência do projétil²⁷³. Ele imagina ainda aviões que funcionariam como torpedos aéreos, exatamente como viriam a constituir os *kamikazes* (do japonês, “vento divino”), pilotos de avião que na Segunda Guerra Mundial lançavam seus caças em missões suicidas sobre alvos do inimigo. Jünger considera que um indivíduo que possua semelhante atitude seria superior todos os demais, “pois não se trata de uma superioridade sobre seres humanos, senão sobre o espaço no qual a lei da dor governa. Essa superioridade é a mais alta, inclui em si todas as demais”²⁷⁴. No final das contas, ele elogia uma técnica que sirva para aumentar o poder de ataque e destruição. Ele se queixa, no entanto, que a técnica bélica da Primeira Guerra tivesse ocultado os indivíduos sob grandes máquinas, pois, na medida em que os homens ficam invisíveis e somente máquinas lutam entre si, perde-se o caráter heroico da batalha. Além disso, critica que a técnica estivesse sendo utilizada como caráter instrumental de poder, através da criação de mais conforto, que reduziria a dor.

No entanto, Schiller ressalta que, por mais que o homem crie meios para tudo, ele não pode evitar a morte; o espectro desta o acompanhará para sempre, o que bloqueia sua liberdade. Para ele, “a prerrogativa humana consiste apenas em actuar racionalmente com a consciência e a vontade” (SCHILLER, 1997, p. 219) – ao passo que Jünger defende a eliminação da consciência sobre sua conexão com o corpo. Se a vontade é o que distingue o ser humano dos outros seres e a morte é indesejada, porém compulsória, então o próprio conceito de ser humano fica inválido. Schiller defende que a cultura como meio de libertá-lo dessa exceção: “A cultura deve libertar o ser humano e ajudá-lo a consumir todo o seu

²⁷³ “Um anzudeuten, wie hoch die Anforderungen an die Bereitschaft gestiegen sind, sei ein praktisches Beispiel angeführt. Vor kurzem ging die Nachricht über einen neuen Torpedo durch die Zeitungen, der in der japanischen Kriegsmarine entwickelt werden soll. Das erstaunliche an dieser Waffe liegt darin, daß sie nicht mehr durch mechanische, sondern durch menschliche Kraft gesteuert wird, und zwar durch einen Steuermann, der in eine kleine Zelle eingeschlossen ist und den man zugleich als ein technisches Glied und als die eigentliche Intelligenz des Geschosses betrachten kann.” (JÜNGER, 2015, p. 160)

²⁷⁴ “Um noch einen Gedanken an die Idee des menschlichen Geschosses zu knüpfen, so leuchtet ein, daß im Besitze einer solchen Haltung der Einzelne jeder vorstellbaren Volksmenge überlegen ist. Natürlich ist er auch dort überlegen, wo er nicht in Sprengstoff gepanzert erscheint, denn es handelt sich nicht um die Überlegenheit über Menschen, sondern über den Raum, in dem das Gesetz des Schmerzes regiert.” (JÜNGER, 2015, p. 161)

conceito. Ela deve, portanto, torná-lo capaz de impor a sua vontade, pois o ser humano é o ente que quer.” (SCHILLER, 1997, p. 219). A cultura física, de “maneira realista”, utiliza a violência contra a violência da natureza para dominá-la, o que entretanto é limitado. Na “maneira idealista”, para que não sofra violência, ele deve abolir totalmente esta relação, através da destruição do próprio conceito de violência:

Destruir uma violência de acordo com o conceito não significa porém outra coisa senão submeter-se à mesma de livre vontade. A cultura que o habilita a tal coisa é a cultura moral. O ser humano formado moralmente, e só este, é inteiramente livre. Ou ele é superior à natureza, enquanto poder, ou se encontra em sintonia com a mesma. Nada do que ela exerce sobre ele constitui uma violência, pois antes de o atingir já se tornou na sua própria acção, e a natureza dinâmica nunca o atinge a ele próprio, visto que ele se distancia livremente de tudo o que ela pode atingir. (SCHILLER, 1997, p. 220)

Jünger também leva em conta a influência que o medo da morte causa no indivíduo. Em vez de cercear sua vontade, porém, esse medo impede a ação e impossibilita as conquistas. Freud faz uma provocação, nesse sentido, nas “Considerações sobre a guerra e a morte” (1915):

Mas essa nossa atitude para com a morte tem um poderoso efeito em nossa vida. A vida empobrece, perde algo do interesse, quando a mais elevada aposta no jogo da vida, isto é, ela mesma, não pode ser arriscada. Ela fica insossa, insubstancial (...). Os nossos vínculos afetivos, a insuportável intensidade de nosso luto, os tornam pouco inclinados a buscar perigos para nós mesmos e os nossos. Não ousamos considerar muitas empresas que são perigosas mas necessárias, como as tentativas de voar, as expedições em terras distantes, os experimentos com substâncias explosivas. Paralisa-nos o pensamento de quem haverá de substituir o filho para a mãe, o marido para a mulher, o pai para os filhos, caso aconteça um desastre. A tendência a excluir a morte dos cálculos da vida traz consigo muitas outras renúncias e exclusões. No entanto, o lema da Liga Hanseática dizia: “*Navigare necesse est, vivere non necesse!*” (Navegar é preciso, viver não é preciso.) (FREUD, 2010a, p. 232)

Jünger sugere ainda que o ser humano se submeta intencionalmente à violência, mas não exatamente “de livre vontade”, pois o homem ideal de Jünger, na figura do Trabalhador, não tem vontade, não preza pela liberdade. Se para ele o objetivo da submissão à dor é o aumento da resistência a ela, para Schiller é o despertar da “tendência estética” através de objetos sensíveis e cultivá-la através da “purificação dos sentimentos”, até que se atinja o “ímpeto idealista do ânimo” (SCHILLER, 1997, p. 220). O meio recomendado por Schiller para isso é o contato frequente com a “natureza pavorosa e destruidora” (SCHILLER, 1997, p. 229), com a finalidade de “resistir ao poder

da natureza antecipando a ela, despojando-nos moralmente, por meio da supressão livremente assumida de todo o interesse sensível, ainda antes que um poder físico o faça” (SCHILLER, 1997, p. 228). Para isso, levando em conta que “a verdadeira desgraça pega de surpresa, desarmados ou indefesos”, o acesso ao patético como “desgraça artificial” é necessário, pois quando estamos “plenamente equipados”, “nos põe em contacto direto com a lei espiritual que impera no nosso peito” e, dessa maneira, “dissolve o sofrimento real numa comoção sublime”. Quando a “desgraça real” acontece, a agressão é “conduzida para o lado forte do ser humano” (SCHILLER, 1997, p. 229), que age com superioridade moral. Isso é alcançado justamente através da experiência sublime.

Schiller identifica “dois gênios que a natureza nos deu como companheiros pela vida afora”: um é o “sociável e gracioso”, que faz o tempo passar mais rápido, age alegremente, desenvolto, com pureza de espírito e seu domínio é o mundo dos sentidos; nele reconhecemos o sentimento do belo, cuja expressão de liberdade que frui da natureza, já que “os impulsos sensíveis harmonizam com a lei da razão”. O outro é “sisudo e silencioso”, com força para superar abismos, no qual se reconhece o sublime; com eles nos sentimos também livres, mas por que “os impulsos sensíveis não têm qualquer influência na legislação da razão” (SCHILLER, 1997, pp. 221-222)

Lembremos que Jünger usa essa mesma dicotomia de expressão facial para apresentar outras categorias de pessoas: o bom rosto liberal e o rosto disciplinado do Trabalhador: “O que se entendia no mundo liberal como o ‘bom’ rosto, era na verdade o rosto fino, nervoso, móvel, variável e aberto às mais diferentes influências e estímulos” (JÜNGER, 2015, pp. 165). Quando Schiller caracteriza os dois gênios “que a natureza nos deu como companheiros”, quer dizer que o homem do mundo da liberdade flutua entre esses dois aspectos, de acordo com “influências e estímulos” que recebe tanto da natureza quanto das representações; portanto esse é justamente o rosto liberal menosprezado por Jünger. Nos momentos em que se assume o semblante fechado, o homem liberal de Schiller está desorientado, tomado pela dor sugerida, abalado sensivelmente e refletindo racionalmente sem conseguir apreender com o entendimento; essa é a fisionomia de quem está estupefato, sob o sentimento do sublime, transcendendo nos conceitos e na maneira de pensar. O Trabalhador, por outro lado, está sendo treinado pelo efeito da dor pela “intervenção de regras e prescrições rígidas e impessoais (JÜNGER, 2015, pp. 165), está entregue a uma ordem superior através da eliminação

vontade própria. O homem liberal se molda pela reflexão autônoma e crítica, o Trabalhador se molda pela subjugada uniformidade de pensamento e ação.

O sentimento sublime, para Schiller, é um sentimento misto (dorido e alegre), que lhe confere autonomia moral através das duas relações distintas, de naturezas opostas, com o objeto:

Através do sentimento do sublime experimentamos portanto o fato de o nosso estado de espírito não se orientar necessariamente pelo estado dos sentidos, de as leis da natureza não serem também necessariamente as nossas e de termos em nós um princípio autônomo que é independente de todas as comições sensíveis. (SCHILLER, 1997, p. 222)

O sublime, então cria o conflito interno entre o homem físico, que impõe limites, e o homem moral, que eleva sua força. Em vez de usar a reflexão racional para aprimoramento moral, Jünger defende que se utilize a racionalidade para a construção da insensibilidade. Nesse sentido, Jünger rejeita o sentimento sublime no indivíduo.

O sublime faz com que o indivíduo pleno de vontade sinta-se moralmente superior, extrapolando medidas ainda desconhecidas; a disciplina, não reflexiva, através da assimilação da técnica (tanto o aprimoramento da natureza física, quanto do controle da transmissão da dor) torna o indivíduo amoral – a moralidade, para ele, não é uma questão, não é derivada de reflexão, mas imposta pela disciplina. A segunda consciência proposta por Jünger, aquela capacidade de se ver friamente como objeto, como um autoexame psicotécnico, opera fora da zona de dor, não a salvo do perigo, mas insensível ao perigo. Este homem suporta a violência para tornar-se mais forte e atingir a superioridade na escala de entrega e sujeição do corpo, o “posto avançado”, o espaço da dor. Para Schiller, suportar violência é indigno ao ser humano, pois a violência o suprime. Por isso, a cultura tem como função libertar o ser humano, o ente que quer, para auxiliá-lo na imposição de sua vontade.

Jünger aprecia a ordem e as organizações geométricas e volumosas (como pelotões enfileirados ou frotas alinhadas que, vistos de cima, reforçam a impressão de grandiosidade e de pertencimento a uma organização superior). Já Schiller valoriza a natureza diversificada: “Quem não prefere deter-se na engenhosa desordem de uma paisagem natural, em lugar da insípida regularidade de um jardim francês?” (SCHILLER 1997, p. 226). Schiller compreende que nosso entendimento procura “compreender e ordenar”, mas justamente por isso as paisagens desordenadas são mais interessantes, pois

o sublime da quantidade leva à desorientação, que por sua vez apresenta algo suprassensível, dando ânimo ao ímpeto.

É certo que quem ilumina a grandiosa organização da natureza com o precário facho do entendimento, sempre com a mera intenção de dissolver em harmonia a ousada desordem daquela, tal pessoa não pode comprazer-se num mundo que parece governado mais pelo acaso tresloucado do que por um sábio plano e no qual, na esmagadora maioria dos casos, o mérito e a fortuna se contradizem mutuamente. (SCHILLER 1997, pp. 226-227)

A “falta integral de conexões teleológicas” da natureza, assim, reflete diretamente o sentimento de independência do indivíduo e ajuda, como símbolo adequado à razão pura, a formular um conceito racional de liberdade, contribuindo para a disposição sublime do ânimo.

Para a garantia da manutenção da ordem, Jünger (ele próprio um aristocrata) idealiza um mundo governado por um soberano, que também definirá a direção das pesquisas nas ciências e o desenvolvimento de tecnologias. Nesse universo, há um destino definido: a transformação da massa de indivíduos no tipo do Trabalhador.

A decisão sobre guerra e paz é a suprema regalia [prerrogativa do soberano]. Como tal, pressupõe um exército que possa ser manejado como instrumento de uma vontade de um príncipe. Essa relação só é imaginável em um espaço no qual há coisas que são mais importantes que a dor e no qual se sabe que só à vista da morte é possível “viver eternamente”.²⁷⁵

Esse é um ponto de vista que Schiller refuta categoricamente:

A liberdade é, em todas as suas contradições morais e em todos os seus infortúnios físicos, um espetáculo infinitamente mais interessante para ânimos nobres do que o bem-estar e a ordem sem liberdade, em que os carneiros seguem pacientemente o pastor e o autodomínio da vontade se rebaixa a ponto de tornar-se numa servil peça de mecanismo de relógio. A última coisa limita-se a tornar o ser humano num produto inteligente e num cidadão mais feliz da natureza; a liberdade torna-o num cidadão participante na governação de um sistema superior, sendo infinitamente mais honorável tomar neste o lugar inferior do que comandar as fileiras na ordem física. (SCHILLER, 1997, p. 227)

Como se percebe, Schiller não ignora a participação dos indivíduos como membros de uma organização maior, mas, como entes de vontade, eles devem aceitar essa

²⁷⁵ “Die Entscheidung über Krieg und Frieden ist das höchste Regal. Als solches setzt sie eine Armee voraus, die als das Instrument eines fürstlichen Willens gehandhabt zu werden vermag. Dieses Verhältnis ist vorstellbar nur in einem Raume, in dem es Dinge gibt, die wichtiger sind als der Schmerz, und in dem man weiß, daß ‘ewig leben’ nur im Angesichte des Todes möglich ist.” (JÜNGER, 2015, pp. 178-179)

participação e colaborar na tomada de decisões que incidem sobre o todo. Aqui fica evidente a sugestão por um modelo político de democracia participativa, enquanto Jünger apoia nostalgicamente o governo monárquico-imperial, centralizado na figura de um soberano que concentra todas as decisões sobre as demais pessoas, meras peças substituíveis de um mecanismo que ignora suas particularidades.

Como vimos anteriormente, Burke afirma que são justamente as ideias de dor e perigo que despertam o sentimento do sublime. Schiller afirma que o sublime educa o ser humano a eliminar a violência pelo seu conceito, através da educação estética pela cultura moral. Jünger defende a resistência à dor, com a eliminação não da violência, mas da sensação da dor na alma, através o aceramento dos indivíduos, que passa pela eliminação da cultura moral e pelo enrijecimento de seus sentimentos. A coragem é sua vontade; a disciplina, sua cultura. O aceramento é o substituto-oposto do sublime.

4.3. Armadura, aceramento, blindagem

4.3.1. A gênese do autocontrole

Em *O processo civilizador* (ELIAS, 1994), composto em 1939, e *A sociedade de corte* (ELIAS, 2001), escrito em 1933 como tese, publicado porém somente em 1969, Nobert Elias procura compreender como as relações sociais ao longo da história moldaram a estrutura psicológica dos indivíduos dentro da estrutura de classes, traçando um panorama histórico cultural do século XVIII na Alemanha. A origem da forte tradição da cultura intelectual alemã como hoje conhecemos se dá num período tardio em relação a outras potências europeias como a França ou a Inglaterra. Até o final do século XVIII, na Alemanha são poucos os nomes relevantes nas áreas da literatura, da filosofia ou das ciências de modo geral. França e Inglaterra já eram nações com monarquias absolutistas estabelecidas desde o século XII, quando ocorreu a centralização de seu poder político. Nesses países, especialmente na França, a sociedade de corte servia como fonte de propagação dos costumes mais refinados: a nobreza compartilhava da etiqueta do palácio, como elemento de coesão; a elite burguesa procurava na medida do possível atender ao comportamento considerado mais alto, inclusive para ter acesso à corte; mesmo os

plebeus procuravam emular as atitudes cortesãs como forma de aparentar dignidade. Isso fazia parte do caráter “civilizatório” desses centros, em contraposição às sociedades consideradas “primitivas”, que abrangia também a própria organização política, o desenvolvimento tecnológico, a conquista de colônias ultramarinas e a produção intelectual e artística. Dessa forma, grandes pensadores franceses e ingleses usufruíam de certo prestígio entre a nobreza e circulavam pela corte, compartilhando com ela os mesmos ideais e visões de mundo. Por isso, concentravam-se também nas capitais, de modo que seus debates constantes impulsionaram a criação de obras de ampla circulação e que, a partir da tradução, serviam de modelo para artistas e pensadores de outras línguas. Assim, Paris e Londres se estabeleceram como grandes metrópoles irradiadoras de cultura. Na Alemanha, esses intelectuais viviam isolados em cidades distantes e discutiam principalmente através de cartas. Isso porque o território alemão permanecia um aglomerado de reinos, com poder descentralizado, de modo que a nobreza tinha uma abrangência regional, ainda que mantivesse as relações com os pares de outras partes do território e também de outros países, inclusive a França e a Inglaterra, de onde assimilaram os costumes da corte. No fim do século XVIII, Frederico, o Grande, rei da Prússia, o maior e mais importante reino alemão no período, queixava-se da carência de grandes autores na literatura alemã e iniciava a oferta de educação universal, a fim de que sua cultura alcançasse o patamar das grandes potências. Nesse mesmo período, no entanto, a burguesia alemã se fortalecia e começava a estabelecer alguns nomes como Goethe, Kant, Schiller, Herder e Lessing. Enquanto Frederico tinha em vista a refinação do gosto e a valorização da honra, conforme os modelos franceses e ingleses, a *intelligentsia* que surgia da burguesia valorizava principalmente a vontade e a liberdade²⁷⁶. Um importante fator para isso é que os membros da burguesia se sentiam discriminados pelos integrantes da nobreza (*Werther*, de Goethe, é um exemplo claro disso). Eles condenavam a superficialidade e a falta de conteúdo, que eram intrínsecas à etiqueta da corte. De modo semelhante, ressaltavam (de modo certamente romantizado) o valor da natureza em oposição à artificialidade e à técnica. Grosso modo, é nesse contexto, que se dá a diferença entre os conceitos de *civilisation*, caro aos franceses e

²⁷⁶ As teorias do sublime desenvolvidas por Kant e Schiller ilustram bem esse aspecto: ambos são filhos de membros da elite burguesa, que alcançaram um elevado patamar financeiro após gerações de antecedentes da pequena burguesia, podendo, assim, dedicar-se à produção intelectual.

ingleses por sua contribuição ao progresso da humanidade, nos mais diversos aspectos da sociedade (política, economia, religião, técnica, moral ou social, mas também, de modo patente, nos costumes), em oposição a tudo o que é primitivo, e *Kultur*, valorizado pelos alemães como sua grande realização, porém restrito à intelectualidade, arte e religião, já que para eles o comportamento tem um valor secundário, pois depende de fatores políticos, econômicos e sociais; para estes, o importante não é o que se é, mas o que se faz. O processo individual para alcançar uma posição dentro da *Kultur* era a formação/educação, a *Bildung* – por isso um gênero como o *Bildungsroman* (romance de formação) ter um lugar tão importante na tradição literária alemã.

Tais conceitos – *civilisation* e *Kultur* – são implicados com a autoimagem e a autoconsciência de cada um desses grupos sociais (as aristocracias francesa e inglesa e a burguesia alemã) e ganham a seguir um caráter de valor nacional. Não à toa, Inglaterra e França assumiram o valor da civilização de modo tão supremo, que decidiram, posteriormente, utilizá-la como critério de superioridade em relação ao resto do mundo e expandi-la a outros territórios, à força, de modo nada cortês, através da colonização e do imperialismo. Já a cultura alemã precisou de mais tempo para se fortalecer até atingir uma sobressaliente vontade de poder e se aventurar no domínio de terras distantes e mesmo, ainda mais tarde, dos próprios vizinhos europeus.

De qualquer modo, o processo de civilização europeu trouxe mudanças expressivas no comportamento dos indivíduos ao longo dos séculos desde a Idade Média, dominada pela monarquia guerreira, desde a etiqueta à mesa e a educação de crianças até o tratamento dispensado a pessoas de diferentes posições sociais ou na relação entre os sexos, incluindo o que hoje conhecemos como etiqueta, polidez, cortesia, enfim, civilidade, em oposição ao que é primitivo e bárbaro. De modo geral, no que concerne a moral, principalmente sexual, essa civilidade está baseada na ideia de pureza do Cristianismo:

No processo civilizador, a sexualidade, também é cada vez mais transferida para trás da cena da vida social e isolada em um enclave particular, a família nuclear. De maneira idêntica, as relações entre os sexos são segregadas, colocadas atrás de paredes da consciência. Uma aura de embaraço, a manifestação de um medo sociogênico, cerca essa esfera da vida. (ELIAS, 1994, p. 180)

O que se reforçou de modo muito mais intenso foi o autocontrole dos impulsos, principalmente os sexuais, o que envolve a virgindade até o casamento, a monogamia. Também nos relacionamentos profissionais dos burgueses havia um autocontrole emocional até mais forte que na corte. Se esse autocontrole, por um lado, reprime as expressões de vontade dos indivíduos, por outro também,

da perspectiva de grandes períodos de tempo, vemos claramente que diminuem as compulsões originadas diretamente na ameaça do uso das armas e da força física, e que as formas de dependência que levam à regulação dos efeitos, sob a forma de autocontrole, gradualmente aumentam. Esta mudança desponta em seu aspecto mais retilíneo se observamos os homens de classe alta do tempo – isto é, a classe composta inicialmente de guerreiros ou cavaleiros, em seguida de cortesãos, e finalmente de profissionais burgueses. (ELIAS, 1994, p. 185)

É justamente desse período de diminuição da violência dentro de cada sociedade que Jünger fala ao ressaltar que a dor vinha diminuindo com o passar do tempo. Até a era medieval, a violência era fato corriqueiro no cotidiano. Nas guerras, a crueldade era ainda mais comum, já que não existia um poder social regulador e punitivo – a única ameaça era ser vencido em batalha e se submeter à violência, sem ter a quem recorrer.

Deixando de lado uma pequena elite, o saque, a rapinagem, e o assassinato eram práticas comuns da sociedade guerreira dessa época (...). Explosões de crueldade não excluíam ninguém da vida social. Seus autores não eram banidos. O prazer de matar e tortura era grande e socialmente permitido. Até certo ponto, a própria estrutura social impelia seus membros nessa direção, fazendo com que parecesse necessário e praticamente vantajoso comportar-se dessa maneira. (ELIAS, 1994, p. 192)

O perfil do guerreiro medieval, numa era em que o comportamento fortemente emotivo era parte da sociedade como um todo, caberia bem num grupo de *Freikorps*:

O guerreiro da Idade Média não amava só a guerra, vivia dela. Passava a juventude preparando-se para isso. Ao chegar à idade apropriada, era armado cavaleiro e fazia a guerra enquanto as forças lhe permitiam até a velhice. Sua vida não tinha outra função. Seu lugar de moradia era uma torre de vigia, uma fortaleza, simultaneamente arma de ataque e defesa. Se por acidade, por exceção, vivia em paz, precisava pelo menos da ilusão da guerra. Lutava em torneios e estes, muitas vezes, pouco diferiam de autênticas batalhas. (ELIAS, 1994, pp. 193-194)

Essa situação mudou gradativamente com o processo civilizador, com uma relativa pacificação acompanhada da contenção e adequação de emoções e da exigência de determinado decoro público. No entanto, confirmando o diagnóstico de Jünger, Elias

ressalta que, no período após a Primeira Guerra Mundial, em comparação com o período pré-guerra, tenha ocorrido uma “relaxação da moral”, com permissão de várias atitudes que antes eram proibidas socialmente, como o uso de vestuário menos pudico ou a liberação sexual para fora dos limites do casamento. Isso, porém, só pôde ser possível mediante a segurança adquirida através de um alto grau de controle na sociedade, em que os indivíduos são normalmente limitados pelo autocontrole e por um código de etiqueta que inibe ataques e assédios: “É uma relaxação que ocorre dentro do contexto de um padrão ‘civilizado’ particular de comportamento, envolvendo um alto grau de limitação automática e de transformação de emoções, condicionados para se tornarem hábitos.” (ELIAS, 1994, p. 186)

Esse desenvolvimento ao longo dos séculos se dá, portanto, por meio de controle dos impulsos, de modo específico nos homens de classes superiores:

O processo de civilização do impulso sexual, visto em escala mais ampla, corre paralelo ao de outros impulsos, sejam quais forem as diferenças sociogenéticas de detalhes que possam estar presentes. Neste campo, também, se medido pelos dos padrões masculinos nas sucessivas classes dominantes, o controle torna-se sempre mais rigoroso. O instinto é lento (*sic*) mas progressivamente eliminado da vida pública da sociedade. (...) Na verdade, é cultivada desde a tenra idade no indivíduo, como autocontrole habitual, pela estrutura da vida social, pela pressão das instituições em geral, e por certos órgãos executivos da sociedade (acima de tudo, pela família) em particular. Por conseguinte, as injunções e proibições sociais tornam-se cada vez mais parte do ser, de um superego estritamente regulado. (ELIAS, 1994, p. 186-187)

A estrutura geral de cada personalidade, em especial o “Super-eu” (ou superego)²⁷⁷, como elemento constituinte do indivíduo, varia conforme o código social de comportamento que é gravado no ser humano em cada classe social, de acordo com a sua época. Essa diferenciação ainda hoje se mantém forte, pelo menos no mundo ocidental, como reflexo do processo civilizador.

O que podemos perceber desse breve panorama das mudanças de hábitos ao longo dos séculos é uma gradual transição do controle social do comportamento dos indivíduos para o autocontrole dos impulsos. Na época das cortes feudais esse controle era imposto apenas na companhia de outras pessoas e era estabelecido hierarquicamente, ou seja, o

²⁷⁷ Prefiro utilizar a tradução mais recente de Paulo César Souza para as instâncias do modelo estrutural psíquico de Freud, que utiliza “Eu” e “Super-eu”, em português, para *Ich* e *Über-ich*, em vez da expressão em latim *superego*, tradicionalmente difundida pela primeira tradução inglesa de suas obras completas (FREUD, 2011b, p. 29, p. 34).

indivíduo de posição social superior impõe o comportamento tido como correto. Com a lenta modernização da sociedade e o aumento da interdependência trazido pela divisão do trabalho, esse caráter hierárquico se torna menos rígido e os indivíduos de posições sociais superiores também começam a sentir vergonha dos inferiores caso não cumpram o comportamento esperado.

O autocontrole, portanto, significa um hábito internalizado a partir de uma proibição externa definida por um padrão social ao qual o indivíduo é submetido, de modo que uma coerção inicial é posteriormente reproduzida internamente, operando contra seus desejos conscientes, como uma segunda natureza (ELIAS, 1994, p. 135). Grande parte dessa coerção é feita durante a infância e adolescência de cada indivíduo, nos seus anos de formação. Muitos dos hábitos morais adquiridos anteriormente passam a ser justificados pela higiene ou pelo respeito mútuo, um condicionamento que torna automático o comportamento socialmente desejável, como se resultasse do livre-arbítrio e do interesse pela própria saúde ou pela dignidade humana.

Só com o aparecimento dessa maneira de consolidar hábitos ou, em outras palavras, de condicionamento, que ganha predominância com a ascensão da classe média, e que o conflito entre impulsos e tendências socialmente inadmissíveis, por um lado, e o padrão de exigências sociais feitas ao indivíduo, por outro, assume a forma rigorosamente definida e fundamental às teorias psicológicas dos tempos modernos – acima de tudo, a psicanálise. (ELIAS, 1994, p. 153)

Outro importante aspecto é que à medida que a civilização progride, a vida dos indivíduos se polariza numa esfera secreta, íntima ou privada e noutra social ou pública, o que se naturaliza a tal ponto que se torna um hábito compulsivo, que a consciência mal consegue perceber, tornando-se um elemento constituinte do indivíduo. Aquilo que está no campo dos instintos, dos impulsos, das necessidades profundas, passa a ser descrito como “primitivo”, em oposição aos “civilizado”. Isso caracteriza, segundo Elias, a correspondência entre a “estrutura social” e a “estrutura da personalidade” do indivíduo. (ELIAS, 1994, pp. 188-189)

4.3.2. *A armadura civilizadora*

Conforme nota Renato Janine na apresentação de *O processo civilizador*, Elias utiliza a “forma literária como um documento privilegiado de conhecimento” (ELIAS, 1994, p. 9). Esses textos são empregados como evidências históricas das relações sociais de períodos do passado, através das descrições que seus autores fizeram dos costumes vigentes em romances, manuais de boa conduta, canções e poemas, além de diários mantidos por membros da corte, por exemplo. Em *A sociedade de corte*, Elias pondera que é difícil ler certas obras com o deleite dos leitores da época em que foram produzidas seja pela complexidade dos enredos ou pela diferença cultural dada pela distância temporal, já que costumes considerados comuns antes podem hoje ser vistos como bárbaros, grosseiros ou mesmo ingênuos demais.

Mas é justamente esse o desafio dirigido a nós por uma obra literária proeminente de uma época passada, e que foi moda então. Quando deixamos de considerar tal livro simplesmente como livro e produto literário, quando o vemos também como testemunho do tipo de indivíduos que teve retratada ali uma determinada seleção de suas inclinações, sentimentos, experiências e comportamentos, então temos acesso a uma compreensão melhor desses homens. (ELIAS, 2001, p. 248)

É o que temos em vista neste trabalho sobre *Die Geächteten*: observar a obra para além de seu valor literário e do (des)prazer da leitura, a fim de compreender um pouco da visão de mundo daqueles revolucionários conservadores e de seu efeito na história de sua sociedade.

Em alguns trechos citados de obras literárias, em *O processo civilizador*, aparecem figuras de cavaleiros vestindo armaduras. Vejamos alguns destes exemplos, observando algumas características do equipamento-vestuário.

O primeiro excerto é citado do romance *Agnes von Lilien*, de Caroline von Volzogen, publicado anonimamente entre 1796 e 1797 na revista *Die Horen*, editada por Schiller: “O príncipe aprendera pela idade e hábito a mover-se quase com naturalidade sob esta pesada armadura [*Rüstung*] de cerimônia” (VOLZOGEN apud ELIAS, 1994, p. 42). A armadura é apresentada pelo seu peso, um aspecto característico devido à sua composição, o metal. Ela representa, portanto, um fardo a ser carregado e que, nesse caso, constitui o hábito – tanto a vestimenta, quanto o costume. O príncipe em questão já sabe se locomover “quase com naturalidade” dentro dela, apesar de seu peso, pois “aprendera pela idade e hábito” a utilizá-la, provavelmente desde a infância, dada a sua posição de

nobre; ele já está acostumado com seu uso, como se ela já fizesse parte até de sua personalidade.

A próxima passagem faz parte da descrição que Elias faz das ilustrações de um certo *Mittelalterliches Hausbuch* (traduzido no texto como *Livro de imagens da Idade Média*), do final do século XV, de autoria desconhecida. A cena se passa num torneio de cavaleiros:

Dois cavaleiros, algo desajeitados em suas pesadas armaduras, esperam no centro. Amigos lhes dão conselhos. Um deles é visto justamente recebendo a longa lança. Em seguida um arauto toca a trombeta. Os cavaleiros arremetem um contra o outro, as lanças niveladas. (ELIAS, 1994, pp. 207)

Aqui, o peso continua sendo a característica marcante. Os homens, no entanto, estão “algo desajeitados” dentro dela; não adquiriram a naturalidade do príncipe no exemplo anterior. A função da armadura não é cerimonial, mas de proteção; tampouco a situação é bélica, mas sim lúdica, de combate no torneio.

A descrição passa para um acampamento militar:

(...) Mas, nos portões do acampamento, mendigas sentam-se com seus filhos, torcendo as mãos, enquanto um homem a cavalo e usando armadura chega trazendo um prisioneiro em grilhões. (descrevendo cenas de um certo *Livro de imagens da Idade Média*) (ELIAS, 1994, pp. 207-208)

Dessa vez, um cavaleiro chega também de armadura, mas trazendo um prisioneiro em grilhões. Ele tem, portanto, a função de submeter o prisioneiro ao seu domínio e a armadura lhe confere, como um uniforme, esse poder.

A seguir, cita-se o manual *Galatée ou la manière et fasson comme le gentilhomme se doit gouverner en toute compagnie* (traduzido no texto como *Galateo ou a maneira como o cavalheiro deve conduzir-se em todos os tipos de companhia*), de Jean du Peyrat, que traduziu para o francês, em 1562, a obra do italiano Giovanni Della Casa:

Toda a virtude e perfeição do cavalheiro, Senhor, não consiste em acicar corretamente um cavalo, manejar uma lança, manter-se em postura reta dentro da armadura, usar todos os tipos de armas, comportar-se decorosamente entre as senhoras, ou na perseguição do amor: pois esta é ainda uma das coisas que se esperam do cavaleiro. (ELIAS, 1994, p. 212)

O trecho acima resume as funções que se esperam de um cavaleiro nobre, tanto na técnica de manejo de seu equipamento bélico (cavalo, lança, armadura e armas), quanto no bom comportamento esperado nas relações amorosas.

Essa pequena seleção nos dá uma ideia dos atributos diretos e indiretos da armadura naqueles tempos: primeiro, ela é um peso a se suportar, um fardo, uma responsabilidade que tais homens carregam; seu uso com desenvoltura depende de um longo aprendizado em sua formação, definida pela disciplina; essa naturalidade demonstra uma apropriação do equipamento como se fosse uma parte componente do próprio indivíduo; enquanto equipamento de proteção, seja para o torneio ou para a guerra propriamente, representa a assimilação da técnica para aprimoramento do corpo; na medida em que se trata também de um uniforme reforçado, ela impõe domínio sobre indivíduos mais fracos e assevera seu poder.

Elias usa justamente a metáfora da armadura para definir o sistema de controle rigoroso de impulsos e emoções que os indivíduos adquirem dentro do processo civilizador, como uma espécie de “segunda natureza” inculcada como autocontrole automático, definida de acordo com sua posição na sociedade:

Estes últimos [os socialmente inferiores e mais fracos] tornam-se a tal ponto iguais aos primeiros, que eles, os socialmente superiores, sentem vergonha até mesmo de seus inferiores. Só nesse momento é que a armadura [*Rüstung*] dos controles é vestida em um grau aceito como natural nas sociedades democráticas industrializadas. (ELIAS, 1994, p. 143)

Numa longa nota²⁷⁸, quase no fim do primeiro volume de *O processo civilizador*, Elias volta a utilizar a metáfora da armadura como “controle das fontes do medo” para

²⁷⁸ Nessa nota, Elias analisa a relação dos povos europeus com a higiene e explica a hipótese como o medo de contaminação pela água do banho, nos séculos XVI e XVII, fez com que as pessoas o evitassem o quanto possível, declinando o hábito de limpeza frequente adquirido nos séculos anteriores. Antes, coerções externas (pelo respeito às outras pessoas) se tornaram aos poucos compulsões internas (pela manutenção da saúde do corpo). O medo do perigo de doenças, no entanto, estabeleceu uma relação causal entre o banho e a contaminação que não podia, dados o estágio de desenvolvimento das ciências e as tecnologias disponíveis, ser eliminada. Esse medo e seus símbolos foram transmitidos às gerações seguintes, até que a recordação do motivo original foi perdida e permaneceram os sentimentos de desconforto ou antipatia em relação ao uso da água, que por sua vez fazem surgir novos motivos (por exemplo, que a água é supostamente nociva à pele ou que banhos causem resfriados) tampouco justificados cientificamente. No entanto, o sentimento transmitido culturalmente muitas vezes tem pouca força contra evidências factuais (ELIAS, 1994, pp. 266-269).

descrever o conjunto de atitudes da “conduta civilizada” que se mantém pelo grau de segurança adquirido pelo processo de civilização:

Este processo [civilizador] ocorre em conjunto com uma limitação progressiva de perigos externos e, assim, com uma limitação e canalização do medo que eles provocam. Os perigos tornam-se mais calculáveis, e mais regulados os caminhos e abrangência dos medos. A vida nos parece hoje ainda bastante incerta, mas isto não pode nem mesmo se comparar à insegurança do indivíduo na sociedade medieval. O maior controle das fontes do medo, lentamente estabelecido na transição para nossa estrutura social, é sem dúvida uma das precondições mais elementares para o padrão de conduta que expressamos com o conceito "civilização". A armadura [*Panzer*] da conduta civilizada poderia desmoronar com grande rapidez se, através de uma mudança na sociedade, o grau de insegurança que antes existiu voltasse a nos atingir, e se o perigo se tornasse tão incalculável como outrora. Medos correspondentes logo depois arrebentariam os limites que hoje lhes são impostos. (ELIAS, 1994, p. 268)

Ainda que o tradutor tenha utilizado a mesma palavra em português – “armadura” – o original em alemão apresenta duas palavras distintas. No primeiro trecho, Elias usa o termo “*Rüstung*”; no segundo, “*Panzer*”. De fato, ambos possuem “armadura” como acepção mais comum, no sentido do conjunto de defesas metálicas que protegiam o corpo de guerreiros entre o fim da Idade Média até o começo da Idade Moderna. No entanto, cada um deles tem ainda outros significados. O dicionário *Duden*, apresenta dois sentidos: 1) a própria armadura: “(especialmente na Idade Média) proteção [de metal] contra ferimentos, ajustada à forma do corpo de um guerreiro, que é vestida semelhante a um uniforme”; 2) o arsenal bélico: “o armamento; conjunto de todas as medidas e meios militares para proteção de um território ou para preparação de um ataque bélico”²⁷⁹. O substantivo *Rüstung* deriva do verbo *rüsten*, que por sua vez tem duas acepções correlacionadas: “armar-se” e “preparar-se”²⁸⁰. Assim, o particípio *gerüstet* pode significar tanto “armado” como “preparado”.

Já o substantivo *Panzer* possui as acepções de “armadura”, “couraça”, “concha” (de animais invertebrados) ou “tanque de guerra”: “1) armadura [de cavaleiro], invólucro

²⁷⁹ “*Rüstung, die: 1. (besonders im Mittelalter) den Körperformen eines Kriegers angepasster Schutz [aus Metall] gegen Verwundungen, der ähnlich wie eine Uniform getragen wird; 2. das Rüsten (1); Gesamtheit aller militärischen Maßnahmen und Mittel zur Verteidigung eines Landes oder zur Vorbereitung eines kriegerischen Angriffs.*” (DUDEN)

²⁸⁰ 1) “armar-se; elevar a força militar através de produção [aumentada] de armas [e ampliação do exército]”; 2) “a) colocar-se pronto para algo; b) preparar-se, terminar; ajustar”. No original: “*rüsten: 1. sich bewaffnen; die militärische Stärke durch [vermehrte] Produktion von Waffen [und Vergrößerung der Armee] erhöhen; 2. a) sich für etwas bereit machen; b) vorbereiten, fertig machen; richten; c) (Gemüse, Salat u. Ä.) putzen, zum Verzehr oder Kochen vorbereiten*”. A acepção 2.c se refere ao preparo de alimentos e não vem ao caso.” (DUDEN)

rígido [metálico] para o corpo como proteção em confrontos inimigos ou em torneio; 2) capa protetora dura e externa em certos animais, especialmente em moluscos; 3) chapa ou cápsula de aço, ferro etc. endurecido (especialmente para proteção de navios de guerra, carros de combate, fortificações etc.); 4) carro de combate blindado, geralmente equipado com um canhão e metralhadoras²⁸¹. Dele deriva o substantivo *Panzerung*, que é o processo de armar ou couraçar, ou seja, “blindagem”. O verbo correspondente, *panzern*, pode então significar “blindar”, “vestir a armadura ou seu colete” ou, ainda, “proteger-se contra algo, fazer-se (psiquicamente) insensível”. Esta última acepção é fundamental para a compreensão da metáfora usada por Elias, como explicaremos a seguir. O participio *gepanzert*, portanto, significa “blindado”, “couraçado”.

Esse conjunto léxico já aparece em *A Sociedade de Corte*, também utilizado para se referir à conduta de autocontrole. Elias verifica, como vimos, que o fortalecimento do poder centralizado na figura do rei impõe uma necessidade de autocoerção nas relações sociais. Isso tem consequências especiais para a classe de cavaleiros da nobreza feudal, antes habituados com a rotina das guerras, já que

“(…) depois da guerra civil, o processo de curialização acarreta uma pacificação cada vez maior, um controle mais rigoroso dos costumes e dos entretenimentos guerreiros, o que impõe a cada cortesão uma contenção mais rígida, um autocontrole mais estável de suas pulsões agressivas.” (ELIAS, 2001, p. 241)

Se antes era comum a violência para resolver desavenças, como nos desafios em duelos armados, começava a ser necessário conviver pacificamente com outros membros da corte, provenientes de diferentes níveis e condições de poder e a quem se encontrava constantemente nessa sociedade. Isso demanda um autocontrole meticuloso e complexo para as coerções com outros indivíduos, mas também consigo mesmos, a fim de cumprir com a etiqueta de bom comportamento exigida aos cortesãos não só para seu êxito social, como ainda para sua própria sobrevivência nesse meio, o que só é possível através da constante dissimulação dos impulsos emocionais momentâneos.

²⁸¹ “1. [Ritter]rüstung, feste [metallene] Umhüllung für den Körper als Schutz bei feindlichen Auseinandersetzungen oder im Turnier; 2. harte, äußere Schutzhülle bei bestimmten Tieren, besonders den Weichtieren; 3. Platte, Gehäuse (1) aus gehärtetem Stahl, Eisen u. Ä. (besonders zum Schutz von Kriegsschiffen, Kampffahrzeugen, Befestigungen usw.); 4. gepanzertes, meist mit einem Geschütz und Maschinengewehren ausgerüstetes, auf Ketten rollendes Kampffahrzeug [mit einem drehbaren Geschützturm].” (DUDEN)

É nesse contexto que Elias utiliza os termos *Panzerung* (traduzido por Pedro Süsserkind como “armadura”) e *Panzer* (traduzido como “couraça”) ao ressaltar que essa necessidade de autocontrole será ainda maior para a burguesia e, posteriormente, para toda a sociedade moderna:

A dissimulação de pulsões espontâneas, o encouraçamento [*Panzerung*] e a transformação das emoções elementares certamente não têm, no âmbito da sociedade de corte, a mesma conformação e estrutura que as das camadas médias pacificadas, que foram educadas para ganhar o seu sustento por meio do trabalho, ou as de todas as camadas das sociedades industriais, cujos membros são condicionados pelas coerções do trabalho e da carreira. Na sociedade de corte, a couraça [*Panzer*] ainda não chega a se tornar tão generalizada e automática como nessa sociedade de trabalhadores, uma vez que a grande desigualdade dos indivíduos, a subordinação, a dependência e a submissão de quem ocupa um nível mais baixo, sobretudo no caso das camadas mais pobres, sempre abrem um vasto campo social para os cortesãos, no qual as demonstrações afetivas de todo tipo podem ser expressas e vividas de modo relativamente aberto, sem a ameaça de fracasso ou de punições sociais. Dentro desse campo, o desenvolvimento da autocoerção e do autocontrole só é exigido em uma medida bem menor. Justamente por isso a couraça [*Panzer*], em geral, é bem menos rígida na aristocracia cortesã. (ELIAS, 2011, p. 242-243)

A couraça também irá favorecer o distanciamento dos indivíduos. Entre os impulsos refreados e a conduta real passa existir a reflexão:

Muitas vezes os homens têm consciência desse patamar da reflexão como parte integrante de sua couraça. De acordo com sua situação, eles a consideram de maneira positiva, sob a denominação de “entendimento” ou “razão”, ou de maneira romântica e negativa, como grilhões que aprisionam os sentimentos, como barreiras, como deformações da natureza humana. (ELIAS, 2011, p. 244)

As pessoas desse período enxergam essa necessidade de autocontrole para fins sociais como característica intrínseca da natureza humana, não como um determinado estágio do desenvolvimento humano. Além disso, ela também aumenta a distância entre os sexos, pois as boas maneiras pregam o adiamento do prazer do amor e a satisfação melancólica dele resultante, o que contribui para a noção de amor romântico, de uma afetividade complexa. Portanto, o indivíduo passa a se distanciar da natureza, dos outros indivíduos e até de si mesmo, configurando o “autodistanciamento”, o que lhe permite observar a si próprio em um grau mais elevado que antes, contribuindo para a “autoconsciência” (ELIAS, 2011, p. 247). Essa é uma ideia muito importante para as criações artísticas, pois os indivíduos passam a reproduzir nas obras, com mais consciência, a sua realidade interna e social.

Outra consequência decisiva desse processo é o despertar da consciência para o problema das relações entre realidade e ilusão, ou seja, a diferença entre o que é “real, efetivo, objetivo” e o que é “simplesmente pensamento humano, produto artificial, ilusão”, “subjetivo”, portanto “irreal” (ELIAS, 2001, p. 251-252). Anteriormente, conforme explica Elias, o estágio de consciência do real se baseava fundamentalmente nas emoções, de modo relativamente irrefletido. Era considerado real aquilo que causava a emoção correspondente à necessidade do indivíduo. A identidade de um objeto se baseava no caráter das representações afetivas vinculadas a ele. De modo simplório, era considerado real aquilo que era sentido como real. Quanto mais intensa era emoção produzida por um objeto, tanto maior era o poder atribuído a ele e, por consequência, seu caráter de “real”. O que não causava emoção, tornava-se insignificante, por isso “irreal”. Na medida em que a couraça/armadura limitou a emoção espontânea dos indivíduos, toda a realidade é colocada em xeque. Desde então, passou-se a se considerar a identidade dos objetos como independente das representações afetivas atribuídas a ele, fossem elas formadas culturalmente pela tradição ou apreendidas emocionalmente pelo momento.

Esse impulso para uma maior consciência da autonomia dos “objetos” na vivência dos “sujeitos” está intimamente ligado ao desenvolvimento da couraça [*Panzer*], sob a forma de um autocontrole mais ou menos profundo, que se intercala ente os afetos e os objetos aos quais ele se dirige (ELIAS, 2001, p. 253)

Essa mudança paradigmática da relação com os objetos tem desdobramentos decisivos para a sociedade a partir do desenvolvimento do racionalismo, que trouxe consigo, por exemplo, o método científico e a busca por técnicas artísticas mais “realistas” (ainda que fosse para produzir uma “ilusão”). Por outro lado, o distanciamento produz no indivíduo uma sensação de um abismo entre ele e o mundo externo: “O encouraçamento das formas de autocontrole, mais ou menos enraizadas, aparece para eles como um muro real interpondo-se entre eles mesmos e os objetos de sua reflexão.” (ELIAS, 2001, p. 254) Além disso, tudo aquilo que não pode ser verificado “objetivamente” passa a produzir mais incertezas – inclusive o próprio pensamento, já que se trata de um produto artificial do entendimento. Chega-se, então a uma aporia: “Uma vez que, para o sentimento, há uma cisão, um abismo entre o ‘sujeito’ que conhece e o ‘objeto’ a ser conhecido, a própria noção de realidade parece suspeita e ingênua” (ELIAS, 2001, p. 254).

Por fim, o distanciamento dos demais objetos, incluindo as demais pessoas singulares, acarreta no indivíduo uma sensação de isolamento, pois se torna cada vez mais difícil compartilhar essa realidade externa suspeita com a agora duvidosa realidade interna:

Trata-se de sintomas de que os homens, com base na grande contenção emocional a eles imposta, não se percebem mais simplesmente como criaturas entre outras no mundo, mas cada vez mais como seres singulares, cada um isolado no interior de sua couraça, contraposto a todas as outras criaturas e coisas, incluindo todos os outros homens, como aquilo que existe fora da couraça individual e é separado por ela do “interior”. (ELIAS, 2001, p. 255)

Portanto, Elias elabora a ideia de armadura/couraça para simbolizar a estrutura psíquica autocontroladora e autocoercitiva a fim de explicar o processo civilizador interno dos indivíduos dentro de um processo histórico-social geral e que provoca diversas alterações nos processos cognitivos humanos, que por sua vez permitem novas formas de perceber e interpretar o mundo. Elias procura, como homem da ciência, oriundo deste mesmo processo, lançar um novo olhar sobre a história, mostrando evidências de que as relações sociais de cada época necessitam de uma compreensão mais ampla e complexa de que meras datas, locais e nomes, uma vez que as relações de organização e poder de cada sociedade e de cada camada social requerem formas diferentes de ajustamento psicológico individual. Não há exatamente um julgamento de valor, senão uma nova interpretação dos processos que levaram ao atual estágio da sociedade globalizada.

4.3.3. *A armadura do Trabalhador*

Por outro lado, Jünger, em *Sobre a dor*, refere-se ao processo civilizador de modo bastante negativo. Ignorando qualquer influência das novas relações de poder no comportamento das pessoas ao longo da história, ele considera que as mudanças consideradas como progressos técnicos e sociais agem meramente no sentido de negar a dor e aumentar o conforto. Os indivíduos dessa era “civilizada” desfrutam de si mesmos e reclamam de si mesmos. Por isso, chama esse mundo “civilizado” (no sentido definido por Elias) pejorativamente de “sentimental”, em oposição ao “heroico” e ao “cultural”. Nesse contexto, Jünger utiliza também expressões do campo semântico da armadura/couraça, porém com o propósito de se aumentar a resistência à dor.

Então, todas as medidas vão no sentido não de escapar à dor, mas de resistir a ela. Encontramos, por isso, tanto no mundo heroico, como no mundo cultural, um comportamento em relação à dor bem diferente que no mundo da sensibilidade. Enquanto lá, a saber, como vimos, depende de repelir a dor e excluí-la da vida, aqui vale inclui-la e equipar [*einrichten*] a vida, de modo que ela esteja armada [*gerüstet*], a qualquer momento, para o encontro com a dor.
282

No entanto, a manutenção dessa armadura requer o contato com a dor a todo momento, a fim de se desenvolver a disciplina:

Também aqui, portanto, a dor tem um papel significativo e decerto oposto. Isso já resulta de que a vida incessantemente anseia por permanecer em contato com a dor. Pois nada mais significa a disciplina, seja ela sacerdotal-ascética, orientada à purgação [*Abtötung*], seja guerreira-heroica, orientada ao aceramento [*Stählung*]. Tanto aqui como lá vale manter a vida inteiramente na violência, para que a qualquer hora, no sentido de uma ordem superior, possa ser colocada em uso. A questão importante sobre o nível dos valores existentes pode ser lida, por isso, exatamente pela medida na qual o corpo pode ser tratado como objeto.²⁸³

Esse tratamento do corpo como objeto poderia remeter à ideia de autodistanciamento de Elias; no entanto, Jünger se refere, aqui, à desconexão da sensibilidade ao corpo. Além disso, como já foi mencionado, a “segunda consciência” seria uma forma de observar o corpo como objeto de análise mensurável, para fins de aprimoramento das capacidades de resistência à dor.

No trecho acima aparece a metáfora do aceramento (*Stählung*), ou seja, a transformação do corpo em aço (*Stahl*), como forma de transformar o próprio corpo em armadura, em vez de apenas “incorporá-la”.²⁸⁴ Uma forma de alcançar o aceramento seria

²⁸² “Dann laufen alle Maßregeln nicht darauf hinaus, dem Schmerz zu entrinnen, sondern ihn zu bestehen. Wir finden daher sowohl in der heroischen als auch in der kultischen Welt ein ganz anderes Verhältnis zum Schmerz als in der Welt der Empfindsamkeit. Während es dort nämlich, wie wir sahen, darauf ankommt, den Schmerz abzudrängen und das Leben von ihm abzuschließen, gilt es hier, ihn einzuschließen und das Leben so einzurichten, daß es jederzeit auf die Begegnung mit ihm gerüstet ist.” (JÜNGER, 2015, pp. 158-159)

²⁸³ “Auch hier, also spielt der Schmerz eine bedeutende, freilich genau entgegengesetzte Rolle. Das geht schon daraus hervor, daß das Leben ununterbrochen mit ihm in Fühlung zu bleiben strebt. Denn nichts anderes bedeutet die Disziplin, sei es die priesterlich-asketische, die auf Abtötung, sei es die kriegerisch-heroische, die auf Stählung gerichtet ist. Hier wie dort gilt es, das Leben völlig in der Gewalt zu halten, damit es zu jeder Stunde im Sinn einer höheren Ordnung zum Einsatz gebracht werden kann. Die wichtige Frage nach dem Rang der vorhandenen Werte läßt sich daher genau an dem Maße ablesen, in dem der Leib als Gegenstand behandelt werden kann.” (JÜNGER, 2015, p. 159)

²⁸⁴ Jünger transita de modo fluido entre expressões conotativas e denotativas, de modo que muitas vezes não sabemos quando se trata de noções materiais ou metafísicas. Aqui também, ele sugere a transformação do corpo em aço (que só poderia ser compreendida como metáfora) e a seguir apresenta o exemplo do torpedo japonês guiado internamente por um homem.

a disciplina adquirida a partir da disciplina “guerreiro-heroica”, como, por exemplo, através do serviço militar obrigatório e estendido, que seria considerado propriamente uma forma de trabalho, como já acontece tradicionalmente nas carreiras das forças armadas nacionais.

Num mundo em que o combate aparece como um caráter especial de trabalho, não se pode mais falar de um povo em armas, no sentido corrente entre nós. Do mesmo modo que os meios são superiores a qualquer quantidade imaginável, também as tropas, que servem a esses meios, pressupõem um tipo de seleção diferente da que o serviço militar obrigatório pode garantir. Especialmente o curto tempo de serviço, que é característico da formação de massas, não basta para a garantia do domínio necessário sobre os meios e do aceramento pessoal. A esse respeito, observamos que a formação já é preparada cedo e que ela se especializa de maneiras diversificadas.²⁸⁵

O resultado desse tipo de trabalho é justamente a produção de armaduras, ou melhor, de homens de aço, resultados do processo de aceramento, que estariam, assim, preparados para a guerra a qualquer momento. Isso só é possível se for eliminado qualquer traço de subjetividade que possa instigar os indivíduos, em sua vontade própria, a se recusarem à batalha ou a qualquer atividade que lhe pudesse causar sofrimento. Por isso, a função dessa ocupação militar de longo prazo seria a formação do “caráter objetivo” dos indivíduos:

A moldagem do caráter objetivo tanto do indivíduo como de suas articulações, como ela hoje dá a entender, não é nova. Ela forma, antes, uma marca segura de todos os espaços nos quais a dor faz parte das experiências imediatas e evidentes e deve ser reconhecida como um indício de armadura [*Rüstung*] aprimorada. É essencial que o sentimento da proximidade, o sentimento não do valor simbólico, mas do valor fundado em si mesmo, desapareça e que para isso o movimento das unidades vivas seja guiado de longa distância.²⁸⁶

²⁸⁵ “*In einer Welt, in der der Kampf als ein spezieller Arbeitscharakter erscheint, kann von einem Volk in Waffen in dem uns geläufigen Sinne nicht mehr die Rede sein. Ebenso wie die Mittel jedem denkbaren Zahlenaufgebot überlegen sind, setzen auch die Mannschaften, die diese Mittel bedienen, eine andere Art der Auslese voraus, als sie die Allgemeine Wehrpflicht gewährleisten kann. Insbesondere reicht die kurze Dienstzeit, die zu den Kennzeichen der Massenausbildung gehört, zur Sicherung der erforderlichen Herrschaft über die Mittel und der persönlichen Stählung nicht zu. Entsprechend beobachten wir, daß die Ausbildung bereits früh vorbereitet wird und daß sie sich auf mannigfaltige Weise spezialisiert.*” (JÜNGER, 2015, p. 178)

²⁸⁶ “*Die Ausformung des gegenständlichen Charakters sowohl des Einzelnen als auch seiner Gliederungen, wie sie sich heute andeutet, ist nicht neuartig. Sie bildet vielmehr ein sicheres Kennzeichen aller Räume, in denen der Schmerz zu den unmittelbaren und selbstverständlichen Erfahrungen gehört, und muß als ein Merkmal gesteigerter Rüstung erkannt werden. Wesentlich ist, daß das Gefühl der Nähe, das Gefühl des nicht symbolischen, sondern in sich selbst begründeten Wertes verschwindet und daß dafür die Bewegung der lebendigen Einheiten aus großer Entfernung geleitet wird.*” (JÜNGER, 2015, p. 172)

O “indício de armadura aprimorada” identificado pela dor que “pertence às experiências imediatas e evidentes” sugere nada menos que o treinamento através do trauma constantemente infligido ao indivíduo, de modo que seu espírito se torne insensível a ela, mas também ao sentimento do “simbólico”, que deve ser afastado. Aqui, Jünger coloca o “caráter objetivo” em oposição ao “sentimento da proximidade” e ao sentimento do valor “fundado em si mesmo”, portanto subjetivo. Para que esses sentimentos não se manifestem nos indivíduos, nas “unidades vivas”, seus movimentos devem ser controlados pela instância superior do grande organismo social, que irá fundar fortemente os valores corretos, a fim de que a autonomia dos indivíduos seja coibida de construir separadamente seus próprios valores e não criem perturbações ou distorções na harmonia do conjunto total. Assim, a armadura é, também, uma estrutura que restringe sua liberdade de movimento. Ela demonstra o padrão, a norma, o uniforme, a fim de manter a ordem: “Em todas as circunstâncias o uniforme abarca um caráter de armadura [Rüstung], a pretensão de ser blindado contra o ataque da dor de maneira especial”²⁸⁷. Assim as pessoas poderão se sujeitar automaticamente, como máquinas, às tarefas a elas destinadas, sem ter como recorrer a qualquer instância superior, pois ela já domina todos os processos.

Tem que ser grande o poder que é capaz de submetê-lo [o ser humano] a exigências, como se coloca a uma máquina. Todavia o olhar vai procurar em vão pelas alturas que são superiores ao puro processo de ordenação e armamento [Rüstungsvorgang] e subtraídas de qualquer dúvida.²⁸⁸

Nesse sentido, o combatente Salomon e seu amigo Kern parecem já prontos para assimilar a armadura. Primeiro, porque já conseguem reconhecer outros membros da sua linhagem, através do uniforme – a atitude, a postura (*die Haltung*): “(...) não podia mais nos bastar reconhecer a atitude um do outro. Não podia bastar ver que nós nos distinguíamos dos demais através dela [da atitude].”²⁸⁹ A atitude deles e de seus semelhantes, construída pela disciplina, é diferente da atitude das pessoas comuns. Além

²⁸⁷ “Zu allen Zeiten aber umschließt die Uniform einen Rüstungscharakter, einen Anspruch, gegen den Angriff des Schmerzes in besonderer Weise gepanzert zu sein.” (JÜNGER, 2015, p. 165)

²⁸⁸ “Die Macht muß groß sein, die ihn Anforderungen zu unterwerfen vermag, wie man sie an eine Maschine stellt. Dennoch wird der Blick vergebens nach Anhöhen suchen, die dem reinen Ordnungs- und Rüstungsvorgang überlegen und jedem Zweifel entzogen sind.” (JÜNGER, 2015, p. 190)

²⁸⁹ “(...) es konnte uns nicht mehr genügen, einander an der Haltung zu erkennen. Nicht genügen konnte es, zu sehen, daß wir uns durch sie [die Haltung] von den anderen unterschieden.” (*Die Geächteten*, p. 201)

disso, já estão dispostos a se submeterem como unidades vivas desse grande organismo totalitário:

Mas isso não podia significar nada além de ser radical também na pergunta, ou seja, até a *radix*, penetrar até a raiz. Com isso, nos subjugávamos à tirania da palavra, pois estávamos prontos para nos subjugar a qualquer tirania na qual pudéssemos nos tornar fortes. Kern disse: ‘A uma tirania não podemos nunca nos submeter: à econômica; pois como ela é completamente estranha à nossa essência, não podemos nos fortalecer sob ela.’²⁹⁰

A tirania econômica, na perspectiva de Salomon e Kern, está relacionada à subjetividade burguesa, em que cada indivíduo tem sua própria subjetividade e não são unidos pela mesma atitude. Por isso uma tirania econômica deixaria cada indivíduo como eles mais fraco. Na tirania daqueles que tem mesma postura, sua união os deixa mais fortes em conjunto, mas também no todo. Nessa visão de mundo, é natural que esse organismo funcione como um Estado militarista absoluto e controlador, que deve interferir inclusive nas ciências, de modo utilitarista, definido a partir da lógica da “lei da armadura”:

A livre pesquisa, porém, é impossível dentro de um estado cuja lei essencial deve ser compreendida como aquela da armadura [*Rüstung*], pois ela [a livre pesquisa] abre, como um cego, indiscriminadamente todas as portas de uma sala, na qual apenas a [porta] do poder [*Macht*] deve ser mantida aberta.²⁹¹

A “porta do poder” se refere às ciências que não possuem uma aplicação útil específica senão o domínio da natureza para o desenvolvimento da técnica bélica e o aprimoramento da armadura. As ciências humanas, que buscam compreender a mente do ser humano e suas formas de expressão e organização, certamente estariam, da forma como conhecemos, excluídas desse programa, a não ser para os fins de reforço daquele poder. Por isso, a couraça estaria vinculada às ciências exatas de forma geral, sintetizadas

²⁹⁰ “Das konnte aber nichts anderes bedeuten, als auch in der Frage radikal zu sein, das heißt, bis zur *radix*, bis zur Wurzel vorzudringen. Damit unterwarfen wir uns der Tyrannei des Wortes, wie wir ja bereit waren, uns jeder Tyrannei zu unterwerfen, in der wir stark werden konnten. Und Kern sagte: ‘Einer Tyrannei können wir uns niemals unterwerfen: der wirtschaftlichen; denn da sie unserem Wesen völlig fremd, können wir unter ihr nicht erstarken.’” (*Die Geächteten*, p. 210)

²⁹¹ “Die freie Forschung aber ist unmöglich innerhalb eines Zustandes, als dessen wesentliches Gesetz das der *Rüstung* begriffen werden muß, denn sie öffnet wie ein Blinder wahllos alle Tore in einem Raum, in dem nur das der *Macht* offengehalten werden soll.” (JÜNGER, 2015, p. 163)

na matemática, a mais exata das linguagens, que necessita de raciocínio e entendimento, não de interpretações:

É esclarecedor (...) que a couraça [*Panzer*], que, aliás, tanto no mundo orgânico quanto no mecânico possui uma relação secreta com a matemática, ressuscita em novas formas sobre todos os níveis do combate.²⁹²

Caso o leitor de Jünger ainda não tiver sido atingido pelo texto-projétil e não esteja, ainda, convencido de que deva instalar sua armadura por vontade própria e aderir a essa utopia distópica, resta o argumento final: queira ou não, a armadura é a única saída, já que a lógica capitalista, segundo Jünger, é predatória, não sustentável, o que inevitavelmente levará ao fim da civilização (há traços de Spengler nesse raciocínio) e com isso, apenas conseguirão sobreviver aqueles que possuem a armadura:

Na prática, resulta dessa constatação, para o indivíduo, a necessidade de participar, apesar de tudo, da armadura [*Rüstung*] – que ele aviste nela a preparação para a queda ou que ele acredite reconhecer, sobre algumas colinas, nas quais as cruces se corroeram e os palácios desmoronaram, aquela inquietação que costuma preceder a elevação de novos padrões de generais.²⁹³

Pela lógica de Jünger, somente duas situações finais são possíveis para o mundo tomado pelo sentimentalismo: o declínio, a decadência o fim da sociedade moderna burguesa capitalista, já que a economia da dor refreada e acumulada não se sustentaria por muito tempo e em algum momento essas dores acumuladas romperiam a barragem e arrastariam territórios inteiros; ou o erguimento de uma nova sociedade militar promissora sobre as ruínas da tradição cristã-imperial perdida. Em qualquer dos casos, é recomendável juntar-se à armadura: seja para não sofrer a dor intensa do fim do mundo

²⁹² “Aufschlußreich ist ferner, daß der Panzer, der übrigens sowohl in der organischen als auch in der mechanischen Welt eine geheime Beziehung zur Mathematik besitzt, auf allen Ebene des Kampfes in neuartigen Formen aufersteht.” (JÜNGER, 2015, p. 177)

²⁹³ “Praktisch ergibt sich aus dieser Feststellung für den Einzelnen die Notwendigkeit, sich trotz allem an der Rüstung zu beteiligen – sei es, daß er in ihr die Vorbereitung zum Untergang erblickt, sei es, daß er auf jenen Hügeln, auf denen die Kreuze verwittert und die Paläste verfallen sind, jene Unruhe zu erkennen glaubt, die der Errichtung neuer Feldherrnzeichen vorauszugehen pflegt” (JÜNGER, 2015, p. 191). Este é o último parágrafo do ensaio *Sobre a dor*. É difícil ler esse texto, junto com *Der Arbeiter* (O trabalhador) e *Die totale Mobilmachung* (A mobilização total) sem se deixar levar por um senso teleológico de apontá-lo como prenúncio do sistema totalitário nacional-socialista, que se instalava na Alemanha durante sua escrita (lembramos que o texto é de 1934, um ano após a ascensão de Hitler ao cargo de chanceler), pois são muitas as semelhanças com as práticas adotadas pelo partido nazista e seus seguidores.

como o conhecemos ou para tornar menos árdua a obrigação de se submeter ao totalitarismo que prevalecerá.

Há, evidentemente, entre os usos da metáfora a armadura por Elias e por Jünger, alguns pontos de convergência e outros discrepantes. Um dos fatores é que Elias elabora seu conceito tendo por base, principalmente, pessoas singulares que desenvolveram seus mecanismos de autocontrole para manter, pelo menos na aparência, uma convivência harmônica com outros membros da sua sociedade. A necessidade, nesse caso, era a contenção das emoções momentâneas para a performance convincente de uma determinada etiqueta. A seguir, ele analisa, entre escritores, artistas e intelectuais de modo geral, os efeitos de distanciamento desenvolvido a partir desse mecanismo de autocontrole, que viabilizaram a noção de questionamento do que é ou não real, tanto em sua percepção da natureza, quanto das emoções e do próprio pensamento, na medida em que a realidade externa não coincidia com sua realidade interna. No caso de Jünger, o maior expoente literário do movimento nacional-conservador, com formação militar e experiência na guerra, seu objetivo é o desenvolvimento da coragem para enfrentar situações de perigo, alegadamente, não por benefício próprio, mas por um ideal maior. Isso requer, justamente, um autocontrole para suportar a dor, da qual tendemos a fugir porque representa um perigo real. Isto é, é necessário desenvolver a autocoerção do instinto de sobrevivência que nos impele a escapar à dor infligida. Enquanto os membros da sociedade de corte desenvolveram um autocontrole para não demonstrar seus reais sentimentos, tendo em vista principalmente não agredir aos demais, o guerreiro desenvolveu um autocontrole para afastar o medo, especialmente o da morte. Então, se a armadura da sociedade de corte era pela convivência pacífica, a armadura do guerreiro é pela bravura.

Claro que a figura do guerreiro esteve presente nas mais diversas sociedades humanas ao longo da história e desde sempre foi necessário lutar pela vida. No entanto, no processo civilizador analisado por Elias, a nobreza guerreira havia trocado a armadura de combate pela armadura do autocontrole. O guerreiro do início do século XX já cresceu num mundo “civilizado” industrial e burguês e, conforme nota Elias, num momento de relaxamento de certas autocoerções compreendidas como desnecessárias para a boa convivência, mas mantendo o princípio da não-violência. O movimento de Jünger é pelo retorno à rotina de violência. A questão é que, na era das batalhas, a violência era também

a expressão de emoções intensas como a raiva, o ódio ou a fúria. Jünger almeja no ideal do Trabalhador o rosto inerte do autocontrole das emoções; ele deve, portanto, ajustar a armadura do autocontrole de todas as emoções, inclusive as mais intensas, relacionadas ao instinto de autopreservação, como o medo, o pavor, o terror, pois ele não deve temer a morte.

Assim como a armadura dos cortesãos, essa armadura do Trabalhador tem apego pela ordem hierárquica: na corte, para manter seus privilégios e tentar uma ascensão pelo prestígio adquirido junto as demais; para o Trabalhador, pela simples manutenção da ordem, orientada pela tradição e definida pela instância superior, o soberano. Isso tem como consequência a necessidade de coerção dos outros membros que porventura realizem um movimento inesperado. Afinal, a armadura é também um uniforme.

A armadura da corte, segundo Elias, causou o distanciamento entre os indivíduos, na medida em que o autocontrole das emoções diminuiu as interações espontâneas entre eles; nesse sentido, o Trabalhador também está distanciado dos demais, já que idealmente não deve sequer ter emoções. O autodistanciamento é evidente, já que o Trabalhador é um homem sem sentimentos e que deve se ver como a um objeto, conforme Jünger. Por outro lado, a armadura separou o indivíduo do exterior e o fez acreditar que tudo que passava por ela era uma ilusão; isso o levou à racionalidade através do questionamento da realidade; daí ele ser tomado pela incerteza, que o força à reflexão. O Trabalhador, ao contrário, é um indivíduo de certezas absolutas; ele deve internalizar uma determinada realidade inquestionável proveniente de uma camada superior e, a partir de então, com sua armadura, refutar qualquer interferência.

Voltando à teoria do sublime, Kant afirmava que ao observar a representação de poder terrível, somos capazes de sucumbir resistindo à natureza porque somos moralmente superiores a ela, de modo que nossa faculdade de juízo, como dinamicamente sublime, identifica um desafio a ser superado e ajuíza tal poder. Isso, no entanto, só é possível quando nos sentimos seguros diante da representação, pois numa situação real de perigo nossa faculdade de juízo fica inibida, pois “é impossível encontrar complacência em um terror que fosse tomado a sério” (KANT, 1993, p.107). Para exemplificar essa constatação, Kant dá o exemplo do arquétipo do guerreiro valente:

Pois, que é isto que, mesmo para o selvagem, é um objeto de máxima admiração? Um homem que não se apavora, que não teme a si, portanto, que

não cede ao perigo, mas ao mesmo tempo procede energicamente com inteira reflexão. Até no estado maximamente civilizado prevalece este apreço superior pelo guerreiro; só que ainda se exige, além disso, que ele ao mesmo tempo comprove possuir todas as virtudes da paz, mansidão, compaixão e mesmo o devido cuidado por sua própria pessoa; justamente porque nisso é conhecida a invencibilidade de seu ânimo pelo perigo (KANT, 1993, p.109)

O guerreiro ideal do tipo Trabalhador encaixa-se no perfil do “homem que não se apavora”, “não teme a si” e “não cede ao perigo”; no entanto, Jünger exclui de suas características a “inteira reflexão”, pois para ele não cabe ao indivíduo, singular, essa tarefa: como soldado, ele deve apenas obedecer instruções²⁹⁴, portanto amoral, e cumpri-las até o fim. Nessas condições, sua virtude é dada apenas pela coragem e pelo domínio da técnica. Não segue, voluntaria e necessariamente, “as virtudes da paz, mansidão, compaixão” e nem toma todo o “devido cuidado por sua própria pessoa”, se for a missão que lhe couber segundo o plano superior.

Schiller também ressalta, como já foi mencionado, que a experiência sublime requer o exercício da liberdade, ou seja, que o indivíduo seja, ao mesmo tempo, sensível e pensante, para poder emancipar-se contra as leis da natureza. Seu modelo de sublime prático está situado no plano das sensações, na medida em que uma situação de perigo ativa os impulsos de autoconservação ao mesmo tempo que o poder destrutivo da natureza, evidenciando nossa impotência, ainda assim não atua sobre nossa vontade e nos permite sentir independência e superioridade sobre a natureza, através da cultura “civilizatória”. O tipo Trabalhador é, sobretudo, insensível; além disso, sua vontade não é própria, nem independente. Sua intenção de domínio da natureza é pela técnica, não pela cultura (no sentido explicado por Elias em comparação com a civilização). Para Jünger, a cultura deve se tornar a própria técnica.

Kant considera, ainda, a possibilidade de que a guerra proporcione a experiência sublime através da superação diante dos perigos:

Mesmo a guerra, se é conduzida com ordem e sagrado respeito pelos direitos civis, tem em si algo de sublime e ao mesmo tempo torna a maneira de pensar do povo que a conduz assim tanto mais sublime quanto mais numerosos eram os perigos a que ele estava exposto e sob os quais tenha podido afirmar-se valentemente; já que contrariamente uma paz longa encarrega-se de fazer

²⁹⁴ É certo que Salomon descumpriu ordens superiores expressas de cessar-fogo e de não participar das batalhas por território, mas devemos ter em conta que ele estava cumprindo uma ordem primeira, que assimilou em sua formação: ser sempre leal ao Kaiser. Toda sua indisciplina posterior foi com a intenção de obedecer à ordem primeira.

prevalecer o mero espírito de comércio, com ele, porém, o baixo interesse pessoal, a covardia e moleza, e de humilhar a maneira de pensar do povo. (KANT, 1993, p.109)

Jünger poderia compartilhar dessa ideia, já que ele tanto considera virtuoso o indivíduo que enfrenta valentemente os perigos, quanto desdenha do “espírito do comércio” que carrega “covardia e moleza”. Contudo, Jünger despreza o “sagrado respeito pelos direitos civis”, construído no processo de civilização, que para ele não passa de mera tentativa, insustentável, de subtrair o domínio da dor:

Nessa situação [de uma era de segurança], perde-se, em atratividade, a concepção de que a dor seja um preconceito que possa ser decisivamente atingido pela razão. Essa concepção não é apenas um sinal de todas as forças que tem relação com o esclarecimento, ela também produziu uma longa série de medidas práticas e típicas de um século do espírito humano, como, para citar algumas, a abolição da tortura e do tráfico de escravos, a invenção do para-raios, a vacinação contra varíola, a anestesia, o setor de seguros e todo um universo do conforto técnico e político. Todos esses grandes dados do progresso são ainda reconhecidos por nós e, onde se debocha deles, isso acontece por efeito de um dandismo romântico, em que o espírito mais delicado se compraz, com satisfação, no meio de uma situação ilimitadamente democrática.²⁹⁵

Neste trecho, Jünger insinua que a dor, na sociedade moderna, é um “preconceito”, isto é, que ela recebe pelas pessoas um juízo de valor preconcebido como negativo. Podemos deduzir disso que ele considere que a dor possa ser, pelo menos em alguns casos, se não em todos, algo positivo. Já vimos, a partir da teoria do sublime, que a representação da dor e do sofrimento poder gerar um deleite. Mas Jünger não trata, nesse ensaio, da representação da dor, mas sim da dor real. Deixando de lado o que possa haver de masoquista nessa ideia, podemos imaginar que ele se refira ao sofrimento como algo edificante, conforme a velha máxima: “o que não mata, fortalece”. Podemos até pensar nessa ideia quando nos referimos ao esforço intenso que é necessário para se alcançar algum objetivo (“*no pain, no gain*”), ou no aprendizado para a vida que pode advir de

²⁹⁵ “*In dieser Lage [dem Zeitalter großer Sicherheit] verliert die Auffassung, daß der Schmerz ein Vorurteil sei, das durch die Vernunft entscheidend getroffen werden könne, an Anziehungskraft. Diese Auffassung ist nicht nur ein Kennzeichen aller Kräfte, die zur Aufklärung in Beziehung stehen, sondern sie hat auch eine lange Reihe praktischer und für ein Jahrhundert des menschlichen Geistes typischer Maßnahmen hervorgebracht, so, um einige zu nennen, die Abschaffung der Folter und des Sklavenhandels, die Erfindung des Blitzableiters, die Pockenimpfung, die Narkose, das Versicherungswesen und eine ganze Welt des technischen und politischen Komforts. All diese großen Daten des Fortschritts werden von uns noch anerkannt, und wo man sich etwa über sie belustigt, geschieht das aus einem romantischen Dandysmus heraus, in dem sich der feinere Geist inmitten eines uferlos demokratischen Zustandes gerne gefällt.*” (JÜNGER, 2015, p. 152-153)

certas situações sofríveis, como perdas, frustrações ou derrotas. Até aí, pode-se ter em vista um aspecto construtivo e instrutivo da dor. No entanto, ele cita como exemplos de “medidas práticas” criadas a partir desse “preconceito”, a abolição da tortura e da escravidão. Não existe nenhum aspecto positivo na tortura e na escravidão para quem é torturado ou escravizado, pois essas são situações em que o ser humano, completamente destituído do poder de vontade, perde o seu caráter humano, sua *bios* é reduzida a *zoé*., ele se torna um *homo sacer*. Jünger coloca ainda essas práticas hoje inaceitáveis, mesmo que continuem sendo exercidas na ilegalidade, ao lado de itens de naturezas diversas cuja função em comum é evitar um sofrimento, desde a anestesia, que evita a dor em procedimentos cirúrgicos que seriam insuportáveis ou mesmo ineficazes sem ela, e a vacina antivariólica, que evita tanto o adoecimento e o padecimento de indivíduos (especialmente crianças, cujo sistema imunológico é mais frágil) quanto o controle de epidemias, até o para-raios, uma invenção técnica que evita descargas elétricas extremas em edifícios, o que pode salvar vidas, e as seguradoras, instituições financeiras que garantem o pagamento de custos exorbitantes em caso de acidentes de ordem geral, evitando a penúria em casos imprevistos ou mesmo o tratamento de enfermidades quando não há a oferta pública de sistema de saúde. Jünger lamenta a diminuição do sofrimento através do progresso científico e político-social, pois com isso as pessoas perdem oportunidades de demonstrar resistência à dor.

A armadura do Trabalhador, portanto, tem um caráter reforçado de controle dos impulsos e emoções na medida em que coíbe mesmo as sensações de dor e perigo. Isso torna os indivíduos desse tipo ideal extremamente insensíveis, inclusive – ou principalmente – na dor do outro.

4.3.4. A armadura nacional-conservadora

Para demonstrar que a relação com a dor muda conforme a época, Jünger cita alguns exemplos de extremo desapego à vida. Um deles é um general japonês chamado Nogi, que recebeu com profunda satisfação a notícia de que o filho havia morrido em combate. Outro exemplo é de mães, de comunidades germânicas, que matavam seus

filhos e se suicidavam para evitar o ataque brutal de invasores. Além desses, chama a atenção para o nosso estudo a história do jovem Orígenes Adamantius:

O que significa, então, o crescimento da sensibilidade, como se pode observar há mais de cento e cinquenta anos? Tentamos, em vão, nos deslocar para um mundo em que Orígenes, aos dezessete anos, pudesse suplicar a seu pai encarcerado que não abdicasse, por consideração a sua família, do martírio, ou em que, após um forte de carros [*Wagenburg*] germânico ser tomado de assalto, as mulheres primeiro matassem seus filhos e depois a si mesmas, como era parte dos espetáculos habituais.²⁹⁶

Orígenes (nascido provavelmente em Alexandria em 202 d.C) foi educado desde a infância na fé cristã pelo pai, Leônidas. Este, por sua vez, foi perseguido durante o império de Septímio Severo, acusado de proselitismo religioso. Preso e condenado à decapitação, cogitou abdicar de sua crença no cristianismo para não deixar a família na miséria. Orígenes, extremamente fiel, planejava entregar-se também ao martírio para também sacrificar-se por sua fé. Só não o fez porque sua mãe conseguiu malograr seus planos através de alguma astúcia. De qualquer modo, escreveu ao pai uma carta implorando que se mantivesse firme na confissão do cristianismo, sem levar em conta a sua família. Após a execução, seus bens foram confiscados e, por isso, Orígenes seguiu uma longa vida de ascese estrita e de estudo da Bíblia, produzindo uma vasta obra na qual procurou conciliar a doutrina cristã à filosofia platônica, motivo pelo qual foi, aos 69 anos, também condenado à morte como herege. Sua alcunha era *Adamantius* (Αδαμάντιος), que significa, em grego antigo, “feito de aço”, e foi atribuída provavelmente pelos autores de sua apologia, Pânfilo e Rufino, devido ao caráter indestrutível de suas argumentações (BARDENHEWER, 2018, pp. 105-107). O motivo do apelido não tem relação direta com o “aceramento” proposto por Jünger, ou seja, a formação da couraça no corpo para fortalecer a resistência à dor²⁹⁷. Ainda assim, é uma coincidência que diz muito, pois Orígenes coloca sua fé acima da vida do pai e da própria vida. Também porque sua formação cristã foi inculcada de tal modo que ele criou uma armadura de fé que o manteve intransponível para o resto da vida e resistente o suficiente

²⁹⁶ “*Was bedeutet denn eigentlich das Anwachsen der Empfindsamkeit, wie es seit über hundertfünfzig Jahren zu beobachten ist? Wir versuchen vergeblich uns in eine Welt zu versetzen, in der der siebzehnjährige Origenes seinen gefangenen Vater beschwören konnte, nicht etwa auf Rücksicht auf seine Familie vom Martyrium abzustehen, oder in der, wie es nach Erstürmung einer germanischen Wagenburg zu den gewöhnlichen Schauspielen gehörte, die Frauen zuerst ihre Kinder und dann sich selbst umbrachten.*” (JÜNGER, 2015, p. 158)

²⁹⁷ Jünger valoriza a resistência à dor no âmbito cultural (ascese) tanto quanto no militar.

para que suas argumentações vencessem os adversários, pelo menos no ponto de vista de seus apologistas. É esse tipo de “herói” que Jünger vangloria: alguém que abre mão da própria vida ou de membros queridos da própria família para manter-se fiel a uma ideia. A vida e as relações com outras pessoas ficam em segundo plano, desde que a verdade internalizada dentro da couraça de aço não seja atingida.

Em oposição aos indivíduos “acerados”, Jünger critica o homem moderno que busca meios seguros de sentir dor para suprir a necessidade, que ele considera inata, de senti-la, em especial as salas de cinema, uma invenção então recente que rapidamente se tornou hábito de entretenimento entre a classe média urbana. A esse respeito, Jünger afirma:

Como a progressiva objetificação cresce a medida de dor que pode ser suportada. Quase parece que o ser humano possui uma ânsia de criar um espaço no qual a dor, e num sentido totalmente diferente de há pouco, a dor possa ser observada como ilusão.²⁹⁸

Elias, por sua vez, considera que a incorporação da armadura cria condições para novos hábitos na sociedade de corte por aqueles membros provenientes da antiga nobreza, que se viram proibidos de exercer certas atividades que passaram a ser consideradas grosseiras: “A obrigação da autocoerção os torna sensíveis a novos divertimentos e prazeres, novos enriquecimentos e refinamentos, ou seja, novos valores junto com novas opressões e perigos. Em todo caso, a autocoerção se torna para eles um valor pessoal elevado” (ELIAS, 2001, p. 243).

Uma desses novos prazeres é a literatura, que passou a ser produzida também por representantes da antiga nobreza. Para ilustrar esse fenômeno, Elias analisa a obra *Astréia* (*L’Astrée*), de Honoré d’Urfé, um livro de muito sucesso publicado no início do século XVII. O livro retrata a nostalgia da nobreza feudal que migrava aos poucos para a aristocracia de corte, deixando a vida de batalhas para entrar no mundo sentimental. A estrutura social da realidade é transferida para o mundo mimético fantasioso do livro, de modo que categorias sociais da ficção estejam nitidamente reconhecíveis no mundo exterior. O protagonista, que pertence a uma classe equivalente à baixa nobreza rural,

²⁹⁸ “Mit der fortschreitenden Vergegenständlichung wächst das Maß an Schmerz, das ertragen werden kann. Es scheint fast, als ob der Mensch ein Bestreben besäße, einen Raum zu schaffen, in dem der Schmerz, und zwar in einem ganz anderen Sinne als noch vor kurzem, als Illusion betrachtet werden kann.” (JÜNGER, 2015, pp. 183-184)

valoriza, de modo idealizado, a vida simples no campo, autêntica e inocente, onde pastores e pastoras possuem as virtudes mais nobres e estimam o amor autêntico, monogâmico; em oposição está a classe das ninfas, uma camada superior, equivalente à corte, que possui poder, mas é moralmente condenável – inclusive porque as ninfas são sedutoras voluptuosas. O autor d’Urfé pertencia à nobreza provinciana, derrotada por Henrique IV, no período em que o governo central se fortalecia, em detrimento da aristocracia local. D’Urfé lutou nas guerras civis até se exilar e se tornou escritor no tempo em que o rei pacificava a França sob sua espada. Fazia parte dos homens que foram vencidos, mas que estavam cansados de guerra. Erudito, encontrou na literatura uma forma de expressar seus valores e ideais, em “seus sonhos e devaneios”.

Não é raro que a arte sirva como um enclave social onde os derrotados políticos ou os excluídos das ações políticas podem se refugiar. Em seus devaneios eles estão livres para perseguir seus próprios ideais, mesmo quando a dura realidade impede que sejam vitoriosos. (ELIAS, 2001, p. 249)

Nesse ponto, tem algo em comum com Salomon: ambos se sentem “excluídos das ações políticas”. Também Salomon demonstra a nostalgia de um passado idealizado, justamente a do tempo dessa nobreza guerreira, em que os guerreiros disfrutavam de grande prestígio social e os valores da tradição mantinham a ligação afetiva entre aqueles que lutavam e o resto da sociedade.

(...) embora d’Urfé deponha a espada (como muitos outros participantes das guerras civis que haviam lutado em vão contra aquele eu viria a ser rei, o indivíduo do centro da corte, e algumas vezes também contra o poder crescente do soberano), e crie, para as pessoas cansadas da guerra, uma imagem onírica da vida pacífica e simples dos pastores mesmo assim ele dá continuidade à luta, no plano ideológico e com armas ideológicas. (ELIAS, 2001, p. 257)

Assim como d’Urfé, Salomon permaneceu na batalha real o quanto pôde, mesmo depois do acordo do armistício e das ordens expressas de cessar-fogo pelas camadas superiores do exército e a despeito da opinião pública. Pois seus inimigos, a saber, comunistas, socialistas e burgueses, disputavam o poder no país, com hegemonia momentânea desses últimos. Afinal, sua intenção era proteger a nação – fosse contra forças externas nas fronteiras ou contra forças internas que rejeitassem a restituição do império. Com efeito, lutou enquanto havia condições materiais – armas, munição, alimentos – para lutar. Na medida em que não havia mais essas condições e poucos eram

o soldados sobreviventes, permaneceu na luta através das atividades clandestinas da *Organisation Consul*. Só depois de ser preso é que se convenceu de que a luta armada não era o caminho certo e, a partir daí, transferiu seu esforço para o plano ideológico, através da literatura, como uma forma de sublimação daquela energia vital destrutiva.

Como vimos, à medida que o processo civilizador exigiu a autocoerção e o autocontrole para a conquista de objetivos pessoais, acabou por desenvolver também o impulso de autodistanciamento que reforçou a cisão entre as noções de realidade e ilusão. Isso possibilitou a capacidade cada vez mais eficiente de perceber e controlar o mundo objetivo, ao mesmo tempo em quebrava a ligação afetiva entre as pessoas e seu ambiente, que era essencial para a manutenção da tradição. Enquanto o conhecimento das coisas se tornava mais preciso, as percepções de si mesmo pelo indivíduo ficavam mais confusas. Com o forte controle das emoções, as pessoas deixam de experimentar coisas e situações como antes, por isso perdem aquela base emocional. Tornava-se cada vez mais difícil acreditar que as coisas não eram uma ilusão. Assim, criou-se uma resistência em aceitar como verdade aquilo que penetrava a armadura, esse mecanismo de autocontrole profundamente enraizado nos indivíduos. Desse modo, a armadura fez com que esses indivíduos se sentissem separados do resto do mundo:

Tal questionamento está ligado, na verdade, a um desenvolvimento dos mecanismos específicos de autocontrole profundamente enraizados nos homens [*Menschen*], a armadura [*Panzerung*] que os faz sentir que, em sua couraça [*Panzer*], vivem isolados do resto do mundo, numa gaiola: não são capazes de se convencer de que as coisas que atravessam tal couraça não são aparições, algo inventado ou adicionado por ele mesmos. É preciso atingir o estágio seguinte de consciência para perceber sua couraça [*Panzer*], para compreender sua natureza, para constatar que ela se constitui no estágio precedente, para reconhecer seus limites e dar, assim, um passo para solucionar o problema de modo convincente. (ELIAS, 2001, p. 252)²⁹⁹

Klaus Theweleit, em *Männerphantasien* (Fantasias masculinas), faz uma extensa pesquisa sobre a masculinidade de soldados dos *Freikorps* a partir de seus textos literários e relatos privados. Partindo do diagnóstico de Elias, Theweleit elabora a ideia de que o

²⁹⁹ “Diese ganze Problemstellung hängt in der Tat mit einer spezifischen Entwicklung der tief in die Menschen eingebauten Selbstkontrollen zusammen, der Panzerung, die sie fühlen läßt, daß sie in ihrem Panzer sozusagen getrennt von dem Rest der Welt existieren, so daß sie nicht in der Lage sind, sich selbst in überzeugender Weise Rechenschaft davon zu geben, daß dasjenige, was durch ihren Panzer zu ihnen hindurchdringt, nicht ein Scheinbild, nicht ihre eigene Erfindung oder Zutat und in diesem Sinne unwirklich ist.” (ELIAS, 1969, p. 371)

desenvolvimento dessa divisão interna do Eu concede novas oportunidades para os homens que detêm o poder, através da estratégia de “dividir para conquistar”, que se materializou na dominação de territórios (imperialismo e colonialismo), das mulheres (de acordo com a divisão sexual do trabalho já existente) e de outras raças (segregação, escravidão, expulsão, genocídios).

Isso vale acentuadamente para o homem da elite social, em quem primeiro se desenvolveu a forma do “eu”, que é requisito dessa divisão. Mas dividir esse “eu” em si mesmo requer a consolidação social da divisão dos sexos, pois esse “eu” só se deixa revelar a partir do impedimento de uma possível igualdade de corpos que se misturem (...).³⁰⁰

Assim, a potencial mistura de corpos que se tornaram tão divergentes provoca uma ameaça à constituição do “eu” que está internamente dividido e por isso cria uma confusão sobre o estado em que o sujeito se encontra. Vimos que o personagem Salomon se mostrava desconfortável nas interações amorosas. Theweleit acredita que essa crescente oposição entre “interior” e “exterior” teria potencialmente levado ao *double-bind*. Esse conceito foi criado por Gregory Bateson em parceria com outros pesquisadores³⁰¹ multidisciplinares da esquizofrenia – uma patologia caracterizada justamente por uma descontinuidade entre realidade do paciente e a realidade externa. O *double-bind* é uma situação conflituosa recorrente em que uma pessoa se encontra simultaneamente sujeita a duas injunções contrárias uma à outra em diferentes níveis de abstração e ambas são apreendidas como inevitáveis. Além disso, a pessoa é incapaz de se manifestar metalinguisticamente, ou seja, ela não consegue comentar sobre as demandas para discernir que tipo de mensagem deve responder; desse modo, ela não pode perceber tal contradição e, por consequência, está inapta a estabelecer uma postura crítica em relação à natureza dessas mensagens. Ou, como Bateson et al. expressam na introdução ao artigo: “não interessa o que a pessoa faz, ela ‘não pode vencer’” (BATESON et al, 1956, p. 251).

³⁰⁰ “Das gilt verstärkt für den Mann der gesellschaftlichen Elite, bei dem sich die Form des ‘Ich’, die Voraussetzung dieser Spaltung ist, zuerst entwickelt. Dieses ‘Ich’ in sich selbst zu spalten, setzt aber voraus die gesellschaftliche Zementierung der Spaltung der Geschlechter, weil dieses ‘Ich’ sich aus der Verhinderung einer möglichen Gleichheit sich vermischender Leiber überhaupt erst herauschälen ließ; das hat Elias (und das haben auch andere Geschichtsschreiber) nicht wahrgenommen.” (THEWELEIT, 1980a, p. 340)

³⁰¹ Gregory Bateson, Don D. Jackson, Jay Haley, and John Weakland.

Theweleit defende a ideia de que, devido à nova divisibilidade dos indivíduos, uma série de *double-binds* ficaram arraigados dentro da estrutura de dominação da sociedade patriarcal capitalista (THEWELEIT, 1980a, p. 341). Ele nota, por exemplo, que no relacionamento amoroso do romance *Astreia*, analisado por Elias, existe uma série de situações de *double-bind* causadas pelo “jogo de amor” entre as duas pessoas cujos mecanismos de autocontrole são altamente individualizados e diferenciados, de modo que não só as máscaras de suas emoções são meio involuntárias e meio deliberadas, mas também assim é a percepção recíproca das máscaras do outro: não é possível saber quão genuínos e quão confiáveis são os sentimentos que a outra pessoa aparenta. (ELIAS, 2001, p. 258). A incerteza sobre esses sentimentos torna a confiança um elemento central dos relacionamentos entre homens e mulheres. Essa situação acaba formando uma espécie de “armadilha da relação”: é preciso acreditar nos próprios sentimentos, mas não se sabe como reconhecê-los, nem a quem pertencem. (THEWELEIT, 1980a, p. 342).

Segundo Theweleit, esse elemento divisor cria um potencial para a dominação masculina, já que historicamente o homem tende a acreditar que a mulher não é uma pessoa autônoma, mas sim uma parte do próprio masculino que foi retirada dele e agora precisa ser reincorporada; ela é, ao mesmo tempo, um *medium* para os desejos do homem e nome do objeto desejado. Na união do casal, a mulher é transportada para um horizonte distante, pois jura no altar ser submissa e, portanto, aceita sem participar das decisões.

No exemplo do “romance” entre o homem e a mulher dentro do romance *Astreia*, o sentimento de confiança na fidelidade entre as duas pessoas é central. Porém, essa relação se baseia no sentimento de posse do homem sobre a mulher. Essas duas características representam o tipo de dinâmica nas relações amorosas durante os séculos XVII e XVIII (e que ainda hoje persiste na nossa cultura). Segundo Theweleit, nesse período houve uma crescente sexualização da mulher burguesa, um fenômeno que se manifesta como resistência às forças revolucionárias burguesas: os homens da alta burguesia aceitavam mulheres da nobreza para abdicar de sua ânsia pelo poder político; as mulheres burguesas passaram a imitar as mulheres nobres nas atividades de entretenimento e nas roupas elegantes (e provocantes); famílias mais pobres passaram a criar suas filhas dentro de um ideal de beleza e sensualidade para encontrarem maridos de classes mais altas, que preferiam evitar as mulheres de sua mesma classe, que poderiam reivindicariam a igualdade na relação. Assim, com o sacrifício dessas mulheres, o homem

burguês recebe seu quinhão de poder e renuncia à revolução: “Na relação que aqui surge, é produzida uma realidade caracterizada pela sexualidade como valor de mercado, pelo amor como técnica e pela instalação do adultério como consequência lógica da falta de relacionamento amoroso dos casados.”³⁰² A produção literária dessa época abunda de aventuras amorosas e de enaltecimento da figura feminina, que logo se torna uma monstruosidade ingrata, reduzida à vagina, que não merece o tremendo sacrifício do homem apaixonado (THEWELEIT, 1980a, p. 344-363). Em resposta a essa sexualização, o classicismo alemão traz uma nova moralidade e uma idealização da mulher; contribui para isso o fortalecimento da burguesia, que agora ataca a nobreza não em sua hegemonia política, mas por sua prática imoral e perversa da liberdade. A luta de classes é então representada através de histórias de amor: as heroínas, mulheres burguesas idealizadas, ou eram mortas para não serem deturpadas pelos nobres imundos ou permaneciam moralmente superiores na condição de esposas resignadas que suportavam dignamente a paixão de seus maridos pelas esposas dos nobres a quem eles prestavam serviços. (THEWELEIT, 1980a, p. 366). Para esse homem “impotente”, sem prestígio social, a mulher burguesa idealizada é colocada num pedestal, inalcançável.

(...) mas isso é um constructo: a mulher não é inalcançável apenas porque ela foi sacrificada. Daí vem a sublimação, que é um tipo de domínio do homem sobre a terra, a mulher e seus próprios afetos. Esse sacrifício não é necessário para que a cultura surja, mas é necessário para que o homem permaneça soberano.³⁰³

O corpo da mulher se torna, por assim dizer, mecanizado para função de esposa afável diante da sociedade, sensual na intimidade e, acima de tudo, submissa ao marido. Além do mais, essa mulher está sujeita à obsolescência, já que a partir de certa idade seu corpo não serve mais para a posição de objeto desejável. As que fogem ao perfil ideal, seja por falarem demais, por serem eróticas demais, em suma, por reivindicarem algum poder, tornam-se demônios que querem destruir com seus fluxos torrenciais a armadura

³⁰² “*In dem Verhältnis, das hier entsteht, wird eine Realität produziert, die gekennzeichnet ist durch Sexualität als Marktwert, Liebe als Technik, Installierung des Liebhaberwesens als logische Folge der Beziehungslosigkeit der Verhehlchten.*” (THEWELEIT, 1980a, p. 358)

³⁰³ “*(...) aber es ist eine Konstruktion: die Frau ist nur deshalb nicht erreichbar, weil sie geopfert wird. Daher kommt die Sublimation, das ist eine Art der Herrschaft des Mannes über die Erde, die Frau und seine eigenen Affekte. Nicht, damit Kultur entstehe, ist dieses Opfer nötig, nötig aber ist es, damit Männer Herrscher bleiben.*” (THEWELEIT, 1980a, p. 368)

– esse é o exemplo das operárias que provocavam o terror no soldado Salomon. Segundo Theweleit, é essa a imagem da mulher que prevalece na literatura do final do século XIX:

Não quero insinuar o absurdo de considerar os românticos como precursores intelectuais do fascismo – tal coisa não existe. Ninguém que se torne fascista se orienta por algo que foi pensado ou escrito antes – ele se torna a partir de suas próprias circunstâncias. Mas alguns textos do romantismo mostram uma reação ao processo de represamento dos fluxos pela sociedade capitalista-patriarcal do início do século XIX, que pode ajudar a entender melhor a reação dos fascistas do século XX à armadura que lhes é inculcada. (...) O terror romântico é pensado, a consciência triunfa (de Sade, Byron, Shelley, Maturin). Seu “ser malvado” é intenção, cálculo. Mas o fascista, que desperta do êxtase de destruição, não queria (...), na verdade, ser mau.³⁰⁴

À medida que os corpos foram sendo isolados um do outro (entre os sexos) e de si mesmos (interior e exterior), a conexão com os objetos foi se quebrando. O objeto de amor, afastado dos homens e desvirtuado, se dissolveu em um conceito abrangente e ameaçador: a feminilidade – não apenas a figura feminina, mas tudo o que causasse a sensação de algo que destruí-los, desde um turbilhão interno de emoções até uma inundação vermelha (comunista). (THEWELEIT, 1980a, p. 376). Isso pode explicar o desconforto do personagem durante o contato amoroso com as mulheres, bem como a rejeição que ele tinha por aquelas que encontrou depois que saiu da prisão.

Claro que essa teoria é contextualizada na sociedade profundamente patriarcal do início do século XX. Já houve até a atualidade muitos avanços, mas ainda encontramos muitos resquícios desse tipo de relação e há, ainda, muito a ser feito para diminuir essa diferença de papéis e alcançarmos uma igualdade de fato entre os gêneros.

4.3.5. A armadura na psicanálise

O homem que não tem medo satisfaz suas fortes necessidades libidinais até mesmo sob risco de

³⁰⁴ “*Ich will nicht auf den Unsinn hinaus, es handle sich bei den Romantikern um geistige Vorläufer des Faschismus – solche gibt es nicht. Niemand, der Faschist wird, orientiert sich an etwas, was früher gedacht oder geschrieben worden ist – er wird es aus seiner eigenen Lage heraus. Aber manche Texte der Romantik zeigen eine Reaktion auf den Vorgang der Eindämmung der Flüsse durch die kapitalistisch-patriarchalische Gesellschaft des frühen 19. Jahrhunderts, die helfen kann, die Reaktion der Faschisten des 20. Jahrhunderts auf den Panzer, der ihnen adressiert wird, besser zu verstehen. (...) Der romantische Terror wird gedacht, das Bewußtsein triumphiert (de Sade, Byron, Shelley, Maturin). Ihr ‘Böse-sein’ ist Absicht, Kalkül. Der Faschist, der aus dem Zerstörungsrausch erwacht, wollte aber (...) nicht eigentlich böse sein.*” (THEWELEIT, 1980a, p. 375)

ostracismo social. (Wilhelm Reich, *Análise do Caráter*)

Em *O processo civilizador*, ao fazer considerações sobre as mudanças nas relações entre os sexos durante, Elias aborda a questão da crescente repressão sexual na sociedade europeia, no que fica inevitável uma aproximação com a teoria freudiana, principalmente na relação evidente entre o conceito de autocontrole e a instância do Super-eu:

(...) com o avanço da civilização a vida dos seres humanos fica cada vez mais dividida entre uma esfera íntima e uma pública, entre comportamento secreto e público. E esta divisão é aceita como tão natural, torna-se um hábito tão compulsivo, que mal é percebida pela consciência. Juntamente com essa crescente divisão do comportamento no que é e não e publicamente permitido, a estrutura da personalidade também se transforma. As proibições apoiadas em sanções sociais reproduzem-se no indivíduo como formas de autocontrole. A pressão para restringir seus impulsos e a vergonha sociogenética que os cerca - estes são transformados tão completamente em hábitos que não podemos resistir a eles mesmo quando estamos sozinhos na esfera privada. Impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres, sentimentos socialmente gerados de vergonha e repugnância. entram em luta no interior do indivíduo. (ELIAS, 1994, pp. 188-189)

Elias utiliza noções comuns da teoria freudiana como “consciência”, “compulsão” e “impulsos” que operam “no interior do indivíduo. Ao longo do livro, ele chega a usar algumas vezes o termo “superego” (na tradução de Jungmann) para explicar sua atuação no autocontrole. No entanto, esse é o único momento em que ele cita expressamente o nome de Freud e “traduz” seus próprios conceitos na terminologia psicanalítica:

Este, conforme já apontamos, é o estado de coisas que Freud tenta descrever através de conceitos como “superego” e “inconsciente” ou, como se diz não sem razões na fala diária, como “subconsciente”. Mas, como quer que seja expresso, o código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano, desta ou daquela forma, que se torna elemento constituinte do indivíduo. E este elemento, o superego, tal como a estrutura da personalidade do indivíduo como um todo, necessária e constantemente muda com o código social de comportamento e a estrutura da sociedade. A acentuada divisão do “ego”, ou consciência, característica do homem em nossa fase de civilização, que encontra expressão em termos como “superego” e “inconsciente”, corresponde à cisão específica no comportamento que a sociedade civilizada exige de seus membros. É igual ao grau de regulamentação e restrição impostas à expressão de necessidades profundas e impulsos. (ELIAS, 1994, pp. 189)

Elias ressalta, no entanto, que o objeto da teoria psicanalítica – e, por conseguinte, sua forma e conteúdo, tal como se apresentam – não são modelos universais da

humanidade, mas sim resultados pontuais do processo histórico, localizado geograficamente, que ele analisa:

Tendências nessa direção podem se desenvolver sob qualquer forma na sociedade humana, mesmo naquelas que chamamos de “primitivas”. Mas a força adquirida em sociedades como a nossa por essa diferenciação, e a forma como ela aparece, são reflexo de um desenvolvimento histórico particular, são resultado de um processo civilizador. É isso o que temos em mente quando nos referimos aqui à constante correspondência entre a estrutura social e a estrutura da personalidade, do ser individual. (ELIAS, 1994, pp. 189)

Ainda assim, em uma nota no fim do primeiro volume, ele deixa patente a influência que a teoria psicanalítica teve na formulação de seu modelo de escrita da história a partir das condições psicológicas dos indivíduos condicionadas por suas posições sociais dentro de cada período, ao mesmo tempo que procura manter uma distância respeitosa:

Neste particular, dificilmente precisa ser dito, mas talvez valha a pena enfatizar explicitamente, o quanto este estudo deve às descobertas de Freud e da escola psicanalítica. As ligações são óbvias a todos os familiarizados com os escritos psicanalíticos, e não nos pareceu necessário mencioná-los em determinados exemplos, especialmente porque isto não poderia ter sido feito sem longas ressalvas. Tampouco as diferenças, que não são pequenas, entre todo o enfoque de Freud e o adotado neste estudo foram explicitamente enfatizadas, sobretudo porque os dois poderiam, talvez, após alguma discussão, ser conciliados sem excessiva dificuldade. Pareceu-nos mais importante construir uma perspectiva intelectual especial com toda clareza possível, sem nos desviar para discussões a cada volta da estrada. (ELIAS, 1994, pp. 263)

Portanto, Elias utiliza, em seu modelo de escrita da história, conceitos da teoria psicanalítica, porém apenas através de uma abordagem desses conceitos, evitando, na medida do possível, a terminologia da área e sem citar qualquer obra ou autor específico no texto principal. Nesse panorama, o conceito de “couraça/armadura” (*Panzer/Rüstung*), no entanto, chama a atenção. Elias utilizou este termo já em *A Sociedade de corte*, uma obra concluída em 1933 como tese de habilitação, mas cuja publicação teve que ser adiada por décadas devido ao exílio de Elias, que era de família judaica, após a ascensão dos nacional-socialistas ao poder³⁰⁵. Como conceito psicanalítico, o termo *Panzer* aparece

³⁰⁵ Conforme Roger Chartier menciona no prefácio da edição aqui utilizada como referência.

pela primeira vez numa obra de Wilhelm Reich, *Análise do caráter* (*Charakteranalyse*), também de 1933³⁰⁶.

Reich, uma figura controversa na história da psicanálise³⁰⁷, explica que o método da psicanálise se baseia nos sinais de “resistência” do paciente como chave para a identificação da origem de suas neuroses. A “regra básica” da psicanálise prevê “a eliminação do censor e a entrada em cena da ‘livre associação de pensamentos’” (REICH, 18). A resistência se manifesta no contra-investimento do Eu à força dos impulsos e desejos inconscientes que pressionam em direção à ação e à consciência. Geralmente, esses sinais não apresentam racionalizações completas e plausíveis. Reich percebeu que muitos de seus pacientes tentavam dissimular as resistências ou explicá-las racionalmente como parte de seu caráter inato:

Ouvimos dizer freqüentemente: “É assim mesmo que eu sou”. Isso implica que a pessoa em questão nasceu do modo como se apresenta, simplesmente não pode se comportar de outra maneira - que aquele é o seu caráter. Contudo, isso não se adequa aos fatos, pois a análise de seu desenvolvimento mostra que o caráter teve de se tornar o que é, e não outro qualquer, por motivos muito específicos. Fundamentalmente, portanto, ele é passível de análise e de mudança, exatamente como o sintoma. Às vezes, os sintomas se tornam tão entranhados na personalidade que parecem traços de caráter. (REICH, 1998, p. 55)

Reich menciona que Freud já havia cogitado essa relação em *Caráter e erotismo anal* (*Charakter und Analerotik*, de 1908):

No período que podemos designar como de “latência sexual”, do quinto ano completo às primeiras manifestações da puberdade (por volta dos onze anos), são criadas na vida psíquica, até mesmo à custa das excitações trazidas pelas zonas erógenas, formações reativas ou forças contrárias como vergonha, nojo

³⁰⁶ É pouco provável que Elias conhecesse a publicação de Reich até então, a não ser que acompanhasse também os congressos de psicanálise nos quais o psicanalista pudesse ter apresentado sua teoria de formação do caráter. Curiosamente, o texto de Jünger, *Sobre a dor*, é de 1934 – apesar de desprezar a psicanálise, ele especula sobre questões que são objeto de estudo dessa área. Assim, a metáfora de uma proteção psíquica contra afetos externos foi pensada quase concomitantemente pelos três intelectuais, o que demonstra que esse problema do comportamento do homem moderno (pelo menos o europeu) permeava diferentes vertentes do pensamento (europeu).

³⁰⁷ Reich foi um promissor discípulo de Freud que defendia a liberação sexual como forma de diminuir as neuroses da sociedade calcada na repressão sexual. Suas ideias eram demasiado escandalosas para a época e, no mesmo período, começou a militar pelo comunismo. Foi expulso da IPA em 1934 e criou um método de tratamento para que seus pacientes conseguissem se liberar para o orgasmo. Nos Estados Unidos, foi acusado de ferir a ética médica ao estabelecer relações sexuais com pacientes. Inventou a teoria dos orgones, espécie de partículas de energia disponível no ambiente que são acumuladas no corpo e liberadas durante o orgasmo, e até uma máquina orgônica, uma cabine na qual os pacientes poderiam fazer a terapia. Depois de muito tempo no ostracismo, suas obras da juventude, especialmente a *Psicologia de Massas do Fascismo* (1938), voltaram a ser lidas com seriedade.

e moral, que se opõem como barragens à atividade posterior dos instintos sexuais. Como o erotismo anal se inclui entre os componentes do instinto que no curso do desenvolvimento, e conforme a educação exigida em nossa cultura, tornaram-se inutilizáveis para fins sexuais, não seria despropositado reconhecer, nos traços de caráter dos que foram erótico-anais – preocupação com a ordem, parcimônia e obstinação – os resultados primeiros e mais constantes da sublimação do erotismo anal. (...) De todo modo é possível deixar uma fórmula de como o caráter definitivo se constrói a partir dos instintos formadores: os traços de caráter que permanecem são continuações inalteradas dos instintos originais, sublimações deles ou formações reativas a eles. (FREUD, 2015, p. 352-354)

Nota-se uma grande semelhança desse processo com a formação do sistema de autocoerções e autocontrole que Elias descreve no processo civilizador, pois ele também afirma que noções como “vergonha”, “nojo” e “moral”, entre outras, possuem valores que se transformaram na sociedade europeia ao longo do tempo e que modificaram a estrutura psíquica dos indivíduos.

Uma vez que o caráter é moldado e não fixo, Reich deduz que ele representa uma forma de defesa do Eu contra o ambiente e é construído a partir da memória resultante da economia libidinal no conjunto de experiências passadas:

A totalidade dos traços de caráter neuróticos manifesta-se na análise como um compacto mecanismo de defesa contra nossos esforços terapêuticos, e quando remontamos analiticamente à origem dessa “couraça” de caráter vemos que ela tem, também, uma função econômica definida. Tal couraça serve, por um lado, de proteção contra os estímulos externos e, por outro, consegue ser um meio de obter controle sobre a libido, que está continuamente pressionando desde o id, pois a energia libidinal e sádica é gasta nas formações reativas neuróticas, nas compensações etc. A angústia está sendo continuamente ligada nos processos que estão na base da formação e preservação dessa couraça, da mesma maneira que, segundo a descrição de Freud, ela é ligada nos sintomas compulsivos. (REICH, 1998, pp. 56-57)

Assim, a couraça funciona, ao mesmo tempo, como defesa externa (controle da reação aos estímulos de fora) e interna (controle das próprias pulsões). Seu caráter compulsivo é revelado na relativa constância dos traços de caráter, isto é, na repetição do comportamento do indivíduo diante de situações diversas.

A couraça do caráter é a expressão concreta da defesa narcísica cronicamente implantada na estrutura psíquica. Além das resistências conhecidas, que são mobilizadas contra cada nova peça de material inconsciente, há um fator de resistência constante enraizado no inconsciente, que não pertence ao conteúdo, mas à forma. Como se origina no caráter, chamamos de “resistência de caráter” a esse fator de resistência constante. (REICH, 1998, p. 59)

Observando a relação entre os sintomas dos pacientes e suas personalidades, que podem ser das mais variadas, Reich verificou que esses traços são formados “histórica e dinâmico-economicamente”, de modo semelhante ao que Elias formula:

Usando a terminologia comum, falamos de pessoas severas e brandas, nobres e vis, orgulhosas e subservientes, temperamentais e insensíveis. A psicanálise dessas diversas características prova que elas são apenas formas diversas de um encouraçamento [*Panzerung*] do ego contra os perigos do mundo exterior e as exigências pulsionais recalçadas do id. Etiologicamente, há tanta angústia por trás da excessiva polidez de uma pessoa quanto por trás da reação grosseira e ocasionalmente brutal de outra. Uma diferença nas circunstâncias determina a maneira como uma pessoa lida ou tenta lidar com essa angústia. (REICH, 1998, p. 151)

A couraça resiste, pelo filtro da racionalidade, à exposição através da consciência quando desvinculada da noção pessoal de seu caráter individual. Ela é construída desde a infância, através dos ensinamentos de controle do corpo, da fala, dos relacionamentos e até do pensamento – “Deus tá vendo!” – justamente seguindo uma suposta “formação do caráter”, como comumente se diz, a qual objetiva a produção de pessoas de “bom caráter” para a sociedade, ou seja, pessoas que seguem padrões pré-estabelecidos de moral e etiqueta para a manutenção da ordem na vida social, de modo a evitar novos desgastes psicológicos nas relações vindouras.

Economicamente, o caráter na vida diária e a resistência de caráter na análise servem como meio de evitar o que é desagradável (*Unlust*), de estabelecer e preservar um equilíbrio psíquico (ainda que neurótico) e, por fim, de consumir quantidades recalçadas de energia pulsional e/ou quantidades que escaparam à repressão. A ligação da angústia que flui livremente, ou (o que dá no mesmo) a absorção de energia psíquica represada, é uma das funções principais do caráter. (REICH, 1998, p. 60)

Aqui temos uma lógica econômica de retenção e acumulação de energias: a energia pulsional é recalçada, a psíquica é represada. Jünger fala também de uma economia da dor pela dinâmica do represamento: quanto mais dor é evitada, maior a concentração de dor acumulada que inevitavelmente acabaria rompendo a barragem. Talvez ele tenha se equivocado justamente na substância desse represamento: não a dor, mas a energia pulsional é represada à medida em que é necessária a contenção de impulsos. No entanto, esses impulsos não precisam necessariamente ser liberados num fluxo de violência que gera dor; esse seria o *modus operandi* do soldado Trabalhador que ele idealiza. Na prática, esse represamento dos impulsos e gera também uma acumulação

de angústia, represada até implodir, em neuroses e psicopatias, a estrutura psíquica daqueles que não são treinados para suportar (e até apreciar) a dor, mas que são obrigados a utilizar esse recurso justamente para manter o bom caráter que é requerido pela sociedade. De todo modo, o critério jüngeriano de um bom caráter rígido não está muito longe das pressões “(anti)civilizatórias” de sua sociedade, haja vista o sistema político em ascensão quando escreveu seu texto.

Na medida em que o Eu passa a agir de forma menos flexível diante de diferentes situações, ele se torna, a partir da coleção de experiências, uma estrutura cada vez mais dura, fixa. Partindo dessa ideia de enrijecimento protetor e duradouro é que Reich chega à concepção dos termos “couraça” e “encouraçamento”:

O caráter consiste numa mudança crônica do ego que se poderia descrever como um enrijecimento [*Verhärtung*]. Esse enrijecimento é a base real para que o modo de reação característico se torne crônico; sua finalidade é proteger o ego dos perigos internos e externos. Como uma formação protetora que se tornou crônica, merece a designação de “encouraçamento” [*Panzerung*], pois constitui claramente uma restrição à mobilidade psíquica da personalidade como um todo. (REICH, 1998, p. 151)

Essa ideia de enrijecimento remete ao processo de aceramento (*Stählung*) de que fala Jünger, que deveria, segundo ele, realizado a partir do contanto constante com a dor. Jünger tem por objetivo do aceramento a resistência à dor física, enquanto Reich se refere ao enrijecimento do Eu para retenção da angústia. Em termos psicológicos de economia libidinal, essas noções são idênticas; o que varia é a intensidade e constância da violência interna e externa aplicada no indivíduo: para Jünger, os perigos da rotina pacífica na sociedade moderna não enrijecem suficientemente os indivíduos, por isso eles não conseguem resistir a provas mais duras e se tornam “sentimentais”. Reich se refere também a casos de enrijecimento extremo da couraça, porém de natureza patológica:

O grau de flexibilidade do caráter, a capacidade de se abrir ou de se fechar ao mundo exterior, dependendo da situação, constitui a diferença entre uma estrutura orientada para a realidade e uma estrutura de caráter neurótico. Protótipos extremos de encouraçamento patologicamente rígido [*pathologisch starren Panzerung*] são o caráter compulsivo afetivamente bloqueado e o autismo esquizofrênico, ambos tendentes a uma rigidez catatônica. (REICH, 1998, pp. 151-152)

Temos aí um indício da estrutura psicológica de protótipos equivalentes ao tipo Trabalhador: seu caráter é inflexível, fechado para o exterior; é compulsivo, com bloqueio

de afetos; sofre de “autismo esquizofrênico”³⁰⁸, ou seja, um desprendimento da realidade externa junto com relativa prevalência da realidade interna (que no Trabalhador é consolidada pelo treinamento para assimilar os valores daquela sociedade e eliminar a reflexão crítica). Tal situação pode levar à “rigidez catatônica”, uma situação de imobilidade dos músculos e articulações, como se o próprio corpo tomasse a consistência física de uma armadura – os músculos rígidos como aço.

A lógica do enrijecimento do Eu, segundo Reich, tem origem na alta repressão da sexualidade infantil³⁰⁹. O recalque [*Verdrängung*] leva a um represamento de forças

³⁰⁸ Reich certamente se refere ao termo autismo como definido por Eugen Bleuler em 1908/1911, e que só foi atualizado com maior relevância em 1943 por Leo Kanner, portanto muito antes da evolução dos estudos da área até o consenso atual de um “espectro autista” desvinculado da esquizofrenia. No conceito de Bleuler, o autismo seria uma condição que poderia ser passageira ou permanente, mas na qual o pensamento careceria de estrutura e limites para dominar campos elementares da realidade. O mundo interno e realidade externa seriam frequentemente misturadas e, em casos mais graves, o interno seria tomado como a própria realidade. Em pacientes com autismo, percepções que não prejudicassem a relação com a realidade seriam aceitas como normais, desde que não destoassem muito, ou seja, eles só aceitariam princípios lógicos em seu pensamento autista quando harmonizassem com o seu contexto mental. O pensamento autista se distinguiria por desejos e receios pouco realistas, pois ele demonstraria baixa resistência contra pulsões ou caprichos (dominância de necessidades afetivas no processo de pensamento). Em períodos de autismo, ainda segundo o psiquiatra, muitos pacientes pensavam em símbolos, analogias e conceitos incompletos, assim como em conexões aleatórias, que pareceriam caóticas para quem estivesse de fora. Além disso, as pessoas de fora seriam tomadas como meras máscaras passageiras (WALTER, 2001, p. 20). Nesse sentido, tendo a acreditar existe na atual conjuntura de “pós-verdade” uma epidemia desses “autistas”.

³⁰⁹ “A formação do caráter principia como uma forma definida de superação do complexo de Édipo. As condições que levam precisamente a esse tipo de resolução são especiais, isto é, dizem respeito especificamente ao caráter. (Essas condições correspondem às circunstâncias sociais predominantes às quais a sexualidade infantil está submetida. Se essas circunstâncias mudarem, também se modificarão as condições da formação e a estrutura do caráter)” (REICH, 1998, p. 152). Nesse ponto, Reich demonstra concordância com Elias, em que estrutura psíquica humana como se observa é consequência do processo civilizador repressivo e que, portanto, não é inata nem universal. Outra questão interessante é que Reich manifesta recorrentemente sua militância em prol de uma revolução sexual radical na sociedade: “A sociedade contemporânea, com sua moralidade que nega o sexo e sua incompetência econômica para garantir às massas de seus membros até mesmo uma existência simples, está tão afastada do reconhecimento dessas possibilidades como de sua aplicação prática. Isso ficará prontamente claro quando, por antecipação, declararmos que o vínculo parental, a repressão da masturbação na primeira infância, a exigência de abstinência na puberdade e a contenção do interesse sexual dentro da instituição do casamento (hoje sociologicamente justificada) representam a antítese das condições necessárias para se estabelecer e levar a efeito uma economia psíquica econômico-sexual. A moralidade sexual existente não pode senão criar a base de neuroses no caráter. A economia sexual e psíquica é impossível com as morais que são tão veementemente defendidas hoje. Essa é uma das consequências sociais inexoráveis da investigação psicanalítica de neuroses.” (REICH, 163) Por outro lado, ele chega a dar sugestões extremas, como, por exemplo, a de resolver a querela de que características são inatas ou adquiridas, através de um experimento com crianças educadas uniformemente, sem a participação dos pais: “Essa controvérsia não será resolvida até que algum importante instituto decida levar a cabo uma experiência em larga escala – por exemplo, isolar algumas centenas de crianças de pais psicopatas imediatamente após o nascimento, educá-las num ambiente educacional uniforme e mais tarde comparar os resultados com os de outras centenas de crianças educadas num meio psicopático. Se, mais uma vez, examinarmos resumidamente as estruturas de caráter básicas esquematizadas acima, veremos que todas elas têm uma coisa em comum: são estimuladas pelo conflito que nasce da relação criança-pais.” (REICH, 1998, pp. 161-162)

pulsionais que o ameaça com a irrupção das pulsões recalçadas, gerando a uma modificação no Eu (e seu fortalecimento); essa alteração, no entanto, não é suficiente para dominar a pulsão e conduz à angústia, o que exige uma nova modificação do ego para manter o recalque contra forças pulsionais cada vez mais acumuladas e assim sucessivamente, levando ao enrijecimento do Eu:

A fim de manter o recalque, torna-se necessária uma transformação adicional do ego: os recalques têm de ser cimentados, o ego tem de se enrijecer, a defesa tem de assumir um caráter cronicamente operante e automático. (...) A força motriz por trás de todas essas medidas tomadas pelo ego é, em última análise, o medo consciente ou inconsciente de punição, mantido desperto pelo comportamento prevaletente de pais e professores. Assim, temos o paradoxo aparente, ou seja, de que o medo leva a criança a querer dissipar seu medo. (REICH, 1998, p. 153)

Desse modo, a realidade frustra uma pulsão, o Eu dirige contra si mesmo a agressão mobilizada contra o indivíduo repressor e investe essa energia para evitar aquela pulsão. O que temos aqui é a descrição de uma situação que poderia ser caracterizada como um *double-bind* interno: tenho que me controlar para não ser punido; quero alcançar o prazer e por isso devo me tornar indiferente ao controle; não posso e nem sei negociar; portanto vou gastar essa energia evitando a vontade de alcançar o prazer, em vez de lutar pelo prazer. Bateson et al. consideram as possibilidades para quem sofre um *double-bind*:

Para a vítima de um *double-bind*, não é só mais seguro mudar para uma ordem metafórica de mensagem, mas em uma situação impossível é melhor mudar e se tornar outra pessoa, ou mudar e insistir que está em outro lugar.³¹⁰

No caso das pessoas com a saúde mental (ainda) em ordem, a saída realmente possível para o *double-bind* é “se tornar outra pessoa” – reajustando o seu caráter, reforçando sua couraça, assumindo para si, como realidade intransponível, a aporia colocada e compreendida como inevitável. Essa pessoa em constante transformação forma o seu caráter segundo a realidade externa imposta – pela família, pela escola, pela sociedade, em suma, pela cultura e pela civilização, até que seu caráter se estabiliza formalmente em conformação com o meio – “se não há remédio, remediado está”. Chega

³¹⁰ “It is not only safer for the victim of a double bind to shift to a metaphorical order of message, but in an impossible situation it is better to shift and become somebody else, or shift and insist that he is somewhere else.” (BATESON et al., 1956, p. 255)

um ponto em que a couraça se reforça a tal ponto que sua forma não pode mais ser transformada – tornou-se aço.

Se, por um lado, esse encorajamento tem pelo menos um sucesso temporário ao evitar estímulos pulsionais internos, por outro, constitui forte bloqueio não só contra estímulos externos, mas também contra influências educacionais posteriores. (REICH, 1998, p. 154)

Por isso se torna tão difícil a conscientização de quem conserva a tradição dos costumes como algo que, em sua realidade interna(lizada), sempre existiu, desde sua origem mitológica, até os dias atuais, e assim deverá continuar. É impossível conceber uma realidade que seja diferente da que lhe foi ensinada como verdadeira, se a armadura lhe protege da realidade externa, falsa e manipulada. Nesse momento, a armadura já dominou o corpo por completo e passa a exigir dos demais inconformados que também se conformem. Sente-se a necessidade de se formar um batalhão de armaduras para a manutenção da ordem e da tradição que construiu a ideia de um “bom caráter”.

Todas essas condições são determinadas pela ordem social dominante no que diz respeito à educação, moralidade e satisfação das necessidades, em última análise, pela estrutura econômica vigente da sociedade. O objetivo de uma futura profilaxia de neuroses é a formação de caracteres que não só proporcionem ao ego suficiente apoio contra os mundos interno e externo, como também permitam a liberdade de movimento social e sexual necessária à economia psíquica. (REICH, 1998, p. 156)

A solução ideal, segundo Reich, para evitar as couraças de caráter neurótico (ou as couraças de caráter neuróticas) passa pela “formação de caracteres” – múltiplos tipos de caráter e indivíduos “com caráter” – que não sejam enrijecidos, encorajados, de “personalidade forte” (que, na verdade, não é forte, é somente irredutível). O Eu deve estar amparado para que consiga observar criticamente cada novo *double-bind* de uma longa série da vida, questionar metalinguisticamente as demandas e perceber que as elas não necessariamente se excluem, ou que talvez haja mesmo saídas criativas para o impasse. Daí poderia surgir um novo tipo de civilização, que proporcionaria uma estrutura psíquica que permita mais experimentações em vez de impor tabus e através da qual as realidades interna e externa possam estabelecer uma relação de continuidade, de complementação. A civilização foi se transformando até chegar ao período entreguerras (que período não é entreguerras – ou em não guerra?), continua se transformando até hoje

e assim continuará influenciando e sendo influenciada pela estrutura psíquica transformadora e em transformação:

Baseando-se na teoria de Lamarck, Freud e particularmente Ferenczi distinguiram uma adaptação autoplástica e uma adaptação aloplástica na vida psíquica. Aloplasticamente, o organismo modifica o ambiente (tecnologia e civilização); autoplásticamente, o organismo modifica a si próprio, em ambos os casos para sobreviver. Em termos biológicos, a formação do caráter é uma função autoplástica iniciada por estímulos perturbadores e desagradáveis do mundo externo (estrutura da família). Por causa do choque entre o id e o mundo externo (que limita ou frustra totalmente a satisfação da libido), e instigado pela verdadeira angústia produzida por esse conflito, o aparelho psíquico ergue uma barreira protetora entre si próprio e o mundo externo. (REICH, 1998, p. 166)

A construção de barreiras individuais (e entre casas, bairros e países ou pelos grupos fechados e os *blocks* nas redes sociais) continua aumentando a angústia das pessoas e de categorias historicamente discriminadas. A civilização vem evoluindo com uma crescente epidemia de neuroses, de pessoas menos sadias mentalmente. A necessidade é que se crie uma nova tradição de inovação não apenas técnica, mas também cultural, que permita novas possibilidades em vez de manter uma tradição segmentária e excludente.

Na primeira parte do livro, Reich descreve seu método terapêutico através da análise do caráter e indica um dispositivo para identificar a origem do sintoma neurótico, a qual se localiza potencialmente na infância, que é o estágio inicial da formação do caráter:

O elemento histórico, isto é, infantil, é incorporado e continua a viver e a atuar no caráter, assim como o faz no sintoma neurótico. Isso explica por que o afrouxamento consistente da resistência de caráter fornece uma aproximação segura e direta ao conflito infantil central. (REICH, 1998, p. 60)

A abordagem que Reich sugere é o “afrouxamento [*Auflockerung*] consistente da resistência de caráter”. Esse afrouxamento é a forma “segura e direta” de se tangenciar a origem do conflito. A metáfora sugere, portanto, por exclusão, que se evite a tentativa de retirar inteiramente a couraça, pois isso poderia reforçá-la, como se ficasse “irritada” (como reação inflamatória de um órgão, mas também como enfurecimento, exasperação). Poderíamos pensar num neologismo em alemão para o ato de retirar, remover, extrair a armadura, através de uma derivação prefixal, anexando ao substantivo “armadura”, *Rüstung*, o sufixo “*ent-*”, que expressa uma remoção ou um retorno a um estado anterior

(*entnehmen, entziehen, entfernen*), o que daria “*Entrüstung*”. No entanto, essa palavra já existe; seu significado: “indignação”. Segundo o dicionário *Duden*, o verbo *entrüsten* tem sua origem etimológica no médio alto alemão: “tirar o armamento (ou a armadura), desarmar; desconcertar, encolerizar”³¹¹. De fato, podemos imaginar o quanto ficariam indignados os guerreiros da Idade média a quem fossem subtraídas as armas; ou um exército alemão dissolvido após o fim da Segunda Guerra com a queda do nacional-socialismo; ou ainda, a uma população civil tradicionalmente armada, como a dos Estados Unidos, a quem se ameace controlar o acesso a armas – esse último caso, como temos visto, realmente tem gerado grande indignação; já o primeiro eu posso apenas supor.³¹²

Assim, para evitar a necessidade de retirar ou afrouxar a armadura, seria preciso, como sugere o psicanalista revolucionário Reich, enquanto ainda não começava a série de perseguições a que foi sujeito (pela ofensa aos “bons costumes” da família, pela radicalidade de suas ideias mesmo dentro do movimento psicanalítico, pelo governo nazista, pelas autoridades estadunidenses e, no fim, pela sua própria mente), evitar propriamente a aceração, ou pelo menos desenvolver tecnicamente uma armadura mais flexível que permita suportar a dor, mantendo-se sensível à dor alheia.

Temos, portanto, um conjunto de sentidos distintos do conceito de armadura, mas que guardam certa ligação entre si. A armadura, é constituída através dos processos de autocontrole e autocoerção, de modo a proteger o indivíduo em sua vida social, mas que com o passar do tempo ele internaliza de tal modo esse autocontrole, que ele se torna parte de seu caráter. A armadura cria uma cisão interna no indivíduo, que passa a se distanciar da natureza, do sexo oposto e de si mesmo, podendo levando também à autoconsciência.

Por outro lado, a armadura serve tanto como proteção aos estímulos externos quanto para o controle das pulsões internas. Se a autoconsciência a respeito da armadura

³¹¹ “*die Rüstung abnehmen, entwaffnen; aus der Fassung bringen, in Zorn versetzen*” (*Duden*)

³¹² É curioso que, em português, o significado metafórico mais estabelecido de “desarmar” seja “fazer perder a agressividade, enternecer, tornar menos severo, abrandar” ou pelo menos “deixar sem ação”, o que está próximo de “desconcertar”, que é “fazer perder a ordem, descompor, fazer sair das regras, pôr(-se) embaraçado” ou “desconcertar” (HOUAISS). Ou seja, no português, a retirada do armamento é realizada num momento de propensão à agressividade e se dá pela eliminação do poder de violência e, como consequência, leva a um estado mais pacífico, enquanto no alemão a retirada pode ser pensada numa situação de estabilidade/ordem que leva ao estado de ira pela retirada desse mesmo poder e, como efeito indireto, à agressão. É evidente que os símbolos de cada língua são arbitrários e não é possível estabelecer qualquer relação entre esses sentidos e os respectivos falantes.

não for desenvolvida, haverá uma desconfiança maior quanto à realidade externa. A exposição excessiva à dor, por exemplo, em uma rotina de traumas por um longo prazo, pode provocar um enrijecimento patológico da armadura, causando o bloqueio afetivo (ou seja, uma insensibilidade) ou a afirmação da realidade interna em detrimento da externa. A armadura é formada por alguma angústia que se constitui por um medo inconsciente de ser punido. Quanto mais cedo essa armadura for formada, mais rígida ela tende a ficar com o tempo.

Portanto, a armadura jüngeriana, pensada para aumentar a resistência à dor, tem por efeito colateral a insensibilidade diante da dor do outro ou mesmo o desejo de destruir o que é diferente, pois a diferença pode interferir no equilíbrio psíquico interno. Como existe uma restrição à mobilidade psíquica, o equilíbrio psíquico através da armadura fica abalado em situações de interconexão afetiva entre os corpos e a armadura reage de modo a evitar essa mistura, afim de garantir a manutenção da constituição do Eu. Como consequência, a armadura do homem supermasculino tende a querer dominar as figuras femininas, outras raças, outros territórios, para garantir a submissão dos diferentes e a uniformização dos iguais.

5. Conclusão

Vimos que a vasta literatura produzida por soldados sobreviventes das batalhas da Primeira Guerra Mundial se caracteriza por seu valor testemunhal, na medida em que trouxe ao conhecimento do público a realidade cruel da destruição nas trincheiras e representou um marco para a historiografia ao introduzir o olhar do indivíduo na constituição da memória histórica, quebrando o ciclo de disseminação de mitos heroicos pela cultura a respeito do fenômeno da guerra. Por outro lado, houve também uma produção literária de autores que procuraram manter vivo o elemento heroico que estava sendo combatido, como é o caso do romance *Die Geächteten*, analisado neste trabalho.

Esse romance procura ressaltar valores da tradição militar prussiana, como o nacionalismo, a disciplina, a lealdade ao soberano destituído com o fim do império (portanto contra a república e a democracia). Existe no livro um forte sentimento de aversão à burguesia e ao proletariado, além de um desconforto ou mesmo ódio diante da figura feminina. Por outro lado, há um forte elo de ligação entre os homens que lutaram juntos na guerra (ou pelo menos nas batalhas que se seguiram após seu fim).

Há alguns temas de bastante interesse que não foram explorados neste trabalho por limitações diversas, como as motivações e consequências do crime central do enredo, o assassinato de Walther Rathenau; A amizade e a relação afetiva de Salomon com Erwin Kern, por quem o autor tinha uma admiração que beirava a paixão; o sentimento antiburguês do autor e suas críticas ao capitalismo (que são de outra natureza em relação às críticas marxistas); o círculo nacional-conservador em torno da figura de Hans Grimm, bem como o *Landvolkbewegung* e o movimento *Völkisch*, que estão entrelaçados. Em especial seria interessante pesquisar os aspectos relacionados ao efeito que essas produções de teor nacional-conservador exercem na memória cultural sobre a guerra. Também a produção de Salomon no pós-guerra, quando assume uma postura ao mesmo tempo pacifista e crítica à *Entnazifizierung* (desnazificação).

O romance autobiográfico é construído de modo a apresentar ao leitor como o autor vê o mundo e a si próprio, transmitindo uma parte comunicável da sua essência, diante do que ele conhece de si e do que deseja contar ao público, e com isso procura restaurar sua identidade. O autor-narrador o apresenta como um documento histórico e se coloca como testemunha dos acontecimentos. Ele presta seu testemunho como *testis* (o

terceiro que observa) e como *superstes* (o sobrevivente que escapou da morte) e conta detalhes objetivos do que só ele viu, através da diegese de uma história cujo narrador tem a mesma identidade que o autor. Essas são características típicas de obras analisadas pela chave do testemunho, que de modo geral busca descrever eventos traumáticos que o autor vivenciou. No entanto, ele utiliza artifícios literários em sua composição e realiza uma narrativa linear e que busca ser totalizante, sem lacunas, dando uma ideia de um narrador consciente de todos os acontecimentos em que esteve envolvido; não há dúvidas relevantes sobre sua memória, ele demonstra segurança ao dar seu relato sobre fatos ocorridos muitos anos antes. Isso contradiz dois aspectos essenciais do testemunho: a linearidade e a fragmentação. Por esses motivos, o narrador não escreve como um traumatizado, ainda que muitas das situações descritas sejam evidentemente traumáticas. Não há descrições sobre o sofrimento do narrador-personagem durante sua ação nas batalhas ou nas atividades clandestinas. Por outro lado, o “patético” se revela no período em que ele está preso, com muitas privações.

Um dos recursos literários utilizados pelo narrador é o efeito sublime, conceito caro à teoria estética, que representa o que está para além dos limites concebidos por um indivíduo. Situações de grande perigo, de morte, de privação ou de dimensões extraordinárias são alguns exemplos. O narrador descreve algumas cenas excepcionais em que sobreviveu por pouco ou nas quais presenciou a morte de companheiros. O abjeto, que representa a negação do eu, também está presente delimitando o que é execrável para o narrador como constituinte do que ele não é e justificando, de certo modo, sua violência, como modo de eliminar aquilo que supostamente produziu a aversão. Assim como o sublime, o abjeto também se refere a algo que ultrapassa limites, diante do qual sucumbimos, é real enquanto manifestação da morte. Ambos nos arrebatam com uma força irresistível e impede nossa mente de raciocinar. A realidade diante da morte causa uma sensação de privação extrema e de insignificância diante de um poder maior. Nas cenas citadas encontramos o sublime “contemplativo” de Schiller, no qual é representado o objeto de poder, que se torna objeto de pavor sensível ou sublime moral, sem que apareça o “patético”, que se dá pela representação do caráter pavoroso e do sofrimento.

Ernst Jünger elabora um modelo ético que valoriza a resistência à dor como virtude: no mundo heroico, procura-se resistir à dor, ao contrário do mundo da sensibilidade. A resistência à dor é desenvolvida através da técnica da disciplina. Seu

uniforme é a armadura. Os conceitos de armadura e sublime se chocam: o sublime, segundo Kant e Schiller, cria o conflito interno entre o homem físico, que impõe limites, e o homem moral, que eleva sua força. Em vez de usar a reflexão racional para aprimoramento moral, Jünger defende que se utilize a racionalidade para a construção da insensibilidade. Nesse sentido, Jünger rejeita o sentimento sublime no indivíduo. O sublime faz com que o indivíduo pleno de vontade sinta-se moralmente superior, extrapolando medidas ainda desconhecidas; a disciplina, não reflexiva, através da assimilação da técnica (tanto o aprimoramento da natureza física, quanto do controle da transmissão da dor) torna o indivíduo amoral – a moralidade, para Jünger, não é uma questão, não é derivada de reflexão, mas imposta pela disciplina.

A metáfora da armadura é utilizada por diferentes autores do mesmo período, nos anos 1930: além de Jünger, Norbert Elias pela sociologia histórica e Wilhelm Reich pela psicanálise. Para Wilhelm, “a couraça do caráter é a expressão concreta da defesa narcísica cronicamente implantada na estrutura psíquica.” Ou seja, é uma alteração na estrutura psíquica, constituída como traço de caráter, que pode enrijecer e manter-se cronicamente inalterável. É, na verdade, um mecanismo de defesa psíquica a partir de situações de *double-bind*. Elias usa a metáfora da armadura para representar o sistema de autocoerções e autocontrole que os indivíduos desenvolveram ao longo do processo civilizatório europeu, equivalente à instância do Super-eu da estrutura psíquica de Freud. O problema é que essa armadura cria uma cisão interna no indivíduo, que passa a se ver cada vez mais isolado da realidade externa, resistindo a qualquer estímulo que contrarie sua visão de mundo.

Klaus Theweleit parte do diagnóstico de Elias para elaborar a ideia de que o desenvolvimento dessa divisão interna do Eu concedeu novas oportunidades para os homens que detêm o poder, através da estratégia de “dividir para conquistar”, que se materializou na dominação de territórios (imperialismo e colonialismo), das mulheres (de acordo com a divisão sexual do trabalho já existente) e de outras raças (segregação, escravidão, expulsão, genocídios). A potencial mistura de corpos (masculino e feminino) que se tornaram tão divergentes provoca uma ameaça à constituição do “eu” que está internamente cindido e por isso cria uma ameaça ao estado psíquico do homem, fazendo com ele sublime a energia libidinosa, seja para a arte (como no Romantismo), seja para o

trabalho (como na burguesia capitalista), seja para a destruição (como no fascismo). Jünger fala, ainda, de um aceramento que seria um modelo extremo de encouraçamento.

Esse aceramento, esse extremo encouraçamento, parece constituir os corpos dos soldados que continuam acreditando na tradição heroica e épica da guerra, mesmo após sua experiência terrível. O efeito final é eles desejarem reproduzir essa couraça nos demais indivíduos, através da uniformização, já que a diversidade os ameaça. O que percebemos na literatura de Salomon, Jünger e seus irmãos de armas é que essa couraça de aço impossibilita a sensibilidade. A insensibilidade, por sua vez, impede o sentimento do sublime, que é capaz de nos elevar moralmente. Por isso a estética de Salomon em *Die Geächteten* tenta criar a comoção através do sublime, mas não convence o leitor sensível, pois o narrador não demonstra paixão, sofrimento. O narrador se concentra na descrição objetiva do evento traumático, sem apresentar sua subjetividade.

A tese que procurei defender neste trabalho é a de que ele não revela seu *pathos*, não compartilha seu trauma, devido à armadura. A armadura serve como defesa contra estímulos externos, mas também contra pulsões internas. Uma vez que ela é bastante desenvolvida para estímulos tão intensos como os traumas da guerra, ela também tem a função de diminuir sua sensibilidade. No extremo, a dor do corpo não é processada como experiência. O autor vivenciou eventos traumáticos, mas seu corpo pode não ter experienciado o evento como trauma, porque a armadura psíquica blindou-o contra os estímulos terríveis. Ou então as pulsões internas que impelem a memória traumática à consciência são bloqueadas pela armadura. Então é como se o trauma estivesse internamente preso, sem se manifestar à consciência. A insensibilidade do autor que rememora fica evidente pela falta, pois raramente ele revela seus sentimentos. O que ele descreve da guerra são elementos mensuráveis, expressáveis, em suma, simbolizáveis. É mera imitação dos eventos objetivos que aconteceram. Ele descreve a forma da guerra, não seu conteúdo. Pinta com muitas cores, mas não narra a catástrofe como um ser humano desarmado. E também por isso não consegue criar empatia. O protagonista é sincero e franco, mas não age com a justiça tal qual imaginamos na ordem democrática – daí a dificuldade de construirmos uma identificação. E, portanto, suas cenas de situações sublimes nos causam estupefação, nos deixam atônitos, sem sintonia com o narrador. Falta, assim, a empatia. Se sua escrita é panfletária, propondo uma comoção, deveria convencer leitores contrários à sua ideologia a se converterem. Sem empatia, isso não é

possível, pois não gera compaixão. Não nos compadecemos de sua dor, pois não sentimos sua dor, porque ele, blindado, não consegue mostrar a nós, leitores, como ele a sentiu. Portanto, não podemos compartilhar de sua verdade: ele presta não um testemunho, mas antes um “antitestemunho”, uma literatura de memória que transmite informações, mas não transmite o “real”. Possivelmente a empatia por aqueles que, pela natureza de suas formações e da relação de traumas sucessivos, criaram também suas pesadas armaduras e compreendem a memória como algo objetivo, historicizante (no sentido positivista). Por isso, tendo a acreditar que a armadura e o aceramento, impedem tanto a experiência sublime quanto a possibilidade do testemunho, já que não há abertura para o sofrimento do outro, nem revelação do próprio sofrimento, se é que existiu.

Theweleit critica a forma com que se procura combater o pensamento chamado “fascista”:

Se admitimos que existe uma maneira “fascista” de produzir a realidade e vê-la como uma forma de produção de desejo, de certo modo distorcida, então temos também que aceitar que o fascismo não é uma questão de forma de governo, nem simplesmente uma questão da forma econômica, muito menos uma questão de sistema. Dessa forma, um confronto com o fascismo tampouco é necessário por seus terríveis efeitos políticos. Não é porque tantas pessoas foram vítimas dele, não é porque ele está no caminho da vitória contra o socialismo, nem porque ele poderia ‘voltar’, que é primariamente necessário entender e combater o fascismo, mas porque ele pode ser e é também produção nossa enquanto forma constantemente presente ou possível da produção do real sob certas condições.³¹³

Se entendemos o fascismo como o autoritarismo que pretende eliminar ou subjugar o que é diferente, Theweleit propõe que devemos fazer isso não apenas no campo macropolítico, mas principalmente em nossa produção “fascista” na rotina. O caso mais evidente que ele cita é o machismo, uma forma de dominação de uma categoria de pessoas – as mulheres – por outra – os homens. As grandes e pequenas dominações (racismo, homofobia, intolerância religiosa, xenofobia, entre inúmeras fobias e intolerâncias)

³¹³ “Wenn man akzeptiert, daß es eine ‘faschistische’ Art und Weise gibt, die Realität zu produzieren und diese dabei als eine in bestimmter Weise entstellte Form der Wunschproduktion ansieht, dann muß man auch akzeptieren, daß der Faschismus keine Frage der Staatsform ist, auch nicht einfach eine Frage der Wirtschaftsform, überhaupt nicht eine Frage des Systems. Dann ist eine Auseinandersetzung mit dem Faschismus auch nicht bloß seiner schrecklichen politischen Auswirkungen wegen nötig. Nicht, weil so viele Menschen ihm zu Opfer fielen, nicht, weil er dem Sieg des Sozialismus im Wege steht, nicht, weil er ja ‘wiederkommen’ könnte, ist es dann primär notwendig, den Faschismus zu verstehen und zu bekämpfen, sondern vielmehr weil er dann als ständig präsente oder mögliche Form der Produktion des Realen unter bestimmten Bedingungen auch unsere Produktion sein kann und ist.” (THEWELEIT, 1980, pp. 226-227)

existem nos mais diversos espaços – na família, nas escolas, nas comunidades, nas universidades, na indústria, na prestação de serviços, na rua, no turismo, até no indivíduo em sua própria armadura: há opressão onde há relação humana. Devemos compreender como se constitui nossa armadura para desarmá-la – sem se indignar. Ou se indignar para desarmá-la. De qualquer modo, é necessária a abertura para ouvir o que o outro tem a dizer.

Vivemos num período de características que, guardadas as proporções, se assemelham ao período compreendido no enredo do livro: época de crise econômica, de enorme violência, de extremismos, de líderes incapazes, de crise da política, crise da democracia, crise da educação pública, crise de valores. Nos últimos anos, a sociedade ficou mais cada vez cindida – crítica, decisiva. Vivemos em tempos de barreiras virtuais, mas evidentes. Estamos isolados do mundo e nossas realidades são cada vez mais discrepantes. Nossa armadura se enrijeceu um pouco mais com os pequenos e grandes traumas recentes, nas vidas pessoais e na sociedade. Precisamos voltar ao verdadeiro diálogo, aberto, para ouvir a verdade do outro, para conhecer outras realidades, e assim tentar abrir uma brecha na armadura do outro para tentarmos compartilhar a nossa verdade. Se vivemos na era da negação (negação da história, negação do pensamento livre, negação da dor do outro), precisamos também encontrar formas de novas abordagens que não a simples negação do que nos parece absurdo, irracional, incoerente, pois esse um efeito da nossa própria armadura esclarecida: “minha verdade é mais verdadeira porque eu pesquisei, porque estudei”. Essa imposição é também, nos termos de Theweleit, “fascista”. A amizade entre os prisioneiros Salomon, nacional-conservador, e Edi, comunista, poderia servir de inspiração – se não pela transformação, pelo menos para a convivência. Se o outro lado não se abre, devemos buscar essa abertura. Só é possível descobrir como ao analisar a armadura do outro. É a única saída possível.

Os *Geächtete* são assim, banidos, proscritos, ostracizados, marginalizados porque sua armadura é visível e não permite que eles voltem à lei da sociedade e da convivência. Mas se o banimento está nas mentes de cada um deles, também está em todo lugar. O livro não testemunha o sofrimento de Salomon, pois ele não nos conta. Se ele testemunha alguma coisa, é o sofrimento infligido ao outro, é a busca obstinada pela destruição do que é diferente, é o uso interminável da violência para impor sua verdade interna ao mundo externo, é a incapacidade de refletir sobre seus próprios valores e sobre si mesmos.

Nada parece servir mais a esses guerreiros que um velho e enferrujado uniforme de guerra obsoleto desde a era medieval. Não podemos, nós também, vestir mais armaduras.

6. REFERÊNCIAS

6.1. Obras do autor

- SALOMON, Ernst von. *Boche in Frankreich*. Hamburg: rororo, 1960.
- _____. *Das Schicksal des A.D.: ein Mann im Schatten der Geschichte*. Reinbek: 1960.
- _____. *Der Fragebogen*. Hamburg: Rowohlt, 1951.
- _____. *Die Geächteten*. Reinbek: Rowohlt, 1962.
- _____. *Der tote Preuße: Roman einer Staatsidee*. Stuttgart: Langen Müller, 1973.
- _____. *Die Kadetten*. Berlin: Rowohlt, 1933.
- _____. *Die Kette der tausenden Kraniche*. Reinbek: 1972.
- _____. *Die schöne Wilhelmine: ein Roman aus Preußens galanter Zeit*. Reinbek: 1965.
- _____. *Die Stadt*. Berlin: Rowohlt, 1932.
- _____. *Glück in Frankreich*. In: SALOMON, Ernst von et al. *Love Story*. Reinbek: 1986.

6.2. Publicações sobre o autor

- ALKER, Ernst. “Ernst von Salomon, *Die Geächteten*. 1930” In: *Der Gral: katholische Monatsschrift für Dichtung und Leben*. Hrsg. für den Gralbund – 25 (1930/31), pp. 661-662.
- AM ZEHNHOFF, H.-W. “Der Fall Ernst von Salomon. Aktionen und Standortbestimmung eines preußischen Anarchisten in der Weimarer Republik”. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 55, fasc. 3, 1977, pp. 871-896.
- FONTAN-MORET, Valentin. “Ernst von Salomon révolutionnaire, conservateur, amoureux”. Philitt: Paris, 7 out. 2016. Acesso em 22 jan. 2019.
- FUTTERKNECHT, Franz. “The Prussian myth and the modern nationalism in Ernst von Salomon’s novels”. In: *History of European Ideas*, Vol. 16, nº 4-6, pp. 975-979.
- HERMAND, Jost. *Ernst von Salomon: Wandlungen eines Nationalrevolutionärs*. Leipzig: Hirzel, 2002.
- HERZINGER, Richard. “Ein extremistischer Zuschauer. Ernst von Salomon: Konservativrevolutionäre Literatur zwischen Tatrhetorik und Resignation”. *Zeitschrift für Germanistik, Neue Folge*, Vol. 8, No. 1 (1998), pp. 83-96.
- HERWIG, Franz. “Neue Romane” in *Hochland: Monatschrift für alle Gebiete des Wissens, der Literatur und Kunst*. Begr. von Carl Muth, 28, I (1930/31), pp. 458-461.
- JÜNGER, Ernst. “Ja und nein” in *Blätter für deutsches Schrifttum*, 2 (1930), H4/6, p. 47.
- KLEIN, Markus Josef. *Ernst von Salomon: eine politische Biographie mit einer vollständigen Bibliographie*. Limburg a.d. Lahn, San Casciano Verlag, 1994.
- MICHEL, Wilhelm. “Die Schicksalsfrage des Nationalismus” In: *Der Morgen: Monatsschrift der Juden in Deutschland*, Vol. 6 (1930-1931), Issue 5, (1930), pp. 458-465.
- MOISY, Amélie. “Wolfe in Berlin, 1936: Ernst von Salomon remembers”. In: *The Thomas Wolfe Review*. 2004, p. 171-177.

- MUCKERMANN, Friedrich. “Auf der Gralwarte” In: *Der Gral: katholische Monatsschrift für Dichtung und Leben*. Hrsg. für den Gralbund – 25 (1930/31), pp. 803-805.
- SCHNEIDER, Matthias. “Ernst von Salomon – Der Geächtete”. *Blaue Narzisse*: Chemnitz, fev. 2010. Disponível em: <http://www.blauenarzisse.de/index.php/gesichtet/item/1361-ernst-von-salomon-der-geaechtete>. Acesso em 10 ago. 2014.
- WALKOWIAK, Maciej. *Ernst Salomons autobiographische Romane als literarische Selbstgestaltungsstrategien im Kontext der historisch-politischen Semantik*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.

6.3. Literatura de apoio

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ANDERSON, Benedict Richard O'Gorman. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Guimarães Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASCHHEIM, Steven E., *The Nietzsche legacy in Germany: 1890-1990*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1992.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.
- BARTHES, Roland. “A morte do autor” in *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 65-70.
- BATESON, G. et al.. “Toward a theory of schizophrenia” in *Behavioral Science*, 1, 1956, p. 251-264. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/bs.3830010402>.
- BENJAMIN, Walter. *Escritos autobiográficos*. Tradução de Teresa Rocha Barco. Madrid: Alianza Editorial, 1996.
- _____. *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, 8ª edição revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- _____. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, SP: Brasiliense, 1984.
- BIELEFELD, Ulrich. *Nation und Gesellschaft: Selbstthematization in Deutschland und Frankreich*. Hamburg: Hamburger Edition, 2003.
- BLANCHOT, Maurice. *L'instant de ma mort*. Paris: Gallimard, 2002.
- BRÜCKNER, Florian. “Der Kriegsroman der Weimarer Republik. Methoden, Desiderata, Forschungsperspektiven”, in Sabina Becker (Org.). *Jahrbuch zur Kultur und Literatur der Weimarer Republik 17 (2015/2016)*, pp. 175-199.
- CARUTH, Cathy. *Unclaimed experience: trauma, narrative, and history*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- CARUTH, Cathy (org.). *Trauma. Explorations in Memory*. Baltimore/Londres: Johns Hopkins UP, 1995.
- CEIA, Carlos. “Grau zero” in *E-dicionário de termos literários*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2009.

- CÉLINE, Louis-Ferdinand. *Viagem ao fim da noite*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- COLLET, Alan. "Literature, Fiction and Autobiography" in *British Journal of Aesthetics*, vol. 29, nº 4, 1989, pp. 341-352.
- CRU, Jean Norton. *Du témoignage*. Paris: Allia, 1997.
- CRU, Jean Norton. *War books*. San Diego: San Diego University Press, 1988.
- DE MAN, "Autobiography as de-facement" in *MLN*, Vol. 94, nº 5, 1979, pp. 919-930.
- _____. "Autobiografia como des-figuração" in *Sopro*, nº 71, 2012. Tradução de Joca Wolff. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/autobiografia.html>. Acesso em 4 fev. 2019.
- DERRIDA, Jacques. *Demeure. Maurice Blanchot*. Paris: Galilée, 1998.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Die höfische Gesellschaft*, Nuewied/Berlin, 1969.
- _____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas volume 8 (1906-1909)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- _____. *Obras completas volume 12 (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (a).
- _____. *Obras Completas volume 14 (1917-1920)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (b).
- _____. *Obras Completas volume 15 (1920-1923)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (a).
- _____. *Obras Completas volume 16 (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (b).
- _____. *Obras Completas volume 18 (1930-1936)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (c).
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GODEL, Rainer. "Anti-bourgeois novels with bourgeois readers: "Justifying" violence in German volunteer corps novels". In: *German Studies Review*, vol. 34, n. 2 (Maio 2011), pp. 325-344.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Doutrina das cores*. Tradução de Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- _____. *Paralipomena zu Band 1-5 der Naturwissenschaftlichen Schriften*, Abt. II, Bd.5. Disponível em: <http://woerterbuchnetz.de> . Acesso em 17 jan. 2019.
- _____. *Sämtliche werke*, Bd. 16. Zurich: Artemis, 1977.
- GRASS, Günter. *Nas peles da cebola*. Tradução de Marcelo Backes, Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. *O tambor*. Tradução de Lúcio Alves, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- GRIMM, Hans. *Volk ohne Raum*. München: Albert Langen, 1926.
- HALBWACHS, Maurice. *Das kollektive Gedächtnis. La mémoire collective*. Frankfurt am Main: Fischer, 1991.
- _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

- HERF, Jeffrey. *O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no Terceiro Reich*. Tradução de Claudio Frederico da S. Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- HEYER, Ralf. *Verfolgte zeugen der Wahrheit: das literarische Schaffen und das politische Wirken konservativer Autoren nach 1945*. Dresden: Eckhard Richter & Co., 2008.
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLMQVIST, Ivo. *From Putsch to Purge: a study of the German episodes in Richard Hughe's The Human Predicament and their sources*. Eslöv: Lorentz Publishing, 2000.
- JÜNGER, Ernst. *Betrachtungen zur Zeit*. Stuttgart: Klett-Cotta, 2015.
- _____. *Der Arbeiter. Herrschaft und Gestalt*. Hamburg: Hanseatische Verlags-Anstalt, 1932.
- _____. *Sobre el dolor*. Tradução de Andrés Sánchez Pascual. Barcelona: Tusquers Editores, 1995.
- KAES, Anton. *Shell shock cinema: Weimar culture and the wounds of war*. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valerio Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- KOLB, Eberhar. *The Weimar Republic*. Tradução de P. S. Falla. New York: Routledge, 1988.
- KOSCHORKE, Albrecht. "Der Traumatiker als Faschist" in MÜLDER-BACH, Inka (Org.). *Modernität und Trauma: Beiträge zum Zeitenbruch des Erstens Weltkrieges*. Wien: WUV-Univ.-Verl., 2000.
- KUBON, Stefan. *Die bundesdeutsche Zeitung 'Junge Freiheit' und das Erbe der 'Konservativen Revolution' der Weimarer Republik*. Würzburg: Ergon, 2006.
- KRAUS, Karl. *Aforismos*. Tradução e organização de Renato Zwick. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2010.
- KRAUSS, Luiz (Coaut.). *A canção dos Nibelungos*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- KRISTEVA, Julia. *Poderes do horror: ensaio sobre a abjeção, Capítulo 1*. Tradução de Allan Davy Santos Sena. Disponível em: <http://www.academia.edu/18298036/Poderes_do_Horror_de_Julia_Kristeva_Cap%C3%ADtulo_1> Acesso em 20 jan. 2018.
- _____. *Powers of horror: an essay on abjection*. Tradução de Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1982.
- LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LINDNER, Martin. *Leben in der Krise: Zeitromane der neuen Sachlichkeit und die intellektuelle Mentalität der klassischen Moderne*. Stuttgart, Weimar: 1994.
- MATIJEVICH, Elke. *The Zeitroman of the late Weimarer Republik*. New York: Peter Lang Publishing, 1995.
- MELMAN, Bili. "The terrorist in fiction". In: *Journal of Contemporary History*, Vol. 15, nº 3, 1980, pp. 559-576.
- MITSCHERLICH, Margarete. *Erinnerungsarbeit: zur Psychoanalyse der Unfähigkeit zu trauern*. Frankfurt am Main: Fischer, 1993.
- MITSCHERLICH, Alexander; MITSCHERLICH, Margarete; *Die Unfähigkeit zu trauern: Grundlagen kollektiven Verhaltens*. München: Piper, 2001.

- MOHLER, Armin. *Die konservative Revolution in Deutschland 1918-1932: ein Handbuch*. Darmstadt: Wissenschaftliche Gesellschaft, 1989.
- NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Orgs.) *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Also sprach Zarathustra*. Köln: Anaconda, 2005.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *O Anticristo e Ditirambos de Dionísio*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- RATHENAU, Walther. *Von kommenden Dingen*. Berlin: Fischer Verlag, 1917.
- REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. Tradução de Ricardo Amaral do Rego. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REMARQUE, Erich Maria Remarque. *Im Westen nichts Neues*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 2014.
- SCHILLER, Friedrich. *Textos sobre o belo, o sublime e o trágico*. Tradução de Teresa Rodrigues Cadete. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.
- SCHULZE, Hagen. *Freikorps und Republik 1918-1920*. Boppard am Rhein: Harald Boldt Verlag, 1969.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003.
- _____. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005. (a)
- _____. (Org.). *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006.
- _____. *Para uma crítica da compaixão*. São Paulo: Lumme, 2009.
- _____. “Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas” in *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, Vol. 20, 2008, p.65-82.
- _____. “O local do testemunho” in *Tempo e argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010.
- _____. “Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes” in *Proj. História*, São Paulo, (30), 2005, p. 71-98. (b)
- SIMROD, Karl. *Das Nibelungenlied*. Leipzig: Der Tempel, [s.d.].
- SPENGLER, Oswald. *A decadência do ocidente: Esboço de uma morfologia da História Universal*. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- SPRENGER, Matthias. *Landsknechte auf dem Weg ins Dritte Reich?: Zu Genese und Wandel des Freikorpsmythos*. Paderborn: Ferdinand Schöning, 2008.
- THEWELEIT, Klaus. *Male fantasies, vol. 1: women, floods, bodies, history*. Tradução de Stephen Conway. Cambridge: Polity Press, 1987.
- _____. *Male fantasies, vol. 2: male bodies: psychoanalyzing the white terror*. Tradução de Erica Carter e Chris Turner. Minneapolis: University of Minnesota, 1987.
- _____. *Männerfantasien 1: Frauen, Flute, Körper, Geschichte*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1980.
- _____. *Männerfantasien 2: Männerkörper – zur Psychoanalyse des weißen Terrors*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1980.
- TOURLAMAIN, Guy. *Völkisch writers and national socialism: a study of right-wing political cultures in Germany, 1890-1960*. Bern: Peter Lang, 2014.

- TRAVERS, Martin. *Critics of modernity: the literature of the Conservative Revolution in Germany, 1890-1900*. New York: Peter Lang Publishing, 2001.
- WALTER, Siegfried. *Autismus: Erscheinungsbild, Ursachen und Behandlungsmöglichkeiten*. Hamburg: Persen, 2001.
- WENDE, Waltraud Wara (Org.). *Krieg und Gedächtnis*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2005.
- YATES, Francis A.. *Art of Memory*, Chicago: University of Chicago Press, 1974.
- _____. *A arte da memória*, Campinas: Unicamp, 2007.

6.4. Correspondências e documentos

- BELTRAN-VIDAL, Danièle; HAGESTEDT, Lutz. *Œuvres et correspondances. Dialogues d'Ernst Jünger - Werke und Korrespondenzen, Ernst Jünger im Dialog. Les Carnets 11*. München: belleville, 2010.
- SCHEUFELE, Claudia; KIESEL, Helmuth (Org.). *Verwischte Grenzen: Schriftstellerkorrespondenzen zwischen Literatur und Politik in der Weimarer Republik und im 'Dritten Reich'*. Heidelberg: Universitätsverlag, 2013.

Correspondências e documentos não publicados estão indicados com data, remetente e destinatário e foram pesquisados no Deutsche Literaturarchiv Marbach (DLA).

6.5. Literatura de referência

- BARDENHEWER, Otto. *Geschichte der altkirchlichen Literatur. Vom Ende des zweiten Jahrhunderts bis zum Beginn des vierten Jahrhunderts. Volume 2*. Cambridge University Press, 2018.
- CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura alemã*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- Deutscher Bundestag, Referat Öffentlichkeitsarbeit [DBRO] (Hrsg.). *Fragen an die deutsche Geschichte: Wege zur parlamentarischen Demokratie*. Bonn: Varus Verlag, 2000.
- FISCHER, Torben; LORENZ, Matthias (Org.). *Lexikon der 'Vergangenheitsbewältigung' in Deutschland*. Bielefeld: Transcript, 2015.
- HUCH, Ricarda. *Literaturgeschichte und Literaturkritik*. Gütersloh: Bertelsmann, 1990.
- JEBING, Benedikt; KÖHNEN, Ralph. *Einführung in die Neuere deutsche Literaturwissenschaft*. Stuttgart: J. B. Metzler, 2017.
- LATTMANN, Dieter (Org.). *Kindlers Literaturgeschichte der Gegenwart in Einzelbänden. Autoren, Werke, Themen, Tendenzen seit 1945: Die Literaturgeschichte der Bundesrepublik Deutschland*. München, Zürich: Kindler, 1973
- GRUBER, Hubert. "Muckermann, Friedrich" in: *Neue Deutsche Biographie* 18 (1997), S. 258-260 [Online-Version]; URL: <https://www.deutsche-biographie.de/pnd118737295.html>
- MANN, Otto. *Deutsche Literaturgeschichte: Epochen und Meister der deutschen Literatur von der germanischen Dichtung bis zur Gegenwart*. Gütersloh: Bertelsmann Lexikon-Verlag, 1964.

MARTINI, Fritz. *Deutsche Literaturgeschichte: von den Anfängen bis zur Gegenwart*. Stuttgart: Alfred Kröner, 1977.

RUFFING, Reiner. *Deutsche Literaturgeschichte*. Stuttgart: UTB, 2013.

SCHAEZLER, Karl. "Herwig, Franz" in: *Neue Deutsche Biographie* 8 (1969), S. 726 f. [Online-Version]; URL: <https://www.deutsche-biographie.de/pnd11877428X.html>

STEPHAN, Inge et al. *Deutsche Literaturgeschichte: Von den Anfängen bis zur Gegenwart*. Stuttgart: Metzler, 2008.

6.6. Matérias de jornais e revistas

Die Welt – Berlin & Brandenburg. "Der 'Hohle Zahn' wird 50 Jahre alt". Disponível em: <<https://www.welt.de/regionales/berlin/article13769302/Der-Hohle-Zahn-wird-50-Jahre-alt.html>>. Acesso em 6 set. 2019.

CABRAL, Danilo Cezar. "Bonnie e Clyde, o casal fora-da-lei que virou lenda nos EUA". Superinteressante: São Paulo, 29.03.2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/bonnie-clyde-o-casal-fora-da-lei-que-virou-lenda-nos-eua/>>. Acesso em 6 set. 2019.

LANG, Jürgen P. "Ein deutscher Schicksalstag". Bayerischer Rundfunk: München, 09.11.2016 Disponível em: <<https://www.br.de/nachricht/hintergrund-gedenken-9-november-100.html>>. Acesso em 6 set. 2019.

Folha de São Paulo. "Exército dispara 80 tiros em carro de família no Rio e mata músico". Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/militares-do-exercito-matam-musico-em-abordagem-na-zona-oeste-do-rio.shtml>>. Acesso em 6 set. 2019.

G1 Rio de Janeiro. "Número de mortes por intervenção policial no RJ mais que dobra em cinco anos" Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/08/15/numero-de-mortes-por-intervencao-policial-no-rj-chega-a-895-em-2018.ghtml>>. Acesso em 6 set. 2019.

6.7. Dicionários

Dicionário online Caldas Aulete < <http://www.aulete.com.br>>

Duden Online-Wörterbuch <<https://www.duden.de/woerterbuch>>

DWDS (Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache). Berlin-Brandenburgischen Akademie der Wissenschaften <www.dwds.de>

Houaiss < houaiss.uol.com.br>

Langenscheidts Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache. Berlin, München: Langenscheidt, 1998.